



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

GLASIELY VIRGILIO SILVA

**PROFESSOR JOSÉ LEME DO PRADO: HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
VALINHOS (SP)**

CAMPINAS
2020

GLASIELY VIRGILIO SILVA

PROFESSOR JOSÉ LEME DO PRADO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE VALINHOS (SP)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Orientador: PROFESSOR DOUTOR ARNALDO PINTO JÚNIOR

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA GLASIELY
VIRGILIO SILVA ORIENTADA PELO PROF.
DR. ARNALDO PINTO JÚNIOR.

CAMPINAS 2020

Agência(s): FAEPEX - Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão
nº do Proc.: 2130/18.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38p Silva, Glasiely Virgilio, 1976-
Professor José Leme do Prado : histórias e memórias de uma escola pública de Valinhos (SP) / Glasiely Virgilio Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Arnaldo Pinto Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. História Cultural. 2. Escolas públicas. 3. Memória. 4. Valinhos (SP) - Educação. I. Pinto Júnior, Arnaldo, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Teacher José Leme do Prado : stories and memories of a public school in Valinhos (SP)

Palavras-chave em inglês:

Cultural history

Public school

Memories

Valinhos (SP) - History

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Arnaldo Pinto Júnior [Orientador]

João Batista Gonçalves Bueno

Maria de Fátima Guimarães

Data de defesa: 28-02-2020

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2168-4272>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6657019134114073>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**PROFESSOR JOSÉ LEME DO PRADO: HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
VALINHOS (SP)**

Autora: Glasiely Virgilio Silva

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação.

2020

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, ao Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior, excelente profissional com quem tive o privilégio de trabalhar, receber orientações e incentivos que tornaram possível tanto a escrita da dissertação quanto ao entendimento da frase de Paulo Freire “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Professor você não apenas compartilhou parte dos seus conhecimentos ampliando meu universo de leituras e apresentando novos autores nesta trajetória, mas criou possibilidades efetivas, na hora da aprovação da entrevista, na proposta de bolsa de estudos que se concretizou, nas orientações, nos debates e leituras cuidadosas e criteriosas, para que eu pudesse construir um conhecimento no qual você via as inúmeras possibilidades. Obrigada por acreditar no meu projeto, pela paciência e direcionamento.

Agradeço aos professores membros da banca de qualificação. Ao Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno e a Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães, pela leitura cuidadosa que fizeram de meu trabalho e pelas contribuições que trouxeram me auxiliando nas correções, análises e fundamentação bibliográfica. Devo a vocês a leitura atenta, sugestões importantes, ajuda em uma fase de intenso trabalho que envolve a qualificação e a defesa do mestrado.

Meus agradecimentos ao grupo Memória, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ao grupo devo a oportunidade de realizar esse trabalho, os incentivos dos seus integrantes para a concretização da pesquisa e elaboração das minhas reflexões. Vocês se tornaram meus amigos, com quem compartilhei momentos especiais nas reuniões de discussão e algumas crises existenciais. Além deles, agradeço a FAEPEX pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período de realização deste trabalho.

Aos funcionários de bibliotecas, de arquivos, da escola que foi objeto de pesquisa. Foram tantas pessoas incentivando meus estudos que seria injusto citar algumas e excluir outras. Todos vocês possibilitaram o avanço de meus trabalhos de forma inestimável.

Aos ex-alunos da Escola Estadual Prof. José Leme do Prado que concederam as entrevistas, quero dizer aqui que vocês foram peças importantes, não para conclusão dos trabalhos, mas para o seu início, o que permitiu a observância de

muitas histórias e memórias através dos discursos, da oralidade e do fazer político, meu muito obrigada.

Ao professor Francisco Antônio de Brito, carinhosamente lembrado pelos seus alunos, que me presenteou com o convite original da primeira turma de formandos.

A artista plástica Dylza Zanella com quem tive o privilégio de conversar sobre a história da Vila Santana...

A minha amiga Alessandra, pelo seu auxílio no trabalho, lendo meus textos a fim dar suas opiniões e revisar a gramática.

Aos meus pais, Ademir e Neusa, pela minha formação e por tudo que fizeram por mim. As minhas irmãs, que estiveram sempre ao meu lado nos momentos de alegria e de frustrações. A minha avó Jacy, guerreira que me ensinou como ser forte.

A todos da minha família que, de alguma forma, me incentivaram na busca pelo conhecimento e aprimoramento. Em especial ao meu esposo William, meu grande amor, pelos incentivos, conselhos, carinho e paciência...

Aos meus filhos Gabriel e Guilherme, presente de Deus para minha vida, em vocês encontro forças para enfrentar qualquer desafio, nossos laços de ternura e carinho são tesouros inestimáveis... Amo vocês!

Agradeço à Deus por permitir o ingresso no mestrado e a realização desta pesquisa, agradeço por me sustentar e ainda por colocar em minha vida em meio a este percurso pessoas tão especiais sem as quais este trabalho não teria se concretizado.

Campinas, fevereiro de 2020.

Sob a história, a memória e o esquecimento.
Sob a memória e o esquecimento, a vida.
Mas escrever a vida é uma outra história.
Inacabamento.

(RICOEUR, 2007, p. 172)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado aborda a primeira década de funcionamento da Escola Estadual Prof. José Leme do Prado (1966-1976), instituição pública de ensino localizada na cidade de Valinhos (SP). Ao considerar relevante as experiências vividas pelos sujeitos nos espaços sociais de convívio, os diálogos com referenciais da história oral potencializaram o trabalho de análise das memórias construídas por aqueles que participaram de seu cotidiano escolar no período recortado. Assim, os depoimentos pessoais concedidos por integrantes da referida comunidade tornaram-se fontes privilegiadas da pesquisa. O estudo também contou com o levantamento, organização e seleção de diversos suportes documentais, que incluem, por exemplo, reportagens de jornais, legislação educacional, plantas arquitetônicas, fotografias e obras de memorialistas. Disperso entre bibliotecas, acervos públicos e particulares, o conjunto de fontes foi tratado com enfoque qualitativo, processo fundamentado em aportes teórico-metodológicos dos campos da história cultural e da história da educação. Nesse sentido, a investigação acadêmica focaliza as relações entre a escola e a cidade, seus sujeitos, histórias e memórias, apresentando reflexões sobre diferentes formas de narrativa e visões de mundo. Para além das representações idealizadas, a instituição escolar é abordada como um espaço de disputas socioculturais, ou seja, um lugar de conflitos e tensões no qual emergem forças políticas e práticas culturais historicamente estabelecidas.

Palavras-chave: História Cultural. Escola pública. Memória. Valinhos (SP).

ABSTRACT

This master's dissertation addresses the first decade of operation of the State School Prof. José Leme do Prado (1966-1976), public institution of teaching located in the city of Valinhos (SP). By considering relevant the experiences lived by the subjects in the social spaces of conviviality, the dialogues with references of Oral History enhanced the work of the analysis of the memories built by those who participated of his school life in the clipped period. Thus, the personal testimonials granted by the members of the referred community became privileged sources of research. The study also counted with the survey, organization and the selection of several documental supports that includes, for example, newspaper reports, educational legislation, architectural plants, photographs and work of memorialists. Dispersed among libraries, public and private collections, the set of sources was treated with a qualitative approach, process based on theoretical-methodological contributions from the fields of Cultural History and the History of Education. In this sense, the investigation research focuses on the relationship between the school and the city, its subjects, the histories and memories, presenting reflections on different forms of narrative and worldviews. Moreover the idealized representations, the school institution is approached as a space of sociocultural disputes, or that is, a place of conflict and tension in which emerge political forces and historically established cultural practices.

Keywords: Cultural History. Public School. Memories. Valinhos (SP).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MAPA DO ESTADO DE SÃO PAULO, EM DESTAQUE AMPLIADO O MUNICÍPIO DE VALINHOS.....	33
FIGURA 2 - FOTO DA PLACA DA CONSTRUTORA, AO LADO DO PORTÃO DA SECRETARIA DA ESCOLA.....	34
FIGURA 3 - FOTO DA FACHADA DA E.E. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO, 2015.....	35
FIGURA 4 - ANTIGA PORTEIRA DA CIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO, VALINHOS (SP), 1972. EM PRIMEIRO PLANO, A RUA 12 DE OUTUBRO, AO FUNDO A RUA 7 DE SETEMBRO.	46
FIGURA 5 - CERIMÔNIA DE INAUGURAÇÃO DO TÚNEL DA CIA. PAULISTA DE ESTRADA DE FERRO, CERCA DE 1961.	48
FIGURA 6 - LISTA DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDOS DATILOGRAFADA PELA ALUNA NEUSA RAMPAZIO EM 1975.....	63
FIGURA 7 - FOTOGRAFIA AÉREA DA VILA SANTANA DE 1967.	80
FIGURA 8 - FOTO COMPARATIVA DA VILA SANTANA EM 2019.	81
FIGURA 9 - CAPA DO JORNAL O MUNICÍPIO, DATADO DE 03 DE SETEMBRO DE 1967. ANO IX, Nº 386. DIRETOR RESPONSÁVEL: MARCOS NORBERTO MISSAGLIA.	82
FIGURA 10 - PARTE DO FUNDO E DA LATERAL DO EDIFÍCIO DO 2º GRUPO ESCOLAR DE VALINHOS, 1967.....	84
FIGURA 11 - CAPA DO CONVITE DE FORMATURA DE 1975. E.E.P.G. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO, VALINHOS (SP).....	97
FIGURA 12 - FORMANDOS DA 8ª SÉRIE A.	98
FIGURA 13 - FORMANDOS DA 8ª SÉRIE B.	98
FIGURA 14 - ALUNOS DA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 8 ANOS DA E.E.P.G. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO, 1972.	106
FIGURA 15 - EMBLEMA DO UNIFORME.....	107
FIGURA 16 - PARTE FRONTAL DA E.E. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO, [CA. 1980]. ..	113
FIGURA 17 - PARTE FRONTAL, MAIS ESPECIFICAMENTE NA RUA SÃO PAULO, ALUNOS E PROFESSORES NA CALÇADA DA E.E. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO, MAIO DE 1975.	114
FIGURA 18 - CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU DIA 19 DE FEVEREIRO DE 1976..	115

FIGURA 19 - CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU DIA 19 DE FEVEREIRO DE 1976. O VICE-PREFEITO AMÉLIO BORIN, REPRESENTOU O PREFEITO ARILDO ANTUNES DO SANTOS NA OCASIÃO (1973-1976).	116
FIGURA 20 - CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU DIA 19 DE FEVEREIRO DE 1976..	117
FIGURA 21 - FOTO DA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU, 19 DE FEVEREIRO DE 1976.	162
FIGURA 22 - FOTO DA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU, 19 DE FEVEREIRO DE 1976.	163
FIGURA 23 - BAILE DE FORMATURA NO VALINHOS CLUBE, 20 DE FEVEREIRO DE 1976.	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM – Associação de Pais e Mestres
APHV – Associação de Preservação histórica de Valinhos
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
CAE – Coordenadoria de Arquitetura Escolar
CECE – Comissão Executiva do Convênio Escolar
CE – Centro Educacional
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
CMU – Centro de Memória Unicamp
COHAB – Companhia de Habitação
CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
CONESP – Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo
DOP – Departamento de Obras públicas
EE – Escola Estadual
EEPG – Escola Estadual de Primeiro Grau
EMC – Educação Moral e Cívica
FAEPEX – Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão
FECE – Fundo Estadual de Construções Escolares
FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação
GE – Grupo Escolar
Gesc – Grupo Escolar
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPESP – Instituto de Previdência do Estado de São Paulo
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MCP – Movimento de Cultura Popular
MEB – Movimento de Educação de Base
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
OSPB – Organização Social e Política do Brasil
PEI – Projeto de Escola Integral
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PSP – Partido Social Progressista

SEE/SP – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	38
1. A CIDADE: ESPAÇO DE ENCONTROS, DESCOBERTAS, APAGAMENTOS E CRUZAMENTO DE HISTÓRIAS	39
1.2 VALINHOS, TRANSFORMAÇÕES E ARTICULAÇÕES ENTRE A CIDADE E A ESCOLA	43
1.3 A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO	51
1.4 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALINHOS	59
1.5 POLO INDUSTRIAL: ORIGEM E EXPANSÃO NA CIDADE.....	64
CAPÍTULO 2	66
2. MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: ENTRETECENDO FIOS ENTRE A INAUGURAÇÃO E O FUNCIONAMENTO ESCOLA	67
2.1 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ESCOLA E.E. PROF. JOSE LEME DO PRADO	78
2.2 DITADURA E REFORMAS EDUCACIONAIS	99
2.3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR: HISTÓRIAS EM IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO FORMA DE OLHAR PARA ESCOLA PÚBLICA E SEUS DESAFIOS	104
CAPÍTULO 3	120
3. MEMÓRIAS DOS EX-ALUNOS: NARRATIVAS, TRAJETÓRIAS E SINGULARIDADES	121
3.1 DEFINIÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA..	121
3.2 A BUSCA DOS ENTREVISTADOS	124
3.3 O TRABALHO DE CAMPO: ENTREVISTAS, REGISTRO DAS IDEIAS E IMPRESSIONES.....	125
3.4 ENTREVISTAS: A LINGUAGEM ORAL E A ESCRITA	132
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PESQUISA	166
5. REFERÊNCIAS.....	170
APÊNDICE.....	180
ANEXOS	188

INTRODUÇÃO

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças (CERTEAU, 1982, p. 81).

A escola é o objeto desta dissertação de mestrado que aborda conhecimentos educacionais e socioculturais. Ao investigar a história do Segundo Grupo Escolar (GE)¹ de Valinhos (SP) e suas relações com a cidade entre os anos de 1966 a 1976, considerei conhecer aspectos da constituição do GE para além de sua materialidade. Busquei compreender a escola como instituição de formação do sujeito, com base nas relações estabelecidas pelo grupo de estudantes da primeira turma de formandos. Essa imagem da escola propiciaria um olhar analítico que identificaria os nexos capazes de revelar os modos de pensar e de agir desse determinado grupo, podendo adquirir significados a partir dos processos históricos construídos ao longo dessa trajetória.

A epígrafe de Michel de Certeau trata da organização e redistribuição das fontes, destacando que o trabalho do historiador está em “transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outras maneiras”, para então interpretá-los. Essa distribuição cultural opera sob o processo pelo qual o documento é retirado de um lugar para compor uma articulação, envolvendo movimentos analíticos que fazem parte do ofício do historiador. Como pesquisadora, atentei para a direção dessa estrutura na pesquisa, pois ela baseia-se na interpretação histórica, nos métodos e caminhos percorridos e na construção do discurso historiográfico.

¹ Nas atividades de pesquisa, localizei nas leis e decretos algumas mudanças na nomenclatura da escola entre as décadas de 1960 e 1970, como também o decreto que regulamentava sua criação. O período da “criação, localização e instalação” da escola foi definido pelo Decreto nº 17.698, de 26 de novembro de 1947, que trata sobre a Consolidação das Leis e demais normas relativas ao ensino, no Capítulo IV - Seção I, nos artigos 201 a 207, sendo publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* a criação do Segundo Grupo Escolar de Valinhos em 26 de agosto de 1966.

Em janeiro de 1969 a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Professor José Leme do Prado, instituído pela Lei Estadual nº 10.369. Com a reforma educacional de 1971, que extinguiu os Grupos Escolares criando o 1º e 2º graus, a escola passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau (E.E.P.G.) Prof. José Leme do Prado, pois atendia o ensino de 1º grau de oito anos, sendo que atualmente é conhecida como Escola Estadual (E.E.) Professor José Leme do Prado, funcionando no período noturno com o curso de ensino médio regular e no período diurno como Projeto de Escola Integral (PEI).

Diante disso, o estudo parte da escola como elemento ligado à área que se insere e como produto do seu tempo e espaço. Os significados ali produzidos são resultado e parte de seu entorno, uma vez que existe “na escola, uma territorialidade específica, onde é expresso o jogo dos atores educativos internos e externos. Por isso, uma análise para fazer sentido, deverá expressar as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar” (DUARTE, 2002, p. 110-111).

Inspirando-me nas palavras de Certeau, na qual os estatutos se transfiguram e os objetos se deslocam, as lembranças das experiências vividas pelos sujeitos, enquanto testemunhas dos acontecimentos, podem ser consideradas fontes pertinentes. Bem como, nos auxilia na relação dialógica entre história da instituição escolar e as memórias dos ex-alunos, que trazem à tona questionamentos por meio da pesquisa.

Nessa perspectiva, Certeau (1982, p. 65) apresenta a análise acerca do “que fabrica o historiador quando “faz história”?”, utilizando três dimensões: o lugar social, a prática e a escrita. Ao tomar essas dimensões, primeiramente a abordagem refere-se a dimensão do lugar social, na qual procurei localizar o espaço dos entrevistados e a relação deles com o meio do qual fazem parte, ou seja, incluindo as vinculações entre o indivíduo e a sociedade. Pela dimensão da prática que se reporta às técnicas e procedimentos, procuro refletir sobre os métodos de produção, que transforma os objetos em fontes, assim como “de resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza” (p. 78). E ainda, na dimensão da escrita que se refere à materialização da pesquisa, “a maneira pela qual a narrativa se preenche de sentido” (p. 99), considerando o sentido do passado por meio do presente.

Dialogando com Certeau, o historiador José D’Assunção Barros (2005c, p. 127) assim descreve a operação historiográfica:

É desta maneira que o historiador se apropria de um espaço que até então não lhe pertencia, constituindo-o finalmente em seu território – produto de determinados poderes estabelecidos não apenas por ele, mas também pela sociedade que fala através de seu discurso para muito além do próprio historiador que o enuncia. Estabelecer um recorte, enfim, é definir um ‘território historiográfico’ – um território a partir do qual o historiador, como ator sintagmático, viabiliza um determinado programa.

Aprimorar o conhecimento que se tem acerca da educação valinhense, dar visibilidade aos sujeitos e às trajetórias imbricadas no ambiente escolar e na

sociedade, no período de 1966 a 1976 apresentam potencialidades analíticas sobre o sistema educacional e podem contribuir para o conhecimento da história local marcada “pela complexidade intrínseca à internalidade da ação educativa e representativa diante das questões educacionais no seu todo” (MAGALHÃES, 2005, p. 135).

Na busca de informações, houve a constatação de que pouquíssimos registros estavam organizados na própria escola. Portanto, outras fontes foram se incorporando ao trabalho. Os jornais locais, registros fotográficos, documentos escolares, plantas e entrevistas, nos permitiram fazer algumas análises a fim de reconstituir uma versão da história da escola. Esses artefatos evidenciam as experiências, as lutas, as ideias e as trajetórias daqueles que habitam as diferentes temporalidades e espaços sociais.

Sobre a ausência de documentação, Magalhães (2010) retrata que uma instituição educativa possui sua singularidade, seu processo histórico e se constitui pela interação de variados elementos, sendo que a ausência de informação se define como uma das dificuldades.

Frequentemente, historiar o local (território educativo, instituição, município pedagógico) é defrontar-se com uma ausência de documentação ou com informação pouco representativa, a que acrescem dificuldades em contrapor ao hagiográfico, à efeméride, à memória, a visão do colectivo baseada em fontes arquivísticas e na dialéctica entre memórias e arquivo. A preservação e a organização das fontes locais estão condicionadas pela associação que os membros das comunidades regionais e locais estabelecem entre memória e construção historiográfica (MAGALHÃES, 2010, p. 30).

Assim, a ideia de construção historiográfica está atrelada a combinatória dos planos da materialidade, da representação e da apropriação presentes na obra de Justino Magalhães, estruturada sob a forma de modelo educativo, aferidas pelas memórias dos ex-alunos, assumindo particular relevo na história das instituições educativas, os fluxos e os perfis dos alunos.

Com vistas a desenvolver as análises das fontes, procuro articular os conceitos de narrativa e memória. Ao buscar aportes teórico-metodológicos, dialogo principalmente com a concepção benjaminiana de rememoração. Na visão da historiadora Maria Carolina Bovério Galzerani (2008a, p. 21), o filósofo alemão Walter Benjamin “nos oferece um dado conceito de memória, capaz de ampliar a dimensão de ser sujeito”, potencializando “a visão de produção de conhecimentos,

entrecruzando diferentes espaços, diferentes temporalidades, diferentes sujeitos, diferentes visões do mundo”.

Portanto, as memórias dos ex-alunos e inclusive as minhas memórias tornam-se a maneira de focalizar as experiências vividas que estão sendo incorporadas nesta produção de conhecimentos. O empenho em fazer uma pesquisa que possibilitasse inserir, no campo da história da educação, as memórias dos sujeitos que participaram da constituição da primeira turma de formandos da referida instituição de ensino, configuram um valor simbólico e significativo às diferentes dimensões temporais e culturais. Ainda, nesse contexto, é importante salientar o espaço físico do bairro em que a escola foi instalada, o qual está permeado por disputas políticas e sociais.

Atentei como categoria de análise para trajetória dessa história e das memórias a partir de seus elementos fundamentais: o tempo, o espaço, a materialidade escolar, os conhecimentos escolares de uma determinada época e disciplinamento dos sujeitos. O estudo da trajetória é um método explicativo na construção de um relato de vida para a pesquisa com memória, e pode auxiliar na palavra consentida do interlocutor e na articulação temporal dos lugares vividos e pensados. Sob tal perspectiva, Certeau (1998, p. 98) afirma que:

Para dar conta dessas práticas, recorri à categoria de trajetória. Ela deveria evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico. De fato, essa “representação” é insuficiente, pois precisamente a trajetória se desenha, e o tempo ou o movimento se acha assim reduzido a uma linha totalizável pela vista, legível num instante: projeta-se num plano o percurso de um pedestre caminhando na cidade.

No qual respalda-se na retórica do espaço desenhado pelo percurso, pela caminhada, pelo lugar praticado, enfim:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciativas. Não seria possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (CERTEAU, 1998, p. 179).

Essa trajetória baseia-se no percurso e é composta por escolhas, relações de poder, prioridades, afetos, viagens, autobiografias, histórias de vida, de formação, trajetórias de viagem que se constituem em processos formativos.

A pesquisa expressa como elemento norteador alguns sujeitos envolvidos na educação valinhense nas décadas de 1960 e 1970, suas trajetórias e lugares por eles ocupados. Indago ainda sobre como os ex-alunos consideravam a escola pública, como eram suas apropriações e representações, considerando como modelo a escola Prof. José Leme do Prado, a qual estava inserida na realidade educacional pública paulista.

Ao dar visibilidade aos sujeitos, foi necessário recorrer a metodologia da história oral e a documentos da época. Interessou-nos entender o contexto histórico em que a escola foi construída, bem como sua inauguração e funcionamento. Também analiso alguns aspectos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que trata da reforma da educação e do ensino de 1º e 2º graus, mais precisamente, a repercussão que a reforma educacional teve sobre a referida escola.

Além disso, foi importante analisar de que maneira a educação escolar era veiculada através da imprensa local para que, dessa forma, pudéssemos entrelaçar a história da escola, as histórias da educação valinhense e as memórias dos ex-alunos ou professores, que eventualmente fossem encontrados.

Visando explicitar as motivações e as escolhas que resultaram no delineamento desta dissertação de mestrado, fez-se necessário colocar luz sobre meu passado, direcionando o foco para uma rede de relações, de sociabilidades e interações, aprendizagens e experiências, como sujeito histórico multifacetado. Sob essa perspectiva, “as experiências pelas quais passamos oferecem o substrato, a matéria viva, sensível, da recordação ou da rememoração” (HADLER, 2007, p. 202).

A minha trajetória na escola E.E. Professor José Leme do Prado, teve início no ano de 2009, momento em que, após aprovação em concurso público estadual, passei a fazer parte de seu corpo docente.

O interesse pela história do estabelecimento de ensino supracitado deu-se em meados do ano de 2015, quando houve a necessidade de reformulações no prédio, promovida pela nova gestão escolar, bem como a terceirização dos serviços de limpeza e organização. Nesse momento, vieram à tona objetos de grande valor para o conhecimento da história da referida unidade escolar. Com essas mudanças foram encontradas fotografias, negativos de fotografias, poemas, diplomas, recortes de jornais, entre outras fontes, todas mal preservadas em uma sala destinada ao arquivo morto. Esses vestígios são importantes fontes históricas, pois permitem o trabalho de análise e interpretação como, por exemplo, “cotejar informações, justapor

documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História” (BACELLAR, 2005, p. 71).

Assim, como pontua o autor, “uma questão importante ao se avaliar as possibilidades de uma fonte documental é buscar perceber a qualidade das informações que ela pode ou não nos fornecer” (BACELLAR, 2005, p. 68). Dessa maneira, apesar de tais documentos estarem desorganizados, sem identificação e mal acondicionados, essas fontes instigaram-me, em decorrência de suas potencialidades como registros que permitem múltiplos recortes para a construção da história da escola e da história local.

Houve também, de modo concomitante em 2015, um movimento proposto pelo Governo do Estado de São Paulo denominado reorganização escolar². Esse fato aconteceu quando o governador Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (2015 a 2018), eleito pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), já em seu quarto mandato, propôs algumas políticas públicas relativas ao ensino. A proposta visava, principalmente o fechamento de algumas escolas e o remanejamento de alunos para estudarem em bairros mais distantes.

Valinhos, nos dias atuais, dispõe de um conjunto de sete escolas da rede estatual de ensino, dentre as quais apenas uma constava na referida lista do tal “fechamento” das instituições escolares, sendo a E.E. Professor Américo Belluomini, que foi o segundo ginásio³ construído na cidade. Com o movimento de reorganização, o governo difundia a ideia de que o prédio seria utilizado como escola técnica ou pela prefeitura para alocar algum departamento.

O nome da escola objeto de estudo não constava da lista oficial do governo para essa reorganização, mas sem maiores explicações, a E.E. Professor Américo Belluomini foi excluída da lista e foram escolhidas outras duas escolas em Valinhos para esta finalidade. Sendo estabelecidas outras escolas para este movimento, a E.E.

² O processo de reorganização escolar, que visava ampliar o número de escolas com ciclo único, foi suspenso pelo Governo do Estado de São Paulo, a fim de manter o diálogo com pais, alunos e comunidade escolar. Segundo a Secretaria Estadual de Educação (SEE), a proposta iria favorecer o gerenciamento das unidades, possibilitando a adoção de estratégias pedagógicas focadas na idade e fase de aprendizado dos alunos. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/reorganizacao/>>. Acesso em: 05 out. 2015.

³ Em reportagem intitulada *Iniciadas as obras do II Ginásio Estadual de Valinhos*, conta um pouco da história da segunda escola que ofertava o curso ginasial na cidade, bem como sua localização e construção. Relatando que após a reforma do ensino foi necessária essa construção, pois os alunos eram atendidos na administração de Luiz Bissoto no prédio do Gesc Prof. José Leme do Prado, e que seriam transferidos para o II ginásio da cidade, logo após a inauguração. Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 1 de dezembro de 1973. Ano V. nº 288.

Professor José Leme do Prado e a E.E. Professora Maria Neiva Abdelmassih Justo, essa situação provocou revolta nos alunos matriculados, pois esses seriam distribuídos e transferidos para outras instituições.

A reorganização⁴ foi adiada pelo governo mediante manifestações de alunos secundaristas em todo o estado de São Paulo; em alguns casos, aconteceram ocupações das escolas como forma de protesto.

Diante de tal situação, questões relacionadas à preservação do acervo histórico e ao remanejamento dos alunos inspiraram a criação do projeto de memória da escola que, posteriormente, serviu de base para montagem do projeto de pesquisa de mestrado.

Os desafios e dilemas que compõem o ambiente escolar fomentavam a busca por alternativas para a construção do conhecimento histórico. Esse processo reportou-me à memória de infância e à história local de Valinhos, servindo como referência para as reflexões propostas, por ser a cidade onde vivo e atuo profissionalmente, portanto, palco de experiências de vida. Como professora de História, e moradora da cidade, mais especificamente, no bairro vizinho à escola, as memórias mobilizadas foram inspiradoras para idealizar uma educação que extrapolasse o ensino escolarizado, a disciplina escolar e até mesmo os muros da escola, num determinado período, ou seja, uma ação educativa constituída com base nas trajetórias, experiências e memórias intrínsecas em sujeitos sociais.

Dentre as muitas possibilidades para fazer uso da dimensão local em práticas educativas que considerassem o dinamismo e a complexidade do mundo contemporâneo, despertou-me o interesse na utilização das memórias de ex-alunos como fonte de estudos históricos.

Visando o desenvolvimento de propostas que contemplassem a produção de novos olhares sobre a história da escola e a cultura local, foi necessário pesquisar a relação entre memória, história e educação, produzindo reflexões capazes de ressignificar minha prática docente, motivando, assim, o interesse pelo mestrado.

⁴ A reestruturação ou reorganização previa o fechamento de mais de 90 escolas e afetaria cerca de 300 mil alunos. Quadro revertido pelo movimento dos estudantes que ocuparam algumas escolas e reivindicaram o não fechamento. A repercussão foi grande entre os estudantes secundaristas e a Justiça de São Paulo suspendeu o projeto de reorganização escolar do ensino estadual para 2016. Em reportagem do G1, intitulada *JUSTIÇA suspende reorganização escolar em SP*, datada de 17 de dezembro de 2015, diz que essa suspensão foi concedida através de liminar da Defensoria Pública e do Ministério Público de São Paulo.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/justica-suspende-reorganizacao-escolar-em-sp-diz-defensoria.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.

Dessa forma, em 2017, decidi investir na pesquisa em educação. Apresentei-me, pela segunda vez, no processo seletivo de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na linha de pesquisa Educação e História Cultural, com um projeto voltado para a construção de conhecimento histórico a partir de questões mobilizadoras relativas a memória. Nesse período, eu pensava em realizar a pesquisa com base no conjunto de fotografias da escola. Houve a aprovação e inserção no curso de mestrado do PPGE, o projeto original foi tensionado por meio de um estudo exploratório proposto pelo meu orientador, o professor Dr. Arnaldo Pinto Júnior, no sentido de ampliar meus conhecimentos e reflexões sobre a relação entre educação, história e memória. Os professores e colegas de mestrado são coparticipes dessa construção, contribuindo efetivamente para o redimensionamento desta pesquisa, pois as leituras e discussões fecundas que delas se originavam nortearam minhas propostas iniciais, seus limites e possibilidades.

Para contextualizar o objeto de pesquisa, se faz necessário esclarecer que as obras destacadas ao longo do trabalho referem-se a diferentes contextos de produção e formatos. Algumas são baseadas em modelos da historiografia, com referenciais teórico-metodológicos previamente estabelecidos pela academia, outras, de perspectiva memorialística, às vezes resultando em textos de cunho autobiográfico, nos quais o autor utiliza a sua experiência de vida e a tradição oral da cidade sobre a qual escreve, para construir a narrativa histórica, sem que para isso se utilize das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre a história.

Portanto, diversos trabalhos destacados não se constituem como referências historiográficas, mas possibilitam a compreensão das diferentes narrativas relativas à imigração europeia para Valinhos, especialmente a italiana, como também sobre a história política e sociocultural.

Sobre a utilização de diferentes narrativas relativas à história local, destaco os escritos de Ferreira (2015, p. 60).

Os relatos memorialísticos contribuem para a compreensão do papel dessas obras como instrumentos representativos da história da cidade e de seus habitantes, pois suas percepções históricas geralmente permeiam as ações dos governos municipais, orientam as práticas pedagógicas e a definição de conteúdo presentes nos materiais didáticos. Os autores memorialistas geralmente são pessoas conhecidas na cidade e gozam de grande credibilidade entre os habitantes e, suas obras, que registram a memória local e eternizam a importância de pessoas e acontecimentos, constituem-se como discursos que se aproximam dos leitores e se transformam em verdades

históricas. O confronto entre essas obras, os documentos e pesquisas acadêmicas podem possibilitar o rompimento com versões sacralizadas da história.

Examinando as produções sobre a história de Valinhos, entre as obras de perspectiva memorialística⁵, destaco a obra de Mario Pires (2000) que se refere propriamente a história da cidade desde suas origens e que perpassa pelas áreas educacionais, políticas, sociais e econômicas.

Seguindo a mesma perspectiva, as obras de Spadaccia (1985, 1988, 1990, 2003) focalizam a história de Valinhos no decorrer do século XX, destacando a política local, principalmente na segunda metade do referido século e à imigração italiana como grandes acontecimentos para o desenvolvimento da cidade.

Sebastião Maria (2017), cuja produção se aproxima da crônica humorística, pois escreve o texto apresentando uma visão irônica e bem-humorada dos acontecimentos, em sua narrativa expressa uma descrição linear e progressista dos fatos relativos a pontos específicos da cidade, como por exemplo, a fundação do cemitério, a criação da Santa Casa de Misericórdia, as famílias de imigrantes italianos e as histórias sobre a política que era praticada.

A produção de trabalhos acadêmicos relativos a Valinhos é quase inexistente. Na busca desse tipo de produção, encontrei as dissertações de mestrado de Rodrigo Henrique Busnardo de Souza e de Eliana Miglioranza

Souza (2009) faz um estudo de caso analisando as transformações territoriais da Fazenda Capuava e o processo de evolução urbana da cidade de Valinhos (SP). Apresenta a trajetória desde o surgimento como fazenda de café, com destaque para o período em que atraía artistas e intelectuais modernistas, revelando também os sucessivos parcelamentos urbanos realizados no território. Além disso, o autor revela a situação atual da sede tombada como patrimônio cultural e cercada por um tecido urbano fragmentado e ocupado por condomínios fechados distribuídos em bairros de diversas classes sociais, mostrando indícios das relações de poder na cidade.

Já a autora Miglioranza (2005) observa as transformações territoriais em Valinhos e faz comparações sobre a ocupação das terras entre as décadas 1950 a 1990, percebendo que a urbanização do período, com picos nas décadas de 50, 60 e

⁵ Entre os estudos que destacam e caracterizam as obras de cunho memorialístico. Cf. LOPES, 2003.

70, foi relativamente baixa em relação a década de 90. A explicação é dada pela forma de ocupação do território, pois nas décadas de 50, 60 e 70, como não era rentável vender fazendas extensas, houve o parcelamento do solo sob forma de chácaras de recreio longe da malha urbana existente.

O artigo do arquiteto Pedro Francisco Rossetto (2006), intitulado *Reconstituição do traçado da "estrada dos Goiases" no trecho da atual mancha urbana de Campinas*, apresenta uma aproximação com esta dissertação ao questionar aspectos consagrados na historiografia sobre a origem de Valinhos no entrecruzamento com a cidade Campinas. O artigo trata de reconstituir o traçado do trecho da estrada dos Goiases (rota de penetração bandeirista, aberta em 1722) na região da atual mancha urbana da cidade de Campinas. A reconstituição desse trecho do traçado onde Campinas teve suas origens, impõe-se como passo inicial para a compreensão da posterior evolução do traçado urbano da cidade.

Outros trabalhos acadêmicos também contribuíram com esta investigação. Por exemplo, a dissertação de Márcia Regina Rodrigues Ferreira (2015) retrata uma possibilidade de “leitura a contrapelo” (BENJAMIN, 1987) da história da cidade, problematizando concepções dominantes e considerando a cultura em suas dimensões plurais, reinventada pelos sujeitos por meio de suas experiências e projetos socioculturais.

Elison Antonio Paim (2005) apresenta em seu doutorado a relação com o outro, e o quanto é importante valorizar e respeitar o diálogo com os depoentes, para que eles se tornem sujeitos, que também tenham autoria.

A dissertação de Renata Maria Teixeira (2008) destaca o entrecruzamento com três eixos temáticos – a fotografia, a cidade e a memória. Seu trabalho foi desenvolvido utilizando recursos metodológicos da história oral. Os depoentes (ou testemunhas) revolvem suas memórias reconstruindo histórias sobre as fotografias, bem como sobre eles e a cidade.

Maria Silvia Duarte Hadler (2007) destaca que através de memórias que foram se delineando em torno do seu objeto de pesquisa, encontra possibilidades de entrelaçamentos entre presente e passado, articulações com as vivências e relações entre a cidade e seus equipamentos.

Esses trabalhos, dentre outros, instigaram minhas perspectivas de análise, na qual as experiências e vivências dos sujeitos rememorados dos tempos que percorriam os corredores escolares, serviram de aporte teórico para a construção de

um fio condutor investigativo. A fim de identificar as especificidades e singularidades da escola, bem como realizar uma reflexão acerca de como se deu a passagem pela instituição e os significados que essas experiências produziram na vida dos educandos.

Ao tratar da instituição escolar como espaço dinâmico, relacionado às transformações sociais, econômicas e culturais do tempo e espaço em que está inserida, dialogo também com a perspectiva analítica de Roger Chartier (2002), a partir dos conceitos de prática, representação e apropriação, por meio das quais os sujeitos se constituem.

O entrecruzamento desses conceitos com o de cultura, presente no pensamento do autor supracitado, abre-se aos mais variados estudos, como por exemplo, da cultura popular, da cultura letrada, das representações, das práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, dos sistemas educativos, dentre outros. Esses campos temáticos são atravessados pela polissêmica noção de cultura, permeado por tensões, negociações, contradições, conflitos e resistências.

No diálogo com Barros (2005b), as noções que se conectam para constituir um universo de abrangência da história cultural são as de linguagem (ou comunicação), representações, e de práticas “realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as práticas não-discursivas” (p. 129).

Assim, buscando contextualizar a construção escolar em um processo social mais amplo, evidencio alguns aspectos relativos à história da cidade de Valinhos. Para isso, utilizo produções acadêmicas, memorialísticas e literárias, elaboradas em diversos contextos e a partir de diversos lugares sociais, procurando identificar e problematizar diferentes fragmentos da história.

Os pesquisadores, historiadores, filósofos, que contribuíram como referenciais teórico-metodológicos e balizaram a pesquisa em relação com as concepções da história cultural, são Roger Chartier, Peter Burke, José D’Assunção Barros. No eixo educacional, foram relevantes as contribuições, a partir de estudos elaborados por Maria Lucia Arruda Aranha, Justino Magalhães, Agustín Escolano Benito, na aproximação das ideias no campo da história da educação; como também

os memorialistas que escreveram sobre a história da cidade de Valinhos, sendo o professor Mario Pires, José Spadaccia, Sebastião Maria⁶.

Nesse sentido, no diálogo estabelecido com interlocutores a pesquisa adquiriu novos contornos e, após um movimento inicial, fui tecendo os caminhos investigativos voltados para a problematização da criação desta instituição escolar no bairro da Vila Santana e na utilização das vozes dos sujeitos como alternativa de narrativa. Segundo Ricoeur (2007, p. 41), “(...) o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”, ou seja, a partir do testemunho, das vozes dos sujeitos, que a memória é acessada e se torna narrativa da lembrança ao se transformar em linguagem, portanto, pelo reconhecimento é que o discurso da história é analisado com senso crítico.

Os discursos e as práticas sociais na perspectiva de Ricoeur, tendo como foco de análise a memória e o esquecimento, passam a ser caracterizados pela memória individual e coletiva, reconhecendo que “não é apenas com a polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (RICOEUR, 2007, p. 142).

A história se volta à memória no trabalho de elaboração, retomando as trajetórias desses indivíduos, para então “restaurar” o sentimento de pertencimento ou reconhecimento dos grupos sociais (RICOEUR, 2007). Encontrando na

experiência viva da memória um rastro irreduzível que explique a insistência da confusão comprovada pela expressão imagem-lembrança. Parece mesmo que a volta da lembrança pode fazer-se somente no modo do tornar-se imagem. A revisão paralela das fenomenologias da lembrança e da imagem encontraria seu limite no processo de transformação da lembrança em imagens (RICOEUR, 2007, p. 26).

Sobre o conceito de lembrança o autor evidencia e, mais adiante, caracteriza:

como a multiplicidade e os graus variáveis de distinção das lembrança. A memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças estão no plural (...) elas se apresentam isoladamente ou em cachos, de acordo com relações complexas atinentes aos temas ou às circunstâncias, ou em sequências mais ou menos favoráveis à composição de uma narrativa (RICOEUR, 2007, p. 41).

⁶ Memorialistas da cidade, Cf. PIRES, 2000; SPADACCIA, 1988, 1990, 2003; MARIA, 2017.

Nas discussões desenvolvidas em reuniões com o orientador e na aproximação do tema, encontrei a motivação para caminhar nesse campo investigativo utilizando a metodologia da história oral, ancorados nas contribuições de Verena Alberti (2005, 2007, 2013), Alessandro Portelli (1997, 2000, 2006) e Paul Thompson (1992).

Na etapa de pesquisas exploratórias, foram construídos e desconstruídos alguns argumentos sobre o objeto, proporcionando assim um maior entendimento das ações realizadas, como também, uma maior familiaridade com o tema, objetivando o aprimoramento de ideias.

Para a realização da pesquisa empírica, por sua vez, destaco as fontes consultadas no *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, na Biblioteca Pública Municipal de Valinhos "Dr. Mário Corrêa Lousada", nos acervos pessoais dos ex-alunos da E.E. Professor José Leme do Prado, no acervo da própria escola, na Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Valinhos, no jornal *Folha de Valinhos*, no Centro de Memória-Unicamp (CMU), na Associação de Preservação Histórica de Valinhos, no Arquivo morto da Prefeitura Municipal de Valinhos, na Câmara Municipal de Valinhos, no Museu e acervo Fotógrafo Haroldo Ângelo Pazinato e na Diretoria de Ensino Campinas Oeste.

Na pesquisa também foi consultada a legislação paulista referente à educação, bem como documentos relativos ao período estudado, tais como leis e decretos. A legislação a que fiz referência se constitui da Lei nº 5.444, de 17 de novembro de 1959, que dispõe sobre medidas de caráter financeiro relativas ao Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE); do Decreto nº 36.799, de 21 de junho de 1960, que autorizou a criação do Fundo Estadual de Construções Escolares (FECE); do Decreto nº 17.698, de 26 de novembro de 1947, que aprovou a Consolidação das Leis e demais normas relativas ao ensino; da Lei de nº 10.369, de 17 de janeiro de 1969, que da denominação ao GE de Valinhos; Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, dispõe sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos; do Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, que institui a fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL); e da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que aprovou Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.

As plantas arquitetônicas da escola foram focalizadas, pois se tornaram um importante referencial para o entrecruzamento de informações sobre como nos anos 1950 e 1960, houve a reformulação na organização espacial, com a repercussão de

ideais do educador Anísio Teixeira, que se afastava das características dos Grupos Escolares remanescentes (BUFFA; PINTO, 2002). Assim, características da arquitetura moderna refletiam na construção de prédios escolares.

No que se refere à imprensa local, foram consultados alguns periódicos⁷, como os jornais *O Município* e *A voz de Valinhos*. Merece destaque o jornal *Folha de Valinhos*, no qual busquei, durante alguns meses, informações sobre a educação valinhense. Contudo, conhecer o lugar social onde foram produzidas essas fontes permitiu-nos entender para que público os jornais eram impressos e com que objetivos foram produzidos. Analisar as edições dos jornais locais utilizados na pesquisa nos permitiu dar significado às relações entre os vários elementos que compuseram a educação em Valinhos no período, tais como os espaços físicos e sociais ocupados pela escola, bem como o envolvimento dos políticos com a educação local, pois

(...) a história da educação vem encontrando, no local e no institucional, uma outra perspectiva de renovação, centrando-se na interação sujeito-realidade, ampliando as fontes de informação (arquivísticas, museológicas), conferindo significado aos acontecimentos e aos testemunhos regionais e locais – abordados no seu contexto e cruzados com fontes nacionais ou gerais (MAGALHÃES, 2010, p. 28).

No jornal *O Município* (1967), de propriedade do líder trabalhista Jerônimo Alves Corrêa, encontrei rastros da política progressista, em uma reportagem que homenageava o poder legislativo local, como também apresentava uma retrospectiva dos mandatos da Câmara de Vereadores em seus treze anos de existência:

“Homenagem de “O Município” ao legislativo de Valinhos”

Nossa Câmara Municipal, em seus treze anos de atividades, sempre esteve presente na resolução dos problemas do Município. De seu trabalho depende a administração do Prefeito; de sua cooperação depende a vida da Cidade. Sentimos de perto a acolhida que nosso Legislativo vem dando a atual administração, não poupando esforços para ajudar ao prefeito Vicente José Marchiori na sua tarefa de bem administrar. Um punhado de bravos vereadores que em prejuízo de seus afazeres particulares dão tudo o que podem pelo sucesso da atual administração. A eles nossa homenagem, nosso respeito. Vamos resumir aqui um pouco desses treze anos de atividades: histórico e os atuais legisladores.⁸

A rivalidade na política local era bem marcada, observei em uma nota que informava a existência de conflitos entre os representantes dos dois partidos que se

⁷ Por se tratar de periódicos das décadas de 1960-1970, algumas palavras nas reportagens apresentam a ortografia diferente da atual, mas foram deixadas como noticiada sem alteração.

⁸ Reportagem do jornal *O Município*, datado de 3 de setembro de 1967. Ano V. nº 288.

apresentavam com maior força na cidade no período anterior ao regime militar, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Progressista (PSP).

O médico e o Monstro – revide

Em sua edição de domingo passado, o jornal *O Município*, de propriedade do Sr. Jerônimo Alves Corrêa e órgão oficial da Prefeitura, publicou uma nota, sob o título “O Médico e o Monstro”, na qual atira uma calúnia e uma difamação aos candidatos José Spadaccia e Admar Concon. Muito a contra gosto, temos que responder no mesmo diapasão – MONSTRO: É o título que se dá à anormais, que atacam mulheres indefesas em lugares solitários pretendendo-as à força. E na estória de Valinhos há um capítulo negro de um monstro que atacou sua empregada no sítio de sua propriedade por cujo crime está respondendo processo que corre pela 2ª Vara Criminal de Campinas sob nº 571-65, já em fase de julgamento.⁹

De forma que, o jornal *A Voz de Valinhos* era do líder político que representava o PSP, José Spadaccia, sendo que a nota retratava a comparação entre os candidatos, pois o Admar Concon era um médico conhecido na cidade e que caberia o termo de monstro para José Spadaccia. É significativo citar que para esses representantes, os periódicos serviam de base para que pudessem expor seus pensamentos e permitia a propaganda em épocas eleitorais. Esses periódicos duraram até pouco depois do início do período ditatorial.

O jornal *Folha de Valinhos*, no entanto, surgiu em 1968 e apresentava artigos, como a construção de edifícios e obras públicas, notas políticas e sociais, crônicas, poemas, entretenimentos, propaganda de estabelecimentos comerciais, entre outros. Além disso, é válido ressaltar que o jornal trazia informes sobre a política representando a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), simultaneamente em meio a essas notícias fazia referência a educação local.

Assuntos relacionados à educação eram apresentados em seus aspectos legais, como transcrição da legislação vigente à época, datas e resultados dos exames de avaliação, períodos de matrículas, deslocamentos de professores e festas escolares, orientações aos professores sobre as disciplinas a serem ministradas, cursos para professores, cerimônias de formaturas, gincanas¹⁰ e agremiações,

⁹ Reportagem do jornal *A Voz de Valinhos*, datado de 12 de novembro de 1966 - (nova fase). Ano III. nº 10.

¹⁰ Nas fotografias das gincanas apresentadas no decorrer desta dissertação, os alunos não aparecem uniformizados, pois eles não poderiam estragar a roupa destinada ao cotidiano escolar com a realização de algumas tarefas que exigiam maior esforço físico. O evento final – quando acontecia a contagem de pontos das equipes - sempre era um momento de grande ansiedade e expectativa por parte dos alunos.

entrega de material escolar, entre outros. Também existiam textos sobre o perigo do analfabetismo e a importância do Mobral e problemas enfrentados pelas escolas como a falta de vagas.

As fontes relativas à educação valinhense e o desenvolvimento analítico de como se deu a interação entre quem as produziu, conferiu significado aos acontecimentos vividos nessa instituição educativa, pois através dos depoimentos e pela singularidade relativa à instituição escolar, podemos observar que em cada particularidade há “uma memória, um historicismo, um processo histórico, uma tradição, em permanente atualização – totalidade em organização” (MAGALHÃES, 2004, p. 62).

Todavia, é importante explicitar que os documentos fundamentais de análise desta dissertação sobre a instituição escolar foram produzidos também pelas entrevistas.¹¹ A busca de elementos que contribuíram para a análise do processo de construção e funcionamento da escola E.E. Professor José Leme do Prado foi relevante para que pudéssemos localizar historicamente o objeto de estudo e os sujeitos a ele relacionados.

Portanto, uma das perspectivas metodológicas de trabalho para o desenvolvimento deste estudo, de caráter qualitativo, foi a história oral, metodologia de pesquisa que privilegia os testemunhos orais e dialoga com uma multiplicidade de outras fontes, como as escritas, as iconográficas e, inclusive, com os documentos oficiais.

Algumas entrevistas¹² realizadas ao longo da pesquisa, desenvolveu uma dada compreensão do objeto estudado, cujo roteiro semiestruturado se encontra como ANEXO (A), possibilitando a produção de narrativas relacionadas com o período investigado. Também utilizei recursos com base em técnicas visuais, isto é, no decorrer das entrevistas pude mostrar o material que estava comigo, como cartões, convite, fotos, recortes de jornais, entre outros.

Ao selecionar fatos e formalizar interpretações deve-se ter consciência de que são mutáveis e condicionáveis aos contextos nos quais se movimentam. Entre

¹¹ A entrevista semiestruturada tem como foco de análise um tema sobre o qual confeccionamos um roteiro com algumas questões, complementadas por outras inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. O roteiro é importante para a coleta de dados e informações e serve como meio para o pesquisador se organizar e desenvolver a interação com o informante. Cf. MANZINI, 2004.

¹² Projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP - Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas - CHS/UNICAMP. Plataforma Brasil, CEP/CONEP, aprovado em 27/06/2018 pelo parecer 2738960. Número do CAAE 91032618.7.0000.8142.

fontes documentais, memórias, histórias vividas e narrativas, está a cultura local produzindo suas reinvenções, seus silêncios e saberes.

Assim, esse movimento de análise e construção de uma das possíveis versões da história da escola¹³, reverbera, sobretudo por meio das vozes dos seus ex-alunos, e procura ser um espaço privilegiado de fontes e registros de um saber, proveniente de experiências vividas e ressignificadas pelos sujeitos. Nesse sentido, a narrativa é um convite para novos olhares, novas versões e novas leituras da história local.

Na cidade de Valinhos, foram feitas visitas a arquivos públicos e particulares. Entre os locais visitados, está o Museu e Acervo Municipal “Fotógrafo Haroldo Ângelo Pazinato”, instalado no prédio da estação ferroviária da cidade. Ele está situado na Rua 12 de Outubro s/nº. Apesar de abrigar objetos referentes à história local, a única fonte relativa à educação encontrada se refere ao primeiro professor de Valinhos, Christiano Wolkart. O acervo iconográfico do Museu está na Sala da Fotografia Haroldo Pazinato. Com aproximadamente 40 m², a sala ilustra através de infográfico, equipamentos, peças e informações sobre o processo da fotografia analógica preto e branco, além de 50 fotos produzidas pelo fotógrafo, as quais registram momentos ocorridos no cotidiano da cidade.

O Arquivo da Prefeitura Municipal de Valinhos foi outro local visitado em busca de fontes que apresentassem indícios da educação local. A documentação pesquisada, que compõe o arquivo morto da prefeitura, está disposta no andar superior da agência dos Correios. O estado de conservação do acervo é precário devido ao grande volume de documentos armazenados sem os cuidados adequados de higienização e organização. Nesse arquivo, nenhuma fonte relativa à educação no período estudado foi encontrada. No entanto, recebi a orientação de que as plantas baixas ficavam armazenadas na Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, situada na Prefeitura Municipal de Valinhos. Ao verificar a existência das plantas junto ao diretor do Departamento de Urbanismo, solicitei a imagem ou cópia das plantas por meio de protocolo, de número 10.190 de 14 de junho de 2018.

¹³ A escola como um espaço vivido permeado por muitas vozes em diferentes tempos. Para Benjamin, rememorar é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção das utopias. Rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro. Cf. GALZERANI, 2008a.

O arquivo e acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado abriga um número reduzido de documentação do período, porém as fontes encontradas da época em que a escola foi GE e E.E.P.G. são relativas à mudança de denominação, a lista da primeira turma de formandos de 1975, as placas de homenagens referentes a primeira formatura, ao primeiro diretor, a construtora e algumas fotografias.

Todo esse conjunto de documentos permitiu conhecer aspectos da escolarização do município e algumas práticas de sujeitos envolvidos com a educação no período estudado. Também possibilitou apreender como as apropriações entre as pessoas que fizeram parte da história da instituição pesquisada aconteciam e, ainda, como era a interação dessas com a realidade exterior, ou seja, a relação entre a escola e a cidade. A política valinhense localizada nos periódicos, foi um referencial importante para perceber essas relações, pois se tratava do período ditatorial.

A escola Prof. José Leme do Prado era considerada simbolicamente uma construção modernista¹⁴ do município de Valinhos, o qual fica localizado na porção sudeste do estado de São Paulo, limitando-se com os municípios de Campinas, Morungaba, Itatiba, Vinhedo e Itupeva. Distante 90 quilômetros da capital, a localização da urbe no estado de São Paulo pode ser observada na Figura 1, que retrata as marcações político-administrativas.

¹⁴ Os anos 50 são conhecidos pela disseminação da arquitetura moderna nos prédios escolares paulistas. No início da década de 60 há um impulso renovador das escolas. Cf. Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), gráfico sobre a cronologia histórica da construção escolar paulista desde 1890 até 1987. Disponível em: <<https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/Interna.aspx?codigoMenu=261>>. Acesso em: 10 out 2018.

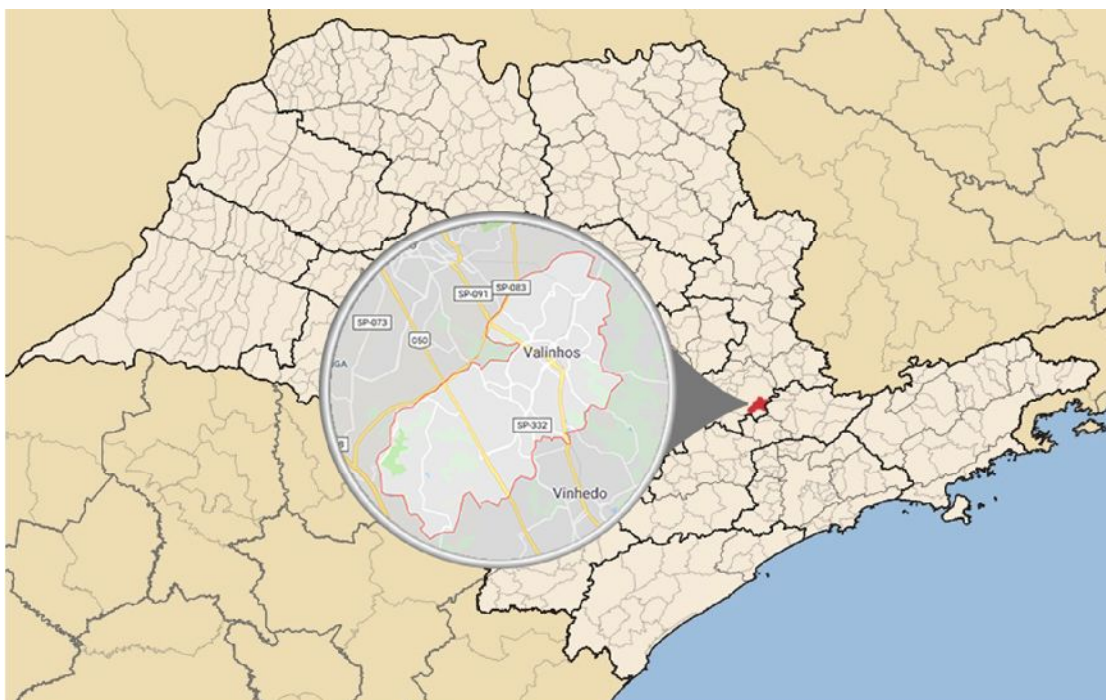


Figura 1 - Mapa do estado de São Paulo, em destaque ampliado o município de Valinhos.

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Valinhos#/media/File:SaoPaulo_Municip_Valinhos.svg>. Acesso em: 10 mai. 2019. Adaptado pela pesquisadora.

A E.E. Prof. José Leme do Prado, inaugurada em 1966, no contexto da Lei nº 5.444 de 1959, que dispõe sobre medidas de caráter financeiro relativas ao PAGE, em seu artigo 3º autorizava a criar o FECE, para atender à construção, ampliação e equipamento destinados a escolas de ensino público.

Nesse período, a educação era deficitária em relação as oportunidades de vagas frente ao um processo de modernização, pois muitas escolas sem prédios próprios funcionavam em estabelecimentos e salas adaptadas. Segundo Azevedo (2002, p. 41), é normal “os órgãos de planejamento do poder público adotarem soluções prontas ou partidos arquitetônicos e componentes construtivos padronizados, sem uma maior reflexão sobre o contexto físico e sociocultural”. E que a “avaliação desses ambientes denuncia a precariedade do quadro em que se encontram as escolas públicas”.

Diante disso, o governador do estado de São Paulo Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto¹⁵ (1959-1963) elaborando o PAGE conforme a Lei nº 5.444/59, estabeleceu metas, prioridades e prazos para vários setores da administração pública, incluindo a parte educacional.

Na escola, há uma placa fazendo referência a Construtora e Pavimentadora Lix da Cunha S/A¹⁶, conforme Figura 2. Essa foi uma das firmas contratadas responsável pela construção de obras públicas conveniadas com o estado de São Paulo.



Figura 2 - Foto da placa da construtora, ao lado do portão da secretaria da escola.
Fonte: acervo da pesquisadora.

Ao Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (IPESP) foi atribuída a função de construir edifícios públicos. Diante disso, criou-se em 1959, dentro do IPESP, o FECE que atendia especificamente aos projetos relativos às escolas, por meio do Decreto nº 36.799, de 21 de junho de 1960.

¹⁵ Governador eleito em sufrágio universal em 3 de outubro de 1958 pelo Partido Democrata Cristão (PDC), seu mandato deu-se em 31 de janeiro de 1959 a 31 de janeiro de 1963. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/carvalho_pinto>. Acesso em: 21 set. 2019.

¹⁶ Lix da Cunha, engenheiro que em maio de 1948 fundou a Construtora com seu nome – Lix da Cunha S/A – e em 1960 incorporou a firma de pavimentação asfáltica em Campinas, morreu em 06 de agosto de 1984 deixando para seu filho a presidência da empresa. Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2009/09/personagens-lix-da-cunha-e-jose-carlos.html>>. Acesso 5 jul. 2019.



Figura 3 - Foto da fachada da E.E. Prof. José Leme do Prado, 2015.
Fonte: acervo da pesquisadora.

O Segundo GE de Valinhos surgiu nesse contexto, a história da instituição escolar também está vinculada ao processo de industrialização valinhense, na segunda metade do século XX, especificamente a um grupo de indústrias que se instalaram na cidade. Em razão disso, houve um crescimento da população em idade escolar, que trouxe à tona a necessidade de escolarização. Sendo que, o acesso à educação pública foi materializado enquanto política governamental, imbricado com o processo de industrialização, diante da necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho e da pressão social.

As indústrias que me refiro são: a multinacional Gessy Lever que trabalha no ramo de higiene e alimentos, na área da metalurgia destacava-se a empresa Clark e no setor de papelão e celulose a multinacional Rigesa, as quais geravam uma gama de empregos. Cabe ressaltar que, o município de Valinhos não foi tema de muitas pesquisas acadêmicas que abordam aspectos industriais, educacionais e socioculturais.

Portanto, a investigação desse espaço e mais precisamente das vozes dos sujeitos que, dialogando com a noção de rememoração dentro da concepção benjaminiana proposta nesta dissertação, torna-se fundamental, especialmente, por trazer novas perspectivas à pesquisa. Além do mais, por ser um tema pouco abordado conforme identifiquei ao explorar tal questão.

Todavia, é importante desenvolver a pesquisa considerando a perspectiva histórica para perceber os aspectos políticos e sociais que permeiam os fatos. Segundo Aranha (2006, p. 24),

estudar a educação e suas teorias no contexto histórico em que surgiram, para observar a concomitância entre suas crises e as do sistema social, não significa, porém, que essa sincronia deva ser entendida como simples paralelismo entre fatos da educação e fatos políticos e sociais. Na verdade, as questões de educação são engendradas nas reações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos segmentos da comunidade. A educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas sofre efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política.

Ao estudar a história da educação, no sentido de viabilizar a compreensão de que os indivíduos são agentes construtores da história, e que ao produzir essa história inserido na cultura a qual pertence. Bem como, entender a importância das questões de educação concebidas nas relações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos segmentos da sociedade.

A crítica da autora se dá no âmbito político, ressaltando que as leis não se cumprem na prática, uma vez que a educação se destinava a beneficiar a classe dominante sendo assim, um fator de exclusão social.

A definição da escola como objeto de pesquisa, um dos símbolos da identidade local, se deve porque essa foi uma referência importante no bairro e na cidade no período recortado para o estudo, e, portanto, representação significativa de um espaço/tempo vivido no cenário sociocultural de Valinhos. Nessa ótica, a instituição escolar é compreendida “como espaço de expressão das relações dos sujeitos históricos com a temporalidade, a cultura, a história, a memória e os processos de identificação” (FERREIRA, 2015, p. 19). Como também “ reconhecer que, nas práticas de educação histórica, professores e alunos produzem saberes no palco das memórias, concebido sempre em movimento (GALZERANI, 2008b, p. 233).

A apresentação e discussão dos resultados da pesquisa tecidas na introdução serão aprofundadas nos capítulos que compõem esta dissertação. A estruturação do trabalho encontra-se dividida em três capítulos centrais que se entrecruzam e desenvolvem uma proposta interpretativa que são articuladas e complementares.

No capítulo 1, intitulado “A cidade: espaço de encontros, descobertas, apagamentos e cruzamento de histórias”, evidencio a história do município e as relações de poder, tendo como fontes de pesquisas reportagens de jornais com as

propagandas políticas e os livros de memorialistas que retratam as instalações das indústrias, com vistas a modernização e o progresso. Nesse contexto, o desenvolvimento de Valinhos envolve aspectos relacionados à educação durante o início do governo militar e a política de expansão do ensino, bem como o bairro denominado Vila Santana e sua relação com a escola. No âmbito da história cultural, as reflexões que balizam a pesquisa afiguram-se como possibilidade de análise relativos aos espaços da urbe, suas relações com a política local e a imigração italiana, constituídos por variadas temporalidades.

No capítulo 2, intitulado “Memória, história e educação: entretecendo fios entre a inauguração e o funcionamento da escola”, reflito sobre a construção e funcionamento da escola enquanto GE e E.E.P.G. Professor José Leme do Prado, problematizando nesse momento, sua criação, a localização escolhida, as leis e decretos promulgados e apresento ainda as plantas baixas. Ao discutir aspectos socioculturais imbricados na história da cidade, reflito sobre as imagens, visões de mundo e valores formados na tradição local que incidem sobre a educação e a escolarização, considerando ainda as implicações na relação entre história e memória.

No capítulo 3, intitulado “Memórias dos ex-alunos: narrativas, trajetórias e singularidades”, apresento reflexões sobre o percurso dos ex-alunos em relação ao período em que estiveram na referida escola utilizando a história oral enquanto metodologia para o estudo de “pessoas comuns” (THOMPSON, 1992, p. 22). Na qual tem-se permitido a requalificação dos sujeitos históricos, privilegiando esses personagens e suas experiências vividas, nas distintas relações socioculturais, por vezes, enraizadas na sociedade. Assim, as memórias aqui revisitadas e contadas apontam para uma dada ressignificação sobre um período particular da vida, como o percurso na escola.

Por isso, os convido a embarcar nesta viagem, e que possamos juntos realizar outras “viagens” ¹⁷ sempre abertas a produção de significados e conhecimentos plurais.

¹⁷ Erfahrung, expressão do original alemão, significando tanto viagem como experiência. Ver os artigos “Experiência e pobreza” e “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política. (Obras escolhidas) v. 1, op. cit, respectivamente, p. 114-119, 197-221.

CAPÍTULO 1

Fotografia da Rua 7 de Setembro em Valinhos, 1960.
Foto de Haroldo Pazinato. Fonte: acervo da APHV.



Fotografia da Rua 7 de Setembro em Valinhos, 2019.
Fonte: acervo da pesquisadora.

1. A CIDADE: ESPAÇO DE ENCONTROS, DESCOBERTAS, APAGAMENTOS E CRUZAMENTO DE HISTÓRIAS

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e a procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfacelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (CERTEAU, 1998, p 183).

Ao caminhar pelas ruas de uma cidade, o indivíduo faz suas escolhas molda espaços e tece lugares. Para Certeau (2008), os percursos não poderiam ser reduzidos apenas ao seu traçado territorial.

Quando se fala de cidade, faz-se referência ao que é urbano, o que se encontra na esfera de estudos geográficos e nos remete ao conceito de modernização, urbanização, metropolização, contrapondo-se ao rural, definido como um espaço associado às atividades relacionadas a natureza, ao campo. “O urbano o contrário, se caracteriza por uma complexa organização, tendo na concentração populacional sua principal marca. É visto ainda como lócus da divisão do trabalho e da concentração do capital” (SILVA, 2011, p. 5).

José B. da Silva (2011), em seu artigo intitulado *Discutindo o que é rural e urbano*, privilegia as novas releituras do papel histórico da cidade e suas relações com o campo, refletindo sobre a inovação do que é rural face à uma reorganização da urbanização. Considerando a cidade e o processo de urbanização elementos fundamentais nas políticas de desenvolvimento regional, “vista historicamente como local de liberdade, de novo modo de vida, de inovações e do moderno ajusta-se às novas funções acomodando seu papel de centro de comando” (SILVA, p. 5).

A pesquisadora Maria Sílvia Duarte Hadler também desenvolveu pesquisas que problematizam a questão da cidade e sua urbanidade. No artigo intitulado *Cidade, Memórias e Sensibilidades* (2015), a autora discute as articulações entre traços culturais da contemporaneidade e as singularidades da dinâmica sociocultural. Aproximando-me do artigo, encontro contribuições importantes no que se refere as transformações sociais calcadas no individualismo urbano, propiciadoras da fragilização de vínculos com os diferentes lugares da cidade.

Ainda no contexto da cidade, Hadler enfatiza que “visões de mundo, são modeladas, são forjadas em meio ao entrechoque multifacetado de diversas instâncias de procedências socioculturais” (2015, p. 20) e nos faz refletir sobre as diferentes formas de interação dos sujeitos. Nesse sentido,

a cidade e seus equipamentos urbanos diversos, expressando relações e práticas de poder, modelam as formas de viver esse espaço. De alguma maneira, a cidade exerce, não de forma homogênea, uma função educadora sobre seus habitantes. Os diversos equipamentos urbanos contêm uma função pedagógica implícita – dizem sobre o que é possível, o que é vedado, o que é permitido, o que é interdito, o que se espera que afirme sua existência, o que se espera que seja eliminado (HADLER, 2007, p. 141).

A identidade fornecida por esse lugar é simbólica apesar da desigualdade dos habitantes da cidade, é um lugar de passantes, a paisagem urbana sofre modificações e passa a ser marcada por ritmos mais acelerados, observados tanto na transformação do espaço quanto na do tempo flagrados nestes anos. Com o advento da industrialização acentuou-se a busca pelo progresso, com todas as suas contradições, por parte das elites, como também a busca pelo moderno.

As transformações e apropriações ocasionadas pela modernização na cidade de Valinhos, aconteceu de forma mais acentuada nas décadas de 1960 e 1970, em relação aos anos anteriores, propiciada pelo capitalismo. Essa apropriação do espaço pela sociedade gera transformações em uma perspectiva composta por vários elementos, no que diz respeito a imposição do progresso atravessado pelo processo de industrialização.

Assim, funciona a cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade. Hoje, sejam quais forem os avatares desse conceito, temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam (CERTEAU, 1998, p. 174).

No livro *A cidade, os cantos e os antros*, José Roberto do Amaral Lapa analisa a cidade de Campinas e diz: “outras cidades que viveram processo semelhante, é que existe mais de uma cidade num convívio forçado (...). Esta é a

cidade praticada, vivida ao arrepio das posturas, da vigilância, do poder público. A cidade de cada um” (LAPA, 2008, p. 124). Além de que cada um procurava viver na cidade de sua maneira, num jogo cotidiano de confronto, onde todos participam.

O professor Mario Pires (2000) conta a trajetória do antigo bairro de Campinas, atual município de Valinhos, em seu livro *Valinhos, tempo e espaço* e apresenta como marcos de fundação e desenvolvimento o ribeirão Pinheiro¹⁸ e a ferrovia, como também os eixos econômicos, a agricultura, o comércio e a indústria.

O autor aborda que o primeiro marco na história da cidade foi o registro na concessão de uma sesmaria e um “caminho novo de Jundiaí aos Goiasés, tendo como paragem de tropeiros e bandeirantes”, um ribeirão conhecido por Pinheiro (PIRES, 2000, p. 34). O “Pouso de Pinheiros” é o primeiro marco oficial de uma área dentro do município, provavelmente é o atual bairro Capuava.

A bibliografia aponta a existência de derivações do caminho, ou estrada, abertas ao longo do seu primeiro decênio de existência (1722-1732). A disputa pela exploração de vendas e pousos teria levado à seguida abertura de novos atalhos, expediente que teria sido particularmente recorrente na região do atual município de Campinas. Em 1732, por exemplo, “Alexandre Simões Vieira, morador da Vila de Jundiaí, abre por conta própria uma nova comunicação entre aquela vila e a região dos Campinhos” e passa a explorar a venda de gêneros aos tropeiros, fazendo “uma roça de três alqueires de plantação no meio do dito caminho em um ribeirão chamado Pinheiro” (na atual cidade de Valinhos) (ROSSETTO, 2006, p. 144-145).

Neste período, a região passa por grandes transformações migrando de uma economia de subsistência para o surgimento da cultura da cana-de-açúcar em grandes fazendas, pouco tempo depois surge um novo impulso com a mudança da cultura das fazendas de cana-de-açúcar para o café, que se adaptou muito bem à região de Campinas.

O café trouxe grande riqueza, mas sua cultura ficava limitada pelas dificuldades de transporte até o porto de Santos. A solução desse problema fez surgir a primeira companhia de capital aberto do Brasil: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (SPADACCIA, 1985).

O autor ainda relata que a companhia foi para a cidade fruto da inovação e empreendimento de grandes proprietários das fazendas de café, a implantação do tráfego ferroviário teve início em 31 de março de 1872 com um trem partindo

¹⁸ Atualmente o ribeirão que percorre toda a extensão da cidade de Valinhos é conhecido como Ribeirão Pinheiros.

de Valinhos para a cidade de Jundiaí¹⁹. Foi a instalação da “primitiva estação dos Vallinhos”²⁰ que deu origem ao centro urbano da cidade, mas também polarizava a cidade em duas áreas, considerando que as pessoas que tinham suas moradias ou comércios antes da linha do férrea eram as mais abastadas e as que tinham após a linha eram as menos abastadas.

Apesar de ter a função principal do transporte de café para Santos, a ferrovia possibilitou a chegada de muitos imigrantes europeus para Valinhos, na sua maioria italianos, para substituir a mão de obra escrava a partir de 1888, após a abolição (SPADACCIA, 1985).

Os imigrantes tiveram papel relevante na diversificação da agricultura e implantação das primeiras indústrias como a Gessy²¹ e as olarias que utilizaram do barro fornecido pelo ribeirão Pinheiro, como matéria prima, também aproveitavam o transporte ferroviário para o escoamento da produção. Além desse meio de transporte trazer as sacarias que eram comercializadas nos armazéns de secos e molhados como eram conhecidos (SPADACCIA, 1985).

Outro dado importante que o autor classifica sobre as origens da cidade aconteceu durante a epidemia de febre amarela que arrasou Campinas no ano de 1889. Segundo cálculos feitos pelos médicos da época, a população de Campinas, que era de 20 mil pessoas, foi reduzida a quatro mil. Não que a maioria tenha morrido, mas sim que as mesmas fugiram da cidade com medo da doença.

Foi em função da epidemia da febre amarela de 1889, que a Sexta Secção Eleitoral de Campinas foi transferida para Valinhos, pois muitos dos

¹⁹ Informações relativas a implantação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, linha-tronco inicial Campinas-Jundiaí, na qual Valinhos era a terceira parada e Resolução de Tombamento CONDEPHAAT: 98 de 23/10/2013. Cf. BEM, 1998.

²⁰ Vallinhos com duas letras ll foi a nomenclatura utilizada para a cidade no século XIX e início do XX, quando era bairro de Campinas e se torna Distrito de Paz.

²¹ No Brasil, a Gessy Lever tem sua história contada a partir de (José) Giuseppe Milani, um sapateiro veneziano que chegou ao Brasil com as primeiras levas de imigrantes italianos e abriu uma importadora de produtos de limpeza. Em 1887, ele comprou uma pequena fábrica em Valinhos, a 70 quilômetros da capital, que produzia apenas 100 quilos de sabão por mês. Em duas décadas, o empresário se associou a um químico, multiplicou a produção, expandiu seus pontos de venda e lançou novos produtos. Entre eles, o destaque ficou por conta de Gessy, um sabonete que redimensionaria o negócio da família Milani. Gessy chegou ao mercado em 1913 e fez tanto sucesso que em seguida passou a batizar toda uma linha de produtos de higiene pessoal. Em 1932, a empresa já detinha poder econômico suficiente para se transformar numa sociedade anônima, apropriadamente chamada de Companhia Gessy Industrial. A empresa foi adquirida em 1960 pela concorrente Lever Brothers, passando a se chamar Indústrias Gessy Lever. A partir de 2001, a empresa adotou sua denominação internacional de Unilever. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo.html?id=448111&view=detalhes>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

campineiros buscaram refúgio em Valinhos. Com isso, o futuro Distrito de Valinhos começa a ser desenhado. No ano de 1893, o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, do dia 1º de setembro publica em sua página 7840, dentro do Expediente da Secretaria dos Negócios da Justiça, ato de criação do “Distrito Policial de Valinhos”.

Em 28 de maio de 1896, o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, página 1453, publica no “Actos do Poder Legislativo” a Lei de nº 383²², na qual a vila de Valinhos foi elevada à categoria de Distrito de Paz, e as mesmas divisas do Distrito Policial, criado em 1893, para definir os limites do novo distrito, data em que se comemora o aniversário da cidade.

No dia 30 de dezembro de 1953, o Governo do Estado promulga a Lei nº 2.456, criando o município de Valinhos. A eleição acontece no dia 3 de outubro de 1954, sendo eleito Jerônimo Alves Corrêa como prefeito. O município foi oficialmente instalado no dia 1º de janeiro de 1955, quando tomam posse o prefeito, seu vice e os 13 vereadores (PIRES, 2000).

Em 18 de março de 2005, Valinhos foi elevada à condição de Comarca, em cerimônia realizada no Fórum Municipal. A cidade se tornou autônoma no que diz respeito aos serviços judiciários, pois anteriormente os moradores tinham que se deslocar até Campinas para obter alguns serviços, como protestos de títulos, registros de imóveis, de títulos e de documentos (SPADACCIA, 1985).

1.2 VALINHOS, TRANSFORMAÇÕES E ARTICULAÇÕES ENTRE A CIDADE E A ESCOLA

(...) rememorar para Benjamin é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção das utopias. Despertar que possibilita trazer imagens do passado vivido, como uma busca de questionamento das relações e sensibilidades sociais, como uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos, sobretudo, no presente (GALZERANI, 2008b, p. 230).

Segundo a autora Maria Carolina Bovério Galzerani (2008b), concordando com a noção benjaminiana, rememorar é um ato político, rememorar pode produzir

²² Lei de criação do Distrito de Paz de Vallinhos em 28 de maio de 1896. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1896%2fdiario%2520oficial%2fmaio%2f31%2fpag_16921_AT9OFUMV8TJKQeEGL9H4O5LNP46.pdf&pagina=16921&data=31/05/1896&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=116921>. Acesso em: 10 nov. 2018.

um “despertar” dos sonhos e possibilita trazer as imagens de um passado vivido, como uma busca de construir com esses indícios uma teia de relações que perpassam pela trajetória de vida e tencionam momentos.

Lugar de passagem para outros bairros, a escola fica na rua principal da Vila Santana, um dos bairros mais antigos de Valinhos. Aflorando histórias, lembranças e a imaginação das pessoas, o espaço escolar como a cidade são marcados pelas relações educacionais, políticas e socioculturais e possuía vinculações familiares, pessoais e profissionais relacionada à minha vida, como também a vida de outras pessoas.

Considerarei as fontes impressas de jornais locais privilegiadas, pois instigaram-me, em virtude de suas potencialidades como documentos de análises, que trazem indícios de intencionalidades, de práticas e de valores, que permitem recortes na construção narrativa da história local, em uma perspectiva do contexto sociocultural da época.

No jornal *Folha de Valinhos*, publicado em 1976, encontramos em suas páginas reportagens relativas a propagandas políticas em épocas eleitorais, que em dada altura afirmam como e quem foram os homens que forjaram o bairro em que a escola foi construída. Podemos observar, nesse trecho, o núcleo inicial de formação do bairro, no qual retrata as construções ANEXO (B) de um conjunto de casas germinadas.

“A hora e a vez da Vila Santana”

A Vila Santana começou a se forjar, em 1922 até em 1930, quando começou a construir as primeiras casas na rua 12 de outubro, por um cidadão e era o avô de Luiz Bissoto, ajudados pelos seus tios, que vendo uma área de terras sem aproveitamentos de lavouras, e por se tratar de um campo, do que um triunfo na representação do solo que viessem a benefícios à vida social desses homens querendo então uma aceleração do desenvolvimento da Vila, a favor de todos.

Nessa ocasião, a família Bissoto eram orientados pelos avós de Luizinho, que começaram a levantar prédios, e mais prédios, reafirmando cada vez mais o valor de um progresso e elevando sempre o prestígio de Vila Santana, para todos aqueles que até hoje irmanados pela gratidão, estão solidificadas de braços abertos para receberem o candidato a prefeito, que ainda muito fará não só por esta Vila como também de coração aberto para o povo em geral. A casa onde nasceu o candidato que vem agora compensar-se com a conquista do título de prefeito partiu esse menino da Vila Santana, onde dava gosto vê-lo entregar-se ao estudo, numa época imprópria, jamais vencido pela fadiga, e nunca prejudicado pelo desânimo.

Não contentes com essa falange de construções formar-se uma altruística comissão de homens que, em 1937, estando assim constituída em uma só vontade, e esta era de construir a igreja que hoje ornamenta uma das nossas

praças pela beleza arquitetônica, nós saudamos os seguintes pioneiros que, em 1939 aparecem os senhores Antônio Antoniazzi, presidente da Comissão, avô do vice-prefeito nas próximas eleições, Vitório Bissoto e Vicente Bissoto, homens esses que com a singeleza da humildade e honestidade, compraram o terreno dos herdeiros da família Hungaretti, e hoje o monumento está ali por esses pioneiros, que logo os seus filhos e netos querem dar o melhor para Valinhos.

Como vedes meus amigos, isso tudo representa uma prova insofismável do nosso reconhecimento desses elementos que iniciaram aqui, e ali, o desembarque de, estarem cumprindo um dever de cidadãos Valinhenses.

Portanto, Vila Santana vocês que constituem uma afeição diferente de inteligência, olhem os benefícios do prefeito atual, e os que virão na gestão de Luiz Bissoto e Vitório Humberto Antoniazzi.²³

A linha do trem que separava a cidade em duas partes, o centro comercial e o bairro da Vila Santana, representado pelo fechamento e abertura da antiga porteira determinava um certo ritmo de tempo, as ruas 7 de Setembro e 12 de Outubro, que aparecem na Figura 4, retrata o fluxo de carros e de pessoas do período. Todos ficavam à espera da passagem do trem a fim da liberação da via, na imagem ao fundo ainda dá para visualizar a torre da igreja Matriz de São Sebastião, localizada na região central, pois a cidade não possuía prédios com diversos andares, e em primeiro plano as pessoas esperando em frente aos seus automóveis.

Através da Figura 4, na cena cotidiana, aparece os personagens que povoam o centro; flagra-se um certo congelamento, e ao mesmo tempo, o movimento com os carros enfileirados de ambos os lados da porteira. Há uma intensificação de circulação na área urbana, de veículos, de pessoas e de padrões de comportamentos. Os automóveis e os trens, de modo geral, “no espaço urbano, contribuem para a alteração das noções de espaço, tempo, velocidade. Percursos mais longos em menos tempo; aproximação de espaços, diminuição de tempos” (HADLER, 2007, p. 134). O círculo das relações sociais se alargam, mesmo atravessado por estranhamentos.

Durante um tempo foram estudadas algumas propostas para solucionar o problema desta passagem, feita até então através da porteira. Uma história interessante, que está na oralidade de quase todos os valinhenses é a do “buraco do tatú”, local conhecido pelos moradores por fazer a ligação do centro comercial do município a Vila Santana (bairro onde fica localizada a escola E.E. Prof. José Leme do Prado).

²³ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 15 de outubro de 1976. Ano VIII. nº 434.



Figura 4 - Antiga porteira da Cia Paulista de Estradas de Ferro, Valinhos (SP), 1972. Em primeiro plano, a Rua 12 de Outubro, ao fundo a Rua 7 de Setembro.

Foto de Haroldo Pazinato.

Fonte: acervo da Associação de Preservação Histórica de Valinhos.

Muitas pessoas utilizavam esse trajeto, alunos de outros bairros, trabalhadores das empresas, e moradores, especialmente da Vila Santana, tinham de esperar as porteiros se abrirem para atravessarem, muitas vezes isso acarretava transtornos. A espera da passagem dos trens para chegarem ao seu destino, era considerado um incômodo, pois como nesse período o fluxo dos trens era mais intenso, o tempo em que as pessoas ficavam ali geravam reclamações. Spadaccia retrata esse fato em seu livro como sendo um martírio, destacando que:

No ano de 1960 (enquanto prefeito da cidade) resolve um problema muito sério que atormentava o pessoal na Vila Santana. Como não havia o Viaduto, a passagem obrigatória entre a rua 12 de Outubro e a rua 7 de setembro era uma passagem de nível da Fepasa no nível de ferrovia com uma porteira que ficava mais tempo fechada do que aberta para o público, pois era muito grande o movimento de trens. Era comum centenas de pessoas ficarem paradas ao lado da porteira aguardando a passagem do trem para serem abertas. Era um verdadeiro martírio a prolongada espera, especialmente para os trabalhadores da Gessy que tinham que respeitar o horário de entrada no serviço, de manhã e na hora do almoço (SPADACCIA, 1988, p. 207).

O fato de Spadaccia, ser o gestor público, pode ou não ter contribuído para avaliar o problema e propor resoluções, seguindo na época duas opções; a construção de um viaduto para os carros passarem e, portanto, o desvio do fluxo de automóveis, ou de um túnel, somente para pedestres. Os diretores da Companhia Paulista de Estrada de Ferro foram procurados, a fim de realizar a construção e arcar com os custos da obra, eles optaram pelo túnel, por ser um empreendimento com custos menores. Através do processo de nº 892/1960, a Prefeitura Municipal de Valinhos autorizava a construção.²⁴

A obra foi considerada complexa, pois a construção foi realizada em um terreno baldio e úmido, por se tratar de estar praticamente as margens do ribeirão. Recebendo críticas da oposição na Câmara Municipal e dos adversários políticos em geral, que chamavam o túnel de “buraco de tatú”, julgando que o túnel não ia funcionar, sempre encheria de água e que podia desabar a qualquer momento. Já a população esperava seu funcionamento, pois indicava menos tempo de espera e uma dada aceleração do tempo.

A Figura 5, mostra a Rua 7 de Setembro na década de 1960: sugere movimento, curiosidade, animação na rua, realçando a presença da multidão. Enfatizando o aspecto de “ansiedade”, da população com certa dose de entusiasmo. Trata-se da inauguração do túnel, onde se pode flagrar, no primeiro plano à esquerda, a casa de comissão, um dos primeiros estabelecimentos comerciais da cidade, demolido na década de 1960. Também é possível notar na presença da população, nessa cerimônia de inauguração do túnel da Cia. Paulista de Estradas de Ferro,

²⁴ Processo de autorização para construção, em 17 de setembro de 1960. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE VALINHOS. Disponível em: <http://179.108.81.10:90/falacidadao/#!/demanda/view/P/693103/0/0/86f7510e4acec83a67c9dc4d7535510e>. Acesso em: 20 dez. 2019.

apresentando uma certa aprovação da população em relação a construção. À direita, ao fundo, estão focalizadas a presença de autoridades locais, em uma base elevada.



Figura 5 - Cerimônia de inauguração do Túnel da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, cerca de 1961. Foto de Haroldo Pazinato.

Fonte: acervo da Associação de Preservação Histórica de Valinhos.

Ainda, neste cenário, a inauguração representava para os moradores a consolidação do processo de desenvolvimento, de modernização e de progresso, por meio de uma arquitetura subterrânea. Nos ANEXOS (C e D), é possível ver sob dois ângulos a entrada do túnel. Para Certeau (1998), esta relação é mediada pelas lembranças, pois:

Estamos ligados a este lugar pelas lembranças.... É pessoal, isto não interessaria ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito do bairro. Só há lugar quanto requeitado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças – esquema inverso daquele do panopticon (CERTEAU, 1998, p. 189).

Nesse sentido, o autor argumenta que no plano fenomenológico nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada circunstância. Ao compreender o novo, por meio do antigo, fazendo novas leituras de velhas questões. Tais fatos não lineares, históricos e atuais, ao lado de fragmentos de experiências vividas e ressignificadas, em distintas dimensões espaciais, temporais e culturais, no espaço físico da escola e instigaram-nos a ir à busca de um tempo, que é alcançado pela memória (1966-1976) e de espaços, cujas lembranças se encontram fragmentadas em escassas fontes documentais, iconográficas e orais.

Acerca disso, Certeau (1998, p. 189) aponta que,

os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legalidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

Como a história dos GE tem seu início na República, como salienta Diana Vidal (2006), mais precisamente no ano de 1893, com suas complexidades e singularidades. Devemos considerar a crítica das autoras Schueler e Magaldi (2009), na qual o pesquisador da educação, precisa sempre problematizar e até desconstruir memórias e conceitos retificadores sobre a história dos Grupos Escolares. A amplitude do tema está atrelada a história da educação com uma das perspectivas da história cultural, mas é no embate entre memórias da educação que,

buscamos apreender a historicidade e os lugares de produção e enunciação destas representações em disputa, de modo a perceber o quanto estas visões permanecem impregnadas pelas próprias concepções produzidas pelos atores e sujeitos que vivenciaram as tensões e as lutas do processo histórico de constituição de uma (nova) ordem republicana. Próprias do jogo de construção/reconstrução de memória, lembranças e esquecimentos, luzes e sombras, estas representações em disputa permanecem circunscritas ao âmbito das clássicas análises diagnósticas e prognósticas. Devem, portanto, ser desconstruídas e problematizadas pelo pesquisador da educação na sua operação historiográfica, no diálogo e confronto permanente entre a empiria e os instrumentos/categorias teóricas de compreensão de uma dada realidade histórica (SCHUELER; MAGALDI, 2009, p. 33).

A história da escolarização no município de Valinhos tem seu início no século XIX. O professor Mario Pires (2000, p. 79) dedica o capítulo XV de seu livro ao ensino, relatando que o professor Christiano Wolkart foi o primeiro profissional da educação do século XIX “regularmente nomeado professor para lecionar na antiga Vila de Vallinhos”.

Christiano Wolkart se formou na Escola Normal de São Paulo em 1884, dando início a seu trabalho como o primeiro professor normalista em 1885, na então Vila de Vallinhos. Um de seus primeiros desafios como professor foi o de adaptar a sala de aula em uma casa que fora anteriormente utilizada como estribaria, conforme afirmam Pires (2000) e Spadaccia (1985, 1988), mas os autores não mencionam outras dificuldades como, por exemplo, o de adquirir material escolar ou quem eram os alunos que frequentavam a escola nesse período. “Lecionou em Valinhos por 11 anos, no primeiro GE, até assumir a diretoria do primeiro GE de Campinas” atualmente conhecida como E.E. Francisco Glicério (PIRES, 2000, p. 79-80).

Pires (2000), menciona a trajetória profissional do prof. José Leme do Prado, trabalhando como professor de geografia e história, em Mogi-Mirim, como diretor do GE do bairro do Taquaral em Campinas e depois como diretor do primeiro Grupo Escolar de Valinhos, ficando no cargo durante 22 anos até a aposentadoria em 1950. Mesmo aposentado, em 1954, assumiu a direção da Escola Técnica de Comércio Prof. Luiz Rosa, em Jundiaí, permanecendo até sua morte em 1968. Também se refere a ele como um homem notável “que dá nome ao Segundo Grupo Escolar da Vila Santana” (PIRES, 2000, p. 83).

Na questão da rede escolar valinhense, os memorialistas Pires (2000) e Spadaccia (1988) comentam sobre o primeiro Grupo Escolar de Valinhos, atualmente denominado E.E. Prof. Antônio Alves Aranha. Nas entrevistas, especialmente com a Dylza Zanella, ex-moradora da Vila Santana, ela relata que a escola ficava instalada no centro da cidade, na Rua 7 de Setembro e atendia uma demanda de ensino primário, naquela época, para continuar os estudos após o teste de admissão precisavam se deslocar para Campinas, ela mesma pegava o trem e frequentava a escola Orosimbo Maia.

A artista plástica e pintora Dylza Zanella referindo-se a Vila Santana e ao centro da cidade, separados pela linha do trem, expressa sua visão:

Que saudades daquele tempo era tão bom, nossos passeios eram feitos de trem, a estação era um ponto de encontro e paqueras. Ah! A Rua 7 de

Setembro, onde os jovens faziam “*footing*”, principalmente as moças ficavam subindo e descendo a rua, como se fossem modelos, dando voltas para serem cortejadas.²⁵

É possível notar um sentimento de nostalgia e um certo descontentamento, diante das inúmeras alterações urbanas sofridas na cidade de Valinhos, pois algumas construções foram demolidas no início da década de 1960, para a duplicação da Rua 7 de Setembro.

Relembra com certo saudosismo em relação ao comércio do pai, um armazém de secos e molhados, instalado numa rua que hoje abriga grandes comércios. Na época, seu pai tinha um caminhão para buscar as sacarias na estação e abastecer seu armazém de secos e molhados, com este meio de transporte também faziam os passeios em família relatando que sempre era uma viagem que se percebia longa. O trajeto e a travessia da Vila Santana para o centro e vice-versa traziam recordações da espera, às vezes, por muito tempo da abertura da porteira.

1.3 A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MUNICÍPIO

Valinhos teve seu primeiro prefeito eleito após a emancipação do município. Em 1º de janeiro de 1955, tomaram posse o prefeito e vice-prefeito, juntamente com 13 vereadores que compunham a Câmara Municipal. Com dois mandatos Jerônimo Alves Côrrea (1955-1958 / 1963-1966), candidato pelo PTB eleito pelos paragatas, como eram conhecidos os apoiadores dos trabalhadores e operários da cidade. O segundo prefeito foi, José Spadaccia (1959-1962), candidato pelo PSP eleito pela elite local, conhecidos como gravatinhas, e assim sucessivamente até o recorte do nosso objeto os prefeitos e eleitos foram, Vicente José Marchiori (1967-1969), Luiz Bissoto (1970-1972 / 1977-1982) e Arildo Antunes dos Santos (1973-1976), todos pela ARENA.

No panorama nacional foi implantado no Brasil o bipartidarismo²⁶ pós 1964, como instrumento político da dominação autoritário-militar, visando o controle político do Executivo sobre os demais poderes. Constituindo-se de apenas dois partidos a ARENA, partido de sustentação político-parlamentar dos governos militares e o

²⁵ Dylza Zanella artista plástica e pintora em entrevista concedida em 11 de abril de 2019.

²⁶ Nos anos iniciais da ditadura civil-militar foram organizados a Aliança Renovadora Nacional e o Movimento Democrático Brasileiro. Cf. LIMA JUNIOR, 2010.

Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se organizou como uma frente oposicionista ao governo federal reunindo parlamentares que se opuseram ao movimento militar de 1964. Os emedebistas discordavam dos rumos que os militares no poder imprimiam à condução da política nacional.

O período do bipartidarismo assistiu a quatro eleições proporcionais – de 1966, 1970, 1974 e 1978 para a Câmara Federal e assembleias estaduais, a quatro eleições majoritárias para o Senado – também às eleições indiretas para os executivos federal e estaduais.

Rafael Machado Madeira (2006), em sua tese de doutorado *Vinhos antigos em novas garrafas: a influência de ex-arenistas e ex-emedebistas no atual multipartidarismo brasileiro*, traz para a discussão a análise dos partidos políticos brasileiros sobre uma nova dimensão e alerta para o risco de tratar as “novas” organizações partidárias como se fossem algo criado da estaca zero, sem uma matriz anterior. “Análise que já “nasce” prejudicada uma vez que desconsidera de antemão aspectos como a importância que os egressos tanto da ARENA quanto do MDB tiveram e têm no conjunto do atual sistema partidário brasileiro” (MADEIRA, 2006, p. 21).

A leitura de jornais da época, principalmente a do jornal local *Folha de Valinhos* e a posterior comparação a historiografia sobre o período revela um paradoxo. A temática política sempre tão polêmica, na esfera municipal parecia não afetar profundamente a população valinhense e chama a atenção os apelos dos jornais para as eleições que aconteceram nos finais dos anos 1960 e 1970, pois praticamente não aparecem nos trabalhos analíticos, referências sobre a política local.

Algumas reportagens do jornal *Folha de Valinhos* retratam uma cidade dedicada e atuante politicamente, em concordância com a política do governo federal, que a partir da instalação do regime militar, exaltava a modernização e o progresso. Neste sentido, parece não haver vestígios de conflitos sociais, de tensão de nenhuma espécie. A cidade exposta nos jornais não aparenta sofrer com as desigualdades sociais, e quando se flagra algum problema, os políticos estariam prontos a resolver. As contradições sociais e políticas acirradas pela distribuição desigual dos benefícios do progresso alcançado e usufruído pelas elites locais, estão camufladas e escondidas nas linhas do jornal.

Sob esta perspectiva, Hadler (2007) propõe que novas sensibilidades surgiram com a cidade e sua dinâmica relativas às demais formas de sociabilidade, veiculadas pela imprensa de maneira a promover uma dada educação dos sentidos.

A cidade e seus diferentes equipamentos, os ritmos urbanos, a dinâmica das relações sociais, educam os sentidos. Moldam-nos a sensibilidade, as formas de sociabilidade que se desenrolam no espaço urbano. Uma educação histórico-política dos sentidos que não se dá de maneira uniforme, homogênea, unidimensional. Uma forma de educação descontínua e, ao mesmo tempo, ininterrupta, que atinge, de forma diferenciada, os diferentes grupos sociais que habitam o espaço urbano. Uma forma de educação informal, proveniente de diversas instâncias socioculturais, que se realiza independentemente da consciência dos sujeitos a seu respeito. O modo como a imprensa se refere à cidade, valoriza certos espaços e personagens, promove uma educação dos sentidos (HADLER, 2007, p. 297-168).

Penso que por essa lógica criava-se uma nova ordem de convívio, que se estende sobre os espaços e personagens. Dessa forma, na administração pública local há um esforço do poder municipal no sentido de codificação de direitos e deveres, relativos a questões de identidade, de prestígio social, de relações de pertencimento, de maneira a disciplinar comportamentos.

Em fins da década de 1960 e na década de 1970, as páginas dos impressos foram tomadas por notícias e propagandas de carros, de telefones, de estúdios de fotografia, de escritórios prestadores de serviços, de cinemas, de jogos esportivos, de utensílios domésticos, de ferramentas, de comércios e de empresas, dentre outras. Acredito que a economia e a política locais estivessem nas mãos das elites, pois nos periódicos flagrei publicações da prefeitura como, por exemplo, de boletins municipais, e propagandas de políticos, especialmente em tempos eleitorais.

**“Marchiori: Estou tranquilo, confio na vitória da ARENA. Acredito na
justiça desta minha gente”**

Vicente José Marchiori deseja que suas obras sejam continuadas pelos seus sucessores, na Prefeitura Municipal de Valinhos. Por isso, pede o voto dos valinhenses para os candidatos da ARENA que Marchiori recomenda porque “estão à altura de continuarem um governo de respeito à pessoa humana de trabalho e de iniciativa, corajosas”.

Particularmente ele recomenda ao eleitorado os nomes de Antônio Mamoni e Amado de Gaspari, porque estes ficaram ao seu lado quando rompeu com homens que o queriam manobrar. Ele está convencido de que Mamoni e Amado de Gaspari que farão um governo que consulte os interesses do povo. E diz: “Indiquei esses candidatos da ARENA ao eleitorado porque vi neles que, ao pensar em fazer obras públicas, primeiro trata de ouvir a população. Assim procedendo, eles --- farão aquilo que o povo realmente necessita”.

Entretanto, Vicente José Marchiori também aprova a escolha de outros nomes da ARENA, o partido do governo revolucionário. De todos guardam os melhores conceitos. Estima Luiz Bissoto e Arildo Antunes dos Santos e tem

grande consideração por “Franchini” e Ivo Evangelista, também candidatos a prefeito e a vice-prefeito que disputam as preferências do eleitorado.

Vicente José Marchiori, ao término de seu mandato popular, sente-se agradecido pelo apoio que recebeu do governo da União, do governo do Estado e da Câmara Municipal de Valinhos, que deram força total às suas decisões e ao seu programa administrativo.

Marchiori é um homem avesso ao ódio e não guarda rancores e ressentimento de quem quer que seja.

É sua intenção governar até o último minuto, não parando suas obras e se possível iniciando outras de idêntica importância. “Só pararei para descansar depois que tiver transmitido o cargo de prefeito ao meu sucessor. Até lá darei continuidade ao meu trabalho. É o respeito que devo ao povo que me elegeu”...

Vicente José Marchiori acredita na vitória da ARENA e diz isso com as seguintes palavras. “Acredito na justiça desta minha gente que já aprendeu a distinguir o certo do errado, o bem do mal, o que lhe convém e o que não lhe serve.”²⁷

“Prefeito Arildo e Luiz Bissoto mantiveram encontro com o presidente nacional da Arena”

Em visita oficial o prefeito Arildo Antunes dos Santos juntamente com o presidente da Arena valinhense – Luiz Bissoto, estiveram em Brasília na última terça-feira. Na Capital Federal, as autoridades Valinhenses realizaram contato em vários ministérios, seguindo-se para a Câmara dos Deputados, onde mantiveram audiência por mais de duas horas, com o presidente da Arena Nacional – deputado Francelino Pereira. Nesse encontro, o presidente da Arena local – Luiz Bissoto fez um relato das atividades que o partido vem desenvolvendo no município, bem como as diretrizes serão tomadas pelo partido nas eleições de 15 de novembro.

Ainda nessa reunião, o chefe do executivo valinhense, reafirmou o convite para o presidente Ernesto Geisel, acompanhado de ministros de Estado venha a Valinhos para inaugurar o novo complexo viário, bem como a estação de tratamento de esgoto.

Mostrando-se muito satisfeito e entusiasmado pelo atual estágio de desenvolvimento que Valinhos atravessa, o presidente da Arena Nacional, Francelino Pereira, manifestou também vontade de conhecer aquilo que está realizando em nossa cidade.²⁸

No final do ano de 1969, o então presidente general Arthur Costa e Silva foi acometido por um derrame cerebral, o referido jornal faz uma homenagem identificando-o como o governante que tinha um glorioso ideal, com palavras de exaltação.

Este ideal era de restauração da normalidade democrática e a aceleração do desenvolvimento nacional (...). Morre o homem, mas não morre o ideal, que continua na pessoa do atual presidente. Ele é a esperança dos brasileiros em 1970. De Costa e Silva fica o exemplo de amor desmedido à Pátria e alguns frutos, que a posteridade e a História marcarão.²⁹

²⁷ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 28 de novembro de 1969. Ano II, nº 81.

²⁸ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 17 de julho de 1976. Ano VIII, nº 421.

²⁹ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 20 de dezembro de 1969. Ano II, nº 84.

A homenagem continua na edição de 20 de dezembro de 1969 ANEXO (E), com títulos que destacavam a vida e morte do presidente Costa e Silva – “Costa desaparece como chefe de Estado” e “Militar, antes de tudo”, explicando como o prefeito de Valinhos e a população da cidade sentiram a morte do Marechal Costa e Silva.

Segundo Gasparotto e Padrós (2010), visto que o jornal tem um papel de formador de opinião, busca-se construir um cenário de silêncio e esquecimento.

A problemática da História Recente vincula-se a uma outra questão, também fundamental, e que tem sido alvo de intensa preocupação e reflexão dos especialistas: a tensão entre o lembrar e o esquecer. No caso das ditaduras do Cone Sul, a questão do esquecimento relaciona-se a uma ação institucional de *esquecimento organizado e induzido*, ou seja, de políticas estatais oficiais que impõem a desmemória “de cima para baixo”. O desconhecimento de parte de um passado, diante dos pactos de silêncio oficiais e instituídos e da inacessibilidade das fontes, impede a elaboração e seleção de lembranças. O esquecimento é um exercício mental que, individualmente, funciona como uma espécie de filtro que permite restringir certas lembranças ao essencial. Entretanto, o *esquecimento organizado e induzido* é um fenômeno de controle social e de sonegação coletiva de um passado específico, o que impede a elaboração, consolidação e transmissão de uma memória e identidade comum (GASPAROTTO; PADRÓS, 2010, p. 193).

A narrativa implícita nessas reportagens, transmite princípios e valores propostos pelas elites dirigentes, juntamente com os meios que utilizaram a reprodução impressa, atuaram como produtores para legitimar a cidade idealizada. Ocultando as contradições e conflitos sócio-políticos, conferindo uma ilusão de harmonia a esse espaço, em que foram encobertos os vestígios da presença de outros sujeitos que poderiam escancarar as dissonâncias e incongruências.

Como no caso da reportagem descrita abaixo, na qual Geisel é citado como tendo um governo equilibrado e, portanto, propõe a continuidade de seu plano governamental no âmbito local, com a garantia das “mais livres eleições parlamentares”.

“Valinhos e o Presidente Geisel”

Valinhos como todo o Brasil, expressou seu júbilo e suas saudações ao presidente Ernesto Geisel, por motivo da passagem do segundo aniversário do governo... O presidente Geisel sabe perfeitamente que o seu governo não apresenta um trabalho faraônico, uma obra monumental e nem pretende apresentar obra desse tipo, até o fim do seu mandato. Ele prefere, em vez de concentrar sua atenção e recursos numa obra particular, desenvolver harmoniosamente os mais variados setores do país, de forma a obter desenvolvimento, integrado nos planos político, econômico e social. Os valinhenses que no próximo dia 15 de novembro comparecerão às urnas para escolher seu novo prefeito e seus vereadores, votando nos candidatos

da ARENA, estarão igualmente prestigiando o governo Geisel e colaborando com ele para que o país gradualmente, caminhe para uma “distensão”. Oportuno lembrar que em 74 o presidente procurou prestigiar a atividade política, garantindo as mais livres eleições parlamentares...

O apoio ao presidente Geisel, através do voto nas eleições de 15 de novembro, eis o que se espera de todos os valinhenses, sufragando nas urnas os candidatos da ARENA, Luiz Bissoto a prefeito, Vítório Antoniazzi a vice e os candidatos arenistas à vereança.³⁰

Na esfera municipal, o memorialista José Spadaccia (1988, p. 180-186) destaca quem foram os prefeitos eleitos nos anos de 1955 a 1976, bem como o que eles realizaram em seus respectivos mandatos. Os partidos que tinham maior representatividade eram o PTB, composto pelos chefes sindicalistas, com grande aceitação popular pelo fato de serem considerados defensor dos trabalhadores e o PSP, composto pela classe média alta e representantes dos setores empresariais (SPADACCIA, 1988, p. 193).

Outro dado interessante foi o episódio que marcou a rivalidade entre os paragatas, como eram denominados os simpatizantes do PTB, com os gravatinhas do PSP, conhecidos por serem da elite local, em razão da disputa pelas eleições municipais. Foi o atentado intitulado *o estouro da boiada*, que retrata o fato no qual José Spadaccia, havia soltado bombas em um comício realizado na rua 7 de setembro em 1958. Assumindo a autoria do acontecimento, a visão registrada por ele é que “foi um alvoroço ao soltar as 500 bombas, em que os seguranças usaram os cassinetes, tanto nos paragatas quanto nos gravatinhas, pois ninguém tinha marcas de identificação na testa” (SPADACCIA, 1988, p. 213).

O que se pode observar pelo testemunho identificado nas páginas de seu próprio livro, que após ganhar as eleições ironiza sua candidatura dizendo: “Incrível, ganhei a eleição pela diferença de 17 votos e com os votos de muitos que apanharam” (SPADACCIA, 1988, p. 213). Nesse momento, o autor sinalizou de que lugar social produzia a sua narrativa, seu posicionamento na política valinhense junto aos que eram favoráveis ao poder da elite.

O mesmo episódio é narrado no livro *Pérolas de Valinhos*, por Sebastião Maria durante a campanha de Jerônimo Alves Corrêa.

Naquele tempo, o povo valinhense organizava grandes excursões para Santos, utilizando a ferrovia. Retornando da excursão, as pessoas, saindo da Estação Ferroviária, começaram a subir a 7 de setembro. Naquele exato momento, teve início um tiroteio no comício! Na época, foi a maior confusão

³⁰ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 02 de outubro de 1976. Ano VIII, nº 432.

já registrada em Valinhos. Em seu livro, o próprio Bepe ³¹ Spadaccia confessou ter sido ele quem iniciou o tiroteio! (MARIA, 2017, p. 115).

Maria (2017) relata a história sobre o que considera ser o nascimento da rivalidade entre paragatas e gravatinhas, contada por Ivo Evangelista e José Carvalho. Segundo ele, tudo se iniciou devido a uma desavença entre Bepe e Jerônimo, quando estes eram presidente e tesoureiro do Clube Atlético Valinhense. Havia na época uma pendência em dinheiro com uma senhora que lavava os uniformes do clube, mas o Bepe estava protelando o pagamento; como Jerônimo era tesoureiro, ele a pagou, gerando uma desavença e o rompimento da amizade.

Paragatas e gravatinhas proporcionaram muitas histórias que hoje são contadas através da oralidade, mas algumas estão registradas no livro de Maria (2017), que de forma bem-humorada descreve o comício dos paragatas de 1972 com o candidato a prefeito Nestor Pisciotta

A certa altura do comício, quando todos os vereadores já haviam falado, e o Jerônimo estava finalizando, seria a vez do candidato a prefeito, eis que dá o maior desespero no Nestor: ele havia se esquecido de levar a corega e seria praticamente impossível falar com a dentadura mal fixada. Seu filho Nilson, ainda com dose anos, foi acionado para buscar o produto salvador, enquanto o Jerônimo esticava um pouco mais seu discurso. A corega demorou um pouco, mas chegou! (MARIA, 2017, p. 116).

Ou ainda a confusão na linha do trem:

Em 1972, na campanha eleitoral, houve um comício dos paragatas no bairro Bom Retiro. No mesmo dia, um comício dos gravatinhas, no bairro dos Ortizes. Terminado o comício, o Jerônimo pegou seu impala com Nestor (e o filho Nilson, com dose anos) e desceu para a cidade, chegando na porteira da linha do trem que vai para o Bom Retiro, o impala do Jerônimo foi rodeado por adeptos das gravatinhas, que voltavam do comício no bairro dos Ortizes. Muito bravo, o Jerônimo pegou um facão que estava debaixo do bando e saio do carro. Ele riscava o facão na linha do trem saindo fogo e chamava o pessoal para a briga (MARIA, 2017, p. 117).

Com frequência, a política do município sugerida pelos periódicos, apresentavam em suas reportagens, um cotidiano de trabalho e progresso. É possível notar que a rivalidade entre paragatas e gravatinhas era mais acirrada no período que antecede ao regime militar. No entanto, encontra-se também nos jornais locais como no caso da *Folha de Valinhos*, reportagens e propagandas políticas destinadas ao convencimento para decisão do voto da população.

³¹ Bepe foi o apelido de José Spadaccia.

A edição do dia 28 de novembro de 1969 traz em primeira página reportagens que mencionam a história dos candidatos da ARENA, o referido jornal não fazia menção dos nomes dos adversários políticos.

“A hora da decisão chegou”

Amanhã nas urnas o povo será o supremo juiz. O resultado será o julgamento final no qual não caberá apelação. Esta é uma das características da democracia. O povo deve escolher livremente seus governantes. E cada povo tem o governo que merece. Antes da hora decisiva, cabe uma análise do que os candidatos a prefeito Luiz Bissoto e a vice-prefeito Arildo Antunes dos Santos, tem a oferecer em troca dos votos que receberão. Seus planos de governo, ou mais propriamente, do GOVERNO CIDADE_CAMPO, estão aqui. Sem retoques ou lances demagógicos. Simples como a simplicidade dos homens que se apresentam ao eleitorado. Honestos como Luiz Bissoto e Arildo Antunes dos Santos. Leais e jovens como eles. A decisão do povo será soberana. De seu pronunciamento poderá surgir uma administração tranquila, ponderada e realizadora. Desse mesmo julgamento poderá marcar um governo municipal despótico, prepotente e preocupado com revanchismos, sentimentos mesquinhos e ultrapassados. Daí a necessidade de se escolher bem.³²

Durante as entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, houve a constatação de que a filha de Antônio de Castro, político conhecido nessa época da cidade, chamada Eliana de Castro era aluna da escola e da mesma turma de formandos que estou pesquisando, mas infelizmente faleceu um pouco depois da formatura em um acidente de automóvel. “O Antônio de Castro iniciou sua trajetória na política valinhense por ocasião de nossa emancipação” (SPADACCIA, 1990, p. 20).

Com as eleições municipais que foram realizadas em seguida, Antônio de Castro participou ativamente das campanhas, tendo sido eleito vereador durante seis mandatos consecutivos no espaço de 22 anos, desde 1955 até 1976, ocupando a presidência da câmara de 1970 a 1971, e eleito vice-presidente na legislatura de 1959 a 1962 (SPADACCIA, 1990, p. 20).

A imprensa valinhense é retratada por Pires (2000) e Spadaccia (1988, 1990), tendo como início o ano de 1934. Fundada por Gedeão Menegaldo, que em suas atividades jornalísticas, foi agente e correspondente em Valinhos do *Diário Nacional* de 1926 a 1932. Trabalhou como primeiro agente e correspondente do jornal *Correio Popular* em Valinhos, desde a sua fundação até 1932 e fundou o primeiro

³² Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 28 de novembro de 1969. Ano II, nº 81.

jornal da cidade conhecido como *O Vallinhense*³³ em 17 de junho de 1934. Em seu currículo destaca-se como co-fundador e Diretor do *Jornal de Valinhos* em 1948 e 1949³⁴ (PIRES, 2000, p. 94). Entre suas atribuições Gedão, além de jornalista, foi também escritor e poeta, autor de vários sonetos, alguns publicados pelo *Diário do Povo* e pela *Revista Palmeiras* (SPADACCIA, 1990, 129-135).

Em 1948 dá-se início, através de Gedeão Menegaldo, diretor do *Jornal de Valinhos*, à publicação da *Monografia - O Distrito de Valinhos*, obra premiada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostra algumas características da cidade, no final da década de 40. Essa monografia foi publicada integralmente no *Jornal de Valinhos* e noticiada pelos jornais *Correio Popular*, *Diário do Povo* e *Folha da Manhã*.

1.4 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALINHOS

A paisagem urbana possui indícios de outros tempos, de outras vivências. As migrações do passado, como tantos outros processos sociais, deixaram suas marcas na cidade; muitas delas continuam bastante aparentes e visíveis, enquanto outras se mantêm de forma mais tímida e sutil. Essas presenças do passado conformam uma cidade diversificada e plural (PAIVA, 2013, p. 131).

As produções sobre a história da imigração em São Paulo, na segunda metade do século XIX, devem ser analisadas a partir do entrecruzamento de vários aspectos que envolvem a realidade brasileira e italiana. Dessa forma, o autor Odair da Cruz Paiva³⁵ analisa como esse processo foi impulsionado, por um lado, pelas condições socioeconômicas estabelecidas na Itália num contexto caracterizado ao longo das guerras que marcaram o processo de unificação, e por outro, no contexto nacional os interesses dos cafeicultores de reorientar a imigração como forma de substituição do trabalho escravo nas grandes propriedades. Conforme Paiva a imigração

respondeu aos interesses de ocupação de terras por razões econômicas e mesmo estratégicas de defesa do território.

³³ Reproduz na página 95 a capa do jornal *O Vallinhense*, semanário dedicado aos interesses de Valinhos, datado de 17 de junho de 1934. Cf. PIRES, 2000.

³⁴ Alguns jornais que circularam em Valinhos antes da sua emancipação foram *O Vallinhense* e o *Jornal de Valinhos*.

³⁵ Em seu livro traz contribuições sobre diversos elementos a imigração, como a criação das hospedarias, os núcleos coloniais de São Paulo, as transformações da paisagem e envolvem questões culturais, políticas e mesmo ideológicas acerca da positividade ou da negatividade da presença dos imigrantes na comunidade nacional. Cf. PAIVA, 2013.

As transformações ocorridas na dinâmica da economia brasileira – particularmente a partir da expansão da cafeicultura na região Sudeste – ressignificaram os interesses pela imigração; a inserção dos estrangeiros passou a ser também um instrumento importante para a criação de uma política de mão de obra, fosse pela necessidade do aumento de braços para a lavoura cafeeira, fosse pela substituição da mão de obra escravizada (2013, p. 36).

O autor destaca a importância da imigração enquanto elemento de transformação da paisagem social, política, cultural e econômica do estado de São Paulo. Enquanto o trabalho de Márcia Regina Capelari Naxara (1998) revela outras intencionalidades que compuseram a política imigratória, num debate que atravessa as razões econômicas, colocando a questão da imigração na perspectiva cultural.

Aproximando as razões culturais e econômicas, a cidade era denominada pelos imigrantes italianos de “Pícola Itália”, pois tinha uma população considerável formada por italianos e seus descendentes. Segundo Spadaccia (1990), essa constatação pode ser vista ainda hoje pelos nomes, sobrenomes, festas, religiosidade, memórias, culinária, tradições e costumes variados. Por isso, os territórios também se constituem de cultura imaterial que se funde com as manifestações materiais. A contribuição italiana no desenvolvimento de Valinhos aparece desde a chegada dos primeiros imigrantes, iniciada em 1875.

O autor supracitado salienta pelo discurso de seus avós, que chegaram da Itália, a vontade de deixar o país natal nascia do “espírito de aventura e pioneirismo”. É possível notar como a história da imigração italiana tem sido contada pelos memorialistas e jornais locais com destaque a atos de bravuras de pessoas que, ao cruzarem o Atlântico, buscaram “fazer a América”. Essa expressão dicotômica significava tanto o objetivo pessoal dos imigrantes na busca de uma vida melhor em outro lugar, por vezes iludidos, quanto a caracterização do pensamento da época, onde os ideais de civilização encontravam-se no íntimo dos imigrantes e, desse modo, trariam ao lugar onde estivessem as contribuições necessárias ao progresso.

O jornalista Bráulio Mendes Nogueira ³⁶, em crônica referindo-se à imigração italiana, expressa sua homenagem aos imigrantes da cidade:

Obrigado, amigo italiano, você que veio de uma Pátria tão antiga, tão tradicional, que teve um papel relevante em toda a história da humanidade – a Itália – você, com sua experiência, com o seu decidido amor ao trabalho, a

³⁶ Bráulio Mendes Nogueira, jornalista da *Folha de Valinhos* em 1975. Também trabalhou como jornalista em Campinas, foi escritor e diretor do Museu Carlos Gomes, do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) e secretário da Associação Campineira de Imprensa.

sensibilidade do seu espírito voltado para a poesia e para a música, você “deu duro”, como se diz, plantando cafezais, construindo olarias, fabricas, formando bandas de música, ajudando a construir igrejas, colaborando em todas as obras comunitárias e acompanhando, com entusiasmo, o desenvolvimento da segunda Pátria que vocês escolheram para viver!

E explicita um sentimento de exaltação e agradecimento motivado pelo progresso:

Obrigado, amigo italiano!
Obrigado pela ajuda que vocês deram a Valinhos, numa época em que tudo era tão difícil! Hoje os seus descendentes e todos nós estamos colhendo os frutos do seu intenso labor. Aí está a Gessy Lever, que nasceu do espírito progressista de um de vocês, José Milani! Aí estão as fazendas, as oficinas, as indústrias, os seus filhos e netos, como bons brasileiros, no esforço comum para que nosso município cresça cada vez mais!³⁷

Ao focalizar a importância da imigração, podemos perceber que o binômio desenvolvimento e progresso estava baseado na vinda de imigrantes, mas não encontrei até o momento vestígio da mão de obra escravizada, mesmo sabendo que aqui haviam fazendas de plantio, parece que a história econômica começa a partir da imigração.

Os italianos para sobreviver trabalhavam como barbeiros, sapateiros e vendedores de diferentes produtos e serviços. Aos poucos, no entanto, foram se tornando proprietários de pequenos sítios, onde passaram a cultivar seu próprio cafezal e, posteriormente, as frutas como o figo e uva. Em edição especial, em formato digital de 20 de fevereiro de 2017, o jornal *Folha de Valinhos*, retrata a história dos imigrantes italianos que vieram para Valinhos, em reportagem intitulada *Italianos em Valinhos: do figo roxo à emancipação*³⁸.

Alguns imigrantes fizeram história na cidade como foi o caso do “sr. Lino Busato foi migrante responsável pelas primeiras mudas de figo roxo, que chegaram em 1901 e passaram a ser cultivadas” (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VALINHOS, 1988, p.37).

A fruta foi caracterizada de “figo roxo de Valinhos” passando a ser plantada em escala cada vez maior pelos valinhenses, tornando-se a principal fonte de economia agrícola da cidade, que ganhara a denominação “terra do figo”

³⁷ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 30 de agosto de 1975.

³⁸ Reportagem de jornal em formato digital. Disponível em: <https://www.folhadevalinhos.com.br/artigos/valinhos/cidade/italianos-em-valinhos-do-roxo-emancipacao>. Acesso em: 20 set. 2019.

(SPADACCIA, 1988, p. 21). Os ANEXOS (F e G) são imagens do jornal *Folha de Valinhos*, que retratam a história do imigrante em razão do centenário da imigração.

Relacionando a escola com a imigração, podemos constatar que na lista de formandos da turma da oitava série do ensino fundamental de 1975 Figura 6, encontrada no acervo da escola Prof. José Leme do Prado, contém vestígios da história da imigração 100 anos após seu início. Esses indícios estão entrelaçados com a história da instituição escolar, tanto pelo sobrenome dos alunos quanto pela

pluralidade de memórias e histórias, o sujeito que não teve a sua memória e história contemplada na versão que identifiquei como monolítica tenderá a experimentar a sensação de desenraizamento, ele terá dificuldades para compreender a existência de um passado e de experiências vividas coletivamente na cidade, para além daquelas cristalizadas (GUIMARÃES, 2013, p. 6).

Ainda segundo a autora, esse sentimento de enraizamento permite

uma convocação do passado do qual emergem elementos para a construção de laços identitários possíveis apenas à luz de práticas que reconheçam a alteridade; que têm dentre suas prováveis origens o sentimento de pertencimento, fruto de experiências, articulações políticas e vínculos culturais que construímos no e com o lugar no qual vivemos. Esse sentir-se enraizado talvez propicie a emergência de iniciativa e participação coletivas (GUIMARÃES, 2013, p. 6).

A lista datilografada da Figura 6, foi uma das primeiras fontes utilizadas e serviu de base para a montagem do roteiro de entrevistas semiestruturadas, bem como na busca pelos nomes que nela se encontravam. Como primeiro disparador de memórias, através desse registro consegui contato com alguns ex-alunos que concordaram em dar entrevistas sobre o período de vida escolar, de como chegaram a estudar na escola, de como era o comportamento dos alunos em relação as autoridades escolares, as disciplinas ofertadas, se havia a participação de alunos nas cerimônias, passeios, festas, gincanas, grêmios e teatro.

FORMANDOS DA 1ª TURMA DE 1º GRAU - 1.975	
01-	Adelaide Regina Bortolotto
02-	Adilson Damazio
03-	Alfredo João Ribeiro
04-	Almira Damazio
05-	Anácio Fernando Milanezi
06-	Antonio Eretilio Brombal
07-	Aparecida Verônica Vendemiatto
08-	Carlos Alberto Prestes
09-	Carmen Inês Ferretti
10-	Carmen Silvia R. Lugli
11-	Clarice de L. Barbosa
12-	Claulete Maria Cocco
13-	Cleusa Aparecida Ribeiro
14-	Denise Pagnota
15-	Doardino Zaffalon
16-	Emilson Valdécio Pinton
17-	Elizama de Castro
18-	Emiliana Margarida de Souza
19-	Eudes Mochiutti
20-	José Camilo Rovere
21-	José Carlos Stopiglia
22-	Lourdes Cardoso Lona
23-	Luciana Maria dos Santos
24-	Lucimar Ferreira Gomes
25-	Luís Carlos de Mattos
26-	Márcia Lúzia de Castro
27-	Márcia Lorengato
28-	Marcos Vitor Romani Pinto
29-	Maria do Carmo Santos
30-	Marinês Aparecida Morasi
31-	Mário Sérgio Farci
32-	Mário Sérgio Mazini
33-	Massaco Fujishima
34-	Nelson João Biscoto
35-	Nelson Palmeira
36-	Neide Maria da Silva
37-	Neusa Rampazio
38-	Nivaldo Farci
39-	Paulo Valadares Ribeiro dos Santos
40-	Reginaldo Guirardello
41-	Reginaldo Camilo Nascimento
42-	Rosa Maria Bortolotto
43-	Rosângela Manalli
44-	Rosinei Coletto
45-	Rosinês Martini
46-	Sebastião Spézi
47-	Sidney Ricardo Capovilla
48-	Silvio José Fávare
49-	Sônia Regina Pinto Soares
50-	Valdir Costa
51-	Vânia Regina Personeni
52-	Vera Lúcia Marques
53-	Vera Regina Ohnuma
54-	Vitor Mazoni Sparrapan

Figura 6 - Lista da primeira turma de formandos datilografada pela aluna Neusa Rampazio em 1975.
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado, Valinhos.

1.5 POLO INDUSTRIAL: ORIGEM E EXPANSÃO NA CIDADE

No início do século XX, o desenvolvimento industrial tem seu início com a instalação das olarias para a produção de tijolos e telhas utilizados na construção civil. As olarias se instalam então ao longo do Ribeirão Pinheiros, devido à presença da matéria prima, a argila e pela proximidade da linha férrea.

Na década de 1930, o Cartonificio de Valinhos é instalado nas proximidades da linha férrea, a primeira fábrica de papel, de propriedade de Ferruccio Celani. Segundo elenca Spadaccia (1998, p. 35), nesse período o distrito possuía um polo industrial composto por: duas fabricas de sabão, uma fábrica de macarrão, uma fábrica de papel, uma fábrica de vassouras, uma fábrica de bebidas, seis pedreiras e 24 olarias.

A pesquisadora Carolina Sumaquero Gutmann (2011) em sua dissertação analisa o crescimento da cidade a partir de espaços públicos do município de Valinhos, investigando as principais transformações e impactos que esses espaços sofreram com o avanço do processo de urbanização.

O avanço da cidade continua em 1942, com a compra do terreno próximo ao centro do que viria a ser outra fábrica de papel, a Rigesa S/A, uma das maiores do Estado de São Paulo no ramo. Em 1950 Valinhos sofre uma transformação política e em 1953 ocorre a emancipação do distrito (...), a cidade já nasce com os bairros Capuava, Fonte Sônia, Ortizes, Capivari, Pinheiros, Santa Cruz, Jurema, Lenheiro e Serrote (GUTMANN, 2011, p. 61).

Com isso, a década de 1960 trouxe grandes mudanças ao município, com a política de substituição de importações, algumas empresas estrangeiras se estabeleceram na cidade. Para Spadaccia (1998), essas empresas “são a base do nosso progresso e desenvolvimento” (p. 22).

A chegada dessas grandes empresas trouxe consigo um aumento populacional, pessoas que vinham em busca de trabalho. Dados estatísticos do censo em 1953, apresentam que o número de habitantes da cidade era de 11.057, em 1960 o número havia aumentado para 18.302 e, em 1966 passava de 30.000 habitantes (PIRES, 2000, p. 106-107).

Spadaccia (1988), ainda salienta a importância do parque industrial para o desenvolvimento econômico da cidade:

No ano de 1960, nas margens da Via Anhanguera, era construída a Equipamentos Clark, produtora de material utilizado na fabricação de automóveis e caminhões, proporcionando emprego a milhares de operários, enriquecendo o nosso parque industrial (...). Estas três empresas, anteriormente citadas, Gessy Lever, Rigesa e Clark, constituem hoje a viga mestra do extraordinário potencial industrial de Valinhos, dando emprego a mais de 10 mil operários, além de proporcionar uma substancial arrecadação de tributos para a Prefeitura Municipal, colocando Valinhos, entre as 30 mais importantes cidades do Estado, em arrecadação, produção agrícola e industrial (p. 34-36).

A cidade teve um crescimento acelerado, e se deparou também com a necessidade de fornecer educação para essa nova e crescente população, pois até então só existia uma escola para o ensino primário na região central, o GE Prof. Antônio Alves Aranha, primeiro grupo escolar do município, frequentado pela parcela mais abastada da população, e algumas escolas isoladas em regiões mais afastadas, que na realidade eram salas adaptadas ao ensino.

Foi assim que em 26 de agosto de 1966 foi inaugurado o GE Prof. José Leme do Prado, no bairro Vila Santana, estrategicamente situado depois da linha férrea, mais próximo da periferia.

O patrono da escola foi o professor José Leme do Prado, diretor do GE Prof. Antônio Alves Aranha por 22 anos até a sua aposentadoria, sendo que veio a falecer pouco tempo depois de receber a homenagem de ter uma escola com o seu nome.

Dessa forma, é que o Segundo GE inicia suas atividades, recebendo os filhos dos conhecidos “paragatas”, aqueles filhos dos trabalhadores que, muitas vezes, calçavam alpargatas para trabalharem na área da produção das indústrias que se instalavam na cidade, como também estudantes da redondeza. E assim, as pessoas que passaram por seus corredores têm suas memórias entrelaçadas com a história da escola.

CAPÍTULO 2



Fotografia da E.E. Prof. José Leme do Prado, [ca. 1970]. Fonte: acervo da escola.



Fotografia da E.E. Prof. José Leme do Prado, [ca. 2000]. Fonte: acervo da escola.

2. MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: ENTRETECENDO FIOS ENTRE A INAUGURAÇÃO E O FUNCIONAMENTO ESCOLA

A E.E. Prof. José Leme do Prado faz parte do processo de expansão da rede física escolar do estado de São Paulo. Uma escola se concretiza em um prédio, mas não se constrói somente a partir dele. Antes de ter concretude física, ela é anseio, projeto, elaboração de pessoas. Assim, a história da escola necessita ser revisitada, não apenas na parte física, cronológica e documental, mas também nas vozes daqueles que participaram de seu funcionamento (alunos, professores, funcionários). Para tanto, é necessário criar condições para que as pessoas possam ser ouvidas.

Os depoimentos daqueles que vivenciaram o início da história da instituição escolar, torna-se fundamental, como “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Assim, tanto os documentos³⁹ quanto os discursos devem ser vistos como detentores de intencionalidades e, quando interrogados, podem deixar mais evidentes as subjetividades e os significados, bem como serem tratados como elementos reveladores da identidade de um grupo.

O processo de reconstrução torna possível que as visões de mundo e as imagens se encontrem com outras e formem narrativas, muitas vezes, polissêmicas, numa relação dialógica no que se refere à construção de alternativas não restritas as verdades absolutas e sim abertas a interlocução de diferentes vozes. Observando, assim, que a produção do conhecimento está sempre em movimento articulado ao seu entorno estabelecendo vínculos.

Em tal direção, a pesquisa foi desenvolvida, refletindo sobre o contexto do processo educacional e institucional no âmbito local das décadas de 1960 e 1970, na busca pelos vestígios foram apontados aspectos relevantes dos homens e mulheres que fizeram parte da história enquanto ex-alunos. No entanto, até a construção e inauguração do Segundo GE em 1966, reflito sobre algumas transformações e heranças educacionais.

³⁹ Entende-se por documento “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é (...) o que fica, que dura, e o testemunho, ensinamento (...) devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. Cf. LE GOFF, 1990.

Os Grupos Escolares constituídos no início da República tinham como objetivo principal educar as novas gerações de brasileiros, ao menos na teoria, mas na prática as questões sociais, políticas e econômicas marginalizavam a população mais simples na área educacional. No que se referia a localização, quase sempre eram construídos nas áreas urbanas e nas regiões centrais das cidades, para atender a grupos de poder que apoiavam as elites republicanas (VIDAL, 2006).

A autora Rosa Fátima de Souza (1998, 2008) explicita que implantação dos Grupos Escolares para a modernização da sociedade tinha como finalidade poder de regenerar a nação e, influenciados pelo positivismo e pelos ideais liberais, reorganizar o ensino com o propósito de atingir seus objetivos, dentre as quais, a ideia de uma sociedade civilizada e patriótica.

De acordo com Janice Theodoro da Silva (2006), o fator político e administrativo favorecia as classes altas e médias urbanas, enquanto a maior parte da população vivia na zona rural e nos bairros distantes, acarretando um alto índice de analfabetismo devido à ausência de políticas públicas capazes de responder à demanda por vagas.

Após a Proclamação da República, em 1889 (...). A instrução pública surgiu e foi implantada no Brasil como parte do projeto das elites letradas para uma nova sociedade, a qual, alfabetizada e instruída, abandonaria as tradições e pensamentos arcaicos e adotaria princípios e comportamentos científico-racionais. Desta maneira, supostamente, o Brasil se transformaria numa nação próspera e civilizada, tanto material quanto espiritualmente (SILVA, 2006, p. 2).

Os Grupos Escolares se diferenciavam na paisagem urbana com suas fachadas imponentes e ornamentos belíssimos. Segundo Silva (2006), a diferenciação também acontecia pelo currículo “universal”, que excluía o ensino cristão, pela regulamentação e planejamento do tempo escolar e de suas atividades por meio de um calendário, pela avaliação do desempenho dos alunos com exames padronizados e, especialmente, pela separação dos espaços destinados a distintas atividades.

Ainda conforme Silva (2006), os Grupos Escolares que existiram até 1971, em grande parte, tinham a mesma conformação básica pedagógica, mas com ritmos diferentes, temporalidades e significados socioculturais diversos. No que se refere aos prédios escolares das décadas de 1950 e 1960, apesar de sua arquitetura diferenciada, ainda eram constituídos para abrigar a mesma estrutura escolar do início do século XX, sendo que a escola pública funcionou como um dos símbolos da

modernização da sociedade e possibilidade de transformações sociais, políticas e culturais.

Importante mencionar que os conflitos e lutas do processo educativo que consolidou a prerrogativa estatal de planejar a educação na forma de escolarização popular não encerram em si. No contexto da instrução, Freitas e Biccás refletem em seu livro *História social da educação no Brasil (1926-1996)* sobre a questão que versa acerca da escola pública na esfera do social:

Evidentemente, a educação pública que temos, resulta das leis e do poder configurador que delas emana, mas também resulta das assimetrias políticas entre pessoas que tem ganhos diferenciados, entre segmentos populacionais que se diversificam pela origem, brancos e não brancos, entre homens e mulheres e entre adultos e crianças de modo que a construção e o acesso a esse “bem público” primordial que é a educação escolar se deu no bojo da consolidação de uma sociedade reconhecidamente concentradora de riqueza, benefícios e poder decisório. Portanto, não é somente a elucidação dos labirintos que conduziram à promulgação da lei que nos habitará a compreender o “lugar” da educação pública no Brasil (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 18).

Os autores explicam que:

Trata-se de uma história da educação pública que desemboca num contexto próximo do atual, quando a questão social adquiri um novo sentido, sentido este profundamente marcado pela circulação intensa do tema desenvolvimento econômico.

De certa forma, a conexão entre os temas escolarização e superação da pobreza está presente em cenários históricos que em muito antecederam o período abordado (nesta pesquisa). Todavia, o que é próprio deste período é a diluição do tema democratização do ensino no tema do desenvolvimento econômico enquanto processo compartilhado por quase toda sociedade, (...) sinônimo de preparar o homo ecomonicus (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 32).

Nesse cenário, ocorre a partir dos anos 1960 a diluição do tema na lógica da economia, conduzindo as questões relativas a educação “àquilo que podemos designar por “economicismo”, expressão que quer indicar que as finalidades foram assumindo contornos desenhados unicamente em função das assim chamadas “demandas do desenvolvimento” (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 137).

A crítica dos autores sobre a vinculação entre a educação escolar, a aspiração ocupacional e as taxas de crescimento na década de 1960 ser uma constante, são deficitários, pois para eles a produção industrial pouco precisou da escola para gerar enriquecimento individual (FREITAS; BICCAS, 2009). Nesse sentido, no início dos anos 1960, o tema da inadequação da escola que tínhamos em

relação “às necessidades contemporâneas” manifestou-se no seio de inúmeras controvérsias.

História cultural: alguns apontamentos e heranças educacionais

A história cultural no âmbito acadêmico foi redescoberta nos anos de 1970. Burke (2005), em seu livro *O que é história cultural?*, procura explicar essa redescoberta, que segundo ele apresentam-se em quatro etapas, bem como o que os historiadores culturais fazem. “Para isso, dedica-se às diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições compartilhados” (p. 1). Como também essa corrente historiográfica considera várias abordagens e representações, conquistando espaço juntamente com os novos objetos, fontes, problemas e desafios, pois privilegia um campo de pesquisa com propostas e ênfases nas diferenças sociais e culturais.

Ronaldo Vainfas (1997), valorizando o cotidiano e o papel social, identifica três maneiras distintas de tratar a história cultural e as apresenta como caminhos alternativos para a investigação histórica.

1. A história da cultura praticada pelo italiano Carlo Ginzburg, notadamente suas noções de cultura popular e de circularidade cultural presentes quer em trabalhos de reflexão teórica, quer nas suas pesquisas sobre religiosidade, feitiçaria e heresia na Europa quinhentista.
2. A história cultural de Roger Chartier, historiador vinculado, por origem e vocação, à historiografia francesa - particularmente os conceitos de representação e de apropriação expostos em seus estudos sobre 'leituras e leitores na França do Antigo Regime'.
3. A história da cultura produzida pelo inglês Edward Thompson, especialmente na sua obra sobre movimentos sociais e cotidiano das 'classes populares', na Inglaterra do século XVIII (VAINFAS, 1997, p. 148).

Roger Chartier procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos, e busca a reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações. Trabalha ainda as diferentes formas de apropriação dos discursos, de textos (verbais e não-verbais) e da produção do sentido, sendo que os sujeitos compreendem e se posicionam pelo seu lugar social.

Entender este horizonte dentro do enfoque histórico-cultural, que tem precisamente na noção de "representação" um dos seus pontos fundamentais, juntamente com a noção de prática e de apropriação, nos remete a algumas

dependências da vida cultural, que aparecem nas diferentes formas de apropriação, mediadas pela representação.

Nessa perspectiva, a noção de apropriação aparece como tema central para a história cultural, e ressalta a importância de se conhecer os processos e as operações de construção do sentido do mundo social. “A apropriação, tal como entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 2002, p. 26).

Acerca disso, o autor destaca que,

(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 2002, p. 17).

As percepções sociais são produzidas por estratégias e práticas, portanto, a “investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Sendo assim as lutas de representações são relevantes e importantes para compreender os mecanismos pelos quais os grupos se impõe ou tentam impor suas concepções, valores e domínios.

Segundo Burke, os termos “social” e “cultural” estão sendo utilizadas de maneira intercambiável, para descrever a história dos sonhos, por exemplo, da linguagem, do humor, da memória ou do tempo. Ressalta que distinções podem ser úteis e propõe dividir os termos pela fenomenologia destacando que

reservar o termo “cultural” para a história de fenômenos que parecem “naturais”, como os sonhos, a memória e o tempo. Por outro lado, como a linguagem e o humor são obviamente artefatos culturais, parece ser mais apropriado empregar o termo “social” para se referir a uma abordagem particular de sua história” (BURKE, 2005, p. 99).

Como se percebe, a história cultural envolve historiadores com posturas diferentes. Assim, a perspectiva cultural desenvolvida por autores como Chartier e

Certeau, por exemplo, constitui um dos três eixos mais influentes para o atual desenvolvimento de uma história cultural, ao lado de outras perspectivas extremamente importantes, “como a da Escola Inglesa citando autores como Thompson, Hobsbawm e Christopher Hill e a da abordagem polifônica da cultura de Bakhtin e Ginzburg” (BARROS, 2005b, p. 139).

Mas a questão epistemológica estaria centrada no conceito de cultura como objeto de investigação, no estudo das representações sociais, das práticas culturais e do processo de apropriação. As representações seriam construídas sobre o mundo não só se colocariam no lugar do mundo, como fariam com que os homens percebessem a realidade e a partir delas pautassem sua existência. Seriam elas as geradoras de condutas e práticas culturais e sociais (VAINFAS, 1997).

Convênio escolar: arquitetura e ensino público

Nas décadas de 1950 e 1960 ocorreu uma ampliação da cobertura dos serviços escolares, relativos a construção de prédios públicos. Nesse sentido, vale mencionar que a expansão da rede física de escolas ofertada pelo governo de Carvalho Pinto, passou a atender, em grande parte, às demandas existentes no estado de São Paulo. Essa condição favoreceu a implantação e cumprimento das normativas que foram oficializadas por meio de reformas educacionais no governo da ditadura militar.

De certa forma, o Convênio Escolar⁴⁰ contribuiu para alterar o modo de conceber e executar a construção de edifícios escolares, bem como para consolidar, no projeto, a presença de princípios da Escola Nova⁴¹.

O Segundo GE inaugurado na década de 1960, mediante a um projeto gerido em meio ao fim do Convênio Escolar e a criação do FECE, arquitetado na

⁴⁰ Convênio Escolar foi um acordo firmado entre a Prefeitura de São Paulo e o Estado em 1948, no qual o município se encarregaria de viabilizar o planejamento, projeto e construção de escolas, e o Estado ficaria responsável por ministrar o ensino. Sua atividade se estendeu até o ano de 1959, mas suas principais realizações ocorreram entre os anos de 1949 e 1954. Com o fim do Convênio Escolar, pressões populares levam o governador Carvalho Pinto a elaborar um Plano de Ação para a área educacional. Cf. NOGUEIRA, 2001.

⁴¹ As ideias de Anísio Teixeira basearam-se muito nas das obras de John Dewey (1859-1952), que defende um certo pragmatismo educacional. Movimento que ficou conhecido como Escola Nova e teve profunda influência nos debates político-pedagógicos das décadas seguintes, interferindo de maneira decisiva na concepção dos edifícios escolares que seriam construídos nas décadas de 1950 e 60. Cf. BUFFA; PINTO, 2002.

elaboração de um plano de ação. Nesse período, as construções escolares ficaram a cargo do governo estadual IPESP⁴² e houve algumas transformações na concepção estrutural dos prédios escolares que, a partir de então deveriam servir para democratizar o ensino e romper com o passado excludente.

No início da década de 60 há um impulso renovador das escolas com o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – IPESP. A Diretoria de Obras Públicas (DOP) foi o órgão responsável pelas escolas estaduais até 1960. A partir daí a atribuição de construir e manter escolas públicas passa a ser do Fundo Estadual de Construções Escolares (FECE). A Companhia das Construções Escolares do Estado de São Paulo (CONESP) assume a responsabilidade pelas escolas paulistas em 1976.⁴³

A construção dos prédios escolares nesse período foi levada a efeito sob a responsabilidade de diferentes órgãos do estado de São Paulo, a escola se tornaria parte de um espaço público considerado mais justo para uma nova sociedade (SILVA, 2006). Vale ressaltar que:

Mesmo neste momento em que o regime militar recrudescia sua violência Anísio Teixeira chegou a afirmar que o país estava acompanhando os estágios de desenvolvimento próprios do mundo moderno, alcançando um grau de integração próprio e necessário à definitiva implantação da democracia. Não se trata, absolutamente, de um elogio à ditadura por parte dele. O fato é que por vias tenebrosas o direito à educação estava se tornando um dos direitos constitucionais do cidadão brasileiro (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 182-183).

Os edifícios escolares deveriam se caracterizar pela simplicidade das formas, pelo tamanho moderado e incorporar jardins a uma disposição horizontal do prédio, sem que este se destacasse “demais” na paisagem urbana. Esta tipologia deveria garantir que a materialidade da edificação estivesse mais em consonância com as dimensões humanas do que com a monumentalidade, que passou a ser vista como típica de uma sociedade hierarquizada. Sem trazer a questão econômica para

⁴² O IPESP começou a atuar como órgão construtor de escolas, ao lado da Diretoria de Obras Públicas (DOP), em 1957. Entre 1957 e fevereiro de 1959, antes do início do Plano de Ação, o IPESP construiu 51 Grupos Escolares e 24 ginásios (escolas secundárias). A execução do programa de construções escolares. Secretaria da Educação – Fundo Estadual de Construções Escolares. São Paulo, janeiro de 1963 (texto datilografado disponível na biblioteca da FAU/USP). Em 1960, a criação do FECE, e sua desativação ocorreu em 1975, sendo então substituído no ano seguinte pela Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (CONESP), por sua vez, substituída pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) em 1987. Cf. BUFFA; PINTO, 2002.

⁴³ História da construção escolar. Cf. Disponível em:

<<https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/Interna.aspx?codigoMenu=261>>. Acesso em: 10 out 2018.

o debate, pois as construções mais simples acarretariam também em economia para o governo (SILVA, 2006).

Alguns prédios escolares paulistas construídos nos anos 1960, pelos arquitetos paulistanos encarregados pelo FECE, apresentam continuidades em relação aos edifícios inaugurados pelo Convênio Escolar e seus antecessores, como o emprego de blocos separados para salas de aula, para a administração e para as atividades recreativas e socializantes. Mas outros consolidam o uso de elementos arquitetônicos extremamente modernos, utilizando materiais e formas que revolucionaram o conceito de escola (SILVA, 2006, p. 18).

De acordo com Lei nº 5.444, regulamentada pelo Decreto nº 36.799, autorizava ao poder executivo a criar o FECE, que delegava a construção de escolas a escritórios particulares, principal mudança na natureza da política pública. Se o Convênio Escolar centralizava a concepção e a execução dos projetos em órgãos públicos, a criação do FECE representa uma mudança do arcabouço jurídico institucional anterior, permitindo que terceiros projetassem e realizassem a obra, favorecendo a criação de um outro processo para a tomada de decisões (MELLO, 2012).

Segundo Silva (2006), o FECE assumia uma função executiva, cujo controle estava nas mãos de um Conselho presidido pelo Secretário de Educação e constituído pelo Diretor Geral do Departamento de Educação, pelo Diretor Geral do Departamento de Ensino Profissional, pelo Diretor Geral da Secretaria de Educação e por um membro do grupo de planejamento. Embora a Comissão escolhida tenha sido responsável por vários projetos arquitetônicos, a natureza jurídica do Fundo restringia o espaço de deliberação e afastava a sociedade civil deste processo, em contrapartida tinha uma maior rapidez na execução dos trabalhos.

O FECE apresenta-se na atuação, atividade e controle dos projetos realizados por empresas particulares. Esta “terceirização dos serviços”⁴⁴ visava “maior eficiência e menor custo, mas distanciava, ainda mais, os arquitetos dos educadores e professores da rede e, portanto, de alguns dos principais destinatários da escola” (SILVA, 2006, p. 31).

Noticiada no jornal *Folha de Valinhos*, a reforma do primeiro ginásio do município em reportagem intitulada *Estas placas garantem para breve funcionamento*

⁴⁴ Os escritórios de arquitetura ganhavam liberdade para projetar e executar suas percepções de mundo e de escola, nem sempre consonantes com aquelas levadas à frente pelo governo do Estado. Cf. SILVA, 2006.

do *Ginásio Estadual*, na qual a imagem da placa estava em destaque como podemos averiguar no ANEXO (H). Observa-se a presença constante de elementos que permeiam a construção dessas imagens; o enaltecimento e idealização de elementos de uma política do desenvolvimento parece ser buscado em detrimento de acontecimentos considerados desagradáveis relativos à política nacional ou internacional, pois em 1972 vivíamos no regime militar.

Estas placas garantem para breve funcionamento do Ginásio Estadual

O Ginásio Estadual *Ciro*⁴⁵ de Barros Rezende, que está sem funcionar desde o término das obras, poderá abrigar a seus alunos dentro de pouco tempo. As placas com o emblema do governo estadual e da Meta Engenharia (foto) são a garantia de que os trabalhos de restauração do prédio e a substituição de suas telhas estão já em andamento e breve terminarão. O atraso que está havendo deve-se somente às grandes telhas, cujos tamanho e especificações exigem que sejam fabricadas sob encomenda, já que não se encontram a venda no mercado. O prazo máximo fixado para o término das reformas é de 90 dias e deverá ser cumprido rigorosamente, graças aos esforços do prefeito Luiz Bissoto e à boa vontade do governador Laudo Natel, que tanto se interessa por Valinhos. Mesmo não tendo sido obra de seu governo foi construído pelo governo Estadual, através do FECE, o prefeito Luiz Bissoto julga o Ginásio de grande importância para os estudantes valinhenses e por isso mesmo esforçou-se bastante até conseguir a reforma do prédio, ameaçado pela eminência dum possível desabamento do teto e por outros perigos decorrentes das rachaduras provocadas pelas grandes telhas ali usadas.⁴⁶

Para Rodrigo Martins Bryan (2007), as questões espaciais fazem parte das preocupações de pesquisadores e estudiosos na área da educação, quando a escola se materializa pelo seu uso, pela experimentação diária do lugar, pelas recordações e pela imaginação. É a arquitetura escolar que possibilita a vivência dessas experiências, por meio das configurações espaciais propostas pelos arquitetos: “a casa da escola é poesia solidificada” (BRYAN, 2007 p. 3).

Refletir sobre a edificação escolar é pensar na sua materialidade, na arquitetura. As intenções propostas no decurso das quais o lugar é constituído e o visível é apresentado. Equilíbrio entre idealização e sensibilidade, que transformam as vivências, experiências da escola em memórias.

Ao estudar essa permanência da escola, a ideia de que a sua edificação, o seu espaço tem sua existência ligada a de todos nós, faz com que eu entenda ser possível pensar a escola sob o ponto de vista das relações espaciais intencionalmente propostas e imaginar outras, entendendo que sua continuidade depende do valor que ela assume na história humana.

⁴⁵ A nomenclatura correta do ginásio é E.E. Prof. Cyro de Barros Rezende.

⁴⁶ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 10 de novembro de 1972. Ano III, nº 232.

Imaginando ainda uma possibilidade de transformar essas relações a partir da sua existência física e fazer da escola um lugar fantástico, de desejo, de criação, de conhecimento e de respeito. Tentando perceber o papel da arquitetura como determinante de um modo de vivenciar e imaginar o lugar escola. Revelando através da imagem do que é, o que pode vir a ser (BRYAN, 2007, p. 4).

Em relação aos impactos de projetos educacionais na esfera local e sobre a história e memória da cidade, Spadaccia (1985; 1988) e Pires (2000) retratam a configuração do espaço da cidade no contexto do século XIX e XX, momento caracterizado pela ideia de progresso e crescimento, apresentando uma narrativa particular sobre a relação de poder local.

O processo de negociações para implantação da escola deu-se no mandato do segundo prefeito de Valinhos eleito pelo PSP, José Spadaccia (1959-1962) que em suas próprias palavras:

(...) governou o município na época mais difícil da história de Valinhos, enfrentando a mais acirrada e terrível oposição comandada pelo líder dos “paragatas” que não deu tréguas ao prefeito na Câmara Municipal e pelo jornal “O Município”⁴⁷ cujas críticas eram permanentes e continuas, acompanhadas de constantes processos judiciais (SPADACCIA, 1988, p. 183).

Outro aspecto que notei, no discurso do autor, que em suas reflexões sobre a política e as relações sociais, apontam para a problematização da ideia de transformação e de efervescência política, no que diz respeito às sensações de estranhamento, de diferença partidária e de rivalidade.

Saliento que, alguns anos depois da emancipação do município, a valorização da política local, enquanto prática de disseminação e popularização de preceitos voltados à formação de uma cidade voltada ao progresso e a modernização, era um fato. A validade dessa ideia está presente nos comentários de José Spadaccia:

Apesar da tremenda oposição consegui fazer uma excelente administração, com obras de alto interesse público que foram as seguintes:
- Fundou a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valinhos.
- Iniciou a construção da Santa Casa.

⁴⁷ Logo após a emancipação do Distrito de Valinhos em 1953, Jerônimo Alves Corrêa, que ocupava o cargo de subprefeito, criou juntamente com José Pedro Said, um jornal chamado *A Gazeta de Valinhos*, que em 1955 passou a chamar-se *O Município*, dando cobertura à Jerônimo Alves Corrêa, líder dos paragatas e primeiro prefeito eleito pelo PTB. Em contrapartida o jornal *A Voz de Valinhos*, fundado em 1958 por José Spadaccia, então candidato a prefeito pelo PSP, tendo como objetivo principal dar cobertura à campanha de construção da Santa Casa de Misericórdia e cobertura política. Cf. PIRES, 2000, p. 96. SPADACCIA, 1988, p. 132.

- Construiu o Castelo e reservatório de água enterrado que levou água encanada a todos os bairros da cidade.
- Executou 90% da espinha dorsal do centro da cidade com o alargamento das ruas 12 de Outubro, 7 de Setembro e 15 de Novembro e abertura da Av. Dom Nery.
- Desapropriou e adquiriu a chácara Ribeiro para instalação da praça Washington Luís.
- Em convênio com o governador do Estado construiu dois grupos escolares: Antônio Alves Aranha, no centro, e José Leme do Prado na Vila Santana (...) (SPADACCIA, 1988, p. 183).

O autor também cita que em sua administração foi feito o acordo com o Convênio Escolar do estado de São Paulo, no qual o governador do período era Carvalho Pinto, para a construção da escola. Bem como faz menção do professor que dá nome a escola em seu livro *Monografia Histórica de Valinhos* de viés memorialista.

Ainda na minha gestão de prefeito no ano de 1962 foi construído o segundo grupo escolar de Valinhos, no bairro da Vila Santana que tem o nome de José Leme do Prado, uma homenagem a um excelente mestre que por muitos anos lecionou em nossa cidade (SPADACCIA, 1988, p. 126).

Assim, a análise de uma instituição escolar pode estar registrada em documentos oficiais, em diversas produções culturais ou nas memórias dos habitantes da cidade, possibilitando importantes reflexões sobre a história e cultura local.

Outro indício importante é a presença de autoridades em reuniões na cidade, cujo assunto era relativo as petições para construção de salas de aulas e instalação de projetos educacionais. A partir da reportagem é possível notar quem eram as autoridades da época, como o delegado de ensino básico, o coordenador do supletivo e o diretor do Gesc José Leme do Prado.

“Prefeito recebe autoridades da 2.a D. E. Básico”

O prefeito Arildo Antunes dos Santos recebeu na última semana em seu gabinete o delegado de Ensino Básico prof. Alencar Pereira de Almeida, prof. Sebastião Leite do Canto, Coordenador do Ensino Supletivo da 2.a D. E. B., prof. Orville de Andrade, João Monteiro de Carvalho, Inspetores de Ensino e o prof. Miguel do Prado, Diretor do GESC “José Leme do Prado” que vieram solicitar a colaboração da Prefeitura, no sentido de instalar em Valinhos o Projeto ACORES (Acomodações da Rede Escolar) para o ano de 1975. Esse projeto, cuja experiência vai ser feita neste Município, pelo FECE, tem a finalidade de adaptar os prédios escolares, e construir mais salas para atender à demanda escolar para o ano de 1975, outro projeto que também está merecendo as atenções do Chefe do Executivo é o Projeto Minerva, que vai instalar radio-postos do Curso Supletivo Dinâmico. Os dois assuntos que essas autoridades trouxeram para a apreciação do prefeito Arildo, merecem dele todo o apoio uma vez que a Educação no Município é considerado meta prioritária.

Para instalação da sede do Plano piloto da ACORES, esteve nesta cidade o Sub-Grupo regional, que reuniu-se com o grupo local, no Grupo Escolar “José

Leme do Prado”, quanto à instalação do Curso Supletivo Dinâmico, através do Rádio Posto, o prefeito encaminhou o assunto ao serviço de Educação para estudos.⁴⁸

O prof. Miguel do Prado⁴⁹ era bastante atuante junto as autoridades em relação a assuntos educacionais, como vimos acima na implementação de acomodações para a demanda da época e cursos que objetiva trazer para a escola o supletivo.

2.1 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ESCOLA E.E. PROF. JOSE LEME DO PRADO

A instituição de ensino é um elemento de destaque no bairro, na época de sua construção na década de 1960 era considerada a maior obra da Vila Santana, de grande porte com dois pavimentos e arquitetura moderna⁵⁰, comportava dez salas de aula na parte superior sustentada por pilotis⁵¹, e na parte inferior sua estrutura abarcava a secretaria, diretoria, cozinha que seria construída em 1968, sala dos professores, sala do dentista, pátio interno onde fica o refeitório e os banheiros. Ainda na parte inferior há duas salas de aulas e uma sala que era utilizada como biblioteca.

As cópias das plantas da escola E.E. Prof. José Leme do Prado foram disponibilizadas pela Prefeitura Municipal de Valinhos, especificamente, na Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, onde ficam arquivadas. Por meio de pedido protocolado na prefeitura, consegui as cópias das plantas baixas⁵² sendo que os ANEXOS (I, J, K, L, M e N) são as plantas da década de 1960.

Os ANEXOS (O, P e Q) foram disponibilizados pela Diretoria de Ensino Campinas Oeste, especificamente, pelo departamento do Núcleo de Obras e

⁴⁸ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 9 de julho de 1973. Ano V, p. 2, nº 263.

⁴⁹ O professor Miguel do Prado foi diretor da escola até sua aposentadoria.

⁵⁰ Oscar Niemeyer foi um arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna. Foi influenciado por Le Corbusier, mas não perdeu sua originalidade explorando possibilidades construtivas do concreto armado. Projetou a escola E.E. Julia Kubitschek em Minas Gerais, os anexos de Q a R trazem uma comparação visual desta escola com a escola objeto da pesquisa.

⁵¹ Pilotis: conjunto de colunas de sustentação do prédio que deixa livre o pavimento térreo. A palavra pilotis, de origem francesa, pode se referir tanto ao pilar em si, quanto ao sistema como um todo. Baseado na sustentação de uma edificação por meio de uma grelha de pilares, ou colunas em seu pavimento térreo. Cf. SILVA, 2016. p. 56-57.

⁵² Os anexos de I a N são as cópias das plantas da escola de 1964 e 1968. Fonte: Prefeitura Municipal de Valinhos, Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Já os anexos O, P e Q são as plantas de quando a escola teve modificações. Fonte: Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

Manutenção Escolar, são plantas da FDE e retratam as modificações e verificações feitas nos anos posteriores à construção.

Figurando no cenário espacial como elemento marcante dos investimentos do poder público naquela localidade e também como uma necessidade política na esfera municipal de atender a demanda, atuou como símbolo da materialização de um projeto educacional, considerado para cidade uma inserção urbana de grande porte. Segundo Agustín Escolano Benito (2001, p. 28), “a produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal ou excrescente”.

Para o autor, a localização da instituição tem a mesma importância dos outros elementos de caráter educativo e pedagógico.

A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (...) a escola, como qualquer outro tipo de habitação, incluída a própria casa, é criação cultural sujeita a mudanças históricas (ESCOLANO, 2001, p. 45).

A Figura 7 é um exemplo de como naquele período a construção escolar no bairro era destacada. Em fotografia de vista aérea, ela aparece como a maior construção do bairro no final da década de 1960. Já na Figura 8, pode-se notar a mudança na paisagem e a construção do viaduto Laudo Natel, outro símbolo do progresso valinhense.

A abordagem da relação entre instituição escolar e as práticas políticas e culturais, evidencia a complexidade e dinamismo ao qual o espaço foi submetido na concretização, realização e cumprimento dos objetivos educacionais e suas respectivas finalidades, apontando que,

as instituições educativas, construindo uma ação (in)formativa consequente e sistemática, geram apropriações que, refletindo as diferentes marcas e vias de subjetivação e de identidade individual, convergem numa homogeneização de olhares, visões de mundo, conceitos e axiologias, discursos e formas de representação, intelecção e ação (MAGALHÃES, 2004, p. 167).



Figura 7 - Fotografia aérea da Vila Santana de 1967.
O telhado claro é o da escola, símbolo de uma construção de destaque no bairro.
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado, Valinhos.



Figura 8 - Foto comparativa da Vila Santana em 2019.
Disponível em:< <https://www.google.com.br/maps/@-22.9639785,46.9930425,688m/data=!3m1!1e3>>.
Acesso em: 10 mai. 2019.
Fonte: acervo da pesquisadora.

Em reportagem do jornal *O Município*, retratando as mudanças e valorizando o progresso da cidade em relação aos anos anteriores, apresentada na Figura 9, que corresponde a capa do referido jornal em 1967, mostrando duas imagens da cidade, com a chamada sob o título: *Duas épocas 1930 – Valinhos é calma, tranquila, 1967 – Valinhos agita-se? É o progresso. E o progresso cresce com a cidade. Valinhos é PREFEITURA-ESCOLA. Duas eras.* É possível flagrar a relação na publicação da capa do jornal o trabalho com a temporalidade: um tempo de tranquilidade, de calma e o outro de agitação. Ressaltando nos títulos e legendas o vínculo entre a política e a educação, permitindo o entrecruzamento do ideal de instrução com a imprensa, valorizando o papel desta como formadora da opinião pública.



Figura 9 - Capa do jornal O Município, datado de 03 de setembro de 1967. Ano IX, nº 386. Diretor responsável: Marcos Norberto Missaglia.
Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Valinhos.

A Figura 10, do fundo e da lateral da escola datada de 1967, um ano após sua inauguração, período em que era GE, destinado apenas à escola primária, ainda sem muros, com uma cerca de arame entre os pilares claros (provavelmente brancos) que acompanham a linha do portão. A imagem dá visibilidade aos alunos, que estavam em dois grupos, um que aparece em primeiro plano ao ar livre e o outro embaixo da cobertura aguardando, talvez o toque do sinal de entrada ou saída do horário da aula. No agrupamento de pessoas percebe-se a presença de poucos adultos.

Também é possível observar que existia um calçamento, arbustos, um poste de energia de madeira, a rua era revestida por paralelepípedos e o fechamento ao redor da escola era feito apenas de mourões, arames e o portão. A fotografia apresenta que o uniforme era composto por saia para as meninas e bermuda para os meninos com a blusa branca.

A escola funcionava em três turnos nesta época, o uniforme escolar⁵³ era diferenciado em cada um deles. Segundo a ex-aluna Neide Maria da Silva, o uniforme da escola primária era saia xadrez cinza e branca e blusa branca com botões, em 1972 a escola passa a ter o ensino fundamental II, como conhecemos e denominamos hoje escolas que oferecem o ensino básico até o nono ano, a antiga oitava série. O uniforme dessa turma era saia cinza com cinto vermelho e blusa branca com botões, sapato colegial preto e meias três quartos brancas. Conforme a ex-aluna Alice, o uniforme para o período noturno era apenas um guarda pó branco, uma espécie de jaleco com o emblema da escola.

Para Katiene Nogueira da Silva, o período de expansão da escola pública paulista no final dos anos de 1960 conheceu novos personagens, de origem social e econômica mais humilde que a anterior. Tal origem se evidencia através do capital cultural e das roupas que as crianças e os jovens utilizavam.

Portanto, ao invés de democratizar o acesso à escola, a obrigatoriedade o uso dos uniformes pareceu promover a exclusão das crianças mais carentes. Mas não foi apenas exigência dos uniformes, foi também a exigência dos sapatos, do material escolar, do transporte e da alimentação. Desta forma, a obrigatoriedade de tal traje parece significar um empecilho ao acesso democrático à escola. Tentando apagar através das roupas as diferenças que estavam na origem social de cada um, os uniformes escolares acabaram constituindo mais uma barreira, desta vez material, além da barreira cultural e daquelas erguidas pelo preconceito e pela distinção social, que tornaram

⁵³ Sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). Cf. SILVA, K. 2006.

mais difícil a permanência dos pobres na escola pública (SILVA, K. 2006, p. 139).

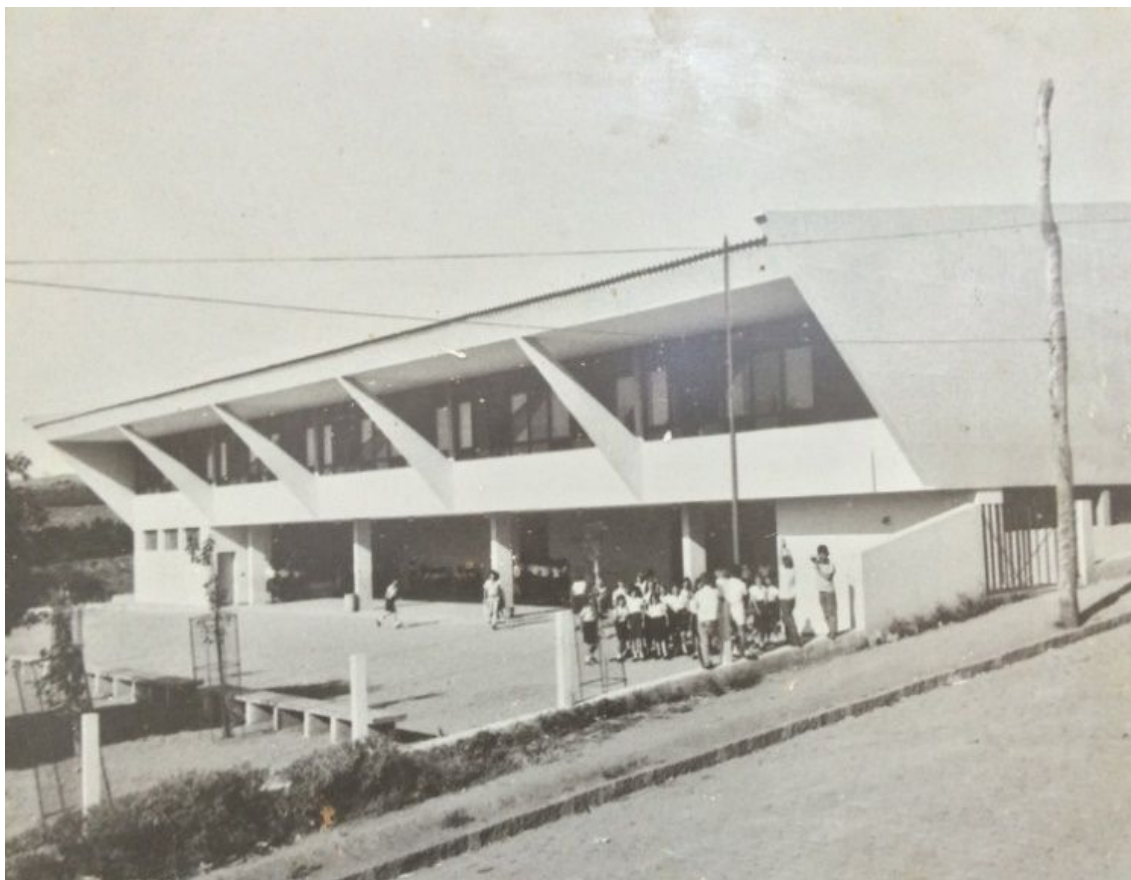


Figura 10 - Parte do fundo e da lateral do edifício do 2º Grupo Escolar de Valinhos, 1967.
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado.

Nas entrevistas houve algumas constatações de práticas excludentes como, por exemplo, ter o uniforme impecável, a obrigatoriedade da compra dos materiais didáticos e os exames de admissão. No entanto, os depoentes relataram que muitos deles trabalhavam no contra turno escolar para que pudessem conciliar a ajuda no orçamento doméstico com os estudos.

A Figura 10 evidencia a materialidade do prédio, a grande quantidade de janelas laterais no bloco superior, onde ficam as salas de aula e o pavimento inferior sob pilotis. As grandes janelas permitiam a circulação de ar e a entrada de luminosidade, também possibilitavam um maior contato entre o interior e exterior do prédio. A estrutura da escola ainda não contava com uma quadra poliesportiva que nos primeiros anos de funcionamento, as aulas de Educação Física eram dadas no campo do valinhense, onde atualmente é a rodoviária. No entorno da escola foram

plantadas arvores, como podemos notar uma espécie de proteção ao redor delas, para que em alguns horários do dia, proporcionariam sombra à sua área.

Outro aspecto que observei foi o fato da imprensa relatar acontecimentos, preocupações, cursos, formaturas, entrega de material, reuniões de APM, vários assuntos relativos a comunidade escolar, agregando valor positivo à imagem de políticos locais. São frequentes, nas páginas dos periódicos, essas referências, como podemos notar na reportagem sobre o recebimento de material escolar na zona rural.

“750 crianças receberam material escolar”

O Prefeito Luiz Bissoto acompanhado com o Dr. Hélio Itálico Schiavinatto e a Srta. Marilda Leone de França, respectivamente Diretor do Serviço de Educação Esportes e Promoção Social e Coordenadora do Ensino Municipal, percorreram os diversos bairros de Valinhos para fazerem a entrega de Material Escolar.

A entrega foi realizada nos dias 8 e 9 nas Escolas Isoladas do Município, beneficiando a 750 crianças da Escola Rural, sendo que foram “percorridas” 13 estabelecimentos de ensino, perfazendo o total de 27 classes, a saber:

- Fazenda Capivari (3 classes)
- Bairro Macuco (3 classes)
- Fazenda Joapiranga (1 classe)
- Fazenda São Bento (1 classe)
- Ponte Preta Country Club (4 classes)
- Bairro Santa Escolástica (3 classes)
- Fazenda Veneza (2 classes)
- Fazenda Eldorado (2 classes)
- Clube de Campo Valinhos (3 classes)
- Fazenda Fontoura (1 classe)
- Bairro Jurema (2 classes)
- Bairro Ortizes (2 classes)
- Bairro Ponte Alta (3 classes)

O objetivo da Administração Cidade-Campo, é possibilitar que fatores econômicos impeçam o tão combatido fenômeno da “explosão” escolar, fornecendo não só o material de “consuma” acima citado, como também Merenda, permitindo desta forma, que as condições “sócio-econômicas” da região interfiram na continuidade da escolaridade obrigatória.⁵⁴

Ainda em reportagem do jornal com o título *A Educação não esqueceu sequer os adultos*, em caderno especial, sobre os mil dias que mudaram Valinhos, aparecem uma espécie de senso escolar como propaganda de governo municipal atrelado aos governos estadual e federal. Podemos observar a quantidade de escola e salas de aulas isoladas que existia na cidade no início da década de 1970, como também a quantidade de alunos.

⁵⁴ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 13 a 19 de maio de 1972. Ano III, nº 206. Diretor responsável Carlos Alberto P. da Silva. As palavras que estão entre aspas apresentam a grafia e concordância erradas, mas foram deixadas como estava noticiada.

“A Educação não esqueceu sequer dos adultos”

Valinhos, pelo atendimento que se dá aos estudantes, em todos os graus, é conhecida como “município-Escola”. O Dr. Hélio Itálico Schiavinato é o diretor do serviço de Educação esportes e Promoção Social da Municipalidade, que juntamente com a administração Cidade-Campo conseguiu ampliar e modernizar esse importante setor.

Sendo o Setor de Educação um dos Setores prioritários dentro da atual administração, recebeu o incentivo e o apoio necessários em todos os aspectos – técnico, financeiro, material, moral – possibilitando desta forma uma significativa expansão de suas atividades que viriam de encontro aos objetivos propostos, como a erradicação ao analfabetismo; ampliação de prédios escolares possibilitando melhor atendimento à clientela estudantil do Município; ampliação da rede de Parques Infantis, tanto na zona urbana como na zona rural, preparando o pré-escolar para ingressar no ensino de 1.o Grau; integração e apoio às redes de Ensino Estadual e Particular, quer seja na adesão da atual Reforma do Ensino de 1.o e 2.o Graus, quer seja na suplementação de recursos humanos, materiais e financeiros quando estes se tornarem necessários; capacitação e aperfeiçoamento do nível técnico e científico dos professores e demais funcionários ligados a este Setor; incentivo ao Setor de Alimentação Escolar visando a boa nutrição das crianças, no seu desenvolvimento integral, físico e intelectual; criação de uma Classe Especial para o ensino de crianças excepcionais, integrando-as na sociedade através de um processo educativo adequado às suas condições; e finalmente, acima de tudo, envolver a comunidade em todas as atividades do setor educacional, através de uma participação ativa, concretizando, enfim, o trinômio ideal: FAMÍLIA – ESCOLA – COMUNIDADE.

(...)

Bairro Jurema

Bairro Ortizes

Em 1972, além da alfabetização Funcional assinou-se também com o MOBRAL, convênio para Educação Integrada, o qual possibilita no período de um ano a conclusão do antigo primário. Para o desenvolvimento deste programa foi ministrado um curso de Treinamento às Professoras. Neste ano, além dos Cursos existentes no ano de 1971 foram criados mais os seguintes Postos:

Vila Bom Retiro (mais um posto ficando com um total de 3)

Fazenda Joapiranga

Salão Paroquial São Sebastião

Bairro Ponte Alta

Mais 10 postos na zona urbana para atender aos funcionários do Riges S. A.

Desta forma estamos atualmente com 31 Postos, sendo 17 na zona urbana e 14 na zona rural, num total de 850 alunos.

Antes de 1970 – 3 classes.....106 alunos

1970 – 9 classes.....202 alunos

1971 – 17 classes.....530 alunos

1972 – 31 classes.....850 alunos⁵⁵

É importante mencionar as instituições escolares têm desempenhado uma função social de seleção, classificação, eliminação. Da mesma maneira que, na década de 1960 representava um importante fator de ascensão social, conforme os autores Lima e Silva Junior (2016, p. 3):

⁵⁵ Reportagem do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 28 de outubro de 1972. Ano III, nº 230. p. 4.

Nos anos 60, a educação era, sobretudo, considerada um instrumento de mobilidade social. Neste quadro, além das funções de socialização e de formação, a educação deveria dar "status" aos indivíduos. A educação representava, para o indivíduo, a possibilidade de ascensão na hierarquia de prestígio que caracterizava a estrutura piramidal da sociedade e, para a sociedade, uma maior abertura do sistema de estratificação social.

Na observação de elementos históricos revelados sob a ótica do homem sobre a cidade relacionados a educação, podemos identificar as variadas relações socioculturais, as quais não estão explícitas em sua totalidade nos discursos e narrativas, como também os silêncios e as reinvenções da cultura local.

Conforme Aranha relata, somos seres históricos e as memórias, as lembranças do passado, nossas ações, tanto individuais como coletivas são mutáveis e produtores de cultura.

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva.

É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos. Cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudança. Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que realiza, mas adquire sentido pelo passado (vivido) e pelo futuro desejado. Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente (ARANHA, 2006, p. 6).

Levando em conta o avanço de estudos e pesquisas que a história da escola como instituição de ensino promoveu em relação as fontes para investigação histórica, Magalhães (2004) nos alerta para complexidade desta malha de relações e Escolano (1998) para o discurso instituído que,

(...) nem o espaço, nem o tempo escolares são dimensões neutras do ensino, simples esquemas formais ou estruturas vazias da educação. Ao contrário, afirma que operam como uma espécie de discurso que institui, em sua materialidade, um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos (ESCOLANO apud FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 20).

Entende-se, neste sentido, que não existe neutralidade e que a história tradicional entra em conflito com a nova história, que passa a se interessar pelas atividades humanas e considerar que tudo tem uma história, ou seja, "tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado" (BURKE, 2005, p.11).

Ainda na perspectiva de evidenciar a complexidade visto que passam a simbolizar uma identidade como uma construção cultural.

O que era previamente considerado imutável e agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. O relativismo cultural aqui implícito merece ser enfatizado. A base filosófica da nova história e a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída (BURKE, 2005, p. 11).

O jornal como ferramenta de pesquisa na interface entre a escola e a educação

O processo de planejamento, convênio com o estado, confecção das plantas arquitetônicas, leis, atos e decretos foram feitos pelas autoridades da cidade de Valinhos e do estado de São Paulo para que em 26 de agosto de 1966 a escola fosse inaugurada. Na busca por informações sobre o fato, entrei em contato com Antônio Boscolo do jornal *Correio Popular* de Campinas, do Grupo RAC de Comunicação, mas não havia muitas informações de Valinhos que por um tempo considerável foi distrito de Campinas, principalmente no que diz respeito a educação. Mesmo que o Segundo Grupo Escolar pertencesse a Diretoria de Ensino de Campinas, as notícias do referido jornal eram outras.

No que diz respeito a cidade de Valinhos, não havia nenhuma reportagem ou nota relatando a inauguração da escola. Mas com atenção especial, a inauguração do hospital da cidade foi retratada em manchete, com o anúncio de várias autoridades de Campinas e região, na mesma sexta-feira em que a escola foi inaugurada.

Na ocasião das inaugurações, o jornal *Correio Popular* presta homenagem ao primeiro hospital de Valinhos, com a reportagem intitulada *Com cerimônias altamente festivas inaugura-se hoje a Santa Casa de Valinhos*. Esse momento histórico é assim retratado:

Contanto com a presença do governador Laudo Natel e do Secretário da Saúde Mauro Machado de Lemos, além de outras pessoas gradas e autoridades, como o ex-governador do Estado Carvalho Pinto e o candidato a governança sr. Abreu Sodré, inaugurar-se-á hoje, às 14,30 horas, a Santa Casa de Misericórdia de Valinhos.

Para benção das novas instalações estará presente s. Revma. D. Paulo de Tarso Campos, arcebispo metropolitano de Campinas. Pela manhã, na Igreja Matriz da vizinha cidade, o revmo. Pe Benedito Luiz Pessoto, vigário da paróquia, rezeará missa em ação de graças pelo notável acontecimento. Dando maior brilho a festividade, comparecerá a banda musical Bo BP, sediado em Campinas e, como cerimonia complementar, servir-se-á um

coquetel oferecido por três firmas da Capital, fornecedoras de material hospitalar,⁵⁶

Algumas questões colocam-se para ser investigada: Como a educação era vista neste período? Por que não houve menção da inauguração da escola no referido jornal, mesmo posteriormente? Para quais grupos sociais a escola foi criada?

Aproximando-nos dessas questões, voltei-me para a história local, procurando informações relativas a educação. Na Biblioteca Municipal de Valinhos encontrei duas páginas datilografadas contendo o histórico da criação da escola e a biografia do professor José Leme do Prado⁵⁷. Na Associação de Preservação Histórica de Valinhos (APHV) atuante na área de preservação da história, memória e identidade da cidade, tem em seu acervo um conteúdo muito rico de fotografias da cidade do século XX. No jornal *Folha de Valinhos* encontrei o maior número de informações sobre a educação.

Os jornais são ferramentas importantes na investigação de um determinado tempo e contexto social, carregando em suas páginas indícios de práticas e modos de pensar relevantes. Taborda e Oscar (2014, p. 173) argumentam:

Não são quaisquer práticas que ocupam suas páginas, mas práticas selecionadas para serem registradas e compartilhadas. Isso nos pede um olhar atento aos modos de produção dos jornais nos quais buscamos registros que podem se constituir como fontes. Assim, há que atentar-se para o (...) processo de editoração, composição, relações com o mercado e com os centros de poder, a distribuição e circulação, as diferentes seções que os compõem, além dos seus usos possíveis, autorizados e não controlados, por parte dos leitores, entre outros.

O jornal *Folha de Valinhos* retrata como a educação era vista por parte de um determinado seguimento social da cidade, apesar da atenção política ser parte importante e haver muitas propagandas de candidatos nos períodos eleitorais, as escolas, principalmente na década de 1970, faziam papel de “marketing de governo municipal”. É o caso, por exemplo, da reportagem intitulada *Tire alguém da escuridão ajude a alfabetizar*, que traria a luz para ao problema do analfabetismo com o movimento brasileiro de alfabetização - Mobral⁵⁸. Essa modalidade de ensino foi criada em 1967, na ditadura militar para pessoas acima da idade convencional escolar

⁵⁶ Jornal *Correio Popular*, datado de 26 de agosto de 1966.

⁵⁷ Folha 122b nº 15 e 122b nº 16. Biblioteca Municipal de Valinhos.

⁵⁸ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), projeto do governo brasileiro criado pelo regime militar que provê a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos. Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968. Cf. JANNUZZI, 1979.

permanecendo ativo até os anos 1980 e com o ensino básico para as crianças, fazendo alusão a uma espécie de garantia de sucesso no futuro.

“TIRE ALGUÉM DA ESCURIDÃO: ajude a alfabetizar”

Pense um pouquinho nos outros. Você, que pode ler esta mensagem, talvez nunca tenha pensado em quanto é triste a vida de um analfabeto. Viver à margem das coisas, desconhecendo o que dizem os livros, os jornais, ignorando a ciência e a própria vida. O analfabeto é como um cego que tem olhos mas não vê. Que tem mãos mas não escreve.

Agora chegou a vez de Valinhos acabar com a praga do analfabetismo. E você pode auxiliar seu semelhante a mudar de vida. Tire alguém da escuridão. Colabore com o nosso Mobral. Encaminhe um analfabeto aos postos de ensino da Prefeitura. Oriente-o. O importante é a sua participação. Prefeitura Municipal de Valinhos – Administração Cidade-Campo.⁵⁹

A informação acima mostra a maneira de como as práticas culturais e educacionais da cidade geralmente incluíam parte de seus moradores, após a metade do século XX, o campo educacional era visto como uma oportunidade que surgia para pessoas que pretendiam uma certa ascensão social. Nota-se, portanto, a identificação desse tipo de papel social, como tarefa importante reconhecia pela imprensa.

No jornal *Folha de Valinhos* os acontecimentos do interior das escolas eram valorizados; o periódico acompanhava o desempenho escolar prestigiando o aluno símbolo, relatava as cerimônias escolares e destacava os avanços da educação com a construção de novas escolas ou reformas nos estabelecimentos.

No referido jornal aparecem reportagens como:

“Escolas para o povo”

Na recente Conferência Nacional de Educação realizada no Rio foi feito por diversos participantes um relato amargo e impressionante sobre o problema educacional do Brasil, que apesar de ser o maior país da América do Sul, ocupa um vergonhoso e desprimoroso 13º lugar em alfabetização, o que significa, em última análise, verdadeira calamidade pública (...).

A notícia desse Congresso nos chega justamente na ocasião em que o prefeito municipal de Valinhos, Vicente José Marchiori, determina providências no sentido de ser construída no município mais uma escola primária, desta feita beneficiando o chamado “bairro das olarias” às margens da estrada de Vinhedo, onde reside numerosas famílias de trabalhadores. É mais um esforço do nosso prefeito visando erradicar o analfabetismo e mais um exemplo como se administra bem um município, dando caráter prioritário aos problemas da educação, criando uma verdadeira rede de escolas, bem instaladas cujos alunos do aprendizado pedagógico, recebem a merenda escolar, assistência médica-dentária, existindo para este último fim, um veículo apropriado, que diariamente percorre toda a zona rural. (...) trilhando

⁵⁹ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 24 de novembro de 1973. Ano V. Diretor responsável: A. Portela Torres. nº 287.

os caminhos do progresso e da ascensão cultural e economia (NOGUEIRA, 1969).⁶⁰

Diante do exposto sobre a realidade educacional brasileira e da necessidade de solução, a reportagem apresenta discursos políticos, formulados no contexto da reforma do Estado e das mudanças dos princípios administrativos e pedagógicos, como também as contradições no campo da educação local no sentido em que o chefe do executivo municipal, “dando caráter prioritário aos problemas da educação” silencia os problemas sociais.

“Pedagogia em novembro”

O setor de Educação, da Prefeitura Municipal, em comum acordo com a Delegacia do Ensino Elementar, promoverá no período de 3 a 8 de novembro entrante, o Curso de Atualização Pedagógica, congregando professores primários de Valinhos e Vinhedo.

O prefeito Vicente José Marchiori foi convidado para abrir oficialmente o ciclo de aulas, que se destina a atualizar pedagogicamente os professores que lecionam em grupos escolares e unidades educativas do SESI. Ao que se indica, o curso será desenvolvido no Grupo Escolar “José Leme do Prado”.⁶¹

Os projetos de formação continuada para professores, também são abordados pelas reportagens do jornal local, principalmente as que colocavam os prefeitos municipais como grandes chefes do executivo da cidade, com poderes de acabar com os problemas educacionais pelas propostas e pelos projetos de políticas públicas. Em algumas edições, o sucesso do governo era marcado pelo progresso da cidade, como nos é revelado nos títulos,

“Prefeito cuida de problemas da educação”

Visando à solução de uma série de problemas relacionados ao setor educacional, o prefeito Arildo Antunes dos Santos, acompanhado do dr. Hélio Itálico Schiavinatto – Diretor do Serviço de Educação, Esportes e Promoção Social da municipalidade, esteve visitando nesta última quarta-feira, o prof. Luiz Gonzaga Diniz – Delegado de Ensino Secundário e Normal de Campinas.

Ao encontro, que foi realizado da Delegacia de Ensino, o chefe do Executivo Valinhense expôs problemas do campo educacional de Valinhos, principalmente no tocante à criação de classes para alunos maiores de 14 anos nas 5.ª séries. Ainda nessa reunião, o prefeito Arildo Antunes dos Santos informou ao professor Luiz Gonzaga que a firma encarregada para reforma do prédio do Colégio Estadual “prof. Cyro de Barros Rezende” já está efetuando os primeiros reparos, iniciando com a retirada das telhas, que

⁶⁰ Reportagem do jornalista Bráulio Mendes Nogueira para o jornal *Folha de Valinhos*, 05 de julho de 1969.

⁶¹ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 18 de outubro de 1969. Ano II, nº 75.

foram consideradas pelos técnicos como a principal causadoras das rachaduras.⁶²

“Prefeito construirá novas escolas”

Dando mais uma vez mostras de sua capacidade realizadora e justificando seu “slogan” de o prefeito das escolas, o chefe do executivo, sr. Vicente José Marchiori, determinou a construção da escola no bairro da Olaria, cuja as obras deverão iniciar-se por estes dias. Com um projeto moderno a escola irá beneficiar as crianças daquele populoso bairro da cidade que até agora tinha que se deslocar para outros bairros a fim de poderem assistir as aulas. Paralelamente a esse melhoramento o serviço da merenda escolar também será criado na nova escola dentro da filosofia de que não basta dar escolar as crianças se estas não estiverem bem alimentadas, em condições de aprender (...).⁶³

“Prefeitura-escola é o compromisso de Valinhos”

(...) é o prefeito das Escolas. As crianças comprovaram e são testemunhas de seu trabalho para construir mais salas de aulas, fornecer mais refeições escolares, proporcionar diversões sadias, natais inesquecíveis. Semana da Criança realmente educativas. No encerramento da Semana da Criança deste ano, esse foi o melhor espetáculo no estádio municipal. O prefeito Vicente José Marchiori abraçado e aplaudido por milhares de crianças. Elas o compreendem, porque são puras e entendem a pureza do coração desse homem público. Honesto e leal, corajoso, capaz de perder uma amizade a deixar de realizar um governo à altura de Valinhos. Ele pode ser odiado por seus adversários, mas sua compensação é ter o amor das crianças de sua terra.⁶⁴

As entregas de materiais escolares são focalizadas nas reportagens do jornal, comentários de natureza política agregado a educação são bastante frequentes ao longo da primeira década de existência do jornal *Folha de Valinhos*, mas sempre rápidos, superficiais, enaltecendo a disposição do executivo Municipal, obedecendo ao modelo de uma visão dita moderna de imprensa que assim se explicita:

“Prefeito visita escolas e entrega material didático à alunos”

A educação sempre recebeu e sempre recebera um cuidado especial por parte de desta administração. Desde a gestão do ex-prefeito Luiz Bissoto. Valinhos teve um desenvolvimento acentuado neste setor incentivando de todas as formas a cultura do povo de nossa terra. Durante o nosso governo estamos dando continuidade através de novas construções ampliado a merenda escolar, cedendo material didático, etc.⁶⁵

“Material escolar deixou de ser problema para estudante pobre.

⁶² Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 9 de novembro de 1973. Ano V. Diretor responsável: A. Portela Torres. nº 285.

⁶³ Idem, datado de 8 de novembro de 1969. Ano II, nº 78.

⁶⁴ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 25 de outubro de 1969. Ano II, nº 76.

⁶⁵ Jornal *Folha de Valinhos*, datado 13 de abril de 1974. Ano V. nº 307.

A Prefeitura dá”

Dando prosseguimento ao trabalho de amparo às crianças menos favorecidas do município de Valinhos, e que frequentam os estabelecimentos de ensino primário, o Setor de Educação da Municipalidade procedeu a entrega no último dia 24, de grande quantidade de material escolar, dando aos alunos a possibilidade de um aprendizado ainda melhor.

A entrega foi feita nos seguintes estabelecimentos: - Grupo Escolar Prof. José Leme do Prado; Centro Educacional Sesi nº 102 e Centro Educacional Sesi nº 299.⁶⁶

Poucas edições apontam os nomes dos alunos como sujeitos participativos da escola, porém a reportagem abaixo sobre o concurso Sesquicentenário traz indícios importantes do número de salas de quinta série no ano de 1972. Nesse período havia quinze salas de aula na E.E Prof. José Leme do Prado, elas eram separadas por letras, desde a quinta série A até a quinta série O, no decorrer dos anos isso diminuiu, pois em 1975, apenas alunos de duas oitavas séries tiveram o ensino básico concluído e, por conseguinte, a formatura. Confirmei esta informação com as relatadas em entrevista da ex-aluna Neuza Rampazio Maiorini,⁶⁷ que disse haver neste período 15 salas de aulas que atendia a demanda de quinta série.

“Grupo Escolar “José Leme do Prado” realizou concurso sobre Sesquicentenário”

Realizou-se dia 23 de agosto no Gesc. “Prof. José Leme do Prado”, um concurso de frases e slogans em comemoração ao sesquicentenário envolvendo cerca de 700 alunos daquele estabelecimento de ensino (...) conclusão:

1º) A independência do Brasil nas mãos de todos nós. Aluno: Carlos Caetano de Moraes – 5.a J

2º) Pedro: teu grito imortal concretizou nosso ideal de paz, amor e liberdade. Aluno: Durval José Marchiori – 5.a E

3º) 1822, a semente foi plantada; 1972, a árvore está frondosa. Aluna: Luciana Maria dos Santos – 5.a A

4º) Brasil, depois de sua Independência, mais Brasil. Aluno: Nivaldo Farci – 5.a O

5º) 100 milhões de habitantes; 150 anos de liberdade – Brasil, um futuro mundo novo nos trópicos. Aluna: Faustina de Godoi – 5.a O

6º) O brado de D. Pedro I proclamando a Independência, foi o toque de despertar do gigante adormecido. Aluna: Angela Sestini – 5.a A

7.a) Independência! Marco fundamental do Brasil de hoje, progressista, dinâmico país do futuro. Aluna Maria Inês Verone – 5.a A

8º) O Brasil é desconhecido só para aqueles que não querem ver o que ele tem. Aluna: Tânia de Fátima Trento – 5.a H

9º) Ontem: Brasil Império, servidão e escravidão. Hoje Brasil República, liberdade e progresso, a 150 anos Brasil caminha para frente. Aluna: Luzia Rodrigues Barnelli – 5.a L

⁶⁶ Jornal *Folha de Valinhos*, datado 1 a 8 de maio de 1970. Ano III. Diretor responsável: Dr. Alcides L. Acosta.

⁶⁷ Neusa Rampazio Maiorini em entrevista concedida em 11 de outubro de 2018.

10º) Hoje Independência é a Transamazônica, cortada pelo meio pela Belém-Brasília; onde, uma cruz orienta-nos para o progresso, Aluno: Nelson Lopes Júnior – 5.a E

Os premiados receberão medalhas e diplomas de participação e suas frases serão colocadas no Stand do Gesc. “Prof. José Leme do Prado”, na praça Washington Luís. ⁶⁸

Outras informações foram encontradas na coleção de monografias, de nº 414 do IBGE, no qual, estudos feitos na década de 1960, referentes ao município de Valinhos, apontam para dados da escolarização. Da análise desses dados, resulta elementos importantes para compreensão da instrução pública que:

Com base nos dados do Censo Escolar de 1964, pode-se afirmar que 71,5% das crianças em idade escolar, de 7 a 14 anos, frequentam escolas, subindo a 78,3% nas áreas urbana e suburbana e descendo a 63,2% na zona rural. Para o conjunto do Estado o índice era de 73,6% (FUNDAÇÃO IBGE, 1968, p. 12).

O ensino era marcado pela presença feminina urbana, dos 70 professores, todos normalistas, 69 eram do sexo feminino e apenas 18 trabalhavam na zona rural.

O ensino primário comum, em 1966, contava com 21 estabelecimentos, 78 professores e 3.292 alunos matriculados no início do ano letivo.

Em 1966 o ensino médio era ministrado pelo Ginásio Estadual “Prof. Ciro Rezende” e pela Escola Técnica de Comércio. Havia nesses estabelecimentos 2 unidades de ensino secundário, com 36 professores e 714 alunos matriculados no início do ano letivo e 1 unidade do comercial, com 11 professores e 97 alunos matriculados (FUNDAÇÃO IBGE, 1968, p. 13).

Escrever história é elaborar um passado, é produzir uma narrativa no presente de algo possível de ser (re) visitado, (re) conhecido, a partir de determinadas questões. Esse é um desafio que eleger fontes documentais escritas, atentando-se ao discurso e a sua fabricação, como pontua Certeau (1998), pois nenhuma produção é neutra, mas necessita de significados.

A complexa relação em definir “a história como o estudo do homem no tempo foi, portanto, um passo decisivo para a expansão dos domínios historiográficos” (BARROS, 2006, p. 462). Rompendo com a ideia que a história só deveria preocupar-se com o passado. Para o autor, além dessa definição, “deve incluir ainda uma outra coordenada para além do “homem” e do “tempo” que é o “espaço” enquanto geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente

⁶⁸ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 26 de agosto de 1972. Ano III, nº 221. Diretor responsável: Aparecido Portela Torres.

constituir-se-á em espaço social” (BARROS, 2006). Nesse sentido, a história expandia-se no campo das Ciências Humanas, confirmada por uma considerável e progressiva variedade de novos objetos e subespecialidades.

A aproximação com Marc Bloch (2001) no estudo do ser humano enquanto ser social, na realidade são as ações e transformações, mudanças ou permanências humanas que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo. Portanto o que os homens fizeram, fabricaram, produziram, se torna objeto de estudo e pesquisa histórica, considerando o contexto social condicionado e interligado a outros campos, como por exemplo, a filosofia, a arte, a sociologia, a antropologia, entre outros.

Nesse sentido, o processo de narrativas encontra-se imbricado ao descrever contextos, ao analisar a lógica de pensar e agir, ao (des)encadear eventos e ao explicar significados. Para Beatriz Sarlo, esses sujeitos relativamente não contemplados em outros modos de narração do passado, demandam de novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações.

As “visões de passado” (segundo a fórmula de Benveniste) são construções. Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimento da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado se suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, de personagens de relação entre suas ações (...) (SARLO, 2007, p. 12).

Na escola, no bairro ou na cidade podemos “identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais” (CHARTIER, 2002, p. 56).

Esse reordenamento ideológico e conceitual do passado e seus personagens coincide com a renovação temática e metodológica que os estudos culturais realizaram sobre o presente.

Sarlo, referindo-se a obra de Richard Hoggart, afirma o modo pioneiro abordado em seu livro *The uses of literacy*, sobre o reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e seus personagens que se concentra nos direitos da verdade da subjetividade entre os anos 1960-1970, observando uma

guinada subjetiva.⁶⁹ E tem como resposta a restauração da confiança do narrador (aquele que narra a vida), para conservar a lembrança ou reparar a identidade “talvez” machucada.

Mais uma vez, o sujeito e a experiência reaparecem, e devem ser analisados juntamente seus atributos e pretensões, sendo que existe algum sentido em reviver a experiência ou o sentido está em apenas compreendê-la.

Nesta construção narrativa e na busca de mais informações com pessoas relacionadas com a escola ex-funcionários, ex-professores e ex-alunos, consegui entrar em contato com Francisco Antônio de Brito⁷⁰, professor da referida instituição. Apesar de no presente momento ele morar no Sul do país, conseguimos marcar uma entrevista no hall do hotel Ipanema nas vésperas do natal de 2018.

Questionado sobre o período em que foi professor na instituição, trouxe como disparador de lembranças o convite de formatura da primeira turma de formandos com os nomes das pessoas que participaram tanto do evento quanto da trajetória do ciclo. Esse documento que se tornou muito importante na relação com a pesquisa.

O professor Francisco, foi paraninfo da oitava série A, em 1976, no convite estão todos os nomes de quem participou do evento que fecha o primeiro ciclo escolar dos formandos, desde as autoridades municipais, diretores, funcionários, professores e alunos. Chartier (2002) ressalta que a junção entre as informações e valores faz com que as representações sociais se constituam numa força unificadora e produtora dos indivíduos a um sistema de valores, de práticas discursivas, intervindo nos processos de interiorização e, muitas vezes, levando-os a uma ação comum.

É possível identificar alguns indícios nas Figuras 11, 12 e 13, que além de representarem um disparador para algumas memórias, histórias de vidas e narrativas, podemos focalizar a cultura local produtora de reinvenções, silêncios e saberes, norteadores dos significados da ação do grupo. É claro, também a existência de algumas contradições, como por exemplo, a escola pública e laica teve sua missa de formatura na principal igreja católica da cidade, a igreja de São Sebastião, como retratado no ANEXO (T). Os patronos eram as autoridades da cidade e não as autoridades escolares, como gestores e professores, podemos observar os nomes do prefeito Arildo Antunes dos Santos e do vice-prefeito Amélio Borin. Nessa época,

⁶⁹ Cf. SARLO, 2007.

⁷⁰ Entrevista concedida em 22/12/2018.

podemos notar a presença de dentistas que atendiam nas salas que estavam adaptadas nas escolas, bem como de funcionários, mãos silenciosas, ainda pouco retratados em estudos acadêmicos.

Os nomes dos professores foram disparadores de memórias e lembranças para o professor Francisco em relação aos colegas de profissão. Contou-me sobre o falecimento do prof. Edgar e do prof. Homero que era assistente de direção. Lembrou-se da profa. Norma Sandra de Almeida, que trabalhou como professora na Faculdade de Educação da Unicamp. E da profa. Maria Inês dos Reis Andrade D'avilla que mora na cidade de Vinhedo.

O prof. também se lembrou dos alunos, referindo-se a oradora das duas turmas Vera Regina Ohnuma, dizendo que ela era uma aluna exemplar, muito inteligente e comprometida com os assuntos escolares. Do aluno Eudes como um aluno muito inteligente e do aluno Reginaldo que o surpreendeu estudando a matéria que seria dada no segundo semestre nas férias de julho.

As Figuras 12 e 13, com os nomes dos formandos de 1975, serviram de base comparativa com a lista de nomes datilografada do acervo da escola, podendo evidenciar quem eram os alunos do período da manhã e da noite.

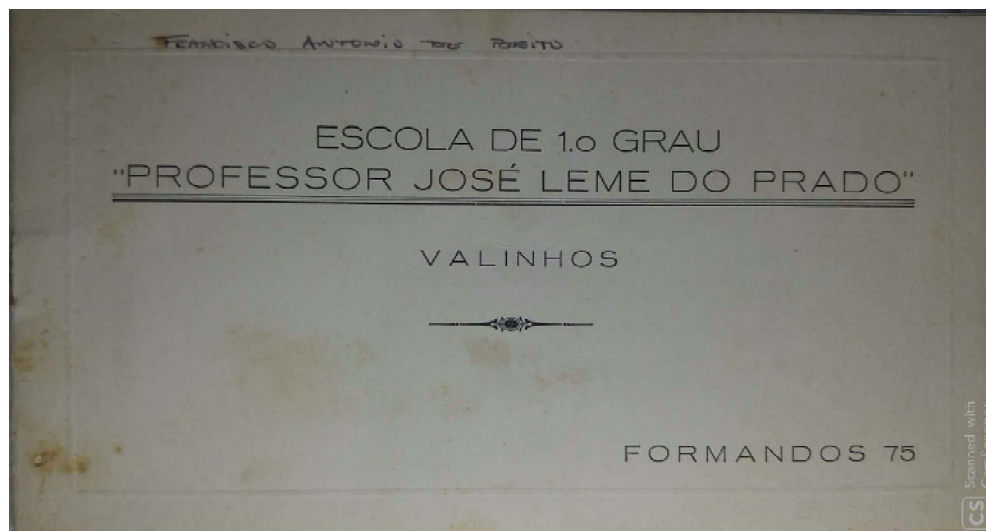


Figura 11 - Capa do convite de formatura de 1975. E.E.P.G. Prof. José Leme do Prado, Valinhos (SP).
Fonte: acervo da pesquisadora.

Formandos:		
8.a Série A Diurna		
ADILSON DAMÁSIO	NELSON PALMEIRA	ELIANA DE CASTRO
CARLOS ALBERTO PRESTES	PAULO VALADARES R. DOS SANTOS	LUCIANA MARIA DOS SANTOS
DOARTINO ZAFFALON	REGINALDO GUTRARDELLO	MÁRCIA LIZA DE CASTRO
EDMILSON VALDÉCIO PINTON	REINALDO CAMILO NASCIMENTO	MÁRCIA LOURENÇATO
EUEDES MOCHIUTTI	SILVIO JOSÉ FAVARO	MARNES APARECIDA MORASI
JOSÉ CAMILO ROVERE	VITOR MAZONI SPARRAPAN	ROSÂNGELA MANALLI
JOSÉ CARLOS STOPIGLIA	ALMIRA DAMÁSIO	ROSINEI COLETTI
JOSÉ MATEUS GARCIA	CARMEN INES FERRETTI	ROSINES MARTINI
LUIZ ALBERTO DE MATTOS	CARMEN SILVIA RIZZIERI LUGLI	SONIA REGINA PINTO SOARES
MARCOS VITOR ROMANINI PINTO	CLAURICE DE LOURDES BARBOSA	VÂNIA REGINA PERSONENI
NELSON JOÃO BISSOTTO	CLAUDETE MARIA CÔCO	VERA LUCIA MARQUES
		VERA REGINA OHNUMA

Figura 12 - Formandos da 8ª série A.
Fonte: acervo da pesquisadora.

Formandos:	
8.a Série B Noturno	
ALFREDO JOÃO RIBEIRO	CLEUSA APARECIDA RIBEIRO
ANÉSIO FERNANDO MILANEZE	DENIZE PAGNOTTA
ANTONIO ERCILIO BROMBAL	EMILIANA MARGARIDA DE SOUZA
JULIO CESAR DERTINATI	ILZE APARECIDA CASACIO
LUCIMAR FERREIRA GOMES	LILIAN BARRETO
MÁRIO SÉRGIO FARCI	LOURDES CARDOSO LONA
MÁRIO SÉRGIO MAZINI	MARIA DO CARMO SANTOS
NIVALDO FARCI	MARIA JUDITH MOSCATINI
SEBASTIÃO SPEZI	MASACO FUJISHIMA
SIDNEY RICARDO CAPPOVILLA	NEIDE CHIAGAS CORRÊA
VALDIR COSTA	NEIDE MARIA DA SILVA
ADELINA REGINA BORTOLOTTI	NEUSA RAMPAZIO
APARECIDA V. VENDEMIATTO	ROSA MARIA BORTOLOTTI
Oradora: VERA REGINA OHNUMA	

Figura 13 - Formandos da 8ª série B.
Fonte: acervo da pesquisadora.

Nesse cenário, as figuras acima instauram algumas observações, lembranças e sentimentos, para além daquelas de quem estaria afeito ao cotidiano escolar e urbano. Segundo Seixas, a memória é também construção do real e o tempo é retomado, ou seja, reencontrado no sentido de começar novamente, imbricados a movimentos que incorporem descontinuidades, aproximações e distanciamentos.

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros), mais do que recuperando-os ou descrevendo como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” – a memória, valendo-se das faculdades da imaginação, recria o real. Nesse sentido, é a própria realidade que se (trans)forma na (e pela) memória (SEIXAS, 2002, p. 59-60).

2.2 DITADURA E REFORMAS EDUCACIONAIS

A Lei nº 5.692/71, que trata da reforma da educação primária e secundária de Ensino de 1º e 2º graus, criada por um grupo de trabalho instituído pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, que tinha por objetivo adequar o ensino ao momento político instaurado pelo Golpe de 1964, e às necessidades sociais e econômicas que o governo militar se empenhava em atender. Segundo Martins (2014), devem ser analisadas à luz do processo reformista, que instalaram políticas educativas de forma autoritária, e representaram a criação de uma nova ordem educativa,

Os estudantes, os órgãos relativos à educação e até mesmo o cotidiano no ensino escolar receberam atenção ampla do governo militar. Atenção que abarca as duas formas de agir dos militares: a repressão, vinculada aos movimentos e às manifestações estudantis, e o disciplinamento, associado à reforma da educação básica, com a reformulação curricular do ensino e a criação de disciplinas da área das humanidades que propõem a moralização dos costumes e a uma nova ordem interpretativa para a realidade nacional (MARTINS, 2014, p. 42).

Na esfera municipal, passando pela Lei da Reforma Universitária de 1968, pelo decreto de regulamentação dessa lei de 1971 em que houve a unificação do antigo primário com o antigo ginásio, criando o curso de 1º grau de oito anos e instituiu a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, visando atender à formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

A unificação de primário e ginásio ajudou a ampliar o acesso ao ensino ao eliminar o exame de admissão, “democratizando” a escolaridade obrigatória. Como relatado pelo ex-aluno Alfredo João Ribeiro, que após a extinção do exame de admissão voltou a estudar para concluir a formação básica.

Eu repeti o terceiro ano no Alves Aranha, aí eu fui para o Leme do Prado, porque eu morava na Vila Santana, e eu acho que a escola era recém-inaugurada e o ginásio começou a funcionar mais tarde que o Grupo Escolar acho que em 1972, ah...

Fiz o terceiro ano novamente e quarto ano, a minha formação de Grupo Escolar foi lá, mas eu fiquei um período afastado da escola, como nasci em 1957 e me formei no grupo escolar com 11 anos, acho que em 1968.

Se sabe porque, depois que eu me formei no grupo escolar eu fiquei um tempo parado, justamente porque tinha admissão e eu como era meio preguiçoso, principalmente em matemática, não é que eu não conseguia entrar, eu achava um “saco” e fazia aula particular com a Maria Inês Sparrapam (que já trabalhou na prefeitura), para prestar admissão e poder entrar no ginásio, mas teve um ano que acabou, que não teve mais admissão, aí eu entrei e fiz os quatro anos de ginásio, eu me formei (grupo escolar no primário) bem antes em 1968 ou 1969, mas teve este período que eu fiquei parado. Porque eu entrei na primeira turma do ginásio que foi em 1972.⁷¹

Para algumas pessoas da cidade de Valinhos, o fim do exame de admissão já era esperado e poderia representar a superação dos problemas educacionais do passado, além de gerar novas condições para a educação pública que se apresentavam como necessárias. O jornal *Folha de Valinhos* também focalizou o exame de admissão explicitando que,

**“Alunos de Valinhos garantiram vagas no curso ginasial em 70 –
Uma Barbada”**

Os professores baseados nos exames dos últimos anos esperavam um exame não muito difícil, mas os deste ano foram como diz o diretor do colégio, prof. Mario Pires, “facílimos” (...).

Há questão de alguns anos para cá, os exames de admissão ao ginásio vêm se tornando cada vez mais fáceis. Os entendidos classificam o deste ano uma barbada. Nota-se a preocupação das autoridades em garantir a todos os alunos que terminam o curso primário entrada livre para o ginasial. Por enquanto, a solução encontrada foi facilitar cada vez mais os exames para admissão. Breve será instalado o curso integral, ou seja, o primeiro ciclo realizado EM OITO ANOS. Desta maneira ficaria eliminado mais este entrave à cultura e que a muito tempo deveria ter deixado de existir.⁷²

A concepção de cultura mobilizada neste período configurada pela ditadura militar preocupou-se com criação de estratégias de alcance nacional e que, por sua vez chegaria ao alcance regional, à repressão ordenada, acrescida do aprimoramento de consciências ao poder instituído. “As estratégias foram realizadas com planos de formação docente, criação de propostas curriculares, definição de conteúdo mínimos nacionais e propostas editoriais para o setor educativo que seguiram pautas ministeriais oficiais” (MARTINS, 2014, p. 40-41).

⁷¹ Alfredo João Ribeiro em entrevista concedida em 28 de janeiro de 2019.

⁷² Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 20 de dezembro de 1969. Ano II, nº 84.

Para a autora, a motivação primordial era a ordem nacional e afirma que, nos discursos dos presidentes militares, sempre se deu mais atenção ao caos e à desordem do que à inflação ou à estagnação econômica.

Entretanto, isto não é sinal de falta de projeto, mas o seu contrário. Como o imaginário militar, tão centrado na ordem, considerava que esta era um pré-requisito para o crescimento econômico e defendia que assegurava as bases para o conceito de segurança nacional, instaurar a ordem social e dirimir o “caos” era assunto prioritário. A ordem era elemento importante do binômio doutrinário das políticas pós-1964: desenvolvimento e segurança (MARTINS, 2014, p. 41).

Em relação a obrigatoriedade da disciplina Educação Moral e Cívica nas escolas, Martins (2014, p. 43) pontua que:

correspondem ainda os Pareceres do Conselho Federal de Educação nº 853/71, que “Fixa o núcleo comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus, definindo-lhes os objetivos e a amplitude” e o Parecer 94/71 “Currículos e Programas de Educação Moral e Cívica”, que explicita ainda mais o que deveria ser a implementação do Decreto Lei nº 869/69 – “Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e modalidades do sistema de ensino no país e dá outras providências”. Nesse conjunto de documentos, vê-se claramente a criação dos Estudos Sociais como matéria de ensino, a criação da Educação Moral e Cívica (EMC) como práticas educativas e, posteriormente, disciplina escolar, e uma grande reestruturação dos modelos curriculares e dos objetivos para os conhecimentos escolares que deveriam ser ensinados na escola básica.

O periódico permite vislumbrar as concepções de educação escolar e de trabalho presentes na visão dos editores, no fim da década de 1960, quando em reportagem, o jornal *Folha de Valinhos* faz referência sobre a “nova” disciplina, apresentando orientações de como seriam ministradas as aulas e como os professores deveriam proceder, seguindo a legislação da reforma curricular.

“Disciplinas Moral e Cívica”

De acôrdo com a circular dirigida aos delegados de ensino de todo o Estado pela Chefia do Ensino Primário, serão ministradas, no segundo semestre, nos grupos escolares e escolas isoladas estaduais e municipais situadas no município de Valinhos, noções sobre educação moral e cívica. Os alunos diariamente, prestarão homenagem ao Brasil, formulando orações que expressem sentimentos cívicos. Ao início das aulas, uma frase sugestiva, de sentido patriótico, será escrita no quadro negro, onde permanecerá por todo o dia letivo. Aos sábados, no início de cada período escolar, haverá o hasteamento da bandeira. Os alunos cantarão o hino nacional.

De acôrdo com as instruções baixadas, os professôres farão preleções sobre os grandes vultos da história do Brasil.⁷³

⁷³ Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 12 de julho de 1969. Ano II, nº 60.

Os temas dos trabalhos dos alunos da quinta série citado anteriormente em que o jornal *Folha de Valinhos*, datado de 26 de agosto de 1972 focaliza o empenho na reconfiguração da ordem social local, inspirada nas premissas da época relativas na crença dos valores do progresso e do desenvolvimento. Jornais, revistas, escolas fizeram parte deste esforço na ditadura militar, que se perpetuou como prestígio aos estudantes patriotas que amavam sua nação, em detrimento dos acontecimentos acobertados pelo regime.

No contexto da ditadura militar a educação nacional era gerida na ordem disciplinadora, mas sem deixar de ser elitizada. Pode-se afirmar que as políticas públicas proporcionaram inúmeras transformações sociais e educacionais, segundo Ferreira e Bittar (2008) que citam as Leis nº 5.540/68 e nº 5.692/71, desenvolvidas e formuladas por intelectuais favoráveis ao regime ditatorial. “Foram reformas educacionais que estavam inseridas num contexto histórico de transição de uma sociedade agrária para uma sociedade urbano-industrial, cujas transformações societárias se desenrolavam desde 1930” (FERREIRA; BITTAR, 2008, p. 336).

Este projeto, com caráter autoritário, se configura na necessidade da elite em ter mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, na realidade de uma população em transformação dentro do sistema capitalista de sobrevivência, o que torna evidente a relação entre a lógica política, econômica e educacional.

(...) o projeto “Brasil, país do futuro”, assentado no processo de modernização autoritária das relações capitalistas de produção, repercutiu, em decorrência das demandas científicas e tecnológicas que a sociedade urbano-industrial exigia, tanto no âmbito da reforma universitária de 1968 quanto na reforma da educação básica que instituiu o sistema nacional de 1º e 2º graus, em 1971. A cronologia dos acontecimentos é reveladora da lógica economicista que presidia os objetivos propugnados pelos governos dos generais-presidentes: primeiramente, os planejamentos econômicos, nos quais estavam estabelecidas as diretrizes que vinculavam organicamente economia e educação, e depois a materialização dessas diretivas no âmbito das reformas educacionais (FERREIRA; BITTAR, 2008, p. 340).

Na relação com o ensino do antigo curso secundário, que se apresentava como clássico, científico ou normal, em ensino de 2º grau, nivelando todos os cursos, e possibilitando aos concluintes, acesso ao vestibular para a entrada na universidade, vemos um movimento democrático e classificatório, já que a oportunidade de entrada era para “todos” que atingissem a nota e as vagas limitadas, haja visto que seu

objetivo e preocupação era de atender à formação de mão-de-obra trabalhadora, a universidade não era para as camadas populares uma realidade.

Através de seus dispositivos e do crescimento do capitalismo, o regime militar deste período no campo educacional segue a lógica de interesses de ordem econômica.

O *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, nos termos do artigo 201, do Decreto nº 17.698/47⁷⁴, de 1966 na página 21, atribui ao Segundo Grupo Escolar, o segundo estágio em Valinhos, que passou a funcionar oficialmente com dez classes, mediante a transferência de oito classes do grupo escolar “Antônio Alves Aranha” de igual estágio no mesmo município, sendo duas presentemente vagas e seis regidas por professoras primária. Na prática começa a funcionar após a publicação do Ato com as atividades de escola primária em 1966.

Em janeiro de 1969 a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Professor José Leme do Prado pela Lei de nº 10.369. Sofreu outra alteração de nomenclatura com o fim dos Grupos Escolares e, também, passou a atender o ensino fundamental de 1º grau de oito anos já em 1972 segundo relato da ex-aluna Neide Maria da Silva.

Morei com tios em São Paulo de 1968 a 1970, quando no meio deste ano cursando a 3ª série primária, voltei a morar com meus pais e fui transferida para o grupo escolar Prof. José Leme do Prado. Como morávamos no bairro São Cristóvão em Valinhos o percurso para chegar até a escola era de mais ou menos 3km. Em 1972 com a mudança da lei a escola passou a oferecer o ensino ginasial, que conclui em 1975. Meu nível de escolaridade é o ensino médio completo. Na época não era prioridade ter uma escolaridade muito além da alfabetização, para os de classe baixa, o importante era entrar para o mercado de trabalho e contribuir com a renda familiar. Para os de classe mais elevada significava alcançar status social, mais do que preparar para o desenvolvimento pessoal e obtenção de conhecimentos.⁷⁵

No campo educacional, mesmo com a expansão do ensino paulista, mantinha-se um discurso de cunho profissionalizante, tecnicista associado a uma perspectiva política conservadora e militarista, pois esperava-se por um crescimento econômico e industrial, com trabalhadores especializados. Portanto, como exemplo

⁷⁴ Decreto 17.698/47, publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* em 26/08/1966, página 21. Disponível em:

<https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1966%2fexecutivo%2fagosto%2f26%2fpag_0021_0J6C8TFRO5KS0e5E9MUNGS5GB9V.pdf&pagina=21&data=26/08/1966&caderno=Executivo&paginaordenacao=100021>. Acesso em: 19 out. 2018.

⁷⁵ Neide Maria da Silva ex-aluna da E.E. Prof. José Leme do Prado em entrevista concedida em 17/09/2018.

da história recente do Brasil, temos nos anos 70, a imposição da Lei nº 5.692/71, cujo mote era a “formação profissional”.

Desenvolvido primeiramente nos Estados Unidos, o Tecnicismo foi introduzido no Brasil como modelo ideal para suprir a necessidade de trabalhadores qualificados para indústria, cujo objetivo principal era preparar “indivíduos competentes para o mercado de trabalho por meio da transmissão de informação de maneira rápida, eficiente, objetiva e precisa.” Diante desse novo modelo, o aluno era visto “como depositário de conhecimentos que deveriam ser acumulados na mente por meio de associações” (MATUI, 1998).

Essa linha teórica ganha plena força durante o governo militar, justamente por seu potencial formador e estratégico de controle, que tentava impor um padrão de pensamento nos alunos, educando-os para o trabalho e para a vida como “bons cidadãos”, “cientes” de suas obrigações para com a sociedade (FOUCAULT, 2000).

A ex-aluna Sônia Regina Pinto Soares relata em sua entrevista o reforço do “doutrinação” e da “docilidade” dos alunos.

O poder do disciplinamento e civismo. A palavra do professor era inquestionável. Ele disse...era verdade, essa máxima era seguida em qualquer momento. Quanto as comemorações cívicas tínhamos todas e aprendíamos o valor da pátria (ditadura, lembra?), sem falar que tínhamos aula de Educação Moral e Cívica (EMC) e depois passamos a ter aula de Organização Social e Política do Brasil (OSPB).⁷⁶

Assim, alunos e professores passam então pela submissão do sistema, quase não existe abertura para o protagonismo e a criatividade, o espaço para a autonomia estava prejudicado.

2.3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR: HISTÓRIAS EM IMAGENS FOTOGRÁFICAS COMO FORMA DE OLHAR PARA ESCOLA PÚBLICA E SEUS DESAFIOS

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo (...). O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural cultural, político, material, e assim por diante (...). Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais (...). No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os

⁷⁶ Sônia Regina Pinto Soares ex-aluna da E.E. Prof. José Leme do Prado em entrevista concedida em 19 de julho de 2018.

produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir (BURKE, 2004, p 236-238).

Segundo Burke (2004), o significado das imagens é ampliado pelo contexto que está inserido. Assim, dentro da proposta teórico-metodológica da história cultural se faz necessário perceber os limites, os desafios e as possibilidades de uso dessa fonte. As imagens são representações e tornam-se testemunhas de uma época e documento histórico quando revela valores, costumes, sentimentos de um certo período.

A utilização das imagens, principalmente da fotografia na área da educação, permite a leitura dos indícios, pois “toda fotografia é um resíduo do passado” (KOSSOY, 2001, p. 45). Um artefato que serve de fonte histórica para historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos de “diferentes vertentes de investigação, disso resultando uma retroalimentação contínua de informações, na medida que consideramos a interdisciplinaridade das abordagens” (KOSSOY, 2007, p. 35).

Conforme Samain (2012, p. 161), as imagens se apresentam como:

Memórias que, de novo, trabalham, que reacendem velhas lembranças e outras imagens e, com elas, sobretudo, interrogam nosso tempo presente. São questões e questionamentos postos ante o nosso dia-a-dia planetário. Elas são uma espécie de clarão na noite, um grito, um apelo, ao mesmo tempo recordação e convocação para aqueles que somos e para outros que nunca chegaremos a conhecer. Memórias que não morrem, que viajam, inquietas.

O uso das imagens como fonte histórica

Segundo Almeida (2012, p. 78), as imagens transportam significados e devem ser analisadas em diferentes aspectos, como também em diferentes suportes, como por exemplo, a análise em suas dimensões estruturais (foto, jornal, pintura, quadro, desenho...), em suas dimensões artísticas (forma, cores, edições, enquadramento...) e em suas dimensões ideológicas (o que significa, que pensamento carrega, que política expressa).

Algumas fotografias analisadas neste trabalho mostram como os ex-alunos da E.E. Prof. José Leme do Prado se portavam diante da máquina fotográfica. Considerando também o período em que foram reproduzidas e a dificuldade de adquiri-las por serem consideradas de alto custo para as famílias.

Conforme argumenta Kossoy (2001), toda fotografia teve sua origem a partir do desejo de alguém motivado a congelar em imagem a realidade de um determinado lugar e época, por isso a ela é resultante da ação do homem e carrega uma história.

Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios (...). Em primeiro lugar houve uma *intenção* para que ela existisse; (...) o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (p. 45).



Figura 14 - Alunos da 5ª série do ensino fundamental de 8 anos da E.E.P.G. Prof. José Leme do Prado, 1972.

Fonte: acervo pessoal de Reginaldo Guirardello, formando de 1975.



Figura 15 - Emblema do uniforme.

Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado, Valinhos.

Na Figura 14, podemos reconhecer as dimensões que Almeida (2012) se refere: a estrutural, em se tratando da fotografia, as dimensões artísticas como o enquadramento privilegiando a frontalidade, os alunos posicionados em fileiras, sendo que a primeira fila de alunos sentados aparece dividida quase pela metade de meninas de um lado e meninos de outro. Os alunos das duas fileiras atrás estão em pé para que todos coubessem na foto. Todos estão com o corpo voltado para frente e o olhar para o fotógrafo, a simetria da composição é assegurada pelo número de alunos das fileiras. A foto foi reproduzida em branco e preto, no pátio da escola, em frente do palco do teatro.

Por fim as dimensões ideológicas, que se configuram na importância de estar matriculado em uma instituição escolar, no uso obrigatório do uniforme com a camisa de gola branca e bolso costurado, onde se estampava o emblema da escola conforme a Figura 15. Prática comum do período, em relação aos uniformes escolares, a representação do contorno do mapa do estado de São Paulo quase sempre fazia parte dos emblemas das instituições públicas. Calças para os meninos e saias para as meninas, sapatos escuros, percebendo a possibilidade de exclusão para alunos de baixa renda. Chamando a atenção, também, para a pouca quantidade de alunos negros.

Outro aspecto a ser observado no que diz respeito ao uniforme escolar, apesar da imagem não ser colorida, segundo depoimentos das ex-alunas, Neide Maria da Silva e Sônia Regina Pinto Soares, os uniformes para alunos da quinta a oitava

séries eram calças cinzas para os meninos e saias cinzas para as meninas com cinto vermelho, camisas brancas com botões e bolso colorido, o emblema se vendia separado para possivelmente as próprias mães costurarem.

Apesar de estarem alinhados e uniformizados, o comportamento não é militarizado, percebe-se os sorrisos de alguns, que pareciam estarem à vontade, e que podiam ter um relacionamento de amizade com quem estava arrumando a pose.

Segundo Souza (2001), temos que ter também outras preocupações ao utilizarmos fotografias escolares na pesquisa histórica, em seu trabalho, traz alguns questionamentos e considerações sobre a leitura de imagens na escola primária.

Ao utilizá-las como mais uma fonte de pesquisa, não foram desconsiderados as dificuldades da análise de fotografias e o seu uso na pesquisa histórica. Quando a vida escolar torna-se tema do olhar fotográfico? Quando e por que se fotografam cenas escolares? Quem conserva essas imagens e por que o fazem? O que nos revelam essas imagens? (SOUZA, 2001, p. 77).

Para Didi-Huberman (2015), conhecer por imagens é aproximar-se delas, da sua singularidade, complexidade, especificidade e representação, é um conjunto de relações de tempos dos quais decorre o presente, no qual os acontecimentos tornam-se memória.

Na medida em que se articula ao contexto histórico e social que o produziu, e a análise deve buscar elementos narrativos que poderiam ser sistematizados na questão: “o que diz a imagem e como diz? ”

Tudo isto, claro está, não quer dizer que bastaria percorrer um álbum de fotografias da época para compreender a história que elas eventualmente documentaram. As noções de memória, de montagem e de dialética estão lá para indicar que as imagens não são nem imediatas, nem fáceis de compreender. Aleias, elas nem sequer estão no <presente>, como frequentemente e espontaneamente se pensa... são capazes de tornar relações entre tempos mais complexos que implicam a memória na história (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 301-302).

Na sua concepção, a imagem é muito mais que um simples recorte praticado no mundo, é uma marca do tempo que ela quis tocar e vários tempos enquanto arde na memória. E as suas relações de representação do passado possam ser olhadas, interpretadas e questionadas no presente para que a história e a memória sejam ouvidas e interrogadas nas imagens.

No entanto, os homens guardam pouco tempo no seu cotidiano para conhecer ou rememorar o vivido; deveriam fazê-lo não por motivos nostálgicos, mas pelo que aporta a construção da própria identidade. O

tempo da rememoração se esvai no ritmo da vida contemporânea em que se consome muito e retém pouco do efetivamente significativo. Lembrar é uma forma de reconhecer-se. Na memória está a nossa raiz e ela é bem mais que os registros dos acontecimentos pessoais: há uma memória coletiva, outra institucional, além da que consideramos particular (YUNES, 2002, p. 27-28).

Para Bergson (1979), a memória é consciência, que se produz na relação sujeito-objeto, mas não é uma relação à distância, ela é intrínseca, de correspondência e troca. A produção de memória como consciência aproxima o sujeito que rememora daquilo que ele está rememorando, portanto, há um entrecruzamento entre a visão de hoje com a visão do passado, do lugar e visões de mundo. Refere-se a uma intuição, que toma a pessoa por inteiro, inclusive seu próprio corpo e por isso, trata-se também, de uma percepção.

Embora cada indivíduo produza suas lembranças, o trabalho com a memória coletiva está assentado no que é comum ao grupo, ou seja, como o próprio grupo as interpreta, de modo que, para Le Goff (1990, p. 427),

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Para Galzerani (2008b), a memória-palco é o lugar, e necessita de lugares simbólicos para materializar-se. Assim, ao considerar esta dimensão própria da memória, também problematiza a noção de lugares de memória de Nora como historicizada, em que é possível apenas ser atualizada pelas luzes da história.

A memória é o meio, o palco onde os sujeitos produzem saberes, concebido sempre em movimento, com potencialidades de ressignificação dos conceitos de história e educação, buscando outras alternativas.

Se conceber a memória como meio, como palco das práticas relativas à temporalidade, ela deverá envolver todos os sujeitos que participam, direta e indiretamente, neste caso, da comunidade escolar. Portanto, pressupõe uma amálgama de diferentes saberes, de diferentes dimensões, situados em diferentes vivências ou experiências vividas. Pressupõe, ao mesmo tempo, interações entre diferentes temporalidades, diferentes espaços, diferentes sujeitos (GALZERANI, 2008b, p. 233).

Dialogando com Benjamin (1987, p. 37), percebemos que sua contribuição nos desperta para o recordar, o rememorar é um trabalho que parte do presente, no

qual o principal não é o que se viveu, o passado, mas o tecer de suas recordações, que é feito no presente.

Para o autor, a memória não significa apenas acontecimentos e lembranças, mas sim experiência, afetividade, sensibilidade, subjetividade, esquecimento, entrecruzamento de sujeitos e experiências vividas.

Conceito que também diferencia é o de experiência e vivência. Para ele, a experiência significa correspondência e troca, enquanto vivência é a empatia. O ato de rememorar possibilita que dimensões pessoais que foram perdidas com o avanço do mundo moderno e capitalista sejam recuperadas na relação temporal entre passado, presente e futuro. Sendo assim, percebe-se que "memória constitui uma viagem no tempo, até as impressões "matinais" da pessoa humana, com direito à ida e à volta" (GALZERANI, 2004, p. 293).

Os trabalhos de Benjamin dão base para desenvolvermos uma reflexão sobre as possibilidades de uma nova narrativa que faça do discurso histórico a via pela qual se pode ter acesso à memória de experiências perdidas, dando assim lugar a vozes mantidas aquém da historiografia oficial, junto aos sujeitos. Isto significa recolher os cacos de existências esquecidas, travando uma luta em nome do trabalho de rememoração.

Ter em mente que a memória é um despertar consciente no viver do presente e nos leva a ter um compromisso com o presente, no sentido da alteração das relações sociais existentes. Questiona as práticas hierarquizadoras modernas a fim de tentar mostrar que a produção do conhecimento histórico tem relação com a memória como um despertar (GALZERANI, 2008b, p. 230).

A contribuição de Benjamin é fundamental, pois integra a possibilidade de encontrar os sujeitos à serem diferentes, singulares e não perderem de vista a alteridade, a comunicação, a interação e a abertura da palavra e dos sentidos. Ele se reporta ao passado e acredita no diálogo com experiência do passado como forma de construção de alternativas no presente e no futuro.

O conceito benjaminiano de narrativa que aparece em vários textos, se reporta a uma prática onde a palavra estava aberta, há uma primeira colocação sempre ligada ao vivido que circulava no grupo mais amplo e não se restringia aquele grupo no sentido de produção de uma única verdade. Era algo, portanto em aberto, juntamente a comunicação de diferentes vozes e a relação com o vivido fazendo parte da narrativa.

Considerando o efeito da narrativa ou esforço narrativo no qual o sujeito se percebe como produtor de conhecimento na relação direta com a sua vida na contemporaneidade, ou seja, o assumir-se como indivíduo na relação com os outros.

Nessa concepção, escrever sobre outra época a partir de experiências contemporâneas é um desafio no qual deve-se levar em consideração outras vozes que ecoam e dialogam com a nossa própria voz. O importante é deixar as palavras em aberto, para não concluir, mostrar que a produção do conhecimento é ilimitada. Sempre com novas possibilidades, enquanto assumirmos esta narrativa, essa incompletude de incorporar vozes, para nos percebermos criativos e atuantes socialmente (GALZERANI, 2008b, p. 235).

A historiadora Maria do Carmo Martins (2006) também assinala a importância da história social como modelo narrativo para estudos do passado. Para a autora,

(...) história social nas formas narrativas de seus textos. Frequentemente, são artigos que partem de um tempo presente, de fatos e dados do presente, para iniciar uma retrospectiva ao passado que não termina lá, mas que se volta ao presente e aos problemas recentes, questionando sobre heranças, tradições, mudanças e, dessa forma, cumprindo o compromisso do historiador com sua época (MARTINS, 2006, p. 91).

Os autores destacam a capacidade das imagens não apenas de registrar o passado e o contexto social, mas de criar uma memória própria, em que o espectador, o produtor e o meio move acontecimentos e problemáticas, portanto o trabalho historiográfico de análise deve estar atento as representações e subjetividades.

Ao se deparar com os muitos desafios em relação as fontes de pesquisa para a história da escola, uma instituição híbrida (social, cultural, política, econômica, educacional, familiar) que abarca múltiplas relações no campo da história da educação, é necessário perceber as implicações geradas a partir da “problematização da relação das instituições educativas com o meio sociocultural envolvente e pelos questionamentos e (re)construção das representações simbólicas das práticas educativas que marcam a sua identidade” (MAGALHÃES apud SOUZA, 2001, p. 76).

Afinal, o que é a escola? A escola é uma instituição sociocultural formada por grupos que vivenciam códigos e sistemas num processo, que é ao mesmo tempo produto e instrumento cultural, segundo a perspectiva de Faria Filho (2005, p. 33). Bem como em seu percurso histórico, a escola como totalidade a ser construída, sistematicamente concebe sua identidade.

Vários autores têm contribuído nesta perspectiva para discutir a cultura escolar no campo da história da educação, entre eles, Antonio Viñao Frago (1995, 2005), Dominique Julia (2001), Bernard Lahire, Daniel Thin, Guy Vincent (2001), André Chervel (1990), Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho (2003), Luciano Mendes de Faria Filho (2005), Rosa Fatima de Souza (1998, 2001, 2008). A grande repercussão foi que essa formação de identidade que lhe é própria se constitui com bases em outros campos.

As fontes utilizadas neste âmbito estão em movimento constante, portanto um campo em construção em que documentos vem sendo revisitados e fontes têm sido buscadas, como jornais, entrevistas, lista de alunos, fotografias e outros, que se constituem em pistas que podem permitir que sejam produzidos novos olhares da e sobre a escola. Além disso, deve-se levar em consideração os agentes que são chamados a obedecer, como também a aplicar, buscando identificar modos de pensar e agir difundidos no interior da sociedade.

Para Magalhães (2004), essas representações estão enraizadas na sociedade como uma tradição e solidificados por uma cultura linear, mas que devido a sua complexidade sempre em movimento, aberto a uma inovação, mesmo que,

(...) a pedagogia profundamente cativas do seu passado (enraizado nas memórias e representações pessoais comunitárias e societárias e numa acumulação de tradição e de práticas), sedimentadas por uma cultura histórica linear, uma história da educação aberta à interdisciplinaridade, problematizante, fomentada por questões atuais e por uma conceitualização renovada no âmbito da educação, em toda a sua complexidade, desenvolvida numa lógica probabilística, recursiva no que se refere à construção do presente-passado e aos jogos de futuro possíveis, fazendo apelo a um amplo cruzamento de fontes e de olhares, representa uma contribuição fundamental para inovação educacional (MAGALHÃES, 2004, p. 69-70).

Estabelecendo diálogo com Magalhães, que nos apresenta os fenômenos educativos como materialidade, representação e apropriação, conceitos que constituem categorias operacionais à historiografia da educação (MAGALHÃES, 2004, p. 96).



Figura 16 - Parte frontal da E.E. Prof. José Leme do Prado, [ca. 1980].
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado.

A Figura 16 traz a imagem da parte frontal da escola, com o portão que dá acesso à secretaria, aos andares de baixo e ao pátio, muitas vezes, utilizado para entrada e saída de alunos. A fotografia retrata a fachada com as grandes janelas de folhas deslizantes que permitem uma abertura ampla, esse formato segundo alguns arquitetos,⁷⁷ é ideal para construções onde se deseja luminosidade. A rua atualmente é de mão única, os muros foram construídos posteriormente, pois o fechamento, inicialmente era apenas com mourões de concreto e tela de arame.

⁷⁷ O governo Carvalho Pinto, em 1960, criou o FECE e o IPESP que contrataram arquitetos como João Batista Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e João Clodomiro de Abreu, arquitetos modernistas paulistas, ligados ao racionalismo construtivo. Nesse pensamento os edifícios relacionavam-se diretamente com o entorno urbano, e com o pátio interno aberto como uma praça de encontro e lazer, tendo ao redor planos elevados com salas de aula e salas administrativas. Grandes espaços livres cobertos, apoiados sobre “pilotis”, esses edifícios distinguiam-se pela forma geométrica simples de concreto aparente. Cf. BUFFA; PINTO, 2002.



Figura 17 - Parte frontal, mais especificamente na rua São Paulo, alunos e professores na calçada da E.E. Prof. José Leme do Prado, maio de 1975.
Fonte: acervo pessoal de Marcos Vitor Romanini Pinto.

A Figura 17 retrata alunos e professores num momento de descontração em frente à escola, o então aluno Marcos Vitor Romanini Pinto de blusa vermelha em primeiro plano concedeu-me uma reprodução da foto. O personagem de barba era o professor Francisco de Ciências, conhecido como Chicão e o senhor da esquerda em pé usando óculos era o professor Edgar Rizzo que lecionava as disciplinas de Matemática e Teatro.

Os primeiros alunos da escola que tiveram sua formatura, missa e colação de grau em 19 fevereiro de 1976, encerrando pela primeira vez o ciclo de conclusão de curso de oito anos, a partir desta data trilharam seus caminhos. Um conjunto de fotografias foram encontradas em 2015, quando a escola estava em vias de fechar pelo governo estadual, neste montante havia três fotos específicas da formatura.



Figura 18 - Cerimônia de colação de grau dia 19 de fevereiro de 1976.
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado.

Essas imagens foram disparadores de memórias para os ex-alunos dos quais consegui contato e entrevistas. Segundo a ex-aluna Neide Maria da Silva, na Figura 18 o prof. Edgar Mário Rizzo, que foi paraninfo da oitava série B, estava em pé fazendo algum pronunciamento. Da esquerda para a direita estava em pé como mestre de cerimônia o prof. Claudio José Lopes; sentados estavam Vitório Antoniazzi, Amelio Borin, prof. Miguel do Prado, prof. Francisco Antônio de Brito, Antônio Castro e Waldemar Pinto Soares. A entrevistada não se lembra da mulher.

Ainda sobre essa imagem, outro fato importante relatado pela ex-aluna Sônia Regina Pinto Soares foi que seu pai, o personagem de terno claro, era então o presidente da Associação de Pais e Mestres (APM) da escola, na ocasião da sua formatura, e que a mulher provavelmente era uma professora, mas que não se recordava de seu nome. Recorri ao prof. Francisco Antônio de Brito, que me relatou que seu nome é Maria Helena Novaes Rodriguez, profa. de Língua Portuguesa.

Esta cerimônia de colação de grau aconteceu no cinema da cidade, conhecido como cine Saturno, que funcionava nesse período para diversas apresentações e cerimônias. O interessante é que nesse acervo da escola não havia nenhuma imagem dos formandos, apenas de autoridades, como a do vice-prefeito e dos vereadores da cidade, professores e gestores.



Figura 19 - Cerimônia de colação de grau dia 19 de fevereiro de 1976. O vice-prefeito Amélio Borin, representou o prefeito Arildo Antunes do Santos na ocasião (1973-1976).
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado.

Na Figura 19, o vice-prefeito Amélio Borin está em pé ao microfone, fazendo um pronunciamento, provavelmente de congratulações. Sentados estavam o prof. Miguel do Prado, à sua esquerda, o vereador Vitório Humberto Antoniazzi a sua direita. Percebemos que os usos das fotografias permitem conhecer ou levantar hipóteses sobre como as relações sociais são construídas, mas também agem como “testemunhas de etapas passadas do desenvolvimento do espírito humano”, objetos que “através dos quais é possível ler as estruturas de pensamento e representação de uma determinada época” (BURCKHARDT apud BURKE, 2004, p. 13).



Figura 20 - Cerimônia de colação de grau dia 19 de fevereiro de 1976.
Fonte: acervo da E.E. Prof. José Leme do Prado.

A Figura 20 apresenta os mesmos personagens, por outro ângulo dando visibilidade aos convidados que compunham a mesa de honra da sessão solene de formatura. “O encontro da prática com a experiência se apoia nas formas simbólicas da cultura e nas produções materiais dos sujeitos (...), que produzem memória na forma de álbum etc” (MAUAD; LOPES, 1997, p. 279). Nesse sentido, pode-se deduzir que o acervo da escola tem a prerrogativa de preservar e evocar uma dada memória, mas também de passar valores representados em figuras célebres e acontecimentos passados.

Essas imagens servem de elementos constitutivos da narrativa histórica em relação a rememoração como disparadores da memória, suporte e meio de conhecimento. Por esse motivo, os “registros visuais que gravam micro aspectos dos cenários, personagens e fatos; daí sua força documental e expressiva, elementos de fixação da memória histórica individual e coletiva” (KOSSOY, 2007, p. 35). Portanto,

para a reconstrução histórica “constituem valiosa contribuição para recuperação das informações, pela força documental” (KOSSOY, 2007, p. 41).

Ao pesquisar a história de uma instituição escolar, é primordial respeitar as especificidades, as singularidades e as complexidades, que cada uma possui. O estudo não pode ser realizado de modo superficial, mas devem ser analisados os caminhos, projetos e lembranças possíveis que fazem parte e contam a história de sua identidade. Conforme Magalhães,

(...) historiar uma instituição é compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural do contexto (MAGALHÃES, 2004, p. 58).

Nesse sentido, ao estudar a história das instituições educativas, Magalhães aponta para duas fases,

Marco teórico inicial, numa primeira fase, de natureza serial, e segunda fase, biográficos, de diferenciação, aprofundamento e seguimento, sob a modalidade de histórias de vida, podendo ainda recuperar-se, na base de representação e da apropriação, os escritos, os percursos profissionais, grupais e indenitários, os testemunhos diretos e indiretos, produzidos intra e extra instituição (MAGALHÃES, 2004, p. 159).

E ao apresentar a aplicação de categorias operacionais, permite esboçar o seguinte esquema: a materialidade, a representação e a apropriação, reorganizando os desafios infringidos ao cotidiano desse espaço no transcorrer dos anos, através das fontes encontradas.

Em relação a materialidade, Magalhães (2004) nos esclarece que se enquadram em tal categoria as condições materiais, espaços como a estrutura e arquitetura, modo de produção e realidade em desenvolvimento processual e regulamentos, objetos e funções meios e suportes históricos.

Na relação com a representação, na qual se enquadra a informação, o autor supracitado explica o dimensionamento das categorias de análise como a memória, contendo os arquivos e artefatos, mas também os agentes, fatores, percursos profissionais e condicionantes.

Já com a apropriação, na qual se enquadra a identidade e a diferenciação, públicos, objetivos, avaliação, projeção e histórias de vida. Surgiram, então, uma série de questões que ultrapassam os muros da escola, dentre elas o fato da escola ter sido

construída para os trabalhadores da classe operária. Questiona-se: A escola pública, laica e para todos cumpria essa função na década de 1960 e 1970? O exame de admissão era classificatório e excludente até 1971? As crianças tinham o direito à educação e a frequentar a escola sem uniforme? Festas cívicas e religiosas aconteciam com frequência? Todos participavam desses eventos?

Esses questionamentos vinculam-se a aspectos relacionados às políticas educacionais, à memória individual e coletiva, ao cenário urbano-industrial da cidade e às relações de poder. Sendo que,

A história da escola não é necessariamente a história do melhor dos mundos, nem de uma instituição uniforme no tempo e no espaço. Desenvolveu-se, desde os aspectos morfológicos, funcionais e organizacionais até os aspectos curriculares, pedagógicos e vivenciais, numa complexa malha de relações intra e extramuros, cuja evolução se apresenta profundamente marcada pela sua inscrição nas conjunturas históricas locais (MAGALHÃES, 2004, p. 124).

Dessa forma, abordar a história da escola, implica em múltiplos fatores e apresentam considerações em relação aos personagens que são importantes para o trabalho de reconstituição histórica da instituição escolar. Portanto, é necessário levar em consideração, também, as ausências, sendo que a escola é um produto de trabalho em conjunto, que envolve muitas pessoas, inclusive as que atuaram anonimamente.

CAPÍTULO 3



Fotografias de uma gincana da escola, década de 1970. Fonte: acervo da escola.

3. MEMÓRIAS DOS EX-ALUNOS: NARRATIVAS, TRAJETÓRIAS E SINGULARIDADES

Nesta pesquisa busquei informações sobre as experiências dos sujeitos no período em que estavam na escola, no que tange à compreensão de quais sentidos eles atribuíam a esse espaço, como também que traços foram deixados pela instituição ao longo de suas vidas. Entendendo que cada sujeito compõe uma história única e singular, mesmo fazendo parte de um grupo similar quanto ao lugar formal da escolaridade. Por outro lado, há aspectos compartilhados, lembranças que fazem parte de várias narrativas, evidenciando algo vivido coletivamente.

Ao focalizar a memória como elemento para compreensão das particularidades e singularidades que os compõem, elegendo a entrevista como instrumento de coleta de dados.

A utilização da história oral justifica-se pela abordagem metodológica e “compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos” (ALBERTI, 2000, p. 1). Consiste, para Freitas (2006), em um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista para colher relatos, entre outros procedimentos articulados, no registro dessas narrativas. Também é fonte, por meio das quais se produz conhecimento “para compreensão do passado” (ALBERTI, 2000).

À vista disso, neste capítulo apresento os caminhos percorridos até a definição metodológica e suas etapas, que abrangem o contato inicial, a conversa, a gravação e a transcrição. Assim sendo, optei em primeiro lugar por esclarecer algumas das potencialidades e limites que envolvem o trabalho com a história oral. Em seguida, indico quais foram os procedimentos utilizados para a escolha e aproximação dos sujeitos e os instrumentos atribuídos no trabalho de campo, no qual foram desenvolvidas as condições para os encontros e entrevistas semiestruturadas. A posteriori, descrevo como se deu a passagem do depoimento oral para a forma escrita, pois segundo Alberti (2013, p. 132) “a transcrição é uma das etapas mais importantes”.

3.1 DEFINIÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu (...). Esta aproximação crítica ao testemunho oral

consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais. Daí a importância de se estabelecer uma relação dialética entre os diversos tipos de fontes (GARRIDO, 1993, p. 39).

O autor pontua que a utilização das fontes orais requer o mesmo tipo de análise crítica que outros documentos exigem, para tanto a combinação de procedimentos investigativos que tenha sustentação no corpus de depoimentos com a documentação escrita se torna importante. Nessa relação dialética com as fontes procura atingir um conhecimento dos fatos vividos por um determinado grupo.

Portanto, essa atividade é composta pelo confronto das informações obtidas no conjunto de entrevistas procurando evidenciar acontecimentos encontrados nas mesmas, como também perceber as representações que os depoentes construíram sobre os fatos e o modo como os vivenciou.

Garrido (1993, p. 43) destaca que o uso das fontes orais nos permite, tanto um aprofundamento na história de grupos sociais que estiveram marginalizados ou quase ausentes das fontes documentais escritas, quanto a percepção do processo histórico constituído por indivíduos ou grupos concretos.

Nesse sentido, ao considerar relevante as experiências vividas pelos sujeitos nos espaços sociais de convívio, observamos que a memória “opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”. A partir dos relatos de memória “incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2003, p. 31). Pode-se dizer que ao apresentar as visões dos entrevistados sobre os acontecimentos históricos, educacionais e sociais, resulte um “processo de reconhecimento e de elucidação” (BOSI, 2003, p. 33).

Ainda segundo a autora, é importante ter cuidado com os estereótipos que surgem no interior dos grupos e instituições, pois nos impulsionam a

pensar que em relação as representações coletivas a classe mais influente deixou suas marcas. As instituições escolares reproduzem essas versões solidificando uma certa memória social e operando no sentido inverso ao da lembrança pessoal, tão mais veraz em suas hesitações, lacunas e perplexidades (BOSI, 2003, p. 23).

Essa observação vai ao encontro da importância sobre memória coletiva destacada por Michael Pollak (1989, p. 4):

(...). Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a História Oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional.

Destarte, nesta investigação procurei entender os entrevistados inseridos em um contexto histórico e social direcionado para a trajetória de vida escolar, em sua maneira de ser e contar determinados acontecimentos, não tive a pretensão de “resgatar a verdade” sobre a história da escola relativas aos registros imagéticos e as memórias. Contudo, a fonte oral agrega como elemento a subjetividade dos depoentes e as particularidades locais tanto da escola como da cidade.

Ressalto que a individualidade dos entrevistados se revelou no decorrer das entrevistas, na medida em que foram surgindo as lembranças, houve também a percepção das discontinuidades, da não linearidade entre os fatos narrados, dos esquecimentos e dos silêncios. Esses apontamentos foram interpretados como indicações, por exemplo, do interesse de que um evento tivesse ocorridos de certa forma; da carga emocional relativa a determinado acontecimento, ou mesmo do significado que o sujeito atribuiu a determinados fatos. Pois, entendo que as fontes orais “contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez (PORTELLI, 1997, p. 31).

Nas situações em que os silêncios ou os esquecimentos se fizeram presente, os considerei como características pertinentes do discurso. Além disso, as incertezas, as oscilações e, por vezes, resistências nas respostas traziam marcas de sentidos estabelecidas pelos depoentes. Julguei essas observações importantes, pelo fato de se tratar das histórias de vida e da escolarização de pessoas que tiveram suas experiências no primeiro ciclo do ensino fundamental de oito anos da escola E.E. Prof. José Leme do Prado há mais de quarenta anos. Acredito que a escola pública é uma instituição complexa e multiforme, produtora de lembranças, impressões e marcas, assim sendo, aferi algumas inquietações no rastro de Bosi (2003, p. 32-33) que:

É a história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessas. Não se deve julgá-lo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado.

A identificação da influência desenvolvida pela escola pública, tanto no grupo escolar quanto na continuação dos estudos esteve presente nas entrevistas,

todos os depoentes evidenciaram o seu processo de escolarização. Esse período foi marcado pela representação da escola enquanto espaço privilegiado de práticas socioculturais, centradas em determinados valores. Os depoentes atribuíram aos estudos a importância fundamental para a vida no quesito profissional e nas realizações futuras. “Entrevistas, sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Segundo o autor supracitado, o pesquisador tem o poder e a responsabilidade após o término da entrevista de ser mediador, ao entrelaçar os fatos com a análise e com a responsabilidade “de representar os entrevistados com sua linguagem, com sua subjetividade”, para que suas palavras façam parte do discurso, pois “os entrevistados nos deram a voz, não fomos nós que a demos a eles” (PORTELLI, 2010, p. 7).

Isso posto, o trabalho com a história oral possibilitou relacionar as lembranças que os ex-alunos tinham da escola com as suas próprias histórias de vida, permeada pelas memórias socioculturais, individuais e coletivas, traçando um caminho de significados e singularidades. Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais (MEIHY, 2002, p. 52). Como também na reconstrução do passado reconhecer as transformações, permanências e desdobramentos nas versões contadas pelos entrevistados sobre suas experiências na escolarização.

3.2 A BUSCA DOS ENTREVISTADOS

Foi necessário seguir alguns procedimentos baseados em uma série de normativas deliberadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) 196/1996.⁷⁸ Atendendo ao Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Ética em

⁷⁸ No Brasil, o primeiro documento oficial que regulamenta a pesquisa em seres humanos é a Resolução nº 01, de 13 de junho de 1988, elaborada pelo CNS, a qual foi revisada sete anos após sua implantação, surgindo a vigente Resolução 196/1996 do CNS que estabelece as normas para pesquisa envolvendo seres humanos. Cf. FREITAS; HOSSNE, 1998.

Pesquisa, pelo sistema CEP-CONEP, que procede a análise de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.

Essa análise e aprovação ocorreu tendo como foco a segurança, proteção e garantia dos direitos dos participantes de pesquisa. A eles foram entregues uma Carta de Informação e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na qual os participantes recebem informações e esclarecimentos sobre a pesquisa para conceder o depoimento. Os historiadores Meihy (2002), Alberti (2013) e Thompson (1992) tratam sobre as implicações contratuais e a importância do documento de cessão de direitos que autoriza o uso de parte ou da totalidade das entrevistas colhidas.

Os relatos desses ex-alunos carregados pelas memórias teciam uma história de movimento entre presente e passado no entrelaçamento com a escola. Conforme Bosi (2003, p. 53), “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Surgiram assuntos que tinham conotações sensíveis, no qual as lembranças os remetiam a um passado por vezes de acontecimentos alegres e outras vezes tristes, mas repletos de imagens, de sons, de trajetórias e de vozes. Interpretei que as experiências do passado vivido podem vir carregadas de sentidos e sensibilidades. Segundo Bosi (1994, p. 55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”, ou seja, ocorre a interferência do presente no lembrar.

3.3 O TRABALHO DE CAMPO: ENTREVISTAS, REGISTRO DAS IDEIAS E IMPRESSÕES

Uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e opiniões também diferentes, que tem em comum o interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado. Esse interesse é acrescido de um conhecimento prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado, um conhecimento decorrente de sua experiência de vida, e, da parte do entrevistador, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa (ALBERTI, 2013, p. 189).

O trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. Na primeira fase montei uma pasta, como se fosse uma espécie de álbum, contendo 50

imagens que estão no (APÊNDICE). Essa pasta serviu de disparador de memórias, as fotos do prédio escolar, de gincanas, de alunos e professores, das festas e eventos que aconteciam na escola, de uma missa, do emblema que costuravam no bolso do uniforme, da biografia do professor José Leme do Prado, de recortes de jornais e da lista datilografada com os nomes dos formandos de 1975. Enfim, quando conseguia o contato e marcávamos as entrevistas que aconteceram em diversos lugares, eu a levava e utilizava como estimulador para mobilizar essas memórias.

Durante o ano de 2018 e início de 2019 foram realizadas as entrevistas com os ex-alunos. A partir de então, entendi que os depoentes organizavam seus relatos compondo uma história que seguia uma lógica sensível e, muitas vezes, não continha uma “linearidade”, ou uma ordem cronológica. Identifiquei nas conversas assuntos que se intercalavam e outros que se relacionavam relativos as lembranças escolares e familiares como “uma sucessão coerente de formas, mas com os tropeços da vida corrente” (BOSI, 2003, p. 62). No final de 2018 aconteceu a realização da entrevista com o prof. Francisco Antônio de Brito, que me presenteou com o convite de formatura da primeira turma da escola, que também passou a fazer parte da pasta. Esse recurso se mostrou relevante, pois representava experiências vividas que auxiliaram a memória, instigavam a fala dos entrevistados e aprofundavam pontos específicos da vida escolar de cada um.

A incorporação do convite de formatura nas entrevistas realizadas em 2019, trouxe significados diversos aos depoentes, ele registra diferentes memórias e histórias relativas ao evento retratado. Nesse contexto, a rememoração desse dia envolve sentimentos variados, representa o final de um ciclo, a conclusão do ensino fundamental, a separação da turma que iria tomar caminhos diferentes. Para os formandos uma trajetória de vida individual e significativa, mas também representa outros valores, pois eles estão inseridos em um grupo, em uma escola, tornando assim uma experiência coletiva.

Trago à memória a imagem dos ex-alunos foleando a pasta e as histórias que partiam dessas páginas enquanto as perguntas da entrevista semiestruturada eram respondidas. O aflorar de sentimentos são marcados por amizades, relações, “causos”, mortes, acidentes, sabores, cheiros, caminhos, alegrias e sofrimentos... Que perpassam os episódios narrados e ressoam no manuseio e observação do álbum. Pois nessas ocasiões, o entrevistado que “imprime o tom à entrevista e cabe ao entrevistador aprender seu estilo para adequar seu próprio desempenho àquela

relação específica” (ALBERTI, 2013, p. 191) de maneira que ambos se engajem na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado.

Nas conversas tive como foco central a escola e a trajetória da vida escolar desses adultos que experienciaram a escolarização do primeiro ciclo de oito anos na E.E. Prof. José Leme do Prado. Considerei as seguintes questões norteadoras: O que considerado significativo nas questões relativas a aprendizagem? Qual visão ou pensamento tinham sobre a escola? Como eram os professores em relação à disciplina e aos conteúdos escolares? Qual era a posição da família em relação aos estudos? Que lembranças têm da instituição escolar? Quais as marcas e repercussões deixadas por ela? As perguntas esboçadas compuseram roteiros que foram adaptados de acordo com as histórias relatadas durante as entrevistas. No momento das entrevistas, atentei para temática central da pesquisa. Além disso, outras perguntas eram incorporadas ao longo da entrevista, instigadas pela própria fala do depoente. Esse procedimento resultou em uma relação dialógica.

Paul Thompson afirma que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentro da maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1992, p. 44).

Segundo Freitas (2006), a história oral pode ser definida em três gêneros distintos: em primeiro lugar a tradição oral, que pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Em segundo lugar a história de vida que pode ser considerada um relato autobiográfico e pôr fim a história oral temática, retratada neste trabalho, pois a entrevista tem caráter temático sobre um assunto específico relacionando a escola e a escolarização e, é realizada com um determinado grupo de pessoas. No entanto, “pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados” (ALBERTI, 2005, p. 171).

Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (FREITAS, 2006, p. 21).

Para Alberti (2007), a entrevista de história oral não é exceção nesse conjunto, nela se manifesta uma vivacidade, um tom especial, característicos de documentos pessoais. Se trata da experiência do sujeito na qual “sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro”, fazendo do homem “um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso, dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes” (p. 14). Mesmo tendo a consciência de que não se trata de dar conta de tudo que aconteceu dentro do período vivido.

No entanto,

ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo; temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem, enfim! É como se pudéssemos obedecer nosso impulso de refazer aquele filme, de reviver o passado, através da experiência de nosso interlocutor. E sua presença nos torna mais próximos do passado, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais (ALBERTI, 2007, p. 14-15).

O valor histórico do passado lembrado apoia-se em três pontos. Primeiro pode proporcionar informação significativa e, por vezes, única sobre o passado. Em segundo lugar, pode transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante do passado. Em terceiro, a humanidade viva das fontes orais. Pois o estudo da memória “nos ensina que todas as fontes históricas estão impregnadas de subjetividade desde o início”, a presença viva das vozes subjetivas do passado limita as interpretações, e obrigam-nos, a colocá-las em confronto (THOMPSON, 1992, p. 195).

Diante disso, Alberti (2007) acredita que a principal característica do documento de história oral não se respalda no ineditismo de informação, nem no preenchimento de lacunas. Sua especificidade provém de “toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (p. 16).

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa. Um

acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Esse trabalho da linguagem em cristalizar imagens que remetem a, e que significam novamente, a experiência é comum a todas as narrativas – e sabemos que algumas vezes é mais bem-sucedido do que outras (assim como algumas entrevistas de história oral são certamente mais bem-sucedidas do que outras). Mas talvez não tenhamos dado ainda a devida atenção para esse trabalho da linguagem nas chamadas “fontes orais” (ALBERTI, 2007, p. 77).

Esse entrelaçamento de fios produz fontes de consulta para outros estudos. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos enfim à luz de depoimentos de pessoas que participaram ou os testemunharam de tais eventos (ALBERTI, 2013, p. 24). E permite também “recuperar aquilo que não é encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” (ALBERTI, 2013, p. 30).

Os autores Thonson, Frisch e Hamilton (2006), retratam alguns pontos sobre a memória e a história como elementos importantes para os historiadores orais: desde a celebração inicial da “história vinda de baixo”⁷⁹, passando pelos argumentos acerca da confiabilidade da memória e da validade do depoimento oral; valendo-se também das inquietações e preocupações com as relações estabelecidas pela história, inclusive a história oral, e as disputas pela memória popular, coletiva ou nacional.

A história oral continuará a explicitar, de várias maneiras, aspectos de nosso passado e a moldar sua expressão em nossas culturas. De fato, é precisamente porque, em seu aspecto mais positivo, o relacionamento da história oral facilita a rememoração dinâmica e a interação de “historiadores” e “comunidades”, de “discurso histórico” e “memória coletiva”, que os historiadores orais podem desempenhar um papel ímpar e central nas questões atinentes à memória e à história (THONSON; FRISCH; HAMILTON, 2006, p. 91).

No entanto, toda narrativa é sempre construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em contínua elaboração, a narrativa para

⁷⁹ O termo da História “vinda de baixo” foi a fase conhecida como da História Oral “militante”, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História para pessoas marginalizadas e esquecidas. Cf. ALBERTI, 2005, p. 157.

a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si, e todas as vezes reditas carregam diferenças significativas.

Memória, imaginação e representação são elementos que dão suporte para qualquer narrativa sobre o passado e o presente, sendo que “os projetos de história oral promovem uma mediação significativa entre memória e a história” (MEIHY, 2002, p. 53).

Nessa mesma perspectiva, Portelli (2000), acredita que a história oral é desafiadora

porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. Nisto é que temos trabalhado constantemente (PORTELLI, 2000, p. 69).

Em primeiro lugar tanto à sua materialidade, especificamente o espaço físico, quanto “a sua não materialidade, ou seja, um espaço subjetivo, onde estão suas vivências, relações construídas, diálogos, desejos, visões e memórias” são importantes para pesquisa (DOMINGUES; IVASHITA, 2018, p. 141).

Sob tal perspectiva, é necessário salientar que nas discussões relativas ao espaço escolar, quase sempre:

O subjetivo de uma instituição nos transfere para uma discussão de que a memória torna-se uma fonte valiosa, uma vez que se configura como um baú de palavras, frases, histórias, contos de quem por lá viveu, estudou, trabalhou ou até construiu. Estas narrativas ou propagações são de grande valia, pois nos trazem um leque de possibilidades, hipóteses e revelações (DOMINGUES; IVASHITA, 2018, p. 141).

Em segundo lugar, o pesquisador deve estar atento aos silenciamentos, às exclusões, às omissões vinculados aos desafios que a educação brasileira enfrentou no período e que, ainda hoje, os enfrenta. Em terceiro lugar, a importância da localização dos sujeitos em seu espaço e tempo constituem-se em possibilidades de investigações de certos acontecimentos relatados.

Segundo Verena Alberti, as fontes orais abordam a importância da metodologia, apresentando sua historiografia e interdisciplinaridade, como também alerta que o seu emprego acarreta tempo e recursos. “Uma das principais riquezas da

história oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2005, p. 165).

Ainda conforme a autora

Essa "História de experiência" é, para o historiador Lutz Niethammer, uma possibilidade de os aproximarmos empiricamente de algo como o "significado da história dentro da história" e permite questionar de modo crítico a aplicação de teorias macrossociológicas sobre o passado. (...)

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2005, p. 166-167).

A autora escreve sobre os vestígios do passado e os dissocia em dois grupos: o resíduo de ação e o relato de ação. Uma das principais vantagens da história oral deriva da experiência vivida pelo entrevistado, e faz da entrevista um veículo de divulgação de informações sobre o que aconteceu. “Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um "retrato" do passado” (ALBERTI, 2005, p. 170).

Outra especificidade da entrevista de história oral é o fato de um de seus principais alicerces ser a narrativa. Que ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.

Os registros das ideias e impressões aconteceu com a utilização do caderno de campo, nos momentos em as conversas estavam acontecendo, apenas para anotar tópicos que considere relevantes, tomando certo cuidado para não parecer que estavam sendo avaliados (julgados) em seus depoimentos. Sendo que “o caderno de campo servirá de apoio ao pesquisador para anotar impressões que obtiver da e na entrevista, as relações que estabeleceu com os entrevistados, reações e acontecimentos durante as entrevistas” (ALBERTI, 2013, p. 222-223).

Enfim, após estas considerações, as quais apenas sinalizam em que direção tracei questões acerca dos procedimentos da pesquisa e informações sobre

o contato inicial com os depoentes, as solicitações e as autorizações necessárias para a realização e gravação das entrevistas. Bem como, o estabelecimento de laços de confiança e até de afinidades relativas ao processo de escolarização, proponho-me a dialogar com as fontes privilegiadas.

3.4 ENTREVISTAS: A LINGUAGEM ORAL E A ESCRITA

O trabalho de transformar lembranças, episódios, períodos da vida (infância, adolescência etc.), experiências, enfim, em linguagem. Em situações desse tipo (como em inúmeras outras) a linguagem não “traduz” conhecimentos e ideias pré-existentes. Ao contrário: conhecimentos e ideias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades. (Ganhamos quando percebemos uma chave para compreensão da realidade) (ALBERTI, 2007, p. 79).

A partir da produção de entrevistas, do tratamento e análise das fontes na perspectiva de Portelli (1997, 2000, 2006) e Alberti (2005, 2007, 2013), são apontadas as potencialidades de pensar as muitas histórias e outras memórias sobre a escola. Convém lembrar, no entanto, que esses documentos passaram por controle em dois momentos: na realização da entrevista semiestruturada e na sua edição para compor o texto desta dissertação.

No decorrer das entrevistas que para o surgimento da fonte oral tenha sentido, o diálogo é uma premissa, as questões e as relações estabelecidas entre entrevistador e entrevistado também são elementos importantes. Pois, acredito que “comunicar” é produzir cultura, isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita, no entanto, é importante considerar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu modo de vida.

Segundo Barros (2005a, p. 3), as noções que melhor se adaptam à de cultura para constituir um universo de abrangência da história cultural são

as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as práticas discursivas como as não-discursivas. Para além disto, a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma ‘pluralidade de culturas’ do que em uma única cultura tomada de forma generalizada. Em nosso caso, como estamos empregando a História Cultural como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada, utilizaremos em algumas ocasiões a expressão empregada no singular como ordenadora desta dimensão complexa da vida

humana. Trata-se, no entanto, de uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas.

As noções complementares de “práticas e representações” são importantes, porque através delas existem respaldo para examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura. Bem como os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte aos processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes e visões de mundo (BARROS, 2011, p. 38).

Tal como apresentam os critérios de classificação, que estabelecem os domínios da história, relativas às temáticas escolhidas pelos historiadores. São áreas de estudo mais específicas, dentro das quais se inscreverá a problemática constituída pelo ato historiográfico. A maior parte dos domínios históricos correspondem com trabalhos que se relacionam às diferentes dimensões históricas, e certamente abre-se às várias abordagens (BARROS, 2004).

Para Martins (2012), problematizar a história da educação, em uma sociedade do conhecimento, buscando compreender melhor a sua cultura é um esforço inovador que:

En concordancia con esta problemática indicada por Burke, reconocemos la existencia de prácticas historiográficas que buscan problematizar una historia del conocimiento, en disciplinas que podrían privilegiarlas, como la historia de la educación. En esta disciplina, en el caso brasileño, hace aproximadamente dos décadas, los historiadores se debaten sobre los nuevos abordajes y los nuevos objetos, tomando ampliamente la educación escolar y no-escolar como elementos de la cultura, que merecen ser investigados en una relación de interpelación del pasado, teniendo en cuenta cuestiones culturales del tiempo presente (MARTINS, 2012, p. 117).

Retomo, neste momento, o diálogo com Benjamin (1987), que em seus escritos tece críticas, a experiência e a figura do narrador em declínio. Para Benjamin, a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorre os narradores. “E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (p. 198).

Partindo dessa perspectiva de análise, o pensamento benjaminiano questiona a visão homogênea de história descrita em versões dominantes e oficiais e apresenta possibilidades de pensar a partir de experiências vividas coletivamente, construídas a contrapelo das tendências dominantes.

Sendo que os valores a serem preservados se dão por meio das vozes dos ex-alunos e apresentam uma relação dialética complexa e multifacetada da sociedade contemporânea. “Escovar a história da cultura a contrapelo é igualmente redescobrir os momentos utópicos escondidos na “herança” cultural” (LÖWY, 2011, p. 25).

Em relação aos ex-alunos o autoconhecimento, a história interior, a memória em suma, é um depósito de imagens. “De imagens de espaços que, para nós, foram, alguma vez e durante algum tempo lugares. Lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, portanto, nossa história” (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 63).

Portanto, se faz necessário analisar o lugar⁸⁰ em que a escola está inserida (bairro/cidade/estado), para que ao abordar as memórias individuais e coletivas desse lugar praticado, no qual emergem práticas culturais, sociais, educacionais, como também forças políticas, nas décadas de 1960 e 1970, para além do cotidiano escolar.

Assim, foram “apresentados, discutidos e redimensionados, questões teóricas e metodológicas do trabalho de construir documentos escolares em fontes históricas” (MARTINS, 2015, p. 246), como também a problematização das finalidades do estudo, a dinâmica, a materialidade e as práticas, no que se refere a conhecer a escola (MARTINS, 2015, p. 247).

No momento da transcrição, o enfoque está nas respostas, explicações, argumentações, explanações, naquilo que foi ou não falado pelo entrevistado, pois pode-se perceber o que foi ou não perguntado e respondido, fazer comparações, verificar o que está audível ou compreensível. Ao transpor as informações orais em linguagem escrita, ocorre um processo que pode permear impressões e hipóteses durante o ato de escutar e transcrever.

Assim, como argumenta Tourtier-Bonazzi (2006), ao transcrever as entrevistas, convém observar que “toda transcrição, mesmo bem-feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade; de certa maneira, é uma traição à palavra” (p. 240).

Busquei representar o discurso de forma objetiva na transcrição, utilizando a inserção de colchetes para os meus comentários e notas para erros ou dúvidas.

⁸⁰ Na história das instituições escolares a base material que traduz a ideia de espaço e lugar. A diferenciação entre lugar – frio, estático, congelado –, e espaço é que este constitui “um lugar praticado” com movimentos, práticas e valores. Cf. CERTEAU, 1998, p. 202.

Essas intervenções no transcurso da linguagem oral para a escrita são discutidas em ensinamentos e trabalhos com a história oral pelos autores (Alberti, 2013; BOSI, 2003; MEIHY, 2002; PORTELLI, 1997). Eles nos recomendam que os acréscimos realizados, incluindo sinais de pontuação, podem auxiliar na compreensão do texto, é nesse sentido que a transcrição foi produzida.

Para completar este capítulo, lembro que esta pesquisa buscou articular a fronteira do individual e do coletivo na perspectiva cultural, o que possibilitou conhecer histórias e versões singulares, experiências e vivências diversas, guardadas na memória relativas a trajetória e ao processo educacional. No desenvolvimento das entrevistas, o interesse estava alicerçado naquilo que

foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato – tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que, por sua vez, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita (...) A responsabilidade documental da história oral é que dá sentido à memória como tema para a história (MEIHY, 2002, p. 52).

Conforme essa concepção, o autor supracitado propõe justificativas referentes aos procedimentos e produção de documentos relativos à história oral.

Narrar é ver, ouvir e dizer assim toda epopeia da história nasceu da observação, da audição e da escrita. Antes de se formular como discurso escrito, porém ela é sempre dita, discutida e apresentada. O papel da história oral é integrar as partes e formular documentos capazes da geração de análises ou estudos (MACY apud MEIHY, 2002, p. 92).

Isso posto, apresento os resultados da coleta de dados e as articulações realizadas no percurso da pesquisa, em que houve aproximação das trajetórias de vidas no processo de escolarização, na história da escola e da cidade.

Passados mais de 40 anos da formatura da primeira turma de formandos da E.E. Prof. José Leme do Prado, as histórias dos ex-alunos Adilson Damásio, Neide Maria da Silva, Alfredo João Ribeiro, Antônio Ercílio Brombal, Doartino Zafalon, Sônia Regina Pinto Soares, Neusa Rampazio, Márcio Farci, Reginaldo Guirardello, Marcos Vitor Romanini Pinto, Vânia Regina Personeni, Rosinês Martini e Masaco Fujishima, foram aqui retomadas, com vistas a compreender as marcas que as experiências vividas desse período, bem como a relação dessas memórias com a história da escola. Mais informações sobre as entrevistas no ANEXO (U).

Com essa perspectiva, acredito que as histórias acerca da escola e dos sujeitos são baseadas por fontes diversas como as imagéticas e as documentais; e por recursos de registro de informações: entrevistas e notas de memória. E muitas questões interessantes, passam a ser explicadas, a partir do momento em que a “história joga luzes nas lembranças objetivadas em documentos. A história oral busca excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (MEIHY, 2002, p. 66).

Entrevistas realizadas com os ex-alunos da E.E. Prof. José Leme do Prado, cujo contato se deu através da lista de formatura da Figura 6. Todos os entrevistados, concluíram o primeiro grau na escola pública, alguns finalizaram o segundo grau, o ensino superior e especializações.

Narrativas, percursos socioculturais e educacionais

Adilson

A entrevista com Adilson foi interessante, em poucas palavras ele relatou sua vida escolar, a situação financeira familiar, a conquista de sua autonomia, a responsabilidade que tinha em ser bem-sucedido e do respeito no tratamento com os pais e professores.

Meu nome é Adilson Damásio, nasci em Valinhos, sou metalúrgico e tenho três filhas que se formaram e estudam contabilidade. Minha formação acadêmica é de segundo grau completo e formação Senai. Antigamente, a condição financeira da família obrigava a começar a trabalhar bem mais cedo que atualmente, mas a cobrança dos pais que por notas boas era tão rígida quanto o respeito aos professores, a lição de casa era acompanhada pela mamãe e tínhamos vergonha de notas vermelhas.

É interessante que suas lembranças voltam-se para os amigos e para o recreio; ressalta nesse relato que, esses momentos foram significativos e, logo mais à frente, me pergunta sobre colegas que perdeu o contato.

O exame de admissão causava receio, me lembro que levava pão com batatinha frita de recheio para o lanche. Quanto aos colegas eram raros os desentendimentos. Enfim, foram anos muito bons da minha juventude. Gostaria de ter contato com alguns deles, principalmente com o Reginaldo Guirardello. Você pode me ajudar?

Relaciona na Figura 14, em que são apresentados os alunos de uma das quintas séries da década de 1970, se reconhecendo como aluno, bem como a menção de ter estudado com sua irmã Almira.

Nossa olha essa fotografia, sou eu, o Reginaldo, o Vitor, o Eudes, a minha irmã. Que legal! Essa recordação é maravilhosa.

Alice

Na entrevista com Alice se mostrou muito solícita em responder as perguntas, com um humor contagiante rememorava sua trajetória e escolarização. Alice era o número 33 da lista de formandos, na época seu nome de registro de nascimento era Masaco Fujishima, pois é descendente de japoneses:

Nasci em Jales. Comecei a estudar no Leme do Prado com 20 anos, estudava no período noturno. Depois da formatura fui fazer colegial na escola de comércio e fiz também um curso de cabeleireira em 1975, trabalho com isso até hoje. Tenho duas filhas que são meu orgulho e já estão formadas na faculdade.

Ao ser solicitada para avaliar a qualidade da escola, relacionou sua formação básica a rigidez e os limites impostos do período. Como estudava a noite, comentou sobre a valorização e o respeito empregados no tratamento, fazendo um paralelo com as condições dos professores no Japão.

Na época em que eu fazia o grupo escolar, eu morava na Pedreira, a distância... era muito longe, mas o trajeto era feito sempre a pé. Minha formação acadêmica é o "colegial" incompleto. Eu entendo que minha formação básica na época era bem rígida e válida, porque tinha limite e criava-se responsabilidade e educação. Havia respeito aos professores, hoje eles são muito desvalorizados tanto na parte econômica quanto no respeito. Hoje aqui no Brasil, os alunos saem da escola analfabetos, lê o texto, mas não sabe interpretar. Formação ruim. No Japão professor considerado como deus, porque nossa cultura começa por eles, mas no Brasil o respeito acabou!

Alice passou a discorrer sobre seus interesses, dificuldades e desempenho escolar nessa época, apesar de relatar episódios específicos sobre alguns problemas sinalizou que eles aconteciam.

Trago na minha memória a pobreza por não poder comprar lanches, doces que vendia na escola. Tinha bullying e discriminação, mas não era conhecido por esses nomes. A escola era muito importante. Aprendi muito, boa formação, bom ensino, disciplina. Antigamente professores muito bons, também. Abrindo então horizonte.

No momento em que viu a lista com os nomes dos colegas, contou-me sobre os que conhecia, houve um entrelaçamento dos tempos do presente e do passado, essas memórias estavam permeadas de um dado saudosismo.

Conheço algumas pessoas da lista, a Denise, o Vitor Sparrapan, Adelaide e Rosa Bortolotto que são irmãs, a Neide e a Irene. Bons tempos... Seria interessante nos reunirmos. Eu me lembro que quando a gente se formou queríamos fazer uma placa com os nomes dos formandos, mas ninguém tinha dinheiro, ficou só na história mesmo.

Reginaldo

Em sua entrevista descreve e faz relações da escola em que estudou na década de 1960 com a escola de hoje. O que parece mais significativo para Reginaldo foi a relação de amizade da sua família com os gestores da escola.

Sou natural de Valinhos, nasci em 23/08/1961. Eu morava na Rua Mato Grosso, n. 320, na Vila Santana, minha casa ficava apenas a algumas quadras da escola, eu ia a pé. Os meus pais conheciam alguns professores da escola (por ex., Sr. Homero, era amigo do meu pai, o diretor Prof. Miguel também era conhecido da família.) Sou formado em Engenharia Química, até o nível de doutorado.

Suas observações parecem traduzir aspectos presentes nas instituições públicas. Apesar da escola ter práticas mais liberais, para os padrões da época, não deixava de lado certos rituais cívicos, como por exemplo, hastear a bandeira e cantar o hino. Pelo que podemos entender em seu depoimento isso não o incomodava.

Naquela época, o ensino fundamental tinha 8 anos e não 9, havia uma etapa intermediária chamada de "admissão" que tinha sido extinta havia pouco tempo. A educação básica era vista como algo obrigatório, como hoje. [pelo menos no que se refere a lei]
Havia algumas diferenças em relação a hoje: uniformes obrigatórios (não era opcional), os meninos tinham que marchar de 10 a 15 minutos em formação em volta da escola ou nas redondezas antes das aulas (era o regime militar na época), havia as solenidades cívicas usuais da época: Revolução de 31 de Março (era assim que se falava na época, mas os professores não obrigavam todos os alunos a comparecerem), semana da Independência (não me lembro se a participação era obrigatória ou opcional), dia da árvore (21 de setembro), etc. No restante não era muito diferente em relação a hoje no que se refere ao relacionamento com os colegas e os professores.

Comenta que alguns assuntos repercutiam nas salas de aula e as discussões se multiplicavam a respeito das transformações pelas quais o mundo passava. Embora afirme não ter muitas informações sobre o regime militar, sendo que este assunto não se discutia.

Eu nem sabia naquela época o que era o regime militar, mesmo no segundo grau eu não sabia. Não se falava de política na escola, nem em casa. Era como se nada estivesse acontecendo. O que me lembro bem é que na época se falava muito na conquista da Amazônia, do inferno verde, da rodovia Transamazônica, etc. Hoje em dia nem se fala mais nisso.

Marcos

Evidencia as escolas que estudou e suas lembranças estão associadas as experiências boas que teve. Faz um balanço a respeito das características e inquietações nos planos ético e moral presentes na sociedade no período e que se refletiam no âmbito escola.

Nasci em Campinas, mudamos pra Valinhos em 1966, eu tinha 05 anos, pois meu pai comprou uma farmácia na cidade. Estudei no Sesi 102, Leme do Prado e Cyro de Barros Rezende. Fiz Ciências Contábeis na Faculdade Anchieta em Jundiaí.

Morava na Rua José Milani, pouco atrás da Igreja de São Sebastião no Centro, uns 1500m de distância.

Na escola com certeza havia muito mais qualidade, respeito e integração do que acontece hoje nas escolas públicas (infelizmente). A família era ouvida e participava de muitas das decisões tomadas.

Avaliou o período em que viveu no regime militar não representar um clima hostil. Nessa passagem evidencia hábitos de sua família em relação ao comércio do pai na cidade e a presença da polícia. O fato de seu pai trabalhar no comércio provavelmente deveria lhe dar um certo prestígio social e atribui de forma evolutiva as amizades e conexões familiares. Revela que em sua opinião houve a perda de propósitos na política em todas as esferas.

Vivíamos na chamada ditadura, porém nunca presenciei quaisquer atos de violência política, seja na escola, em seu entorno ou em meu cotidiano. No comércio de meu pai tínhamos a presença constante de policiais, que são amigos da família até hoje.

Atualmente não moro mais em Valinhos, acompanho alguns episódios das facetas políticas, mas como um todo, nosso país parece ter perdido um pouco do rumo na política, e como consequência, também se perdeu na educação, na segurança e na saúde pública, onde o populismo e o liberalismo exagerado corroeram valores de respeito e patriotismo.

Com entusiasmo que relata as características das experiências proporcionadas pela escola nesse período. Comenta as amizades conquistadas, das excursões e estudos do meio que realizam e dos professores. As lembranças desse período são vivas e positivas. Recorda-se particularmente dos professores e da relação te tinham.

Professores e alunos mantinham uma relação muito próxima e respeitosa. Esse foi um período da escolaridade que me marcou, quer dizer, eu me lembro mais da escola era desse contato com os professores e com os colegas.

Nós alunos víamos neles uma extensão de nossas casas, com apoio, confiança e muita disciplina. Os professores tinham autoridade e autonomia para suas ações, sem o cerceamento de hoje, onde os pais interpelam os professores em proteção (enganosa) dos filhos mimados.

Os alunos se reuniam em festas, bailes, jogos e competições de várias amplitudes, com integração e companheirismo.

Foi uma época muito boa!

Neide

Mostrou-se bastante interessada em responder às questões colocadas e narrou com entusiasmo sua trajetória escolar, assim como avaliou a importância da escola em sua vida e do ambiente familiar. Seu estilo narrativo é singular, em alguns momentos, explicava os episódios com riqueza de detalhes, em outros era mais genérica. Neide preocupou-se em descrever os episódios de forma linear, na maior parte das vezes, à medida que contava, também analisava e estabelecia relações.

Nasci em Auriflora (SP), terceira filha entre cinco irmãos de Sebastião Maria da Silva e Ana Monteiro da Silva, vindos da zona rural de Auriflora em 1968 para Valinhos.

Iniciei a vida escolar na escola mista da fazenda Miguel Brito em Auriflora, quando cheguei à Valinhos morei com meus tios até 1970, neste mesmo ano fui transferida para o grupo escolar Prof. José Leme do Prado. A distância para chegar até a escola era de mais ou menos uns 3km. Em 1972 a escola passou a oferecer o ensino ginasial, que conclui em 1975. Também fiz o ensino médio completo, que me deu base para trabalhar como secretária.

Em suas lembranças sobre a vida escolar afirma que gostava muito da escola, Neide lembra-se, com clareza, das disciplinas EMC e OSPB, bem como da obrigação no cumprimento de regras.

As mudanças foram radicais se compararmos o ensino da década de 1960 e 1970 com o ensino de hoje, havia muita seriedade no cumprimento de regras, no respeito aos professores, nas disciplinas escolares cumpridas rigorosamente [em relação aos conteúdos e as tarefas] tínhamos na época as disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil. As comemorações cívicas eram frequentes e cumpridas rigorosamente como, por exemplo, o canto do hino nacional e o desfile de sete de setembro.

Quando começa a descrever as características da escola, Neide destaca, particularmente, a qualidade dos profissionais que lá atuavam, sem poupar elogios. Cita o nome de alguns deles, comenta sobre o envolvimento e dedicação que demonstravam no exercício de seu ofício. Descrevendo-os como educadores

competentes, embora com algumas ressalvas, como estímulo a competição, adoção de recompensas para os melhores, incentivo ao hábito de decorar e de copiar mecanicamente as lições da lousa. Porém, um professor em especial destoava dessa escolarização tradicional, o professor de teatro. É interessante observar o tipo de relação estabelecida com os professores:

Quanto ao relacionamento entre professores e alunos com algumas exceções, era mais autoritarismo que diálogo e entre os colegas havia mais cumplicidade e companheirismo.

Eu amava a escola e ela representou a melhor parte da minha vida. Era na escola que a gente conversava, brincava, participava do centro cívico, naquela época eu já tinha minha posição política, fazíamos campanhas com partidos e tudo. Ouvíamos muito e entre todos os professores um deles se destacou para mim: professor Edgar Rizzo, de Matemática e Ciências, ele era ator e diretor de teatro, se reunia com alguns alunos mais interessados aos sábados para ensinar as técnicas de encenação e memorização do teatro, falava da nossa atuação na vida e era muito amigo.

Neide considera que, no plano afetivo, a escola tenha deixado a marca mais profunda em sua vida, no que refere ao tipo de relacionamento com alguns professores e colegas, que permitiam a possibilidade de estabelecer laços de amizade. Para ela, as conquistas no plano afetivo foram tão importantes quanto as do plano cognitivo.

Ficou gravado em mim seus conselhos e orientações e foi meu paraninfo na cerimônia de formatura em 1976. Naquela ocasião entregou para cada aluno um cartãozinho com uma frase do "pequeno príncipe" que diz "corre-se o risco de chorar quando se deixou cativar".

Doartino

Foi um dos entrevistados que se mostrou mais reservado, ressaltou dois aspectos sobre suas experiências, muito presente em suas lembranças. O primeiro diz respeito ao fato de ser um aluno tímido, determinando sua interação no ambiente escolar. O segundo se refere às recordações positivas desse período. A relação família e escola teve bastante influência para sua formação, e atribui à condição de ser o filho mais novo, como essencial para o fato.

Nasci em Irapuã (SP), na região de Catanduva. Minha família mudou-se para Valinhos. Eu morava lá no morro do Jurema. Eu ia e voltava a pé [para a escola], era muito longe, podia estar chovendo ou podia estar com sol ia a pé, a gente morava numa chácara naquela época.

De 9 filhos, sou filho mais novo e o único que conseguiu estudar até o segundo grau, naquela época como morávamos em chácara todos trabalhávamos lá, eu trabalhava no horário contrário da escola, fiz teste de admissão para entrar na escola e atribuo a conclusão dos estudos aos

empregos que conquistei depois na Rigesa [Empresa de embalagens da cidade].

Um dos meus irmãos falava que ele não ia para a escola porque a professora dava coisa que ele não sabia, mas claro que tinha que ser coisa que ele não sabia, era para ele aprender né.

Embora relate que havia certo estímulo, Doartino não encontrava na configuração familiar apoio para resolver questões relacionadas as tarefas escolares ou curiosidades acadêmicas. Avalia que mesmo com a responsabilidade de seu pai em comparecer a escola para acompanhar sua vida escolar, a preferência paterna era pelo trabalho.

A relação escola e comunidade foi que naquela época quando tinha reuniões, o responsável comparecia mesmo, o pai ou a mãe, no meu caso era meu pai que ia, e acho que o conselho era todo mês, ou de dois em dois meses, mas meu pai ia sempre.

A educação era vista como importante, mas na minha família meu pai preferia que os filhos trabalhassem, pois de nove filhos só deixou eu estudar e ainda foi meio difícil, mas a sorte foi minha, pude completar o segundo grau.

A educação naquela época, eu acho que os pais não se preocupavam muito, podemos dizer que era meio a meio 50 %, quem tinha uma profissão que não era lavrador, os pais queriam que estudassem, mas veja bem, na época quem trabalhava na chácara, esses daí, ou melhor, esses pais queriam que os filhos trabalhassem, eu trabalhava meio período, quando estudava a tarde eu levantava 6h da manhã junto com o pessoal para ir colher o figo, trabalhava na lavoura de figo.

Considera essa fase de sua escolarização como um marco, visto da atualidade, hoje já em processo de aposentadoria, define que a escola e o diploma do ensino médio, permitiu que trabalhasse em outros lugares que não a lavoura. Embora expresse críticas a obrigatoriedade em seguir determinadas regras.

Na escola tinha a disciplina de Educação Moral e Cívica em que o Dr. Homero que dava esta aula, éramos obrigados a cantar o hino da bandeira e o hino nacional.

Lembro-me de muitas regras, tínhamos que seguir todas. O respeito aos professores era uma coisa normal, respeitávamos os pais e os professores. A relação era mais acolhedora em relação aos amigos.

Hoje não estuda quem não quer, não acredito que os pais prefiram hoje que os filhos não estudem...

É com certo esforço que se lembra da relação entre seus interesses o ambiente escolar. No transcorrer de sua fala, entretanto, é possível evidenciar a socialização e a relação de amizade que perdura até hoje, em que acontece encontros com alguns amigos daquela época.

Os amigos que me lembro...

Eu mudei de Valinhos com 22 anos e depois de 7 anos eu voltei e encontrei uns amigos de quando eu estudava, que disse para nos reunirmos em um barzinho, acho que fomos em cinco pessoas que estudamos juntos nessa época e aí contaram que a Eliana de Castro tinha morrido de acidente de moto em que ela caiu e bateu a cabeça na guia, mas fiquei tão chateado, meu Deus do céu... eu gostava muito dela.

Tinha uma tal de Vera Ohnuma, uma japonesa era a melhor aluna da sala de aula, era uma japonesa muito inteligente, tirava A em tudo.

O Reginaldo era magrinho e muito inteligente e de tanto que ele estudava parecia que ele era... como se fala hoje em dia, meio “nerd”, mas era muito quieto e ficava sempre na dele.

Á medida em que conta suas experiências, Doartino se recorda de um evento pouco convencional para o período, uma travessura de criança, considerada uma afronta, um desrespeito sem proporção.

Um caso muito curioso que aconteceu escola.

Foi do “Amauri” que deixou a cadeira no jeito para o professor se sentar, era na época aquelas cadeiras fundas de madeira, cabia meio copo d’água tranquilo, ele pegou e derramou a água, e na hora em que o professor se sentou “coitado” se molhou todo. Ele já levantou e chacoalhou o jaleco, foi um desastre e a classe inteira deu risada.

Nossa na época houve até investigação interna para descobrir quem tinha feito isso, não me lembro ao certo se houve suspensão para a classe.

Mas me lembro bem do medo que tínhamos de entregar o amigo que aprontou com o professor. Não tínhamos ideia do que podia acontecer com ele.

Outra coisa que fazíamos era colocar apelidos nos professores, claro sem que eles soubessem.

Apelidávamos os professores que nós não gostávamos, neste caso o professor que sentou na cadeira com água era chamado de escovinha, mas ele era careca e fortinho. [Risos] “escovinha”, sendo que ele nem precisava.

Rosinês

A entrevista de Rosinês Martini forneceu em sua narrativa uma espécie de delineamento ou de uma fôrma do que ela é hoje. Como podemos notar, parte do pressuposto de que sua experiência escolar foi além daquela que seus pais tiveram:

Nasci em Valinhos, em 1961 e resido agora em São Paulo. Meus pais Armando Martini, comerciante e Regina Tordin Martini, do lar. Ambos estudaram até a quarta série apenas. Tenho um irmão e uma irmã mais velhos. Ele estudou até o quarto ano de Economia e ela se formou em Serviço Social. Tenho uma irmã mais nova do segundo casamento do meu pai e que é formada em Artes Cênicas. Eu me formei em nutrição, trabalhei no hospital do Servidor Público Estadual e na Prefeitura de São Paulo, me aposentei ano passado.

Com clareza relata aspectos relacionados a sua formação acadêmica, de modo a estabelecer conexões entre diferentes áreas de conhecimento, bem como aspectos essenciais no desempenho de sua profissão:

Não morava muito perto da escola. Acredito que fosse de 20 a 30 minutos a pé, ia e voltava a pé, mas de vez em quando pegava carona com meu pai. Da 1ª. a 4ª série estudei no Sesi 102, da 5ª a 8ª série na escola Prof. José Leme do Prado, o colegial “ensino médio” fiz na escola prof. Cyro de Barros Rezende. Já na faculdade fiz nutrição na PUC de Campinas (1979-1982), voltando-se para área saúde. E curso de especialização em Saúde Pública na USP (1983).

Ressalta a importância do papel social que a escola imprimia na vida das pessoas, ao descrever a qualidade do ensino volta-se para os profissionais que atuavam na escola, e refere-se a eles como professores comprometidos. Retrata o modo avaliativo e apresenta que as pesquisas eram feitas na biblioteca da cidade ou enciclopédias que provavelmente a família tinha em casa.

Na época o ensino era muito valorizado. Um diploma significava melhores oportunidades de emprego, e consequentemente ascensão social. Na época que estudei, só havia ensino público em Valinhos e o Sesi (que também era gratuito), acredito que era de boa qualidade. Todos tinham acesso a mesma educação, pelo menos aqueles que iam à escola. Naquela época penso que os professores eram mais respeitados pelos alunos, mais valorizados por todos e mais comprometidos. O modo de avaliação acredito que não mudou, continua sendo através de provas e trabalhos apresentados, embora o modo de pesquisa mudou. As pesquisas eram feitas em bibliotecas e/ ou através de livros e coleções de enciclopédias, e hoje através de sites.

Rosinês considera essa fase de sua escolarização como muito boa, afastando as memórias do processo de autoritarismo, perfaz sua narrativa com professores que eram considerados criativos. Não comenta sobre o seu grupo de amigos, apenas que tinha uma boa relação com os colegas de escola.

A relação entre professores e alunos no Leme do Prado era muito boa, de respeito, mas sem autoritarismo exagerado. Alguns professores até tentavam alguma atividade extra, por exemplo: o professor de Matemática tentou formar um grupo de teatro, e o de Desenho, formar um grupo de futebol feminino. A relação entre os alunos também era boa, tinha-se o grupinho de amigos, como hoje. Mas menos agressividade, talvez.

Quando fez o ensino médio relata um problema grave que vivenciou, com a imposição dos cursos profissionalizantes, qualificados como tecnicistas, pois o sistema educacional não dispunha da infraestrutura necessária para implantação do projeto. Nesse sentido, o ensino apresentava diversas deficiências, tanto para quem fosse prestar o vestibular, quanto para a formação de técnicos.

Quando fui para o ensino médio, na época chamado de colegial, em 1976, senão me engano, havia uma nova legislação que as escolas públicas

deveriam ser profissionalizantes, neste período. As escolas não estavam preparadas para isso. Estudei na escola Prof. Cyro de Barros Rezende, e fiz o curso de Assistente em Administração. O ensino ficou defasado e precário em algumas matérias para quem fosse prestar o vestibular, por exemplo, e ao mesmo tempo não tinha preparo suficiente para formar um técnico.

Vânia

A ex-aluna Vânia Regina Personeni, se mostrou comprometida em sua narrativa, para ela o processo de escolarização era muito importante, tanto que continuou os estudos até as especializações na vida adulta. Relata que como morava no bairro não tinha problemas com o trajeto até a escola.

Nasci em Valinhos, filha de José Personeni e Maria de Loudes Personeni, ambos com formação primária, pai metalúrgico e mãe dona de casa trabalhando em serviços eventuais. Tenho duas irmãs.

Morava na Vila Santana, a duas quadras de distância da escola, então o trajeto para a escola era tranquilo.

Hoje sou formada em Letras pela PUC Campinas. Lecionei por um período de 2 anos em escolas estaduais como professora substituta no período noturno. Fiz especialização em Organização e Administração de Arquivos na Universidade de São Paulo em função da atividade que exercia como profissional técnico na UNICAMP. Depois fiz outra especialização, na Unicamp, em Organização e Métodos.

Ao avaliar a importância da escola em sua vida, reconhece que esse foi o período mais marcante de todos. Podemos supor que esteja associado ao fato da escola ter representado uma série de rompimento com limitações impostas por seu meio de origem, mesmo seus pais terem apenas o curso primário, sempre incentivavam as filhas à estudarem. Foi quando começou a entrar em contato com os conteúdos do mundo letrado e a se deixar seduzir por eles:

Particularmente, percebi a importância da educação formal a partir da quinta série. Nos 4 primeiros anos ainda não tinha essa noção. Foi quando o exame de admissão foi abolido e os alunos e as famílias foram orientados a não pararem com os estudos. A maioria continuou, mas alguns pararam mesmo assim.

Minha família era grande e parte de meus primos faziam o ginásio e se orgulhavam disso, visto que na família não havia ninguém formado em universidade.

Eu gostava de estudar e segui o exemplo. Foi essencial para o meu entendimento da sociedade onde algumas regras podem fazer diferença na nossa vida. Eu percebi na escola que uma boa educação e a formação escolar poderia proporcionar uma "distinção social" e a ascensão para uma vida mais confortável.

Conforme descreve, a metodologia utilizada pela escola deixa transparecer o modelo pedagógico coerente com os padrões e conhecimentos

educacionais da época, acreditava-se que memorizar era aprendizagem. Sendo assim, o que era valorizado no processo do aprender era a capacidade de interiorizar informações e reproduzi-las e não a de processá-las de modo criativo.

Na escola, um episódio me marcou muito. Eu deveria estar na sexta série (atual ensino fundamental) e escrevi uma redação em comemoração à Revolução de 1964. Foi baseada no relato de um amigo de meu pai, na ocasião servindo o exército. As melhores redações seriam enviadas para participarem de um concurso. Recebi a nota mais alta da classe (escrevia bem), mas a professora me avisou que não seria conveniente enviar a minha redação. Só entendi o porquê muito tempo depois.

Atualmente comenta ter pouca relação com a escola pública, a não ser a crítica que fez em relação ao sobrinho com dificuldade de aprendizagem, mas não relata nenhuma medida que os familiares ou a escola tenha tomado para ampará-lo perante a lei. Outro dado interessante é a crítica aos métodos de ensino serem tradicionais, baseados em perguntas e respostas.

Tenho pouco contato hoje com a escola pública. Minha filha estudou em escola particular, mas tenho sobrinhas que estudaram em escolas públicas não governamentais (SESI). Apenas um sobrinho estudou em escola estadual. Não foi uma boa experiência. Ele tem uma deficiência de aprendizagem e a diretora da escola não se preocupava em esconder sua contrariedade por tê-lo na escola.

No pouco tempo que lecionei, percebi que não tinha aptidão para o magistério. Na verdade, em relação aos métodos e práticas de ensino, não percebi inovações. No meu ponto de vista, existem poucas mudanças, essas aconteceram apenas em relação à tecnologia, mas as avaliações ainda são realizadas principalmente com as provas na base de perguntas e respostas (as que os professores querem ouvir) e as discussões ainda pesam pouco na avaliação final.

Faz também um paralelo entre a escola pública e particular, lembra-se que o período em que estudou era do regime militar.

Evidente que percebemos atualmente problemas relacionados a falta de respeito e descaso dos alunos em relação aos professores, tanto na escola particular como na pública. Na escola particular criam-se conflitos de hierarquia e alguns ranços se estabelecem no sentido de demonstração de poder de ambos os lados, prejudicando o aprendizado.

Nas escolas particulares penso que há mais integração com a família, e os conflitos entre alunos são frequentes e pesados nos dois tipos de instituições. Percebo ainda muito mais discussão política, mas na minha época estávamos sob o regime ditatorial, então... o silêncio era valorizado...

Reconhece que, na sua trajetória, a escola funcionou como uma espécie de instrumento de acesso às experiências e conhecimentos que suas condições socioculturais de origem não forneciam. A escolarização básica representou a

viabilização das etapas que se sucederam, sendo que, alguns professores e seus pais, tiveram relevância nessa situação.

Em relação às memórias, alguns professores marcaram pela simpatia e paciência, pelas conversas paralelas repassando experiências e conhecimentos gerais, até mesmo aconselhando e revelando possibilidades para nossa própria auto realização via conhecimento e formação acadêmica; outros pela grosseria e inaptidão no trato com os alunos, mas assim são as pessoas, independentemente de serem ou não educadores!? Você concorda? Muito do que eu realizei e me tornei, foi plantado naquela época na escola. Meus pais, nesse aspecto, não conseguiam orientar, mas estimulavam a continuação dos estudos.

Ao ser questionada para avaliar a qualidade das escolas do ponto de vista da infraestrutura, Vânia abordou aspectos importantes. Nesta parte de seu relato, ao comentar a precariedade da biblioteca, ela aborda uma questão que os outros alunos não mencionaram. A biblioteca não ficava acessível aos alunos, mas durante um tempo, um projeto do prof. Homero, permitiu aos alunos irem no contra turno escolar para ler e fazer pesquisas, fazendo com que ela se aproximasse desse universo.

Também credito meu amor à leitura, devo dizer, perante o pequeno período em que a biblioteca da escola foi aberta aos alunos. Havia uma coleção das obras de Monteiro Lobato e os alunos foram convidados a irem à escola no contra período para ler os livros. Ideia genial do Prof. Homero, um professor que trabalhava como assistente do diretor, considerado por mim na época "muito bravo" (e hoje o vejo como muito dedicado àquela escola). Infelizmente não durou muito tempo. Ficou a impressão de que a secretária da escola, encarregada de "cuidar dos alunos" não gostou do trabalho extra de abrir e fechar a sala e o consequente impedimento aos livros, cuja leitura me maravilhava, me frustrou muito.

Márcio

O ex-aluno se mostrou bastante solícito, Márcio nasceu na cidade de São Paulo, em 1957 e mudou-se para a cidade em 1967. Na verdade, a mudança de cidade e de escolas representaram também uma transformação quanto a vivência. Trabalhou na área artística e na Secretaria da Cultura na Prefeitura Municipal de Valinhos. Sua entrevista foi muito produtiva, apresentando desenvoltura e sensibilidade, características presentes quando narra os fatos de sua vida e trajetória escolar.

Fui matriculado no SESI 102 e no ano seguinte no SESI 299. Em 1971 prestei exames de admissão, num prédio localizado na Rua Campos Sales e me matriculei na E.E.P.G. Prof. José Leme do Prado em 1972, no período noturno, e me formei em 1975. Meus pais haviam cursado apenas o primário, mas sempre fizeram questão de que todos os filhos estudassem. Meus

irmãos mais velhos cursavam o ginásio no Colégio Cyro de Barros Rezende e a mais nova no SESI 389.

Quando estudava no Leme do Prado, morava numa chácara na Estrada dos Ortizes, Bairro dos Ortizes, que ficava a aproximadamente 3 quilômetros da escola. Fazíamos o percurso a pé.

No Segundo Grau, estudei no Colégio Cyro de Barros Rezende e depois o curso de Teatro no Conservatório Carlos Gomes, em Campinas. Cursei até o primeiro ano na Faculdade Claretianas, no curso de Artes Visuais. Minha formação é basicamente voltada às artes, o que me permitiu exercer profissionalmente atividades artísticas no teatro, TV, cinema, entre outras.

Podemos notar que as recordações relativas ao espaço físico da escola estão baseadas no que diz respeito ao pátio, lugar onde se encontrava o palco do teatro. Nesse sentido, tece elogios a alguns professores que diversificavam as aulas com diferentes propostas, mencionando sobre como os professores o haviam marcado. Aborda a resistência dos alunos para não destruírem o palco em que as peças teatrais eram apresentadas.

As aulas de Educação Musical eram realizadas aos sábados. Havia um incentivo muito grande por parte de alguns professores, por exemplo, quando escrevi a minha primeira peça de teatro e pedi para que a professora de português avaliasse. Aquele momento foi fundamental e extremamente importante para tudo o que viesse depois. Em 1971, o diretor resolveu que deveria fechar o palco existente no pátio para ampliação da cozinha, gerando uma reação muito intensa de alguns alunos, incluindo eu, iniciando um movimento para evitar aquela atitude. O palco não foi fechado e encenamos várias peças teatrais, em várias ocasiões.

Considera muitos os fatos memoráveis nessa fase, que foi um marco fundamental. Discorre também sobre as atitudes de professores autoritários sem deixar de mencionar a responsabilidade e militância dos alunos, quanto ao que era justo ou não.

Um fato marcante aconteceu durante uma aula de matemática, não me recordo se foi em 1971 ou 1972, mas devido a alguns alunos insistirem em conversar durante a aula, o professor resolveu aplicar uma prova faltando apenas cinco minutos (ou pouco mais) para terminar a aula. Quando ele terminou de colocar as questões na lousa, tocou o sinal para o intervalo e sem que tivéssemos respondido a uma única pergunta ele passou recolhendo as provas, apesar dos protestos de todos. Ninguém achou justo o ocorrido e como forma de protesto resolvemos, todos os alunos da classe, não voltarmos para a terceira aula. Ficamos no pátio, protestando. Deve ter sido a primeira greve na história da escola. Após negociação com diretor e professores a prova foi anulada, mas não conseguimos escapar da punição, ou seja, suspensão por três dias. Primeiro a metade da turma cumpriria, depois a outra, mas as matérias continuaram e foi muito complicado para colocar tudo em dia.

Continua a narrar fatos que considera interessante, relatando que o episódio do baile em que soltaram uma bomba de gás ficou na memória de muitos que participaram, inclusive na memória do Alfredo que discorre sobre o ocorrido.

Outro fato marcante foi a promoção de um evento para arrecadação de verbas para nossa formatura. Eu era da Comissão de Formatura e tivemos a ideia de promover um baile. Chamamos de “Baile da Camiseta”, onde haveria a cobrança de ingressos, premiação para as camisetas mais criativas, tudo revertido para a formatura.

Éramos muito amigos do pessoal da Banda do Brejo e conseguimos uma data com eles na Fonte Santa Tereza. Tudo organizado por nós. Foi um tremendo sucesso, mas durante o evento alguém soltou uma bomba de gás lacrimogênio no salão e o baile foi interrompido por uma hora até que as coisas voltassem ao normal. Isso ficou, com certeza na memória de muitos.

Quando questionado sobre o papel da escola e da família na sua formação, não hesita em afirmar a influência da mãe que em casa o conduzia nas tarefas. Destaca também a cobrança por parte dos professores, impondo um rigidez e comprometimento nesse sentido.

Me lembro que havia uma cobrança muito grande por parte dos professores. Essa rigidez influenciou diretamente na minha formação, pois entendi que disciplina é fundamental em todos os sentidos e em todas as atividades que se pretende realizar. Em casa, ouvíamos sempre que era necessário estudar para ser alguém na vida, “O Estudo é a Luz da Vida”. Minha mãe era quem me acompanhava mais na realização das tarefas e cobrava a necessidade de estudar antes das sabatinas.

Admite que em muitos aspectos foi a escola que soube despertar o seu gosto pelo estudo e pelo conhecimento, principalmente na área que atua hoje. Para ele, essas conquistas resultavam das características da estrutura curricular e da metodologia adotada por alguns professores. Mesmo existindo professores considerados tradicionais, sentia na escola uma certa liberdade em relação a realização de eventos.

A escola me proporcionava momentos de muita felicidade, de ter amigos (alguns que permanecem até os dias de hoje), das comemorações em época de festas juninas, quando se organizava a quadrilha e a caracterização vestidos de caipiras. Excursões eram promovidas para vários locais, como Campos do Jordão, Caverna do Diabo, etc... Era um orgulho muito grande desfilar no Dia Sete de Setembro pelas ruas centrais de Valinhos.

Os relacionamentos que ocorriam dentro da escola eram muito bons. Eu me lembro que, de maneira geral, a gente se relacionava muito bem, é claro que havia as turminhas, mas acho que isso ocorria em qualquer escola.

Sempre houve muito respeito aos professores, possivelmente mais por medo daqueles mais rigorosos. Havia um professor que jogava o giz quando errávamos uma pergunta ou se estivéssemos conversando durante a aula. Mas a grande maioria conquistava o respeito pelas atitudes e pela simpatia.

Matérias como Educação Moral e Cívica sempre foram tratadas com certo receio em discutir questões relacionadas ao momento pelo qual o país atravessava.

Antônio

Dos entrevistados, foi o que mais apresentou desenvoltura. Ele expressou uma habilidade como narrador e testemunha de sua própria história. Embora não tenha seguido uma ordem cronológica, fez um retrato de sua trajetória e das marcas de sua vida escolar.

Nasci na cidade, mais precisamente, na Vila São Joaquim, subindo o morro do Bom Retiro.

Estudei até o segundo grau completo, fiz teste de admissão saindo do primário para fazer o ginasial, tinha que fazer este teste. Quando eu terminei o ginásio já tinha mudado, não precisava mais fazer o teste, mas eu fiz para entrar no ginasial.

Depois fiz o colegial o segundo grau completo, eu fiz no Cyro de Barros. Quando inaugurou a escola só tinha primário, depois teve o ginásio por isso que fomos a primeira turma de formandos.

Ao ser solicitado para avaliar a qualidade do ensino, Antônio aborda a influência que seus pais tiveram na sua educação, somadas ao estímulo propiciado pela escola, permitindo o acesso a aprendizagem e ao hábito de leitura. Explica que sempre foi exigente quanto ao desempenho escolar dos filhos. Conta com orgulho que eles conquistaram alta escolaridade e boa colocação profissional.

A educação era vista como algo importante, tinha que estudar, meus pais falavam: eu não deixo dinheiro, mas a oportunidade de conhecimento, a educação era muito valiosa. Ir para a escola e aprender naquela época envolvia muitos aspectos, não era obrigatório igual a hoje, mas era considerado muito valioso.

Eu sempre falo para os meus filhos, vocês vão estudar, quero deixar essa mensagem para vocês: o estudo é importante.

Uma coisa vou te falar a educação era bem melhor do que hoje, você aprendia na escola, hoje hahaha, hoje.

Eu estudei inglês, francês e latim. E hoje você vai aprender a falar yes?

Eu vejo a minha neta que estuda em uma escola particular, considerada a melhor da cidade, onde inclusive minha filha é professora, quando pergunta as coisas para mim, algumas coisas que eu aprendi a mais de 40 anos, eu ainda sei, isso quer dizer que eu aprendi mesmo. Na década de 1970 a gente levava a sério os estudos, respeitava o professor, hoje não é assim que acontece.

É possível notar também, o universo moral que existia em casa e na escola. A honestidade, perseverança, obediência e o respeito à autoridade eram aspectos valorizados nos dois ambientes. Identifica na escola a origem de determinados valores e modos de agir, principalmente nas aulas do ensino primário.

As disciplinas e as solenidades eram frequentes. Essa época era da ditadura cada dia você tinha que cantar um hino, era hino nacional, hino da bandeira, hino da independência, da proclamação da República, ...

Hoje eu não sei mais, só sei mais ou menos o hino nacional, hoje você pergunta para uma criança de 13, 14 anos, que estuda vamos supor na oitava série se ela sabe cantar o hino da bandeira, ela não sabe nem que existe este hino.

Ah! A gente hasteava a bandeira e cantava os hinos, ficava lá igual estátua... Nesta época tínhamos as disciplinas de Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica, eu ainda além da EMC tive aula de civilidade. Não aí no Leme do Prado, não tinha mais, mas quando eu estudava no Alves Aranha, tínhamos aula de civilidade, que era como se comportar diante das pessoas, como sentar, comer, tinha isso, sim.

Eu fiquei de recuperação de francês, eu não gosto de línguas, até hoje não gosto.

Antônio tece alguns comentários sobre as escolas em que estudou e seu percurso. Avalia a qualidade das escolas do ponto de vista estrutural e aborda aspectos importantes como, por exemplo, a falta de quadra poliesportiva, de laboratório e de sala de vídeo.

Foi bom, eu não tenho o que reclamar de escola, graças a Deus eu sempre estudei em escolas boas, no Alves Aranha, no Leme, no Cyro e no seminário. Que eu me lembro a gente fazia bastante gincana, exposição de trabalhos, que hoje não existe acho mais.

A gente também fazia bastante excursão, com a classe.

Eu estudava a noite e não tinha cantina nem merenda.

Na época o pátio da escola, era apenas um pedacinho, hoje está diferente tem quadra, laboratório e sala de vídeo.

Na formatura teve a missa, a colação de grau e um baile no Valinhos Clube, que foi muito chique.

Naquela época se você fosse estudar e quisesse aprender você aprendia, mas se fosse para brincar você desistia, não tinha brincadeira com as matérias. Também tem a questão do trabalho, muitos que estudavam a noite já trabalhavam.

Traça algumas observações em relação as amizades presentes no universo escolar. A dimensão da socialização não parece ocupar papel central, a não ser por episódios específicos, a relação com os colegas ficava restrita a hora do recreio, ou eventos como gincanas e passeios. Embora reconheça ter mais afinidade com alguns colegas. Identifica nas fotografias as autoridades da cidade na época, lembrando-se dos nomes desses personagens.

Olhando para a lista de formandos e para algumas fotografias, o ex-aluno se lembrou do Alfredo (piu), o Mario Farci e Nivaldo que atualmente trabalham na prefeitura, pois tinha com eles uma amizade maior.

Vendo as fotos falou das autoridades, Arildo Antunes dos Santos, Antônio de Castro, Luiz Bissoto e o secretário da educação Hélio Italico Schiavinato.

Oh faz mais de quarenta anos não lembro disso, de tudo (risos).

Tinha, tinha, coisa que hoje em dia não tem mais nas escolas, falando das gincanas com saudades...

Me perguntou: Conhece este padre aqui? Hoje é bispo. [Referindo-se a uma das fotografias em que um padre aparece fazendo uma cerimônia na escola].

Em suas lembranças, relata as escolas que cursou o ensino fundamental, as duas instituições públicas, inclusive a escola em que cursou o ensino médio também era pública. Conta não saber o motivo da sua transferência, mas com certeza a versão oficial não era a verdadeira, cujo pretexto pela mudança de escola era sobre ser mais perto de sua casa.

Eu estava na inauguração da escola, eu estava, estudava no primeiro grupo escolar, o Antônio Alves Aranha, aí inaugurou o Leme do Prado, na época era segundo grupo escolar, isso era para quem morasse mais perto, para mim não era mais perto, mas eu fui transferido mesmo assim.

Fui estudar lá, logo na inauguração, isso eu lembro até hoje, era dia dos professores, ou melhor, perto do dia dos professores, mas o ano eu não lembro.

Dos professores que mais me recordo era do professor Chico e do prof. Edgar Rizzo, já falecido.

Alfredo

Participou da entrevista com entusiasmo e espontaneidade. Respondia as questões, narrando os fatos de sua vida com objetividade e uma certa dose de humor. Apesar de ter frequentado diferentes escolas, acaba vivenciando uma escolarização condizente com modelos educacionais adotados na época. Expressa grande importância que a escola teve em sua vida principalmente, na área profissional que atua, trabalhando como produtor de peças teatrais. Enfatiza as marcas dessa trajetória, com impacto significativo e consolidação de determinados valores.

Ao avaliar seu desempenho escolar, recorda-se da rua, do terreno em que a escola foi construída, era o espaço do descompromisso, do lazer, da possibilidade de ser criança e de brincar, mesmo estudando em outra escola nessa época, o contexto da rua tinha um efeito da válvula de escape, para a rijeza pedagógica.

Nasci em 1957, iniciei os estudos no primeiro grupo escolar de Valinhos [E.E. Prof. Antônio Alves Aranha] até a terceira série, reprovei esta série e fui então transferido para o segundo grupo escolar Prof. José Leme do Prado, onde conclui o grupo escolar, o antigo primário, depois disso, parei de estudar acho que... uns dois anos, é isso, por uns dois anos e só voltei após a extinção do exame de admissão. Voltei a estudar para concluir o ensino básico até a oitava série.

Lembro-me de quando era criança e brincava na construção da escola, pulando na areia de cima da laje, como a escola foi inaugurada em 1966 esta brincadeira foi pelo menos no ano anterior. Eu sempre morei perto, no mesmo bairro da escola.

Ao contar suas experiências, Alfredo vai recordando das práticas pedagógicas adotadas, baseadas na maior parte das vezes, em premiações e castigos, no estímulo a competição entre os alunos, no culto ao esforço individual, na discriminação àqueles que respondiam a tais exigências.

Na verdade, a gente, eu não estou certo quanto ao ano 72 a 75 ser os anos que estudei, por que em 1971 teve a lei que não precisava mais fazer o teste de admissão, então aí...

Até minha história é assim, eu fiquei um pouquinho atrasado né, pelos motivos de ter que trabalhar, e eu trabalhava na fábrica de estopa do Cido Musseli, saia sujo de estopa e tinha até vergonha, pois tinha professores que me viam desse jeito e eu me escondia um pouco, pois estava sujo, mas vergonha no bom sentido né, porque a gente estava ali “sujo” do trabalho mesmo.

Mas aí, eu não vou lembrar o nome da professora de português, pelo tempo, lembro-me que era uma professora de cor, uma professora negra, e eu sempre fui mais ligado assim sempre tive uma maior dificuldade em matemática, uma dificuldade física e química não era meu forte não, e sempre levei mais jeito com as humanas, como português, história, geografia, já a biologia eu ia bem. Daí vinha a dúvida será que eu continuo estudando ou não?

Antes disso eu já gostava muito do teatro, eu tinha um encanto pelo circo, a antes 1967 e 1968, praticamente na época do grupo escolar, tinha muito trabalho no circo irmãos Almeida, circo-teatro irmãos Almeida que se instalavam aqui do lado da fábrica de macarrão, ali onde é o posto de saúde da Vila Santana hoje, e a gente junto com a molecada saia catando as placas do circo para poder entrar no circo e assistir as peças, pois era um circo-teatro, tinha peças e não tinha animais. Foi aí que começou o meu gosto pelo teatro, antes da escola ainda.

A conversa com Alfredo traz elementos instigantes para pensarmos sobre a relação estabelecida com a escola. Considerando-se um aluno “mediano”, que tinha notas regulares e conseguia prosseguir nos estudos sem muitas dificuldades. Lembra-se, porém, que as avaliações o assustava, mas que nas aulas da prof. de Língua Portuguesa ele se saía bem.

Assisti muitas e muitas peças e por incrível que pareça, os donos deste circo estão vivos até hoje, que é o Valter de Almeida e mulher dele.

Como acho que eu já tinha um pouco desta coisa intuitiva, fiquei um pouco parado e quando comecei o ginásio na parte da tarde que estava estudando e esta primeira professora de português, e eu estava me achando um pouco atrasado perto da turma, principalmente, os que estavam estudando de dia, mas ela pediu um trabalho sobre comparação, claro que se escrevia muita coisa errada na época, mas aí neste trabalho até acabei me destacando, porque ela pegou o meu trabalho como exemplo, e disse para turma: vocês não fizeram como eu pedi, o Alfredo sim, ele fez a comparação.

Isso que eu acho que me estimulou, pois eu achei que estava atrasado, mas, no entanto, eu consegui, e peguei um gosto maior nesta área de português, literatura, poesia e de teatro.

Continua a contar sobre a influência da escola com a sua vida profissional na atualidade.

Ah! Eu fui cada vez mais influenciado para o teatro, para se ter uma ideia em 1975 meu irmão montou a peça “Pluft o fantasmilha” só com crianças da Vila Santana de 9 a 11 anos. Sendo que a estreia dessa peça foi no palco da escola E.E. Prof. José Leme do Prado, que hoje, infelizmente não existe mais. Quando foi a fundação da minha Cia de teatro, a Cia Arco Iris, que esse ano completaria 44 anos (fundada em 17 de julho de 1975) e começou na escola com a estreia dessa peça de autoria de Maria Clara Machado com a direção do meu irmão. Só que não tenho foto disso o que é uma pena. Quem até deu uma força para o cenário foi o Vicente Musseli, porque a gente era moleque e não tínhamos dinheiro, não tinha nada. Hoje eu tenho 40 anos de profissão, sou artista, e carrego muita bagagem na área do teatro com mais de 10 prêmios. O que eu posso dizer é que tudo começou no Leme do Prado, no palco da escola... ou até antes disso, mas a contribuição da escola e o estímulo dos professores foram imprescindíveis.

Alfredo faz um balanço de seus interesses, dificuldades e desempenho escolar nessa época. Fica evidente a grande influência das aulas de teatro em sua vida, e como ele e seus amigos enfrentaram o auxiliar de direção, que segundo ele tinha uma postura rígida e tradicional, para que o palco do teatro não fosse desfeito. Atuando no centro cívico para defender o palco de teatro e angariar fundos para as viagens de estudos do meio.

Como a gente tinha aula de Educação Moral e Cívica e quem ministrava era o professor Homero hoje já falecido, que era vice-diretor do noturno, nas comemorações cívicas a gente fazia sempre apresentações neste palco. [Lamenta não ter registro das apresentações]. Aliás este palco foi motivo de militância também, pois o professor Homero queria fazer a cozinha e nós brigávamos para não o perder, após a nossa formatura o palco foi destruído e no lugar foi feito a cozinha.

E a gente na 7ª e 8ª series começou a movimentar bastante eu cheguei a ser presidente do centro cívico [uma espécie de associação de alunos], junto com o Sebastião Spézi que era vice-presidente eu acho, a gente fez muita coisa na escola.

Nós fazíamos bailes na Fonte Santa Tereza para justamente arrecadar dinheiro para formatura, fizemos a primeira festa da linguíça de Valinhos que foi um estouro de sucesso, um dos bailes com a banda do brejo [que na época era conhecida por outro nome] que aconteceu no ano anterior a formatura e foi também na Fonte Santa Tereza e estourou de público, tinha muita gente e os recos lá do exército eles entraram e soltaram bomba de gás lacrimogênio, o baile teve que ficar parado por uma hora.

Como presidente do centro cívico a gente coordenava estas apresentações, claro que com pouquíssima experiência, mas tinha um movimento bem bacana neste sentido, e ficou tão atuante que nesta viagem para Campos do Jordão fizemos tantos eventos para arrecadação de verbas que a viagem saiu 85% mais barato, e foram cinco ônibus, foi uma viagem muito bonita que eu lembro muito dela.

O centro cívico ficou bem atuante que começou a haver chapas para concorrer na eleição seguinte e houve um movimento político mesmo de apresentar propostas e tudo.

De fato, para Alfredo a escolarização começa a melhorar na sétima série, ele começa a se destacar, principalmente, a descobrir alguns prazeres na escola, especialmente relacionados à interpretação, a escrita e ao conhecimento. Revela também a estima e consideração pelos professores.

Foi um período muito bom, porque esses professores o Chico, a Norma que dava aula de Francês, a Maria Helena [eu tenho contato com ela pelo facebook], eram inspiradores. Sem contar com o prof. Edgar né, ele foi fundamental. Foram esses professores que me motivou, o ensino foi muito bom nesta época, a gente saiu de um mundo totalmente “pequeno”, não tínhamos uma visão do era o além, ou como estudar traria mudanças, e estes professores ampliaram os horizontes e realmente nos incentivaram a fazer o colegial. (Que fiz em três escolas – E.E. Cyro de Barros Rezende em Valinhos, E.E. Patriarca da Independência em Vinhedo e E.E. Vitor Meireles em Campinas).

Sônia

Foi a entrevistada que mais se sentiu à vontade com a experiência. Ela se expressou com precisão e clareza durante a entrevista, que aliás, se desdobrou em mais de uma, o que ajudou a elaborar certas questões onde haviam dúvidas. Ela se apresentou como testemunha eloquente se sua própria história, e foi capaz de engendrar um retrato perspicaz da sua trajetória de das marcas de sua vida escolar.

Bem meu nome é Sônia Regina Pinto Soares, nasci na Santa Casa de Misericórdia de Campinas (SP), pois em Valinhos não havia hospital e minha mãe precisava fazer cesariana, assim... meus pais foram para Campinas. Como disse, nasci em Campinas, mas vivi em Valinhos até frequentar o então, primeiro ano primário. Meus pais se mudaram para a capital, e minha mãe e eu só voltamos a morar em Valinhos quando eu estava frequentando a então sexta série do primeiro grau [hoje, sétimo ano do fundamental]. Desde que voltamos para Valinhos morei na Vila Santana, na mesma casa, que fica a uma distância de 3 quadras da escola. Assim, nunca tive problemas com distância da escola.

Sônia nem sempre estudou em escolas públicas, mas atribui seus melhores momentos de aprendizagem a ela. Ao narrar sua trajetória acadêmica, retrata a família como grande incentivadora na sua formação. Fazendo um balanço de suas origens familiares, reitera a importância do papel de sua mãe como referência central na administração dos recursos financeiros para seus estudos e incentivadora de conquistas culturais.

Na década de 60 eu estudei em uma escola particular da capital, o Sacre Couer, o que para mim não era a melhor das situações. A escola particular era para aqueles que não conseguiam entrar nas ótimas escolas públicas. Minha mãe teve que lutar muito para conseguir me colocar numa escola pública, mesmo tendo perdido o prazo do exame de admissão (para o sexto

ano), fui aceita pelo meu ótimo curriculum e pelas lágrimas da minha mãe (tenho certeza), já que meu pai ameaçava me mandar para o internato do Sacre Couer.

Sou Técnica em Administração pela Escola Estadual Cyro de Barros Rezende/Valinhos, graduada em Geografia pela PUC de Campinas e Mestre em História pela UNICAMP.

Bem... eu fui a primeira da minha família em muitas coisas (no que se refere a formação escolar), depois da minha bisavó (que estudou medicina na Inglaterra) fui a primeira a fazer faculdade e o mestrado.

Mas, embora não tenham tido educação formal, meus familiares sempre se preocuparam em que os mais novos estudassem, mesmo que não fosse como forma de ascensão social, o seria pelo próprio conhecimento e para ser dono dos próprios passos.

Sempre fui incentivada a estudar, tanto que minha mãe sozinha custeou meus estudos até a faculdade, sendo que somente nesse momento me foi permitido estudar e trabalhar.

Sônia avalia que o bom comportamento como aluna estava relacionado ao contexto da época, o respeito pela autoridade do professor, a conformidade às regras, a perseverança nas disciplinas, eram aspectos, extremamente valorizados. Tanto que na escola não existia discordância com os professores, eles eram soberanos e o aluno tinha que se comportar e obedecer. Relata também

A comparação da educação nas décadas de 1960 e 1970. Bem... as diferenças são imensas. Primeiramente, não podemos nos esquecer que eu sou filha da ditadura, assim questionar professores era impensável. Até brinco com os meus alunos, quando eles fazem uma pergunta esdrúxula...“Digo eu nunca perguntei isso para um professor!”

A palavra do professor era inquestionável. Ele disse, era verdade, essa a máxima, era seguida em qualquer momento.

As normas eram muito mais rígidas. As avaliações eram assustadoras, pairava sobre nós as terríveis possibilidades de um exame em dezembro ou de uma segunda época em janeiro... o que significava adeus às férias. Isso era inimaginável.

Quanto as comemorações cívicas tínhamos todas e aprendíamos o valor da pátria, da moral e dos “bons costumes” nas aulas de Educação Moral e Cívica e de Organização Social e Política do Brasil. Diga-se de passagem, foi a primeira matéria que eu lecionei.

Fui professora na escola Leme do Prado durante muitos anos, atualmente sou aposentada pela rede estadual de ensino, mas ainda trabalho nessa escola no meu segundo cargo, como professora efetiva de Geografia.

Pontua que tem muitas recordações desse período, principalmente das aulas práticas, associando novamente o ensino na escola particular como inferior.

Tenho várias memórias sobre essa época. Por exemplo, o fato de termos aulas aos sábados.... A maioria de Português e Matemática, assim não nos arriscávamos a faltar. Em Ciências, quando estudávamos animais... estudávamos na prática... [risos] lembro de ter dessecado rã, olho de boi e outras coisas mais, plantamos vários vegetais para estudarmos o crescimento deles. Esses conhecimentos me acompanham desde então.

Agora nunca vou esquecer que na minha escola de São Paulo, [sexto ano] se nós copiássemos a prova e colocássemos nosso nome corretamente já começaríamos a prova com nota 1.

Mas no Leme do Prado, as coisas eram diferentes, lembro-me de quando fiquei de exame de francês precisando de 0,5 ponto. Estudei como uma louca, morrendo de medo do que aconteceria se eu fosse para a segunda época. No final tirei 9,5 para mim foi um grande alívio, mas não foi o suficiente para o meu pai, me dizendo que eu poderia ter tirado 10.

Da escola evidencia as grandes dimensões do espaço físico, o estilo arquitetônico da área construída, elementos característicos das escolas públicas da época. Em uma de nossas conversas menciona a arquitetura da escola Julia Kubitschek em Diamantina (MG), projetada por Oscar Niemeyer. Traços comparativos então nos ANEXOS (R e S).

O estilo arquitetônico é modernista de Oscar Niemeyer aparece na escola Leme do Prado, as janelas grandes se contrapõe com outras construções escolares com as janelas pequenas, que se enquadram muito na ideia do vigiar e punir do Foucault

Avalia, entretanto, do ponto de vista do desenvolvimento escolar, uma falha no processo de ensino e aprendizagem, uma defasagem em relações as disciplinas na área de humanas. Sônia associa o período ditatorial como causador de grandes deficiências da escola no ensino dessas matérias.

Durante a ditadura militar aqui em Valinhos a questão era mais diluída, embora hoje percebo o quanto faltou no meu currículo de Geografia e História, pois o estudo em Geografia era praticamente, Geografia Física e em História do Brasil, basicamente voltado aos feitos heroicos.

Fato que podemos constatar em seu relato sobre um episódio marcante de sua vida escolar, que traduz um determinado comportamento peculiar aos tempos do regime militar, retratando a postura de militares, professores e estudantes. E mesmo depois de passados muitos anos, essa recordação ainda a assombra e a faz refletir sobre o assunto e as atitudes que foram tomadas.

Agora no tempo que vivi na capital, a coisa foi mais séria. Um acontecimento ficou marcado em mim... e me segue desde então.

Em um certo sábado, escutamos alguns sons estranhos fora da escola, mas nossos professores se esforçaram para que seguissemos como se nada tivesse acontecido. Quando a aula terminou eu fui uma das primeiras a chegar ao portão da escola. Quando lá cheguei me deparei com um dos maiores homens que eu já vi na minha vida... na minha memória de criança o soldado do exército era um gigante, com uma arma nos braços maior ainda. Nos impediram de sair da escola, voltamos para as nossas salas e nossos professores ficaram conosco falando de qualquer coisa... menos do exército lá fora. Quando fomos dispensados, eu novamente fui uma das primeiras a

sair da escola. Só pensava que minha mãe deveria estar preocupada com a minha demora.

Minha escola (Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau José Marques da Cruz, para nós só JOMACRUZ) ficava no fim de uma pequena rua sem saída... quando passei pelo portão, minha visão foi de um cenário de guerra (igual aos filmes que meus tios gostavam de assistir), até hoje me lembro da quantidade de sangue que banhava a rua... era tanto sangue que na guia da calçada escorria como se fosse água de chuva.

Lembro-me de ter contado, pelo menos 14 corpos cobertos por jornal, bem... Deus sabe seus nomes. Mais tarde nos falaram que eram assaltantes de carro forte... um assalto que não deu certo..., mas todos nós sabíamos que eram estudantes... até cadernos estavam jogados na rua. Essa cena nunca mais me abandonou... por vários dias não dormi direito. Triste memória para uma criança.

Faz comentários a respeito da política municipal presente em sua vida, no que se refere a esfera familiar. Desde criança a política era sempre muito frequente nas conversas e discussões, mas ressalta que sua atuação nessa questão foi após completar 18 anos, destacando os conflitos e brigas que aconteciam entre os líderes dos partidos e sua participação ativa.

Interessante a questão na área política. Há muito tempo minha família, de uma forma ou outra, está atuante na política de Valinhos. Eu mesma, trabalho junto à Justiça eleitoral desde o momento em que completei 18 anos... praticamente 40 anos.

Ainda lembro de Valinhos quando a política era dividida entre os representantes dos dois partidos que se destacavam, eram eles os paragatas e os gravatinha. Época em que as eleições municipais provocavam verdadeira guerra entre os dois partidos. Quantas brigas eu já separei. E vozes de prisão eram dadas.

Hoje, muito dessa vontade de participar já não existe mais. Poucos são aqueles que ligam para a política, e infelizmente, por isso mesmo, esse pequeno grupo é que manda e desmanda na nossa cidade.

Neusa

Na entrevista com a Neusa, a primeira pergunta foi dela sobre o fato de como eu teria chegado ao objeto de pesquisa. Depois de conversarmos sobre o assunto, voltamos para as questões relacionadas a escola, o que fez com que respondesse as questões com muita propriedade e desenvoltura. De maneira geral, era com muita seriedade que ela descrevia episódios de sua vida escolar, de sua infância e juventude e de sua família. Em alguns momentos, seu discurso assumia um tom criterioso, em aspectos relativos ao sistema educacional, em razão de ter sido secretária da escola no período posterior a sua formatura.

Nasci em Valinhos, sou filha de agricultores, sempre morei em chácara de figo. Éramos em 7 irmãos. Nem todos puderam estudar. Todos começamos a trabalhar bem cedo ajudando na plantação de figo. Fui fazer o ginásio à noite em 1972, então com 15 anos, porque tinha parado na quarta série do

primário cursado na escola rural. Quando começou a ter o ginásio à noite, foi a minha oportunidade de voltar a estudar. Tinha feito o curso de admissão na escola de comércio, o que me ajudou muito, me deu uma base muito boa para ir muito bem nas quatro séries do ginásio. Nunca fiz um exame de recuperação.

Como morava no bairro dos Ortizes, não sei a distância exata, mas não era perto e muitas vezes eu ia a pé, porque não tinha transporte coletivo. A diferença é que se podia andar tranquilamente à noite àquela época.

Durante sua escolarização básica, Neusa frequentou escolas públicas na cidade, apenas na faculdade estudou em uma instituição particular. Afirma que nunca reprovou um ano, e mesmo tendo pausas no trajeto de escolarização, nunca teve dificuldades do ponto de vista de seu desempenho escolar.

Sou formada em Ciências Contábeis, pela PUC de Campinas.

Nas décadas de 1960 e 1970 a criança ou mesmo o adolescente ia à escola para aprender. Educação já havíamos recebido em casa.

Estudar era uma necessidade urgente para nós. Eu tinha sido orientada desde o primário (1964 a 1967) que se você quisesse ser alguém na vida, tinha que estudar.

Na escola rural estudávamos em classe multisseriada, apesar de terem crianças com diversas faixas etárias, nós levávamos muito a sério o estudo. A professora era muito respeitada pelos alunos e pela comunidade. Geralmente tornava-se amiga das famílias.

Relata com detalhes o período em que estudou na escola, a quantidade de salas de aulas, o perfil dos alunos que a escola atendia.

Estudei na escola Prof. José Leme do Prado de 1972 a 1975.

Em 1972 havia na escola 15 salas de 5ª série eu estudava da 5ª série O, em 1973 havia 7 salas de 6ª série, em 1974 havia 4 salas de 7ª série e em 1975 apenas 2 salas de 8ª série.

A escola atendia muitos alunos de todas as classes sociais da cidade, mas como vimos a evasão escolar era uma constante, talvez pela dificuldade de aprendizagem ou pela necessidade de trabalhar para ajudar a família muitos acabavam desistindo dos estudos.

O diretor Miguel do Prado era mais diplomático e o prof. Homero, que era auxiliar de direção, exercia o papel de comandante da escola, os alunos tinham muito respeito por eles.

As regras da escola não eram tão rígidas, mas isso também dependia do aluno claro!

Havia respeito pelos professores, funcionários, diretores e colegas. Havia sempre solenidades cívicas, principalmente em datas comemorativas como 7 de setembro, 15 de novembro, dia da bandeira. Havia também as disciplinas de EMC e OSPB. Não tinha ensino religioso.

É curioso notar que as recordações relacionadas ao ensino são baseadas tanto no período em que estive na escola como aluna, como depois desse quando foi funcionária. Tendo uma afinidade e um carinho muito grande pela escola, demonstrada

na forma de organizar, por exemplo, os nomes datilografados da lista de formandos, a pedido do diretor da escola.

A relação aluno/escola era muito intensa.

Como tive a oportunidade de depois de formada vir a trabalhar no Leme do Prado, pude acompanhar de perto as mudanças na escola.

Vi aos poucos os professores sendo desvalorizados, não só pelos governos, que os pagavam mal, mas também pelos alunos e famílias. Acompanhei a queda no nível de ensino.

Lamentavelmente deixou-se muitas coisas importantes de lado. A escola deveria ser sempre um lugar de busca pelo conhecimento, valores e aprendizagens.

Eu vejo as escolas hoje com muito pesar. Vejo professores sendo agredidos, brigas entre alunos exibidas nas redes sociais como coisas naturais! E nunca será!

Uma sociedade só será grande se investir pesado e seriamente na educação.

Da vivência escolar guarda muitas lembranças. Comenta sobre as escolas que estudou e atribui a elas a obtenção de conhecimentos na formação do caráter e do saber, revelando o quanto o estudo foi um recurso importante que permeou sua trajetória, bem como a escola um lugar privilegiado.

As memórias que tenho das escolas, tanto da rural, do Leme, da Escola de Comércio, como da PUC é que foram, sem dúvida nenhuma, meu grande trunfo para ter uma vida honesta, decente. Foi nas escolas que adquiri conhecimento básico para minha vida pessoal e profissional. Aprender é contínuo, mas se você não tiver base, fica bem mais difícil.

Minha vida na escola, no geral foi muito boa, foi muito importante, foi uma época de transformação pessoal.

Aproximando da repercussão que esta fase de escolarização teve em sua vida. Comenta sobre os professores, especialmente os que deixaram suas marcas e aponta que apesar de terem professores excelentes, alguns não tinham o mesmo perfil.

No Leme do Prado era muitas classes e muitos professores. Tínhamos alguns excelentes professores, outros nem tão bons assim, mas no geral o nível era bom.

Como disse eu tinha feito o curso de admissão, a escola rural tinha sido muito boa, lá tínhamos até biblioteca. A escola rural era perto de casa.

A transição para o Leme do Prado, para mim foi bastante tranquila, fiz o ginásio a noite.

Minha maior dificuldade naquela época foi que eu já trabalhava durante o dia todo, e muitas vezes ia para escola sem comer nada, porque não tinha condição de tomar lanche todo dia.

Lembro-me que o prof. Edgar Rizzo tomava conta do teatro e o prof. Francisco era professor de Ciências.

Neusa também aponta que a escola lhe ofereceu uma série de oportunidades no campo profissional, bem como propiciou a ampliação de seu círculo de amizades. Ressalta que na atuação de órgãos que representavam os estudantes na exposição de ideias, reivindicações e anseios, matinha contato com quase todos os colegas.

Lembro-me ainda, que sempre era representante de classe, fiz parte do centro cívico e da comissão de formatura. Até na faculdade continuei com essas práticas. Também fazia parte de todos os grupos de alunos que buscavam melhorar nosso relacionamento com a escola.

Na formatura teve a colação de grau e o baile, muitos eventos como festas e bailes, que eram feitos com o intuito de angariar fundos para a formatura e os alunos faziam propagandas pela cidade para se ter um bom número de pessoas.

Em 1978 retornei para a escola como ingressante de concurso, para trabalhar na secretaria e fiquei até 1996, voltando a ter contato com a instituição agora profissionalmente, nesses anos reencontrei muitos colegas que precisavam de serviços da secretaria, como históricos e diplomas.

O ECA acabou com autonomia da gestão escolar. Teve um acontecimento, houve uma pichação na escola e um processo de investigação interno foi instaurado pela gestão para saber quem eram os responsáveis, depois da descoberta os pais foram chamados e os alunos ficaram responsáveis por limpar e pintar os lugares pichados. Hoje não poderíamos mais fazer isso.

Em seguida mostra um conjunto de três fotografias, na época considerada uma conquista. Essas imagens vão além da captura de uma experiência, pois ilustram, identificam, registram e representam um período vivenciado. Assim sendo, as análises das fotografias externam diferentes sentimentos.

Na Figura 21, a então aluna Neusa estava recebendo o diploma ou certificação de conclusão de curso, das mãos do Diretor Miguel do Prado. A cerimônia aconteceu no espaço do Cine Saturno.



Figura 21 - Foto da Cerimônia de Colação de Grau, 19 de fevereiro de 1976.
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Neusa Rampazio Maiorini.

Na Figura 22, Neusa estava recebendo congratulações do prof. Francisco Antônio Brito, o paraninfo escolhido pela sua turma. A fotografia apresenta o instante real e vivido, porém congelado como partícula de uma memória, ou seja, registro de um tempo, uma época da vida que permite observar um exemplar típico da recordação-memória escolar, aqui ainda na cerimônia de formatura. Nesse documento, a irreverência (sorrisos e postura da aluna e do professor, apertando as mãos) apresenta fragmentos de uma história.



Figura 22 - Foto da Cerimônia de Colação de Grau, 19 de fevereiro de 1976.
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Neusa Rampazio Maiorini.

A Figura 23 retrata o baile de formatura, olhamos para o visível registrado, das pessoas que observam, o seu acompanhante, nas roupas que era a moda de uma determinada época, mas também para o invisível das experiências regido por uma movimentação de sentidos e sensibilidades. Conforme Kossoy (2001, p. 50), “toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”.



Figura 23 - Baile de Formatura no Valinhos Clube, 20 de fevereiro de 1976.
Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Neusa Rampazio Maiorini.

Na fala de alguns entrevistados, é possível pontuar como eles percebem o entrecruzamento da instrução primária, secundária, profissional e superior com a existência de diversos estágios econômicos e socioculturais relativos a hierarquização de classes. Sendo assim, para alguns ex-alunos as classes subalternas que chegaram ao nível superior, vindo a compor uma dada ascensão social e de conhecimento, era considerado mais como um esforço pessoal do que pelas políticas públicas que garantissem o acesso ao ensino.

A ausência dessas políticas, a precariedade na estrutura pedagógica, e ou insuficiência de escolas públicas secundárias e profissionalizantes em todo o território foram mencionadas. Compreendo a escola pública como construção social, cujo aspectos atrelam jogos da ação governamental. Esses apontamentos também são enfatizados no capítulo 2.

Para a maior parte dos depoentes a escola tornou-se um centro de encontros, uma referência de socialização, um espaço privilegiado para consolidação de amizades. Também sugerem que houve experimentação de novas linguagens e manifestações artísticas, como por exemplo, o teatro. A escola parece estimular o interesse dos alunos, constituindo o convívio e as interações, indo além da transmissão de conhecimento.

A lembrança das disciplinas curriculares é bastante expressiva, bem como dos professores, que para alguns, nesse período, os retrataram como profissionais competentes de alta qualidade. Muitos recordam dos nomes, da aparência, dos hábitos e do modo como eles interagiam. De modo geral, o perfil que predominava era de professores dedicados, dispostos a acompanhar as necessidades dos alunos, sendo que até os mais exigentes eram considerados conhecedores da matéria e comprometidos com o exercício de seu ofício.

A análise dos depoimentos, no âmbito escolar, mostra que o interesse, a facilidade ou dificuldade com determinada disciplina, estava associada ao professor responsável por aquela área do conhecimento. O que corrobora com a ideia que o professor tem influência sobre o aluno, capaz inclusive de deixar marcar negativas ou positivas na vida de cada um.

Enfim, conjunto de narrativas obtidas através das entrevistas formaram um quadro de ideias, memórias, sentimentos de um grupo de pessoas que percorreram caminhos escolares singulares. São testemunhos que reconhecendo a importância da escola e destaca conquistas nos planos sociais, culturais e profissionais.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PESQUISA

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIN, 1987, p. 37).

Ao analisar a trajetória da Escola Estadual Professor José Leme do Prado, foi possível compreender uma história multifacetada, e que terá seguramente outros desdobramentos, em análises e reflexões futuras. O percurso histórico da instituição e as memórias dos ex-alunos foram o fio condutor para a apreensão das dimensões educativas, sociais, culturais e simbólicas dos seus usos e apropriações. Essas dimensões marcadas por conflitos e relações de poder permitiram o embasamento no aporte teórico-metodológico da História Cultural. “E na Escola, sobretudo, há um campo aberto de possibilidades para a construção do conhecimento histórico, de uma história que dialogue com diferentes temporalidades. E, mais especificamente, no contexto histórico-educacional” (HADLER, 2007, p. 268).

A leitura dos periódicos, a análise das fotografias, a observação das plantas arquitetônicas e o diálogo com pessoas que viveram e estudaram em Valinhos estimularam a compor novas formas de olhar para a escola pública, à escolarização e à sociedade, bem como para escrever uma versão da história da instituição.

Nesse sentido, a existência de diferentes formas de apropriação do espaço escolar ao longo de sua trajetória, mostra indícios de que múltiplos fragmentos podem integrar a constituição histórica da instituição de ensino, sendo que cada um desses fragmentos pode ser o resultado de diferentes experiências vividas, formando diversas narrativas.

O entrelaçamento da dimensão física, ou seja, o espaço, o contexto e a estrutura arquitetônica do edifício estavam materializados na composição e nas preocupações sociais e políticas da época. Como também, da dimensão humana: os agentes, a relação entre professores, alunos, funcionários, as relações de poder, a participação da comunidade. Assim, uma instituição educativa vista como totalidade a ser construída, compõe sua própria identidade.

Para além da materialidade, a escola é um lugar de memória não apenas nos aspectos físicos e arquitetônicos. Embora estes aspectos fossem importantes, a

pesquisa abarcou as relações que as pessoas estabeleceram com a escola, bem como aquilo que ela representou na vida dos ex-alunos.

A par dessa busca, reporteime aos periódicos locais. Considerei que tais publicações potencializaram e contribuíram para o entendimento de como a educação do município era veiculada. Ainda, observei que esse tipo de impresso era marcado por uma espécie de propaganda do poder público da elite local. No transcorrer da pesquisa notei vários artigos cujo temas estavam relacionados à modernização urbana, ao comércio local, as indústrias, a política, a educação, a escolarização e a formação para o trabalho. Diante disso, os jornais se revelaram ferramentas importantes na investigação de um determinado tempo e contexto social, carregando em suas páginas indícios de práticas e modos de pensar relevantes.

Através de um breve estudo sobre cenário nacional nas questões relativas a política, como as implicações na implantação do regime militar e o controle do Executivo sobre os demais poderes. Bem como na educação, no que se refere a legislação educacional brasileira, que em consequência interfere nos estados e municípios, tendo como objetivo apreender possíveis particularidades locais.

Foi possível observar que as produções dos memorialistas analisadas a partir do entrecruzamento de vários aspectos que envolvem a realidade brasileira e italiana. Ao focalizar a importância da imigração, podemos perceber que o binômio desenvolvimento e progresso estava baseado na narrativa da vinda de imigrantes.

Nesse período, as construções escolares ficaram a cargo do governo estadual pelo IPESP, houve algumas transformações na concepção estrutural dos prédios escolares, mediante a um projeto gerido em meio ao fim do Convênio Escolar e a criação do FECE, arquitetado na elaboração de um plano de ação. O processo de planejamento, convênio com o estado, confecção das plantas arquitetônicas, leis, atos e decretos foram feitos pelas autoridades da cidade de Valinhos e do estado de São Paulo. No encalço dessas contribuições o Segundo GE de Valinhos foi projetado, construído e inaugurado na década de 1960, tornando evidente a relação entre a lógica política, econômica e educacional.

Analisar a história da escola a partir de fotografias pressupõe indícios para refletir sobre como as práticas foram se constituindo na escola estabelecendo novos comportamentos e percepções sociais. A fotografia na temática escolar envolve a imagem produzida pela escola e sobre a escola, abrange as atividades ali

desenvolvidas, mas fundamentalmente estabelecem uma relação de identificação entre o aluno e a instituição.

Atentei para as imagens como representações, testemunhas de uma época e documento histórico quando revela valores, costumes, sentimentos de um certo período, especialmente a fotografia na área da educação, que permite a leitura dos vestígios.

Ao tratar da escola, os ex-alunos localizam nessa instituição práticas que valorizavam um conhecimento não somente acadêmico, pautado pela memorização verbal e rigidez pelo conteúdo ensinado, haviam práticas relacionadas a vida cotidiana como, por exemplo, educar, trabalhar e produzir. Pois, a escola teria como mote a instrução e a formação de cidadãos “conscientes” de seus muitos deveres.

No entanto, eles recordam também de professores que desenvolviam de práticas diferenciadas, como as aulas de teatro, que os incentivavam a adentrar em um ambiente de muita leitura e interpretação, dando um novo significado ao aprendizado.

O relacionamento com os professores era visto pela maior parte dos ex-alunos como de amizade e comprometimento, embora eles percebam estar vivendo em um período em que algumas coisas ficavam sem dizer, havia de certa forma uma resistência, pois estavam conscientes das grandes questões educacionais e eram influenciados pela família a terminarem os estudos. Muitos concluíram o ensino médio e o superior.

A pesquisa evidencia, ainda, a multiplicidade de fatores envolvidos no contexto escolar e social. Os relatos sugerem as condições sociais que atuaram, nas constituições educacionais singulares sobre a época em que viveram, amigos que tiveram, episódios acidentais ou não, interações pessoais, sucesso escolar, papel da família, entre outros.

Dessa forma, a escola é o espaço onde os estudantes podem não apenas aprender, mas ter uma formação, despertar seus interesses, socializar, desenvolver habilidades, relacionadas à cultura. Em outras palavras, a escolarização é um processo construção.

Acreditar na possibilidade que o modelo de escola possa desaparecer é uma realidade, pois ela está sendo ameaçada de muitas maneiras. Não os edifícios escolares que foram construídos, nem mesmo as novas construções, mas o engessamento das concepções. De fato, quase todas as pessoas ainda frequentam a

escola. Os problemas estão as vistas, muitas escolas estão superlotadas, há falta de vagas e de políticas públicas efetivamente voltadas para o interesse da maioria da população, como também faltam professores nas salas de aula, materiais didáticos e estruturas físicas adequadas. Além disso, certamente, em razão dos problemas apontados, a instituição de ensino, parece estar constantemente sob ameaça.

E, mesmo assim, esses ataques não são novos, ao longo da história, a escola tem sido confrontada com as tentativas de subjuga-la, porém, os esforços são mais perigosos hoje do que no passado. Portanto, é necessário resistir e lutar contra essas estratégias e táticas que atingem o projeto da escola pública. Defendê-la e, por conseguinte, melhorá-la é primordial.

5. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

_____. Indivíduo e biografia na história oral. **CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

ALMEIDA, Milton José. Educação, Linguagem, texto e imagem in: Educação e cultura: formação de professores e práticas educacionais. In: Oliveira Jr. Wenceslao Machado de, & Martins. Maria do Carmo, (Org.). **Educação e Cultura**: formação de professores e práticas educacionais. São Paulo: Alínea, 2012.

ARANHA, Maria Lucia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. 3ª. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Arquitetura Escolar e Educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. Rio de Janeiro, 2002. 326 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2002.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 23-79.

BARROS. José D'Assunção. História cultural e história das ideias: diálogos historiográficos. **Cultura Revista de História e Teoria das Ideias**. v. 21, jan. 2005a.

_____. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005b.

_____. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional** 10(1): 95-129, Verão, 2005c.

_____. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, MG, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

_____. **O Campo da História** – Especialidades e Abordagens, Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia historia**, Belo Horizonte, MG, v. 22 n. 36, Jul/Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

BEM, Sueli Ferreira de. **Contribuições para estudos das estações ferroviárias paulistas**. 1998. f. 419. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I - Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas (1873-1971)**. São Carlos: Ed. da Universidade Federal de São Carlos: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2002.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Relatório e Pareceres da Comissão Especial de Ensino Médio. **Revista Documenta**, Brasília, DF, n. 1, mar. 1962.

BRASIL. Congresso Nacional. Diretoria de Informação Legislativa. Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971. Brasília, 1971.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus, e das outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

_____. Conselho Federal de Educação. Parecer nº 853/71. Fixa o núcleo-comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus, definindo-lhes os objetivos e a amplitude. **Revista Documenta**, n. 132, Brasília, DF, nov. 1971.

BRYAN, Rodrigo Martins. Arquitetura e imaginação do Espaço Escola. **Revista eletrônica nas redes da educação**. Campinas: 3ª ed. abr. 2007. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/temas.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BUENO, Maria de Fatima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas: Bragança (1900-1920)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 236-238.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação. Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 76-82.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Falenas**. Ensaio sobre a aparição 2, Lisboa, KKYM, 2015.

DOMINGUES, Ana Caroline Macedo; IVASHITA, Simone Burioli. Pesquisa em história das instituições educativas: algumas considerações importantes para a ação de pesquisa. In: IVASHITA, Simone Burioli; JUNIOR, Celso Luiz; ABBUD, Maria Luiza M.; GERELUS, Sergio Henrique (Orgs.). **História das instituições escolares de Londrina e região**. Curitiba: CRV, 2018, p. 139-146.

DUARTE, Maria Beatriz Balena. A escola como organização. **Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 110-118, 2002.

ESCOLANO, Agustín Benito. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín Benito. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad.: Alfredo Veiga Neto, 2ª. ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 19-35, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FERREIRA, Marcia Regina Rodrigues. **História, memória e educação das sensibilidades: o processo de patrimonialização da Casa Lambert de Santa Teresa- ES**. 2015. f. 190. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015.

FERREIRA JR, Amarílio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cadernos CEDES**. Campinas, n. 76, v. 28, p. 333-355, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a04v2876.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

FRAGO, Antonio Viñao. ESCOLANO, Agustín Benito. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad.: Alfredo Veiga Neto, 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: Viñao Frago, Antonio; Escolano, Augustín Benito. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 59-139.

FRAGO, Antonio Vinão. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.

_____. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, Corina Bontempo D.; HOSSNE, William Saad. Pesquisa em seres humanos. In: COSTA, Sérgio Ibiapina Ferreira; GARRAFA, Volnei; OSELKA, Gabriel (Org.). **Iniciação à Bioética**. Brasília: Conselho Federal de Medicina. 1998. p. 193-204.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FDE: Disponível em: <<http://www.fde.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____. Memória, tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In: **Cadernos CEOM**, n.28, Chapecó, SC: Unochapecó, 2008a.

_____. **O historiador e seu tempo**: A produção dos saberes históricos escolares: o lugar das memórias. São Paulo: Unesp. 2008b. p. 223-235.

GARRIDO, Joan del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.13, n.25, p. 33-54, set.92/ago.1993.

GASPAROTTO, Alessandra; PADRÓS, Enrique Serra. A ditadura civil-militar em sala de aula: Desafios e compromissos com o resgate da História Recente e da memória. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel et al (Org.). **Ensino de História: Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/ RS, 2010. p. 183-201.

GATTI JR, Décio; OLIVEIRA, M. M. Lucia Helena. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. In: **Cadernos de História da Educação**, v.1 n.1, p.73-76, jan./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/310/302>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa. (Org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. A colonização do presente pelo passado: de um dispositivo metafórico à possibilidade de construção de conhecimento histórico educacional. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos**.... Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org>> Acesso em: 20 nov. 2019.

HADLER, Maria Silvia Duarte. **Trilhos de Modernidade**: memórias e educação urbana dos sentidos. 2007. 276 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HENRI, Bergson. **A intuição filosófica**: Cartas, conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 55-68 (Coleção Os Pensadores).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE: Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n414_valinhos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto Pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL**. São Paulo: Cortês e Moraes, 1979.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 01, p. 9-44, jan./jun. 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LAPA, José Roberto A. **A cidade: os cantos e os antros. Campinas – 1850-1900**. São Paulo: EDUSP, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, Antônio José de Araújo; SILVA JR, Ronaldo. Panorama da educação brasileira na década de 1960. In: III Congresso Nacional de Educação - **CONEDU**. Natal, RN: Editora Realize, 2016. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M D1_SA1_ID2286_14082016222320.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

LIMA Junior, Olavo Brasil de. **ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL (ARENA)**. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-democratico-brasileiro-mdb>>. Acesso em: 10 set. 2019.

_____. **MOVIMENTO DEMOCRATICO BRASILEIRO (MDB)**. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-democratico-brasileiro-mdb>>. Acesso em: 10 set. 2019.

LOPES. Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 47-61, 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30221/pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

LÖWY. Michael. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 25/26, p.20-28, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18578>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MADEIRA, Rafael Machado. **Vinhos antigos em novas garrafas: a influência de ex-arenistas e ex-emedebistas no atual multipartidarismo brasileiro**. 2006. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos**. História das Instituições Educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

_____. **Da cadeira ao banco: escola e modernização (Séculos XVIII-XX)**. [S. l.]: EDUCA - Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2010.

_____. A história das Instituições Educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção Memória da Educação).

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2004, Bauru. Anais.... Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 01-10. Disponível em: <<http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinibauru2004.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

_____. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.;

VICTOR, S. L. **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARIA, Sebastião. **Pérolas de Valinhos**. São Paulo: Fontenele Publicações, 2017.

MARTINS, Maria do Carmo. Histórias do currículo e currículos narrativos: possibilidades de investigação na história social do conhecimento. Anais da 29ª. Reunião Anual da ANPEd. **Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade**: desafios e compromissos. Caxambu, 2006.

_____. As formas silenciosas de educar: adornos de arquitetura escolar em fotografias, para a memória da cidade. In: ROCHA, H. H. P; SALVADORI, M.A.B. (Org.). **Entre Brasil e Argentina: miradas sobre a História da Educação**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2015, p. 245-264.

_____. Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar... **Educar em Revista**, Curitiba: Editora UFPR, n. 51, p. 37-50, jan/mar. 2014.

_____. La educación de los sentidos - notas históricas sobre currículos e prácticas educativas en escuelas brasileñas de inicios del siglo XX. In.: CASTRO, M. I. (coord). **Educación y cultura – un debate necesario en América Latina**. México: UNAM, 2012, p. 115-135.

MATUI, Jiron. Construtivismo. São Paulo: Moderna, 1998.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.) **Domínios da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 263-281.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Mirella Geiger. **Arquitetura escolar pública paulista. Fundo Estadual de Construções Escolares – FECE: 1966 -1976**. 2012. f. 419. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Projeto de Arquitetura. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIGLIORANZA, Eliana. **Condomínios fechados: localizações da pendularidade – um estudo de caso no município de Valinhos, SP**. 2005. f. 113. Dissertação de (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

NASCIMENTO. Mario Fernando Petrilli do. **Arquitetura para a educação: a contribuição do espaço para a formação do estudante**. 2012. f. 154. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e do Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. Representações do brasileiro. 1870-1920. São Paulo: Annablume; Fapesp, 1998. p. 18.

NOGUEIRA, Roselene de Araújo Motta Ferreira. **Arquitetura escolar estadual paulista: o desafio do Conforto Ambiental**. 2011. f. 149. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Tecnologia da Arquitetura. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. 2005. 532 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (l)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PIRES, Mario. **Valinhos, tempo e espaço**. 2. ed. São Paulo: Editora Lince, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989. (Coleção Estudos Históricos, v. 2 Memória).

PORTELLI, Alessandro. O Quer Faz a História Oral Diferente. In: **Projeto História**. São Paulo, n.14, p. 25-39, fev. 1997.

_____. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um expediente em igualdade. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 103-130.

_____. **História Oral e Poder**. *Mnemosine*. v.6, n. 2, p. 2-13, 2010.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SINSON, O. R. M. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, p.14-43.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSETTO, Pedro Francisco. Reconstituição do traçado da “estrada dos Goiasenses” no trecho da atual mancha urbana de Campinas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo. N. Sér. v.14. n. 2, p. 141-191. Jul./dez. 2006.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. In: **Visualidades- Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**, Goiânia, v.10 n.1 p. 151-164, jan./jun. 2012.

Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089/13635>>. Acesso em: 11 set. 2018. DOI 10.5216/vis.v10i1.23089.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves de. Os tempos da memória: Des(continuidade) e projeção. Uma reflexão (in) atual para a História? **Projeto História**, São Paulo, n. 24, p. 43-63, jun. 2002.

SILVA, Janice Theodoro da. A construção da cidadania e da escola nas décadas de 1950 e 1960. In: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirella Geiger de. (orgs). **Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/texto_escolas_paulistas.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo o rural e o urbano. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, v. 7, n. 8, p. 3-11, ago./dez. 2011. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/viewFile/6522/3514>>. Acesso em: 05 set. 2019.

SILVA, Katiene Nogueira da. Criança calçada, criança sadia: sobre os uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SPADACCIA, José. **História de Valinhos e outros escritos**. Composto e impresso na: Tipografia São José LTD. Av. Paulista, 764 - cep 13 270. Valinhos – SP. Brasil, 1985.

_____. **Monografia histórica de Valinhos** – Composto e impresso na: Tipografia São José LTD. Av. Paulista, 764 - cep 13 270. Valinhos – SP. Brasil, 1988.

_____. **Relembrações da História de Valinhos** - Composto e impresso na: Tipografia São José LTD. Av. Paulista, 764 - cep 13 270. Valinhos – SP. Brasil, 1990.

_____. **As Façanhas do Bepe Leão aos 90 anos na História de Valinhos** - Composto e impresso na: Tipografia São José LTD. Av. Paulista, 764 – cep 13 270- Valinhos – SP – Brasil – 2003.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 32-55, 2009.

SOUZA, Rodrigo H. B. de. **A Fazenda Capuava em Valinhos: estudo de caso de evolução urbana**. 2009. f. 176. Dissertação de (Mestrado em Urbanismo). Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em revista**, Curitiba, n.18, p.75-101. Jul-dez 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.235>>. Acesso em: 20 set. 2018. ISSN 0104-4060.

_____. Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

TABORDA, Marcus Aurélio; OSCAR, Luísa Cecília Belotti. Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 171-193, ago. 2014.

TEIXEIRA, Renata Maria. **Tempo redescoberto nas fotografias de Aristides Pedro da Silva, V8**. 2008. f. 317. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1992.

THONSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Tourtier-Bonazzi, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.) **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p. 189-241.

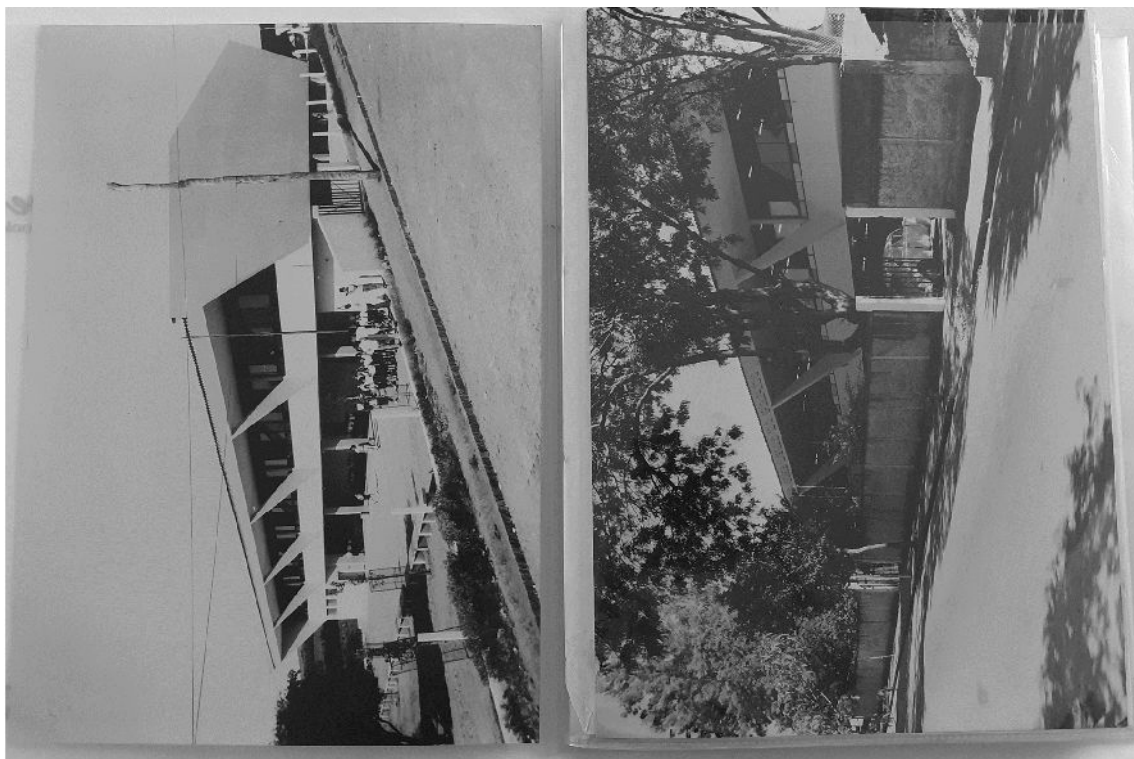
VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

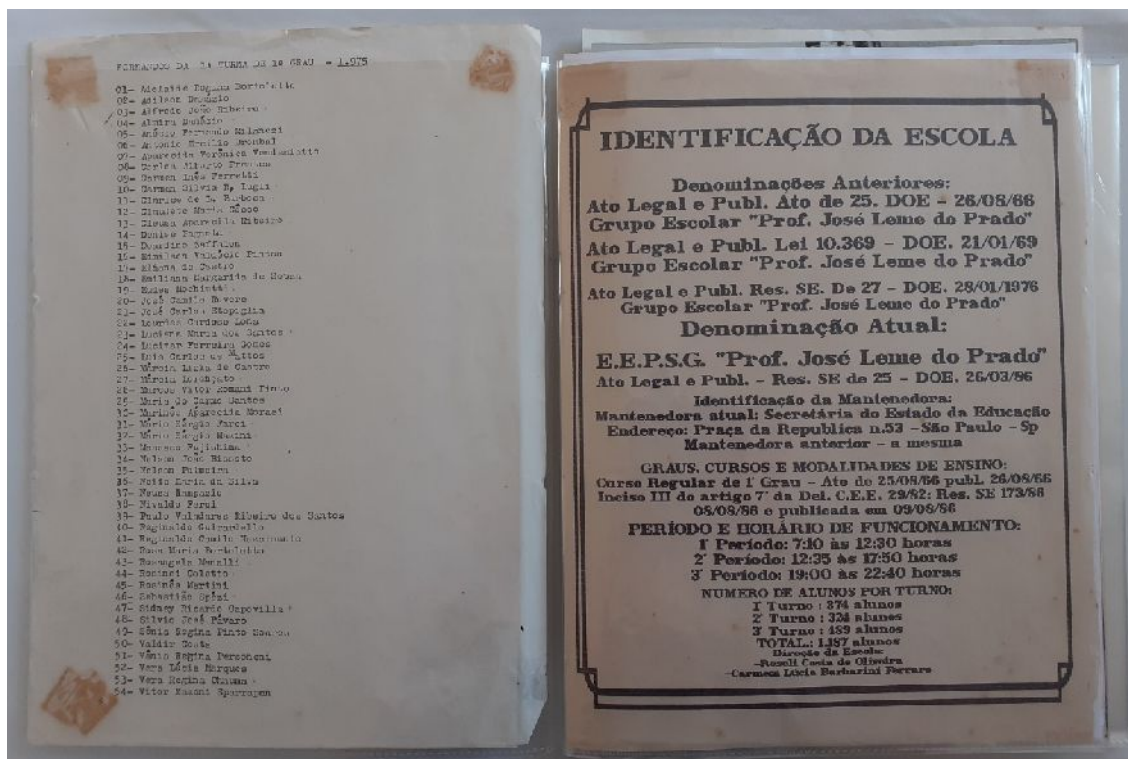
VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, nº 33, p. 7-47, jun. 2001.

YUNES, Eliana. (Org.). **Pensar a Leitura: complexidade**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2002.

APÊNDICE

Pasta montada com imagens do acervo escolar e de acervos pessoais.







JOSÉ LEME DO PRADO

José Leme do Prado, nasceu em Mogi-mirim São Paulo em 1889 consequentemente nesta cidade fez seus estudos.

Com a idade de 20 anos, em 1909, formou-se professor da Escola Normal de Campinas.

Em 1910, e sua primeira cadeira de magistério público de 3.ª P. foi nas proximidades da cidade do Espírito Santo do Pinhal, de onde mais tarde transferiu-se para sua terra natal onde teve a oportunidade de educar várias gerações, como professor de geografia e história.

Em 1936, promovido com méritos, por relevantes serviços prestados, transferiu-se para Campinas como diretor do G. E. do Bairro do Taquaral e em 1938 para a felicidade do valinhanense, assumiu a direção do G. E. Prof. Antônio Alves Araújo, onde ficou neste cargo 22 anos até sua aposentadoria.

Mesmo aposentado, em 1954, assumiu a direção da Escola Técnica do Consórcio Prof. Luis Rosa, hoje colégio técnico em Jundiaí, onde deixou o cargo pela sua morte em 1968.

Pelo espírito de patriotismo e abnegação pela coletividade, como também por ter ajudado em tornar cada brasileiro mais consciente e fervoroso na parcela que lhe cabe, em sua tarefa da construção nacional. Por justiça o 2.º G. E. de Valinhos, chama-se hoje **"E. E. P. G. PROF. JOSÉ LEME DO PRADO"**.

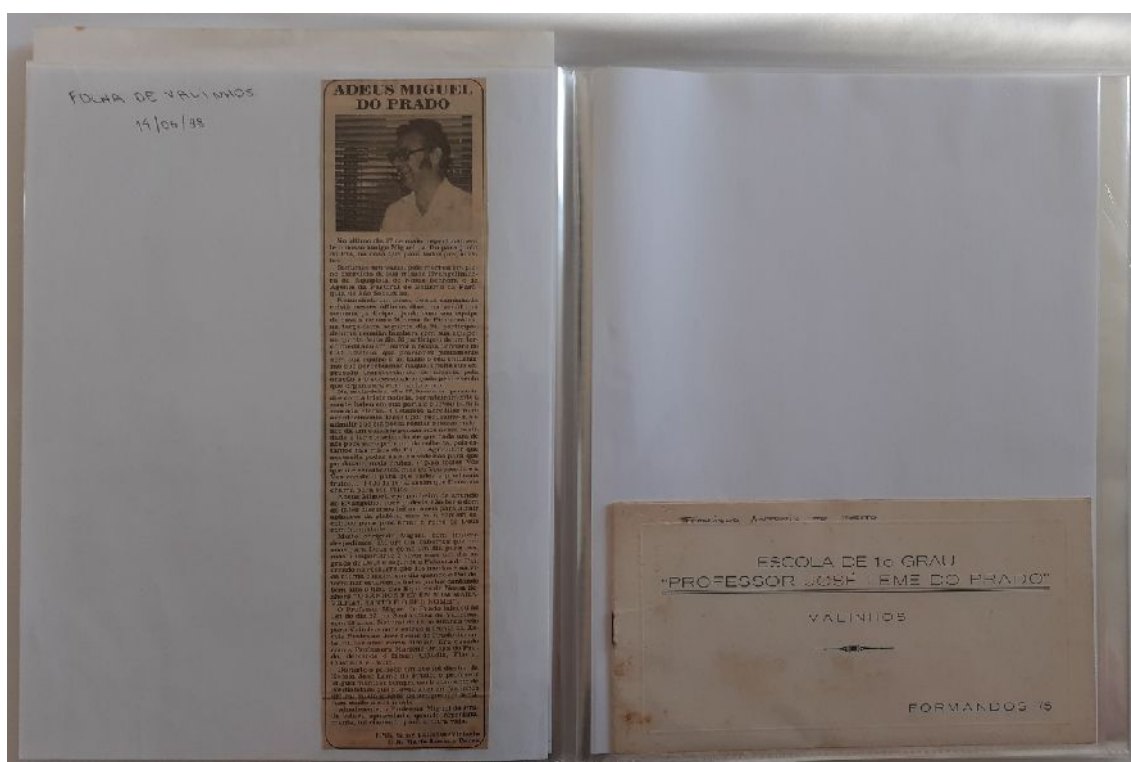












ANEXOS

ANEXO A - Questões para entrevista semiestruturada

1. Qual o seu nome? Onde você nasceu? História social – escolaridade da família pode ser mencionada pelo entrevistado
2. Onde você morava quando estudou no segundo grupo escolar Prof. José Leme do Prado, havia distância em relação à escola? – Qual era a relação comunidade-escola?
3. Qual a sua formação e nível de escolaridade?
4. Como o sr ou a sra entende a educação escolar na década de 1960 e 1970, período no qual se efetivou a sua formação básica, o que hoje conhecemos como formação de primeiro grau – (1 ano ao 9 ano)? (A educação era vista como algo importante para distinção social)
5. Quais foram as mudanças que você percebe em relação a escola e como você entendia (ou o que você lembra) as práticas escolares do seu tempo? (Respeito aos professores e diretor, avaliações, disciplinas escolares, normas e regras estabelecidas, solenidades cívicas, comemorações religiosas, ensino religioso, a relação entre professor e aluno ou mesmo entre os colegas)
6. Quais as suas memórias em relação a vida escolar? (Casos, histórias e acontecimentos) - esta questão é apenas para ilustrar algum acontecimento que você considera importante.
7. Neste período havia se instalado no Brasil o regime militar, tão evidenciado e até requisitado por alguns na atualidade, como era vista essa questão política na escola? (Era mais a nível federal ou local, ou não era vista?)
8. Como você percebe a política da cidade?

ANEXO B - Conjunto de casas germinadas, construídas na década de 1920, na Rua 12 de Outubro, Vila Santana. Valinhos (SP), 2019.



ANEXO C - Imagens do túnel, localizado na Rua 7 de Setembro. Ao fundo a casa branca foi a Primitiva Estação Ferroviária, imóvel é considerado mais antigo da região central de Valinhos, hoje utilizada como moradia de antigos ferroviários. Valinhos (SP), 2019.



ANEXO D – Imagem do túnel com a visão pelo lado do bairro Vila Santana. Em primeiro plano podemos ver a linha férrea.



Costa desaparece como chefe de Estado

...do Brasil... Costa e Silva... desaparece como chefe de Estado...

Prefeito de Valinhos sente a morte do Marechal Costa e Silva

Valinhos, 19 de dezembro. — O prefeito de Valinhos, João de Deus, sente a morte do Marechal Costa e Silva. Ele afirma que a morte do chefe de Estado é uma grande perda para o Brasil e para o mundo.

Militar, antes de tudo

Valinhos, 19 de dezembro. — O Marechal Costa e Silva, antes de tudo, foi um militar. Sua vida foi dedicada ao serviço da Pátria. Ele foi um homem de coragem e de honra.

UMA CIDADE PEDE SILENCIO A TODOS

Valinhos, 19 de dezembro. — A cidade de Valinhos pede silêncio a todos em homenagem ao Marechal Costa e Silva. A cidade se prepara para o dia de luto.

Biografia de Costa e Silva

Arthur de Costa e Silva nasceu em 18 de novembro de 1902, em São Paulo. Ele foi um militar e um político. Ele serviu no Exército Brasileiro e foi chefe de Estado do Brasil de 1964 a 1969.

Bissoto e Arildo com Abreu Sodré

Valinhos, 19 de dezembro. — Os senhores Bissoto e Arildo, acompanhados por Abreu Sodré, estiveram em Valinhos para uma reunião. Eles discutiram assuntos importantes para a cidade.

MENSAGENS DE NATAL

Valinhos, 19 de dezembro. — Mensagens de Natal foram enviadas para os habitantes de Valinhos. As mensagens trazem desejos de paz e felicidade para todos.

TAQUARI PDE LUTO POR CS

Valinhos, 19 de dezembro. — A cidade de Taquari pede luto por CS. A cidade se prepara para o dia de luto.

ANEXO F - Página 9 do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 20 de agosto de 1975.

Fazendo menção ao sr. Lino Bussato, italiano que segundo Mario Pires em seu livro *Opomo da riqueza*, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos

UM ITALIANO O INVENTOR DO FIGO EM VALINHOS

MARIO PIRES
O sr. "O POMO DA RIQUEZA".

Valinhos, que prosperou para obter nome natural, tem um inventor que trouxe para a cidade, sr. Lino Bussato, italiano que trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.



Logo após grande colheita dos figos italianos em sua terra e render os frutos dos figos italianos, sr. Bussato, inventou a cidade de Valinhos, trazendo para a cidade de Valinhos, mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

A cidade de Valinhos, que nasceu em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

Quando a família Bussato, na época da safra, os figos estavam em colheita, sr. Bussato, trouxe para a cidade de Valinhos, mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

A cidade de Valinhos, que nasceu em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

"Mulher e Vinho" tiram o homem do juízo

O mundo está inventando um novo mundo. Agora é a mulher e o vinho que tiram o homem do juízo.

A mulher e o vinho, que tiram o homem do juízo, são os dois grandes fatores da civilização moderna.

A mulher e o vinho, que tiram o homem do juízo, são os dois grandes fatores da civilização moderna.

A mulher e o vinho, que tiram o homem do juízo, são os dois grandes fatores da civilização moderna.

A mulher e o vinho, que tiram o homem do juízo, são os dois grandes fatores da civilização moderna.

Mario Pires, inventor do figo em Valinhos, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

O sr. Bussato, que veio para a cidade de Valinhos em 1914, trouxe mudas de figo para serem plantadas na cidade de Valinhos.

Alduino ZINI
PRESIDENTE DO SETEC - CAMPINAS

Transmite a laboriosa colônia italiana de Valinhos, os seus mais eficientes cumprimentos, pelas comemorações do centenário da IMIGRAÇÃO ITALIANA, data que evoca heróis, luta, trabalho e acima de tudo, um sentimento de ternos destinos do BRASIL.

SAUDAMOS VALINHOS
PELA PASSAGEM DO CENTENARIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

FOTO PARODI LTDA.

TUDO EM CONTELITO - NELOGIOS - GRAVADORES E APARELHOS DE SOM - PELO MELHOR PREÇO DA CIDADE

Rua 12 de Maio, n.º 116 - FONES: 2700 e 2564

ESTA É A HOMENAGEM DAS INDÚSTRIAS GESSY LEVER A COLÔNIA ITALIANA QUE TÃO CONTRIBUIU PARA TRANSFORMAR VALINHOS NESTE SÍMBOLO DE VITALIDADE E PROGRESSO.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE LUTO BRACALENTE

VALINHOS, com o trabalho dos pioneiros italianos, cresceu e progrediu, tanto com benesses e honras de outras terras. A data da IMIGRAÇÃO ITALIANA é digna de uma homenagem toda especial. Saudamos, pois, os pioneiros da imigração e seus descendentes.

Organização Social de Luto Bracalente
RUA ANTONIO CARLOS - VALINHOS

COMPANHIA TELEFÔNICA DE VALINHOS

VALINHOS

Na certeza de retornos traduzindo o pensamento de todos os diretores e funcionários da COMPANHIA TELEFÔNICA DE VALINHOS, dirigimo-nos à COLÔNIA ITALIANA, ao encargo do Centenário de sua imigração, externando os mais efusivos cumprimentos e votos de constante prosperidade e progresso.

A BANCADA DA ARENA
CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Tem a honra de participar das comemorações em Valinhos, dedicadas ao CENTENARIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. Foram 100 anos de luta, de participação dos italianos ajudando a transformar a pequena povoação num dos mais prósperos municípios do Estado, administrado por um prefeito do nosso Partido, o dinamico Artur Antunes dos Santos.

Cidoca Magazini

Matriz: Rua Heitor Penteado, 82 - Fone: 2774
Filial: 13 de Novembro, n.º 37 - Fone: 2674

BRINQUEDOS, ARTIGOS P/ PRESENTES

Serve a Colônia Italiana pela passagem do Centenário de sua Imigração!

AOB VALINHENSES
OS NOBRES CUMPRIMENTOS.

Cidoca Magazini

Matriz: Rua Heitor Penteado, 82 - Fone: 2774
Filial: 13 de Novembro, n.º 37 - Fone: 2674

BRINQUEDOS, ARTIGOS P/ PRESENTES

Serve a Colônia Italiana pela passagem do Centenário de sua Imigração!

INDÚSTRIAS GESSY LEVER

ANEXO G - Primeira página do jornal *Folha de Valinhos*, datado de 30 de agosto de 1975.

ANO VII

Folha de Valinhos

VALINHOS, 30 DE AGOSTO DE 1975

OS 100 ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA!

Obrigado, amigos!

Brasão Mendes Nogueira

Você, amigo italiano, que veio de longe, de uma terra desconhecida, você que, no campo, nos fabricas, nas oficinas, em todos os setores de trabalho, ao lado dos nossos patriotas, ajudaram a formar esta grande Pátria, você, amigo, merece toda a nossa gratidão e todo o nosso respeito!

Obrigado, amigo italiano, você que veio de uma Pátria tão antiga, tão tradicional, que teve um papel relevante em toda a história da humanidade — a Itália — você, com a sua experiência, habilidade assim no trabalho, com a sua sensibilidade, com seu espírito voltado para a produção, para a indústria, você "faca dura", como se diz, trazendo tantas coisas, construindo obras, fabricas, igrejas, colaborando em todas as obras comunitárias e acompanhando, com entusiasmo, o desenvolvimento da segunda Pátria que vocês escolheram para viver!

Obrigado, amigo italiano!

Há cem anos vocês vieram para o Brasil. Foram expulsos das suas terras de origem. Depois se estabeleceram por essa Brasil alora, vieram para

São Paulo e deram o máximo dos seus esforços para a prosperidade e progresso deste Estado.

Em seus lares sempre rezaram e amou a pátria, a fraternidade, criou a aquela "força indomável" das criaturas que não se deixam abater pelas adversidades!

Obrigado, amigo!

Obrigado pela ajuda que vocês deram a Valinhos, muita ajuda em que tudo era tão difícil! Hoje os seus descendentes e todos nós estamos colhendo os frutos do seu intenso labor. Alí está de um dia de vocês, José Milani! Alí estão as fazendas, as oficinas, as indústrias, os seus filhos e netos que nosso município cresce cada vez mais!

Obrigado, amigo!

Então com emoção e carinho os seus nomes! Felicitando você, exaltando a esposa que foi a sua vida para o nosso Brasil! Aquela Valinhos, na Sonda luminosa do futuro, é hoje aquilo que Devemos muito a você, amigo italiano!

Obrigado por tudo!

Obrigado, amigo!

Secretário fala sobre a imigração italiana

"Deleu-se que antes 1907 e 1913, cerca de 1 milhão e 200 mil imigrantes chegaram a São Paulo, entre homens, mulheres e crianças. Dessas, 800 mil estavam aptos a trabalhar. Os primeiros deles haviam chegado em 1870, há exatamente cem anos e hoje, quando nenhum outro povo do mundo está mais intimamente ligado ao brasileiro do que o italiano, calcula-se que vivem no Brasil perto de 10 milhões de descendentes daqueles imigrantes".

Palavras do secretário do Interior, Rafael Baldoni, em palestra dentro do ciclo promovido pela Associação Cultural Italo-Brasileira comemorativa ao 1.º Centenário da Imigração Italiana.

Segundo o sr. Rafael Baldoni, "considerando os filhos e netos dos imigrantes São Paulo,

seria o terceiro maior contingente italiano do mundo, apenas depois dos Estados Unidos e da França. Não há de se supor por grave exagero que somente São Paulo seja um marco expressivo da imigração italiana, também o RJ, Grande do Sul e Rio de Janeiro, a cidade de Juazeiro do Norte, por imigrantes vindos da Itália. No Brasil inteiro os descendentes de italianos se contam aos milhares.

É inestimável a contribuição que os italianos trouxeram ao Brasil. Lembra-se o extraordinário impulso dado à construção da indústria nacional pelo imigrante Francisco Matarazzo. Recentemente transcrevi um artigo de Arnaldo Chateaubriand em que o velho jornalista afirmava em certa época que a renda bruta das indústrias Matarazzo era maior que a arrecadação de cada um dos Estados Brasileiros, a exceção do Estado de São Paulo. Em determinados momentos as indústrias tinham uma renda bruta de 300 milhões quando a do Estado de São Paulo era de 400 mil.

Y. Indiretos (também o quanto o imigrante Giovanni Riccio concorreu para a expansão dos negócios bancários: Giovanni Riccio na cafeicultura; Pignatari na descoberta e exploração das grandes jazidas de ouro; Mario Lazzari na indústria, essa terá sido talvez a maior de todas as contribuições dadas pelo imigrante italiano ao homem brasileiro, a da coragem de enfrentar o desafio da industrialização, que nos dias que correm conduz o Brasil a pessoa acelerada para a condição de potência mundial".

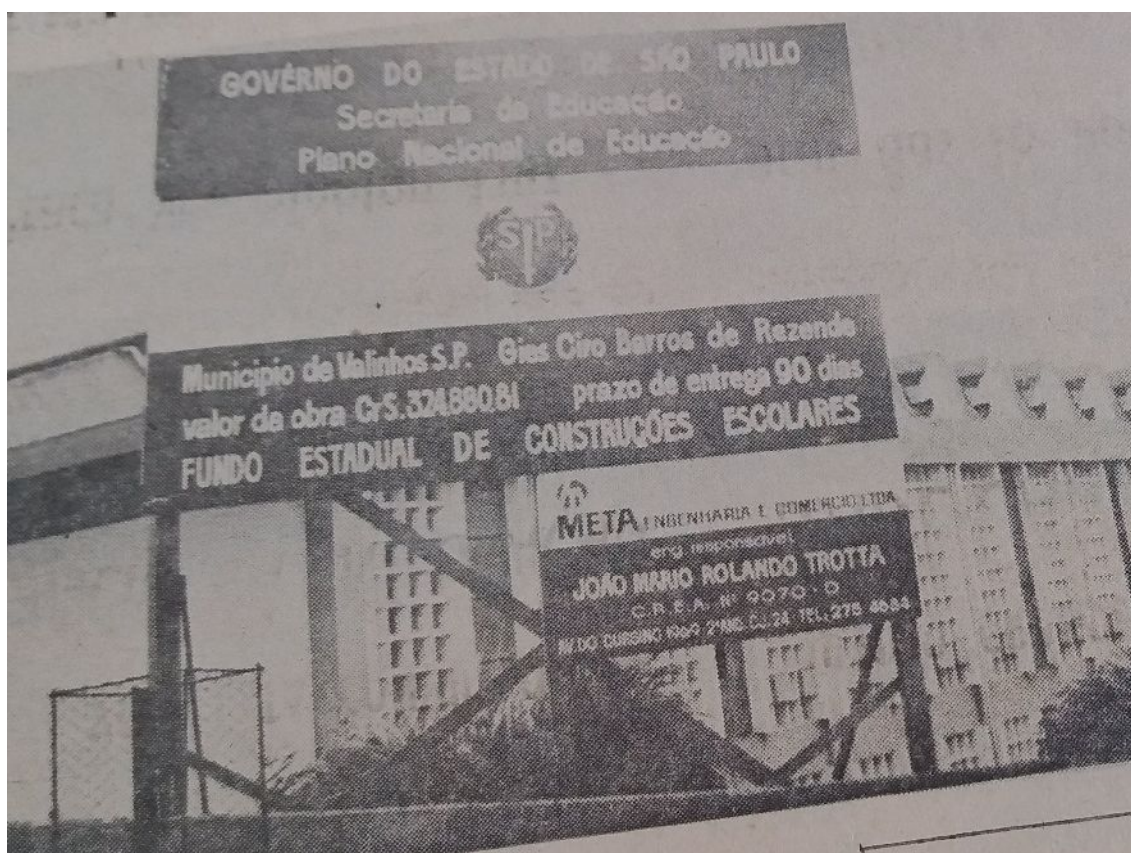
MENSAGEM

Na certeza de estarmos traduzindo os sentimentos de todo o povo de Valinhos, que tem a honra de representar como chefe do Executivo, dirigimo-nos, com respeito, simpatia e gratidão aos italianos, aos seus filhos, brasileiros, pelo muito que estão dando pelo progresso do nosso município, ao mesmo tempo que externamos as nossas homenagens à memória dos pioneiros que, em condições difíceis, para cá vieram e ajudaram a construir a grandeza não só de Valinhos mas de S. Paulo e do Brasil!

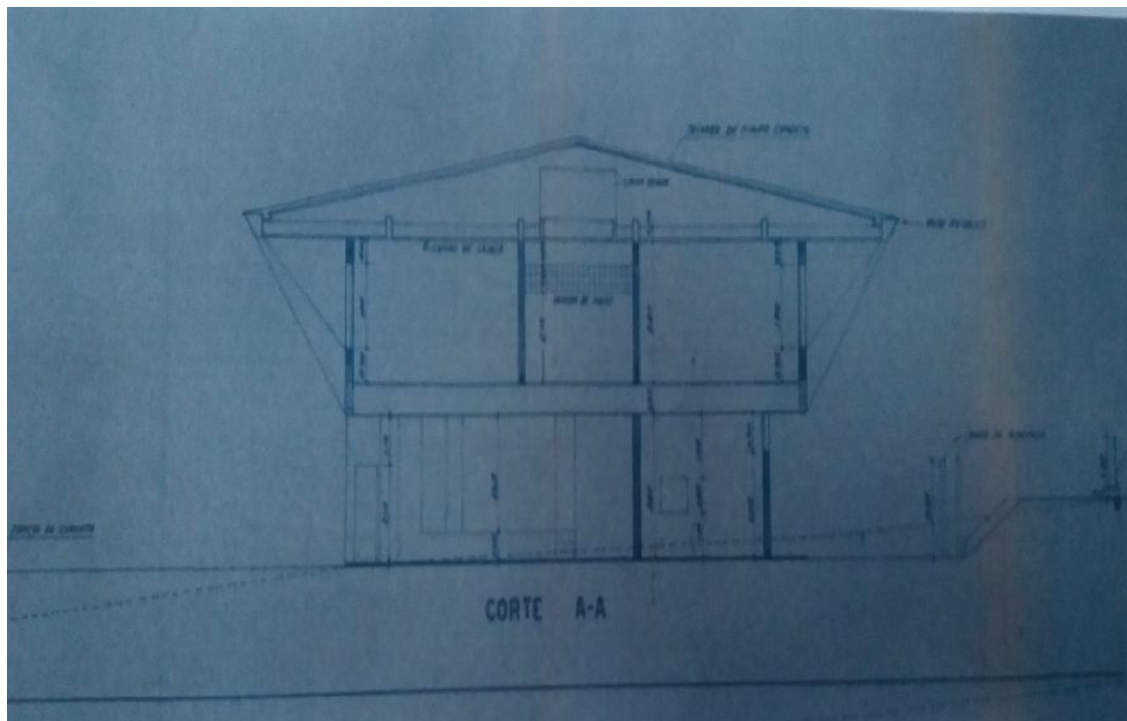
ARILDO ANTUNES DOS SANTOS
Prefeito Municipal

Viajando em porões de navios, enfrentando mil dificuldades, os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil há cem anos e em todos os setores do trabalho humano — ajudaram com o seu labor a construir a grandeza da nossa Pátria. Contribuindo também para desenvolver este grande município, que é Valinhos, os Italianos não podiam ser esquecidos por nós. Daí o lançamento desta edição especial comemorativa ao centenário da Imigração Italiana, modesta homenagem que prestamos à memória dos primeiros imigrantes que vieram para Valinhos, que então não passava de pequenina aldeia. A memória dos pioneiros, o culto perene de nossa gratidão! Aos seus descendentes, as nossas congratulações e as nossas homenagens!

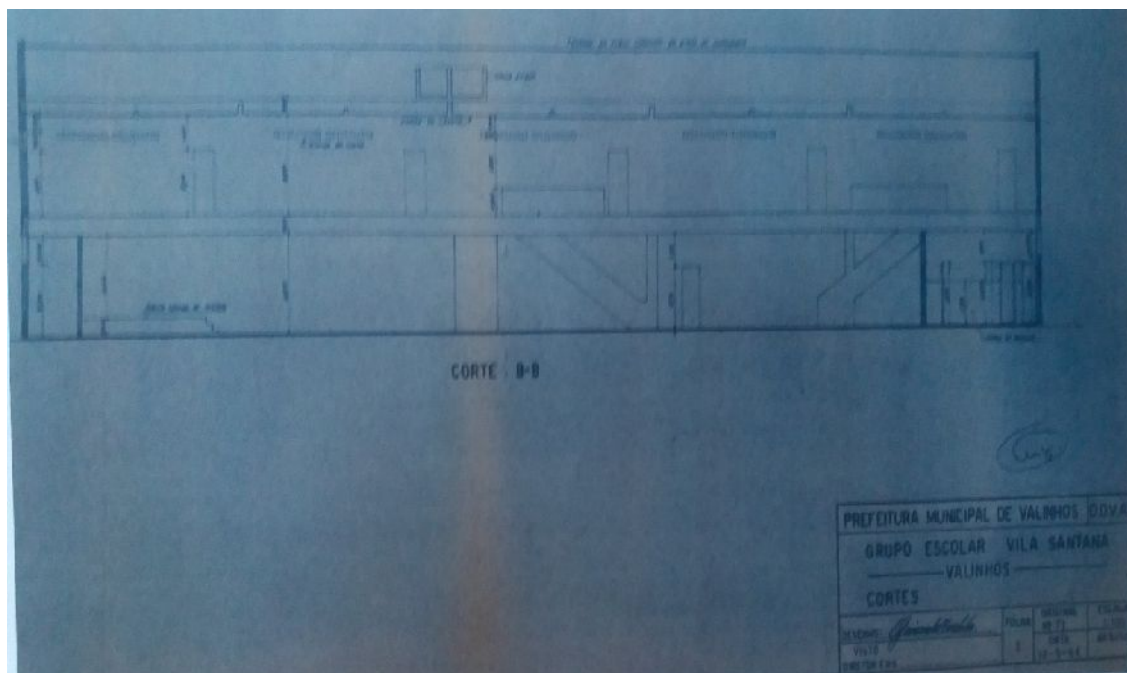
ANEXO H - Jornal *Folha de Valinhos*, datado de 10 de novembro de 1972. Ano III, nº 232.



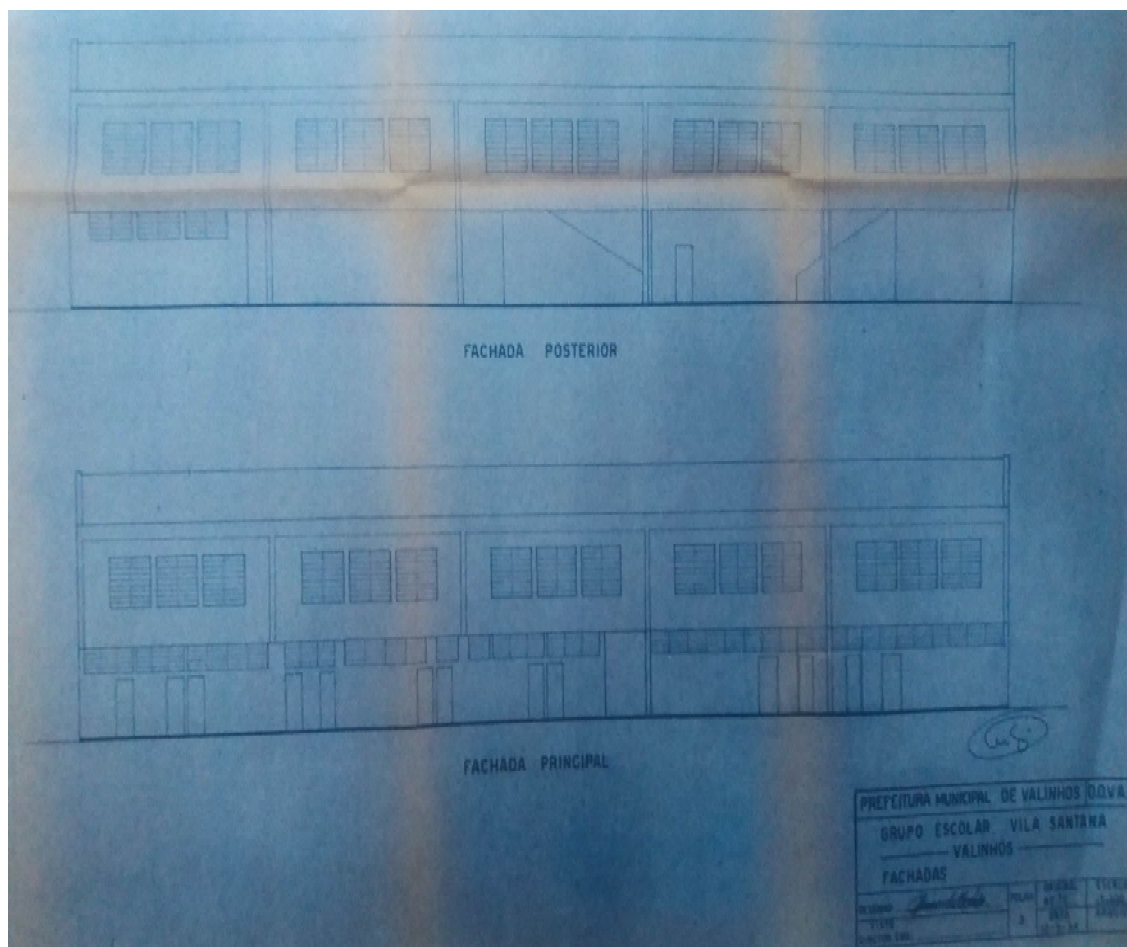
ANEXO K - Planta da escola Corte A-A.



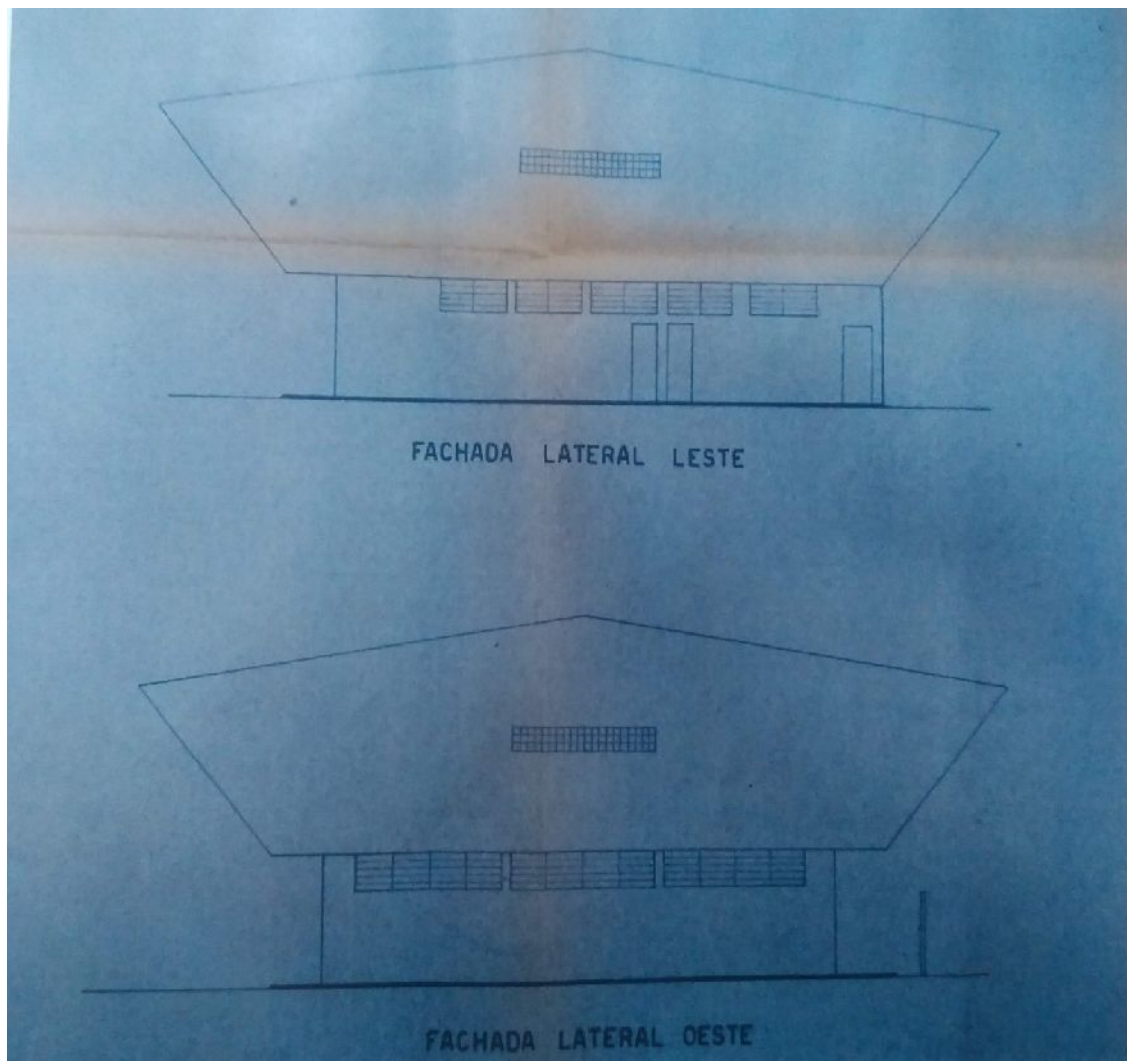
ANEXO L - Planta da escola corte B-B.



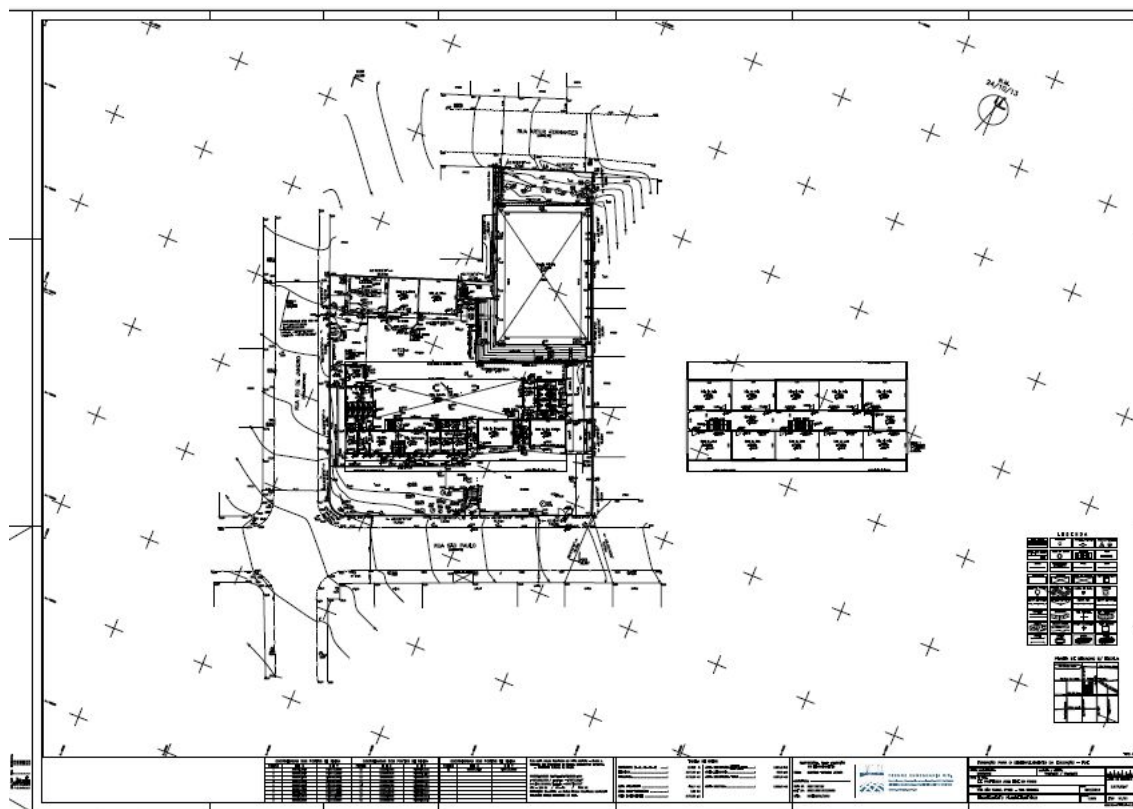
ANEXO M - Fachada posterior e principal.



ANEXO N - Fachada lateral leste e lateral oeste.



ANEXO Q - Levantamento Planialtimétrico. Fonte: FDE, 2013.

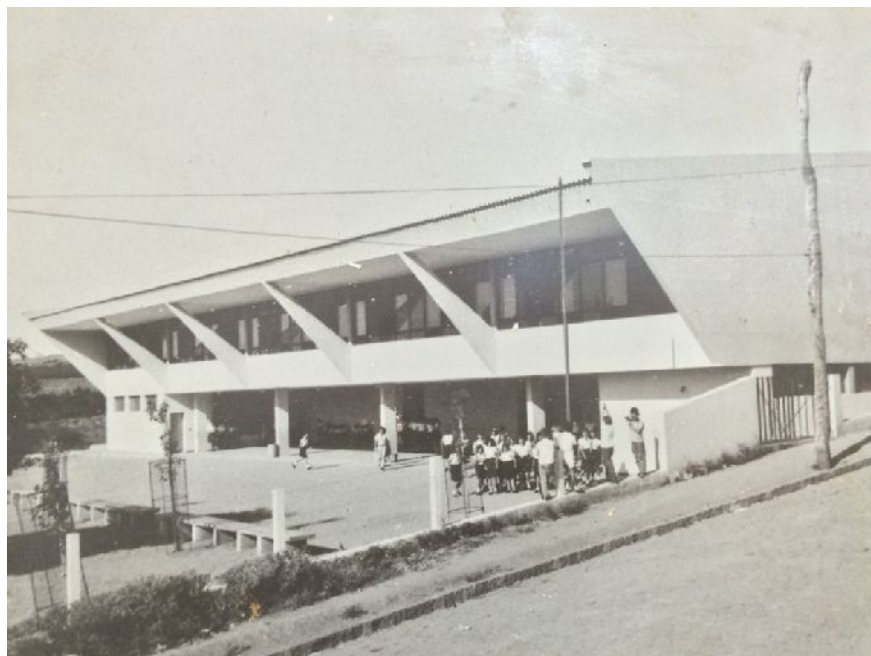


ANEXO R - Imagem comparativa de uma escola em Minas Gerais E.E. Profa. Julia Kubitschek, feita em concreto armado pelo arquiteto Oscar Niemayer.

Imagem da escola E.E. Profa. Julia Kubitschek, de Minas Gerais feita por Oscar Niemeyer, com aspectos físicos e estruturais projetados bem parecidos com os da escola de Valinhos, sua história é descrita e analisada por Carlos Augusto Ferrata.⁸¹

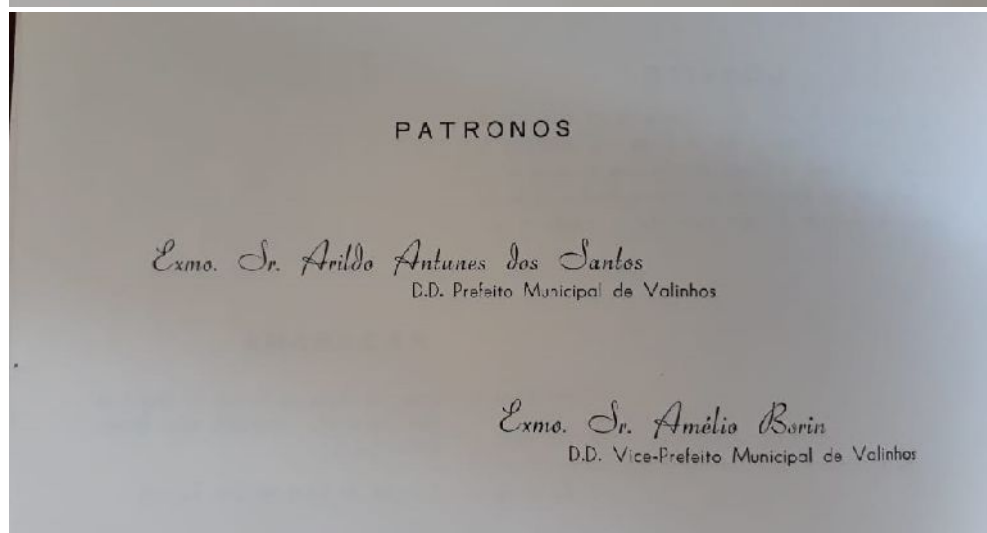
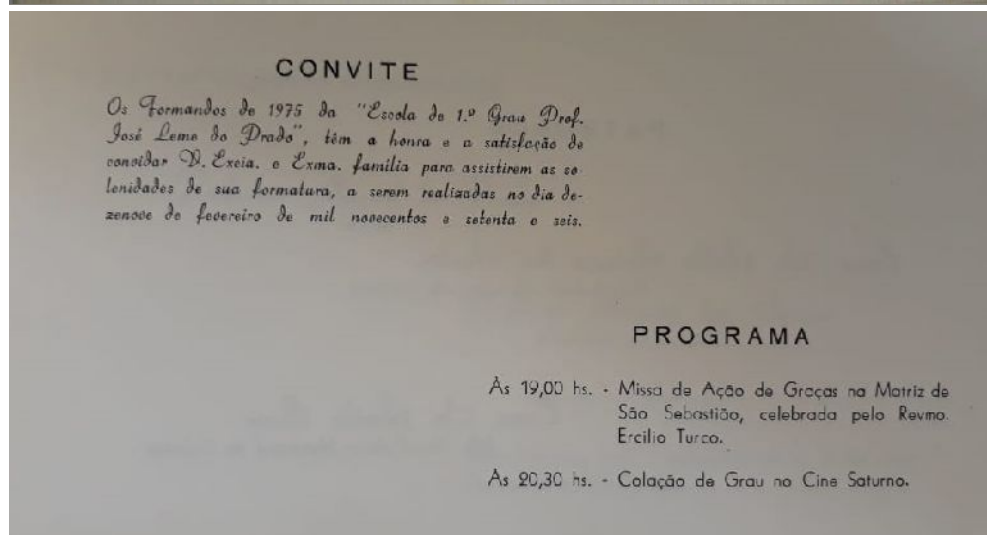
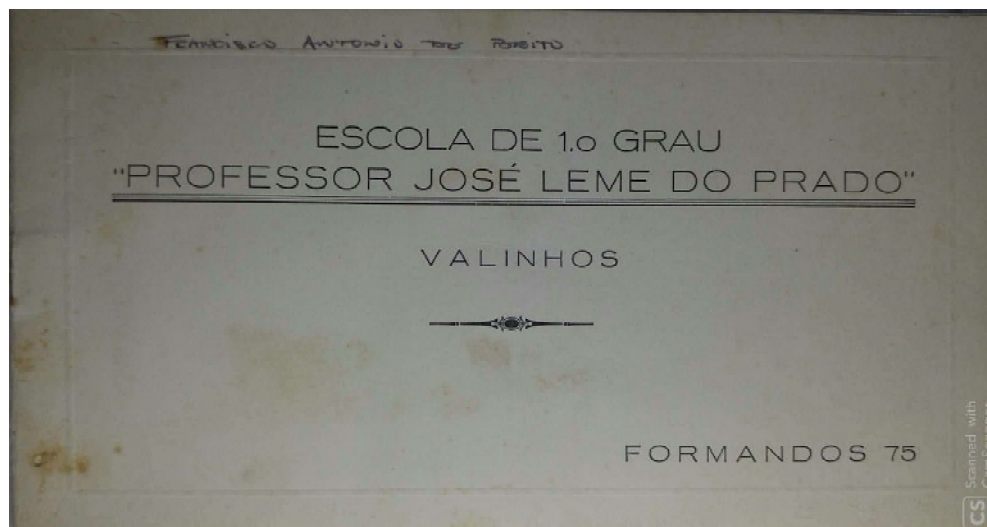


ANEXO S - E.E. Prof. José Leme do Prado em Valinhos, estrutura física parecida com a escola de Minas Gerais.



⁸¹ FERRATA, Carlos Augusto. **Escolas públicas em São Paulo (1960-1972)**. 2008. f. 201. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 25-27.

ANEXO T - Convite de formatura da turma de 1975. Sequência completa do convite.



Homenagem Especial

Professor Miguel do Prado
Diretor

Professor Homero dos Santos
Assistente da Direção

*Pela dedicação, apoio e companheirismo no objetivo maior
da realização de cada um.*

Paraninfos

Francisco Antonio de Brito 8.a A

Edgar Mário Rizzo 8.a B

Aos Queridos Pais

Aceitem nossa gratidão e reconhecimento pelo amor, compreensão e apoio durante todos esses anos e que nos possibilitaram colher esta bela flor que ora lhes ofertamos:

NOSSA FORMATURA

Aos Nossos Mestres

Agradecemos imensamente por terem sido nossos companheiros no primeiro passo para a realização do ideal de cada um e que contribuirá para a realização de nosso país.

CORPO DOCENTE

FRANCISCO ANTONIO DE BRITO	MARIA INES DOS REIS ANDRADE D'AVILLA
EDGAR MARIO RIZZO	MARIA THEREZINHA MELIN GALO
BENEDITO AUGUSTO P. COSTA	NORMA SANDRA DE ALMEIDA
CARLOS ALBERTO PETTA	RAIMUNDO TAVARES
CÉLIA MARCHIOTO DE MIRANDA	ROSALVA APARECIDA VINHA DE CARVALHO
CLAUDIO JOSÉ LOPES	SERGIO ROSSINI
ELIZABETH BARRETO	SUELY MARIA CAMARGO MEIRELLES ALVES
HOMERO DOS SANTOS	THEREZINHA ORLANDI
ISMÁLIA MOREIRA ROSA	VANDIMUR TADEU GOMES MAIA
MARIA HELENA NOVAES RODRIGUEZ	YOLANDA TOMOE MIYA

Formandos:

8.a Série A Diurna

ADILSON DAMÁSIO	NELSON PALMEIRA	ELIANA DE CASTRO
CARLOS ALBERTO PRESTES	PAULO VALADARES R. DOS SANTOS	LUCIANA MARIA DOS SANTOS
DOARTINO ZAFFALON	REGINALDO GUIRARDELLO	MÁRCIA LIZA DE CASTRO
EDMILSON VALDECIO PINTON	REINALDO CAMILO NASCIMENTO	MÁRCIA LOURENÇATO
EUDES MOCHIUTTI	SILVIO JOSÉ FAVARO	MARNES APARECIDA MORASI
JOSÉ CAMILO ROVERE	VITOR MAZONI SPARRAPAN	ROSANGELA MANALLI
JOSÉ CARLOS STOPIGLIA	ALMIRA DAMÁSIO	ROSINEI COLETTTO
JOSÉ MATEUS GARCIA	CARMEN INES FERRETTI	ROSINES MARTINI
LUIZ ALBERTO DE MATTOS	CARMEN SILVIA RIZZIERI LUGLI	SONIA REGINA PINTO SOARES
MARCOS VITOR ROMANINI PINTO	CLAURICE DE LOURDES BARBOSA	VÂNIA REGINA PERSONENI
NELSON JOÃO BISSOTTO	CLAUDETE MARIA CÔCO	VERA LUCIA MARQUES
		VERA REGINA OHNUMA

Formandos:

8.a Série B Noturno

ALFREDO JOÃO RIBEIRO
ANÉSIO FERNANDO MILANEZE
ANTONIO ERCILIO BROMBAL
JULIO CESAR DERTINATI
LUCIMAR FERREIRA GOMES
MÁRIO SÉRGIO FARCI
MÁRIO SÉRGIO MAZINI
NIVALDO FARCI
SEBASTIÃO SPÉZI
SIDNEY RICARDO CAPPOVILLA
VALDIR COSTA
ADELINA REGINA BORTOLOTTTO
APARECIDA V. VENDEMIATTO

CLEUSA APARECIDA RIBEIRO
DENIZE PAGNOTTA
EMILIANA MARGARIDA DE SOUZA
ILZE APARECIDA CASACIO
LILIAN BARRETO
LOURDES CARDOSO LONA
MARIA DO CARMO SANTOS
MARIA JUDITH MOSCATINI
MASACO FUJISHIMA
NEIDE CHAGAS CORREA
NEIDE MARIA DA SILVA
NEUSA RAMPAZIO
ROSA MARIA BORTOLOTTTO

Oradora: VERA REGINA OHNUMA

Homenagens Póstumas

Professor José Leme do Prado

Flávio Fernando Pessagno

"A quem elevamos nossas preces ao Pai."

Homenagens

Funcionários

Marlene Ortega do Prado
Kelena Sumi Ohnuma
Rute Gonçalves
Giselda Bueno de Camargo
Angélica Zacarias Butignoli
Dirce Santos Pedral
Lourdes Baldin
Umbelina Baldin Sabaini

Cirurgião Dentista: *Olayton Morano*

ANEXO U - Lista de entrevistados

Adilson Damásio, concedida em 26/07/2018.

Alice Fujishima, concedida em 20/07/2018.

Reginaldo Guirardello, concedida em 23-07-2018.

Marcos Vitor Romanini Pinto, concedida em 12-09-2018

Neide Maria da Silva Jacob, concedida em 19/07/2018.

Doartino Zafalon, concedida em 25/08/2018

Rosinês Martini, concedida em 05/09/2018.

Vânia Regina Personeni, concedida em 04/11/2018.

Márcio Farci, concedida em 25/07/2018.

Antônio Ercílio Brombal, concedida em 22/01/2019.

Alfredo João Ribeiro, concedida em 28/01/2019.

Sônia Regina Pinto Soares, concedida em 19/07/2018.

Neusa Rampazio Maiorini, concedida em 11/10/2018.